

**GEYSON LIMA DE CARVALHO**

**A IDENTIDADE DO PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE  
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS:  
das suas concepções às suas práticas**

**ORIENTADORA: ISABEL RODRIGUES SANCHES**

**UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS –  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO –  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**Lisboa  
2015**

**GEYSON LIMA DE CARVALHO**

**A IDENTIDADE DO PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE  
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS:  
das suas concepções às suas práticas**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre, em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 7 do mês de Julho de 2015, perante o Júri nomeado pelo Despacho Reitoral Nº 268/201 com a seguinte composição:  
Presidente: Professor Doutor Óscar Conção de Sousa  
Arguente: Professor Doutor Deadato  
Orientadora: Professora Doutora Isabel Rodrigues Sanches

**UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**Lisboa  
2015**

Dedico este trabalho ao único que é digno de receber a honra, a glória, a força e o poder, Jesus Cristo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a oportunidade e capacidade de concluir um curso tão importante para minha vida profissional.

À professora Doutora Isabel Rodrigues Sanches, minha orientadora, de forma especial pelo apoio e orientações e por acreditar em nosso trabalho, pela paciência no decorrer da produção, pelos seus conselhos mostrando o caminho a seguir em momentos tumultuados e até mesmos nublados. Sempre com presteza e dedicação.

Aos meus familiares pela confiança demonstrada e palavras de ânimo proferidas, em especial aos meus pais, Genaldo e Jilma, por me incentivarem, ajudarem e serem os grandes motivadores dessa conquista e aos meus irmãos Eduardo e Jesia e aos meus sobrinhos Mateus e Júlia.

À Igreja Presbiteriana de Heliópolis que possibilitou os primeiros passos no aprendizado da LIBRAS, a interação inicial na comunidade surda de Garanhuns, bem como pela confiança demonstrada na atuação nos espaços de interpretação local, mesmo de forma leiga, na pessoa de Kilma Gouveia de Melo, que disponibilizou material de estudo.

À professora e amiga Wilza Alexandra de Carvalho Rodrigues Vitorino, que tão amavelmente indicou e apoiou durante a jornada do presente curso, sempre com palavras de incentivo e otimismo.

A todos os colegas da turma que de forma distinta passaram e deixaram suas marcas durante o percurso, favoreceram o meu crescimento com suas experiências laboral, com as interpretações dos teóricos estudados e as gotas de sabedoria distribuídas ao longo do curso, quer em sala de aula, quer nos horários entre as aulas e nos períodos entre os módulos, com mensagens, ligações, e-mails, ... ampliando o círculo de amizade. Dentre os colegas destaco o que participaram do meu grupo de trabalho Kilma, Isabella e Sirlande que mais próximo influenciaram aos meus estudos.

A toda equipe de professores da Lusófona e ao técnico Thalyson Gomes que sempre nos atendeu com presteza.

À professora Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida pelas orientações para elaboração do projeto e a qualificação, sugestões, que me ajudaram na produção deste trabalho, guardo no coração. Destaco o espírito de ajuda mútua promovido pela professora

Graça, emprestando material da sua biblioteca pessoal e estimulando fazermos o mesmo com os nossos colegas de curso, formando uma grande “biblioteca coletiva”.

Aos colegas tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS que por sua atuação profissional, fomentaram-me indagações possibilitando a construção deste trabalho.

A minha amiga Luciene, que me adotou como irmã, seu esposo Edilson e a seus filhos em especial a sua filha Wiliene pelo emprestar seus ouvidos para os meus desabafos e pelo seu tempo na leitura de partes deste trabalho apontando sugestões na revisão gramatical.

Aos colegas de trabalho da Universidade Federal Rural de Pernambuco pela palavras de ânimo e apoio, na pessoa de minha amiga Teresinha, colega de sala, agradeço a todos.

A equipe de professores da Escola Dom Juvêncio de Brito muito obrigado pelo incentivo na finalização desta pesquisa.

A uma pessoa que não apenas esteve presente durante a construção desse trabalho, mas que é um presente de Deus na minha vida, Vanderluci minha esposa, agradeço por seu amor, por sua paciência e por preencher minha vida e ter me dado o privilegio da paternidade.

Ao meu filho Geyson Caleb que tem me dado motivos para continuar trabalhando, muito obrigado pelas alegrias e por me ensinar a ser pai.

Aos pastores, Pastor Marcos e Pastora Alice, da igreja Evangélica Jardim das Oliveiras em que frequento pelas orações, palavras de encorajamento e por estarem acompanhando o desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para conclusão deste momento de formação.

Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.  
(Bíblia Sagrada; Tiago 1:17)

## RESUMO

A tradução envolve pessoas, identidades, culturas e, principalmente, tomada de decisões, por isso, se pode dizer que o tradutor e intérprete de LIBRAS sempre está em um ato contínuo de construção de sua identidade profissional. A atuação do tradutor e intérprete de LIBRAS é uma tarefa muito complexa, principalmente no espaço escolar, porque o profissional precisa estar equipado, além das competências ligadas à tradução, com as específicas ao *locus* do seu trabalho, neste caso específico, os conhecimentos da área da educação. Neste enquadramento, este trabalho tem como objetivo compreender os elementos que compõem e influenciam a identidade profissional do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Na realização desta pesquisa empregou-se uma abordagem metodológica qualitativa tendo como técnicas de recolha de dados a observação e a entrevista. Como instrumento de análise de dados utilizou-se a análise do discurso (AD). Durante a sistematização do presente texto encetou-se uma reflexão sobre as ideias de alguns teóricos, dentre os quais se destacam: Bauman (2005), Hall (2011), Silva (2011), Dubar (2005; 2006) e Castells (2008) na categoria identidade; Jakobson (2007), Batalha e Pontes Júnior (2007) e Quadros (2004) na categoria tradução e Sanches (2001; 2011), Santiago (2009) e Mantoan (2006) em relação à educação inclusiva. A presente pesquisa aponta que o tradutor/intérprete de LIBRAS está em um processo de construção da sua identidade, na tentativa/procura de se reconhecer e ser reconhecido no espaço educacional. Este processo de (re)construção se estabelece, neste estudo, em função das suas concepções e das suas práticas, na sua autorrepresentação no seu exercício laborial cotidiano. Os sujeitos da pesquisa apontam que a sua função no espaço escolar é a “mediação da comunicação”, mas na prática não sabem exatamente como proceder, o aprender vai sendo construído no percorrer do caminho. Os dados indicam também a necessidade de formação como elemento significativo para apontar as ferramentas básicas a utilizar no percurso inicial do trabalho.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva; Língua Brasileira de Sinais; Identidade; Tradutor; Intérprete.

**The identity of the professional translator and interpreter of the Brazilian Sign  
Language – LIBRAS: from his conceptions to his practices.**

**ABSTRACT**

The act of translating involves people, identities, cultures and mainly making a decision, for this reason one can say that the translator and interpreter of Brazilian Sign Language is always in a continuous act of construction of his professional identity. The performance of the translator and interpreter of Brazilian Sign Language – LIBRAS – is a very complex task, mainly concerning to the schooling space, for the professional needs to be well-equipped beyond his competence connected to the translation, the specific ones to the locus of his labor in this specific case, the knowledge of the educational area. In this framing, this work has an objective to understand the elements that it is composed of and influence the professional identity of the translator and interpreter of the Brazilian Sign Language – LIBRAS. On realizing this research, one employed a quantitative methodological boarding and having as choosing techniques data the observation and the interview. As data analysing instruments, it was used the Discourse Analysis (DA). During the sistematization of the actual text, it was started a reflexion about the ideas of some theoreticians and among them some become detached: Bauman (2005), Hall (2011), Silva (2011), Dubar (2005; 2006) and Castells (2008) in the identity category; Jakobson (2007), Batalha and Pontes Júnior (2007) and Quadros (2004) in the translation category and Sanches (2001; 2011), Santiago (2009) and Mantoan (2006) toward the inclusive education. This research shows that the translator and interpreter of LIBRAS is in a processo of construction of his identity trying to make itself recongnized and be known in the schooling area. This process of (re)construction, in this study, is established according to his conceptions and his practices and in his auto-representation through his laborial exercises daily. Data shows that the individuals indicate their role at school is communication mediation, though in practice they do not know exactly how to proceed; the learning being built along the way. The data also indicate the need for training as a significant element to point out the basic tools to use in the first round of work.

**Keyword:** Inclusive Education; Brazilian Sign Language; Identity; Translator; Interpreter.



## ÍNDICE GERAL

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>- 4 -</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>- 7 -</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>- 8 -</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS</b> .....	<b>- 11 -</b>
<b>ÍNDICE DE APÊNDICES</b> .....	<b>- 12 -</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>- 13 -</b>
<b>CAPÍTULO I: TRABALHANDO COM IDENTIDADE</b> .....	<b>- 18 -</b>
1 – IDENTIDADE: OBJETO DOS ESTUDOS CULTURAIS .....	- 19 -
<b>CAPÍTULO II: O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS</b> .....	<b>- 24 -</b>
<b>CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA</b> .....	<b>- 33 -</b>
1 - BASE LEGAL .....	- 34 -
<b>CAPÍTULO IV: PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS</b> .....	<b>- 41 -</b>
1 – PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA .....	- 42 -
2 - OBJETIVOS .....	- 43 -
2.1. <i>Objetivo geral</i> .....	- 43 -
2.2. <i>Objetivos específicos</i> .....	- 43 -
<b>CAPÍTULO V: METODOLOGIA</b> .....	<b>- 45 -</b>
1 - TIPO DE PESQUISA .....	- 47 -
2 - LOCUS DA PESQUISA .....	- 48 -
2.1. <i>Escola I</i> .....	- 49 -
2.2. <i>Escola II</i> .....	- 50 -
2.3. <i>Escola III</i> .....	- 51 -
2.4. <i>Escola IV</i> .....	- 52 -
2.5. <i>Escola V</i> .....	- 55 -
2.6. <i>Escola VI</i> .....	- 56 -
2.7. <i>Escola VII</i> .....	- 57 -
3 - SUJEITOS DA PESQUISA .....	- 57 -
4 – TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS .....	- 58 -
4.1. <i>Observação</i> .....	- 58 -
4.2. <i>Entrevista</i> .....	- 59 -

5 – TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	- 60 -
<b>CAPÍTULO VI: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....</b>	<b>- 63 -</b>
1 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS ALCANÇADOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS .....	- 64 -
1.1. <i>Identificação pessoal e profissional das tradutoras e intérpretes de LIBRAS.....</i>	<i>- 65 -</i>
1.2. <i>Percurso de formação das tradutoras e intérpretes de LIBRAS.....</i>	<i>- 67 -</i>
1.3. <i>Formação do tradutor e intérprete de LIBRAS .....</i>	<i>- 71 -</i>
1.4. <i>Funções que desempenham as tradutoras e intérpretes de LIBRAS .....</i>	<i>- 73 -</i>
1.5. <i>Dificuldades no exercício da função.....</i>	<i>- 77 -</i>
1.6. <i>Competências necessárias para exercer a função .....</i>	<i>- 83 -</i>
1.7. <i>Quem sou eu? Traços da minha identidade profissional .....</i>	<i>- 89 -</i>
1.8. <i>Conflito de identidade entre a instituição e o tradutor e o intérprete de LIBRAS .....</i>	<i>- 93 -</i>
1.9. <i>Conflitos de identidade entre o professor e o tradutor e intérprete de LIBRAS .....</i>	<i>- 96 -</i>
2 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS ALCANÇADOS ATRAVÉS DAS OBSERVAÇÕES .....	- 100 -
2.1. <i>Descrição e análise da observação com o sujeito TIL Ib.....</i>	<i>- 101 -</i>
2.2. <i>Descrição e análise da observação com o sujeito TIL II.....</i>	<i>- 102 -</i>
2.3. <i>Descrição e análise da observação com o sujeito TIL III.....</i>	<i>- 104 -</i>
2.4. <i>Descrição e análise da observação com o sujeito TIL IV .....</i>	<i>- 106 -</i>
2.5. <i>Descrição e análise da observação com o sujeito TIL V .....</i>	<i>- 109 -</i>
2.6. <i>Descrição e análise da observação com o sujeito TIL VI .....</i>	<i>- 113 -</i>
2.7. <i>Descrição e análise da observação com o sujeito TIL VII, por disciplinas.....</i>	<i>- 116 -</i>
3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	- 119 -
A IDENTIDADE DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS: DAS SUAS CONCEPÇÕES ÀS SUAS PRÁTICAS .....	- 120 -
<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>- 123 -</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>- 127 -</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>I</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1: DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DA ENTREVISTA APLICADA AOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	- 60 -
QUADRO 2: IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DAS TRADUTORAS E INTÉRPRETES DE LIBRAS .....	- 65 -
QUADRO 3: COMPARAÇÃO DAS DIFERENÇAS E SIMILLITUDES DO PROCESSO DE TRADUÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO .....	- 85 -

## ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE 1- GUIÃO DE ENTREVISTA .....	II
APÊNDICE 2- GUIÃO DE OBSERVAÇÃO .....	III
APÊNDICE 3- CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PROFESSORES .....	IV
APÊNDICE 4- CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	V
APÊNDICE 5– DECLARAÇÃO DE MATRÍCULA E SOLICITAÇÃO DE ACESSO AS ESCOLAS MUNICIPAIS DE GARANHUNS, PE, BRASIL .....	VI
APÊNDICE 6 – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA EDUCAÇÃO AO ACESSO AS ESCOLAS.....	VII
APÊNDICE 7– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IA .....	VIII
APÊNDICE 8– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IB .....	XIV
APÊNDICE 9– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS II .....	XIX
APÊNDICE 10– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS.....	XXII
APÊNDICE 11– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IV.....	XXVII
APÊNDICE 12– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS V.....	XXXV
APÊNDICE 13– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VI.....	XLII
APÊNDICE 14– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VII.....	XLVI
APÊNDICE 15– CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO RECOLHIDA PELAS ENTREVISTAS .....	LIII
APÊNDICE 16– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IA .....	LXV
APÊNDICE 17– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IB .....	LXVII
APÊNDICE 18– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS II .....	LXIX
APÊNDICE 19– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS III .....	LXXII
APÊNDICE 20– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IV.....	LXXV
APÊNDICE 21– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS V.....	LXXX
APÊNDICE 22– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VI.....	LXXXIII
APÊNDICE 23– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VII.....	LXXXVII

## INTRODUÇÃO

O trabalho sobre identidade profissional é um desafio, pois o mundo está em uma constante mudança, novas demandas estão surgindo. Na área da educação, isso perpassa por uma enorme variedade de questões (administrativas, formação dos educadores, didática) e não podem ser estilhaçadas da realidade.

A análise destas questões tem ultrapassado o paradigma cartesiano que organiza os estudos de forma disciplinar, facilitando uma leitura específica da realidade. O paradigma emergente, usando a denominação de Sousa Santos(2004) tem se voltado para outros cânones, dos quais emerge a identidade para explicar algumas destas questões. Desta forma, optando pelo paradigma pós-moderno, elencamos alguns questionamentos acerca da presente temática, para compreender a identidade profissional do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais: Quais as concepções do tradutor e intérprete de LIBRAS, acerca da sua identidade profissional, dentro do recorte das suas atribuições, no ensino regular? Quais os elementos que compõem a identidade profissional do tradutor e intérprete de LIBRAS, locado no ensino fundamental? Quais os elementos identitários encontrados na *práxis* do tradutor e intérprete de LIBRAS?

Diante dos questionamentos elaborados, procurámos investigações produzidas pela comunidade científica, da área específica proposta neste trabalho. Seguem as destacadas no formato de dissertações e teses, divulgadas pelos centros acadêmicos: Santos (2006, UFSC) “Intérprete de língua brasileira de sinais: Um estudo sobre as identidades”; Lima (2006, UNB) “Discurso e identidade: Um olhar crítico sobre a atuação do (a) intérprete de LIBRAS na educação superior”; Vieira (2007, UFSC) “A auto-representação e atuação dos “professores-intérpretes” de línguas de sinais: Afinal... professor ou intérprete?”; Santos (2012, ULHT) “A construção de identidade profissional docente: Relatos de histórias de vida”; Matos (2011, ESEPF) “Identidade profissional dos docentes de educação especial: Processos de construção”; Vieira (2013, USP) “Identidades docentes no ensino superior de Educação Física: um recorte da cidade de Sorocaba” e Lima (2009, UFPI) “A constituição da identidade profissional: desvelando significados do ser professor de didática”.

Santos (2006) realiza um estudo sobre as identidades dos intérpretes de língua brasileira de sinais por meio de entrevistas, sendo considerado que para a área da educação de surdos é preciso considerar as narrativas dos intérpretes de língua de sinais. Esta dissertação

conclui que uma das possibilidades de estudo das identidades do intérprete de língua de sinais é o diálogo entre os Estudos Surdos e os Estudos Culturais. Para tanto foi apontado três marcadores culturais: o primeiro (a questão do assistencialismo, do voluntariado e da religião) quando desvenda as diferentes representações que os sujeitos fazem de si e dos seus pares, e estas representações se distinguem dependendo dos espaços que propiciaram os primeiros contatos com a língua de sinais; o segundo marcador, a formação e a profissionalização dos ILS – Intérprete de Língua de Sinais, é identificado pelos sujeitos como elemento identitário em consequência de novos espaços de atuação, graduação e pós-graduação, requerendo uma formação por meio de curso superior; e por fim “o transito nessas múltiplas identidades” foi indicado em vista dos sujeitos circularem entre culturas e línguas distintas, bem como nas produções dos grupos usuários do seu serviço (surdos e ouvintes).

Lima (2006) tem como objetivo principal analisar como se constitui discursivamente a identidade do intérprete de LIBRAS que atua na educação superior, as relações de poder presentes nessa prática e as implicações sociais da mesma, na conclusão identificou-se um discurso a serviço da transformação social. Esta investigação utilizou-se a Análise de Discurso Crítica como ferramenta metodológica de análise de dados. Teve como principal categoria a identidade, que se alicerçava pela diferença, percebida através das interações entre os sujeitos da pesquisa, e estes com os alunos e professores. Percebe-se que o intérprete possui o poder de decisão no que será interpretado, tendo ou não requisitos para isto. Para a análise foram levantadas três questões: como os documentos oficiais identificam o intérprete, as relações de poder na prática da interpretação e o processo de construção discursiva da identidade social do intérprete educacional.

Vieira (2007) trabalha com um estudo sobre a autorrepresentação dos “professores-intérpretes”, a posição que ocupam, e sua prática na proposta de educação de surdos. Este trabalho teve como objetivo perceber, a partir da autorrepresentação dos “professores-intérpretes”, se a nomenclatura que lhes foi atribuída gera implicações em suas práticas ou não, e em qual posição os leva a atuar, se como professor ou como intérprete. Vieira (2007) na análise dos dados constatou que os quatro dos seis sujeitos assumem a posição de professor e de intérprete. A dissertação aponta que na época (2007) ainda não havia formação de nível superior para formação do intérprete de LIBRAS, nem existia o cargo de “tradutor/intérprete de LIBRAS”. Com o surgimento da demanda nas salas de aula os professores da educação especial, que conheciam a língua de sinais foram “jogados” na sala de aula para interpretar. Estes sujeitos da pesquisa indicaram nas suas falas que os alunos surdos não acompanhavam o conteúdo da maneira que era ministrado pelos professores regentes, apesar da interpretação. O

intérprete tomava para si a responsabilidade pelo aluno, que seriam atribuições do professor da sala. Este trabalho propõe a criação de um documento que regulamente as atribuições, bem como a modificação na nomenclatura, propondo como possibilidade o termo “intérprete educacional”.

Santos (2012) teve como recorte do problema de estudo os saberes que permeiam as trajetórias de vida pessoal e profissional e as indagações propostas acerca da qualificação e formação desses profissionais que influenciam na construção de sua identidade docente, remetendo para os discursos de oito professoras, suas lembranças e como se deu o processo de construção das identidades pessoais e profissionais. Utilizou a técnica das histórias de vida através de entrevistas e a análise de discurso. Os dados coletados apontaram que a identidade e formação do percorrer das histórias são significantes para compreender a prática realizada em sala de aula. Destaca-se nas conclusões, a influência da história de vida (pessoal ou profissional) como elemento norteador na formação da identidade, necessidade do tempo para (re)fazer identidades; inter-relação entre a vida pessoal e profissional, uma vez que a fronteira entre o eu privado e o eu público é muito tênue. Santos ainda analisa as marcas do discurso que apontam para a “feminização da profissão docente” numa relação entre a maternidade - ato de cuidar - e o exercício da docência.

Matos (2011) estuda a problemática da identidade profissional dos docentes de educação especial ao nível dos processos de construção dessa mesma identidade. Percebe-se que não há reconhecimento nas especificidades das histórias de vida e na identidade profissional, por isso considera-se que as soluções devem ser individualizadas baseando-se nas biografias e nas trajetórias de vida. Outro elemento percebido é a precariedade do trabalho dos professores, afetando a atividade docente, tendo que se deslocar do seu curso de base, formação inicial, para a educação especial como uma segunda saída profissional. Metade dos docentes entrevistados se sente descartáveis, evidenciando um medo de perder o emprego, causando um desencanto para com o sistema educativo. Alguns dos sujeitos da pesquisa descrevem que sua formação inicial é demasiada teórica, necessitando de uma formação mais prática. Indicam que parece haver um distanciamento entre a formação e a realidade das escolas. Outros sujeitos apontam uma concepção distinta, informando que a formação foi facilitadora para o ingresso no mundo do trabalho. A maioria dos professores indica como positiva a formação continuada. Quanto às relações com os colegas de trabalho, elemento fundamental na construção da identidade, foi constatado certo desconforto, não facilitando no ensino das crianças com necessidades educativas especiais, gerando uma crise de identidade, em que a exclusão entre os pares cria um clima de rivalidade. É de suma importância que o

docente do Ensino Especial seja um ser humano sensível, capaz de se colocar no lugar do outro, acreditar no seu trabalho. As falas dos entrevistados revelam que a docência não foi a primeira opção profissional, e que o contato com os alunos especiais conduz a demanda de uma formação com competências mais específicas. Os profissionais, apesar das diferentes histórias de vida, demonstram paixão pelo ensino.

Vieira (2013) trabalha com o conceito de identidade cultural e a importância de estudar a identidade profissional dos docentes do ensino superior do curso de licenciatura em Educação Física, pois se constatou que o campo escolar do curso citado possui diferentes concepções. Este estudo é alicerçado no quadro teórico dos Estudos Culturais, possibilitando as análises das constituições sociais e que influenciam a identidade docente. Este trabalho teve como objetivo entender melhor o processo de construção identitária dos docentes universitários, visando compreender o posicionamento dos professores diante dos currículos estabelecidos do campo. Utilizou-se o método de história oral, através das trajetórias de vida e identificações com contextos contingentes, coletando-se dados com cinco sujeitos usando as entrevistas. Considera-se que as identidades são construídas na interligação de discursos e práticas, dentro de relações de poder. Nas análises percebe-se que as trajetórias de vida profissional dos sujeitos dificultaram a constituição de identidades críticas/pós-críticas, mas evidenciaram conjunturas acríticas.

Lima (2009) estuda a temática da identidade profissional docente, com objetivo de investigar como ocorre o processo de constituição da identidade profissional do professor de didática. Os dados foram coletados com três professores de didática que atuam na Universidade do Piauí, com base nas perspectivas sociológicas, através de entrevistas semiestruturadas e narrativas escritas. Lima (2009) aponta que as identidades resultam dos constantes investimentos nos percursos formativos e das experiências profissionais

Considerando o estado da arte da temática, alvitramos como questão de partida desta pesquisa a seguinte indagação: O tradutor e intérprete de LIBRAS educacional, apesar de estar locado em uma sala de aula e sua função ser pedagógica, contudo não é o professor regente em sala de aula. Como este profissional se vê, qual a sua identidade profissional?

Partindo desta indagação proposta no parágrafo anterior organizamos esta dissertação em seis capítulos. O primeiro, “Trabalhando com identidade”, versa sobre a questão da identidade, conceitos, como um elemento do campo teórico dos Estudos Culturais e a Identidade Profissional e a interseção do nosso objeto de estudo com os Estudos Surdos. O segundo capítulo, “O tradutor/intérprete de LIBRAS”, trabalha os elementos acerca da formação e das competências necessárias para um bom exercício da função. O terceiro



capítulo, “A educação inclusiva”, descreve a estrutura da educação inclusiva no Brasil no ensino fundamental e alguns subsídios associados a ela. O quarto capítulo refere-se à problemática, questão de partida e objetivos. O quinto capítulo, a metodologia da pesquisa, descrevendo o tipo de pesquisa, *locus* da pesquisa, delimitação dos sujeitos e os procedimentos de coleta e tratamento dos dados. O sexto capítulo, “Apresentação, análise e discussão de dados”, mostra a análise dos dados alcançados através dos instrumentos escolhidos e enfim as ”Conclusões” contendo as considerações finais, abordando as questões significativas, considerando os objetivos traçados e os dados desvendados.

## **CAPÍTULO I: TRABALHANDO COM IDENTIDADE**

## **CAPÍTULO I - TRABALHANDO COM IDENTIDADE**

Eu nunca posso ter certeza de que minha identidade para mim mesmo coincide com minha identidade para o Outro. A identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior e mais ou menos duradora (DUBAR, 2005, p.135).

A identidade é uma negociação de elementos divergentes e simultâneos como o individual e o coletivo, o objetivo e o subjetivo. Esses elementos ajudam o sentimento de pertença tanto nos indivíduos como nas instituições (DUBAR, 2005). Ressaltando a importância da identidade, Dubar mostra a relevância da identidade para os sujeitos: “a identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte” (2005, p. XXV).

No entender de Bauman (2005) o processo de construção identitária “parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque do grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de recursos” (p. 83).

### **1 – IDENTIDADE: OBJETO DOS ESTUDOS CULTURAIS**

A origem dos estudos culturais de acordo com Baptista (2009) é da segunda metade do século XX, na Universidade de Birmingham do Center of Contemporary Cultural Studies (CCCS), Inglaterra, em 1964, por Richard Hoggart, um professor de Literatura Moderna da língua inglesa, no qual influenciou significativamente nos níveis geográficos, nos meios acadêmicos e extra-acadêmicos, com Stuart Hall.

Algumas coisas são difíceis de definir, por exemplo, identidade, contudo podemos tratar sobre sua gênese, sua estrutura. Segundo Hall (2004 apud SANTOS, 2006, p. 25-26) a “identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e com as identidades que esses mundos oferecem”.

O trabalho de Silva, Woodward e Hall (2011) traz à discussão os elementos do Circuito de Cultura (representação, identidade, produção, consumo e regulação), produzidos por Paul Du Gay, et al. onde analisa os cinco elementos deste círculo, no qual a análise deles pode começar em qualquer uma das partes, pois todos os elementos apresentados estão interligados entre si, não há um ponto inicial, nem final, todos estão ligados a todos. Pode-se

fazer uma análise de dois em dois deles para facilitar a compreensão. Segue, para melhor visualização, a figura *Círculo da cultura* (GAY et al. apud WOODWARD, 2011, p. 16):

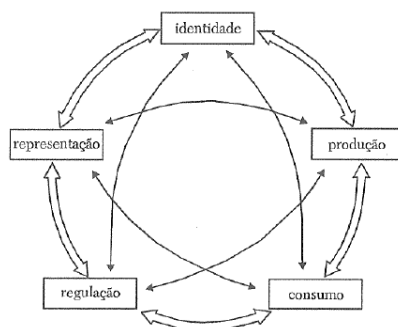


Figura 1: Circuito da cultura, segundo da Gay et al (1997).

Diante da figura, percebemos os cinco elementos que fazem parte do campo de estudo dos Estudos Culturais, contudo para que o nosso trabalho seja exequível, pinçamos a identidade, por considerar uma categoria teórica que nos dará subsídios para entender a pesquisa empírica, apontando reflexões e ajudando-nos a tecer algumas considerações dentro do campo de nossa investigação. Woodward (2011, p.17) afirma que:

Para compreender o que faz a identidade um conceito tão central, precisamos examinar as preocupações contemporâneas com questões de identidade em diferentes níveis. Na arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais “local”, existem preocupações com a identidade pessoal como, por exemplo, com as relações pessoais e com a política sexual.

Esta análise de Woodward nos remete à abordagem de Giddens (2000) sobre globalização, apontado por ele como um processo complexo que envolve a política, tecnologia, cultura e economia, que força uma transformação e afeta nosso dia-a-dia e seus efeitos são bem perceptíveis sobre as comunidades locais. O autor afirma:

Vivemos num mundo de transformação, que afetam quase todos os aspectos do que fazemos. Para bem ou para mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente, mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós (p. 17).

No mesmo texto, Giddens continua dizendo que o “mais importante, [é que] as nações têm de repensar suas identidades agora que as formas mais antigas de geopolítica estão se tornando obsoletas” (p. 28), contudo, este repensar não deve ser visto como algo negativo, pois ainda Giddens argumenta: “A globalização é a razão do ressurgimento de identidades culturais locais em várias partes do mundo”(2000, p. 23).

De modo muito específico Lesbaupin (2000) estuda a globalização com um foco prioritariamente econômico, entrelaçando com as políticas neoliberais a nível internacional, e

com o processo de reestruturação produtiva, este último impulsionado pelas novas tecnologias. As transformações foram mais que financeiras, de acordo com Giddens (2000, p. 22):

É errado pensar que a globalização afeta unicamente os grandes sistemas, como a ordem financeira mundial. A globalização não diz respeito apenas ao que está “lá fora”, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá “aqui dentro”, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas.

Dentro desta fluidez, Bauman (2005) discute a flexibilidade da identidade e as mudanças que ocorrem num mesmo indivíduo ao longo da vida, algo que precisa ser inventado. Em suas palavras: “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (p. 19). Percebemos que Bauman se serve do termo “infladas” para chamar a atenção aos fatores externos que os sujeitos recebem do seu entorno. Neste sentido a identidade não é produzida apenas pelos desejos, aspirações do indivíduo e sim por uma dupla articulação, o eu e o outro. O autor concluiu:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p.17).

Nas argumentações sobre flexibilidade e dos critérios para formação e construção de uma identidade individual, Dorziat (2009, p. 19) afirma que “O processo de construção de identidade está marcado pela inevitável força do discurso do poder constituído, recheado de verdades absolutas, que dominam, oprimem e excluem os outros, fazendo com que aquilo que representa o poder seja assumido como identidade”. Ainda, tratando sobre isso, Bauman (2005, p. 85) diz: “As batalhas de identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções includentes se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar, isentar e excluir”.

Woodward (2011) retrata que a identidade está intimamente relacionada com dois tempos (passado e presente), sendo a mesma percebida em todas as áreas da nossa vida (social, cultural e econômica). Este processo de produção de identidade ou mesmo a crise dela está também intrinsecamente ligada a globalização. Ela afirma textualmente que:

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas identidades (WOODWARD, 2011, p. 21).

Um dos fenômenos da vida moderna, de acordo com Woodward, é a presença de diferentes identidades que este momento histórico nos exige que assumamos. E isto pode nos levar a identidades divergentes entre si. No mesmo texto, a autora exemplifica esta crise, com a história de um pai, como segue: “A necessidade de ir a uma reunião de pais na escola do filho ou da filha pode entrar em conflito com a exigência de nosso empregador para que trabalhemos até mais tarde” (p. 32).

Silva (2011) detalha a definição dos termos “identidade” e a “diferença”, trazendo alguns contributos da linguística, como estes léxicos estão impregnados de forças e de relação de poder, não são facilmente definidos, pois os mesmos estão em uma relação social. Uma disputa entre grupos sociais, que possibilitam o acesso de bens sociais. E também Silva (2011, p. 82) diz: “a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles””.

Sobre a questão da identidade e a crise da mesma, Hall (2011, p. 13) realça que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. No mundo pós-moderno interligado e globalizado somos bombardeados por inúmeras identidades, contudo temos a opção de aceitá-las, nem que seja por um tempo limitado, ou rejeitá-las.

Dubar (2006) confirma e explica com mais detalhes dividindo a definição sob dois pontos:

A identidade não é aquilo que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado duma “identificação” contingente. É o resultado duma dupla operação linguística: diferenciação e generalização. A primeira visa definir a diferença, aquilo que faz a singularidade de alguém ou de alguma coisa em relação a uma coisa ou a outro alguém: a identidade é a diferença. A segunda é aquela que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes dum outro mesmo: a identidade é a pertença comum (p. 8-9).

Castells (2008, p. 22) define o tema identidade no que diz respeito aos atores sociais, como sendo um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado”.

O processo de identificação é uma luta, ora travada individualmente, ora coletivamente, alguns traços impostos pelos outros são aceites e outros são rejeitados, por meio de um esforço de perpetuar alguns traços, que herdamos (meio social, biológico) e descartar outros que não são mais úteis, uma luta para não aceitá-los (Bauman, 2005). Como disse Bauman (2005, p. 45) “As guerras pelo reconhecimento, quer travadas individual ou coletivamente, em geral se desenrolam em duas frentes, embora tropas e armas se desloquem entre as linhas de fronteira, dependendo da posição conquistada ou atribuída segundo a hierarquia de poder”.

Muitas vezes as fronteiras não estão bem delimitadas, isso causa uma crise, um interminável processo de construção e reconstrução da(s) identidades (Bauman, 2005). Sobre esta crise identitária Dubar (2005, p. 135) afirma que

a divisão interna à identidade deve enfim e sobretudo ser esclarecida pela dualidade de sua própria definição: identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro.

Ainda sobre esta crise Dubar (2005, p. 136) escreve:

A identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições.

Neste movimento de construção e reconstrução das identidades, Dubar (2005) explica que os sujeitos de cada geração devem reconstruir suas identidades sociais utilizando para isso três pontos: primeiro, as identidades sociais herdadas (geração em geração, nacionalidade,...); segundo, as identidades virtuais, socialização primária, (disponíveis pelo convívio social primário, família, escola) e terceiro as identidades possíveis, acessíveis durante o processo de socialização secundário, por exemplo, a profissão escolhida dentre as possibilidades existentes, donde decorre a identidade profissional, desenvolvida no ponto que se segue. Um dos momentos marcantes para a formação da identidade profissional é o início da idade adulta é a escolha da profissão. Segundo Dubar (2005, p. 148), “Entre os acontecimentos mais importantes para a identidade social, a saída do sistema escolar e a confrontação com o mercado de trabalho constituem atualmente um momento essencial da construção de uma identidade autônoma”.

Em relação à análise no campo das teorias sociais, de uma profissão específica, Dubar (2005) aponta alguns critérios básicos para fazer um trabalho neste recorte, o ponto de

partida seria segundo o autor a divisão do trabalho, as atividades que se inserem e os procedimentos a ela associados. Dubar (2005, p. 177-8) discute dois elementos ligados a procedimentos de distribuição do trabalho e a legalidade para exercê-lo que são o diploma (*licence*) e o mandato (*mandate*). Escrevendo que “A *licence* é a autorização legal para exercer determinadas atividades que outras pessoas não podem exercer; o *mandato* é a obrigação legal de assegurar uma função específica”.

## **CAPÍTULO II: O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS**



## CAPÍTULO II: O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS

O tradutor/intérprete atua na fronteira entre os sentidos da língua de origem e da língua alvo, com os processos de interpretação relacionando-se com o contexto no qual o signo é formado. [...]. A interpretação é um processo ativo, que procede de sentidos que se encontram, existindo, apenas, na relação entre eles, como um elo nessa cadeia de sentidos (LACERDA, 2009, p. 8).

Tratando da relevância e complexidade do trabalho do intérprete, Lima (2006) aponta que os intérpretes de língua de sinais, são profissionais que não trabalham apenas com a língua utilizada pela comunidade surda, vão mais além, e interpretam também o que ocorre no âmbito da expressão desta língua: a cultura, a história, os movimentos sociais e políticos.

A tradução de um texto de português para LIBRAS apresenta variáveis distintas das realizadas entre as línguas orais, por exemplo, as modalidades das línguas envolvidas. O português, língua de modalidade oral-auditiva, é expressa através dos sons e decodificada pela audição, enquanto que a LIBRAS, língua de modalidade gestual-visual, é produzida por movimentos, principalmente das mãos e decodificada pelos olhos. Sobre este assunto Segala conclui:

para traduzir os textos como língua-fonte, Português brasileiro, para Língua Brasileira de Sinais – Libras, o tradutor deve ter domínio em Língua Portuguesa e Libras; suas variações linguísticas, sociais e culturais (bilíngues-bimodais), e também ter conhecimento do tema, ou seja, da área e suas normas linguístico-culturais. A Língua de chegada (Libras) deve ser clara e moderna, e utilizar os sinais mais comuns aos surdos, os usuários de Libras, não seguindo a estrutura da Língua Portuguesa, nunca traduzindo literalmente palavra por sinais, obedecendo a ordem dos parágrafos sem a necessidade de se preocupar com virgulação, e sendo fiel ao sentido dos textos para Libras, principalmente para que os usuários de Libras entendam e possam interpretar os textos em Libras (SEGALA, 2010, p. 57).

Além dos elementos expostos acima, as diferenças neste tipo de tradução é a presença do uso do espaço como pré-requisito essencial sendo inclusive gramatical da LIBRAS. O espaço pode diferenciar o sujeito do objeto numa sentença, ajudar organizar a sintaxe e favorecer a coerência nas orações. Quanto ao uso do espaço, destacamos o método chamado de *Role Shift*, que é o deslocamento do tronco por parte da pessoa que está sinalizando para localizar um referente no espaço, podendo ser este um elemento inanimado

ou animado. Para melhor entender, segue uma citação do site da UFSC<sup>1</sup>:

Há também uma outra forma de utilizar pontos de referência para referentes animados numa conversação. Esse processo é chamado, como visto anteriormente, de 'Role Shift' e consiste no uso da perspectiva dos pontos de referência (por meio do direcionamento do olhar ou do posicionamento do tronco do sinalizante para os pontos de referência) ao invés da apontação para os mesmos pelo sinalizante. É possível dizer, segundo o autor, que as diferenças entre a apontação anafórica e o Role Shift são similares às diferenças do discurso direto e indireto. Entretanto, o Role Shift vai além do discurso direto, pois serve tanto para relatar discursos quanto para relatar ações e não é restrito a humanos, serve para qualquer ser animado (UFSC, 2012).

Na tradução de qualquer língua se faz necessário o profissional ter o conhecimento do tema a ser interpretado, isto é competência referencial. Essa relevância é trazida por Bartholamei Junior e Vasconcellos (2008) quando afirmam que se faz necessário ao intérprete buscar conhecimentos (vocabulários e conceitos) específicos da área que possibilitem uma melhor interpretação dos diferentes universos do saber que atuam.

Percebe-se diante do exposto a necessidade formação deste profissional principalmente no atual contexto social, mas a história mostra que nem sempre alguns destes assuntos (competência referencial, conhecimento da gramática da Língua Brasileira de Sinais,...) foram colocados em discussão, como hoje. Novas demandas deste profissional estão surgindo, novos espaços que envolvem a práxis<sup>2</sup> profissional, não apenas a prática.

A presença do profissional tradutor e intérprete de LIBRAS na sociedade brasileira enquanto classe profissional é da década de 1980. Apresentaremos, de acordo com Quadros (2004, p. 14), a trajetória do movimento de reconhecimento do estatuto profissional dos tradutores e intérpretes de LIBRAS no Brasil:

- a) Presença de intérpretes de língua de sinais em trabalhos religiosos iniciados por volta dos anos 80.
- b) Em 1988, realizou-se o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais organizado pela FENEIS que propiciou, pela primeira vez, o intercâmbio entre alguns intérpretes do Brasil e a avaliação sobre a ética do profissional intérprete.
- c) Em 1992, realizou-se o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, também organizado pela FENEIS que promoveu o intercâmbio entre as diferentes experiências dos intérpretes no país, discussões e votação

---

1

UFSC:  
<<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisV/scos/cap22208/10.html>>.

<sup>2</sup>Segundo Paulo Freire “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (Freire, 1994, p. 21).

do regimento interno do Departamento Nacional de Intérpretes fundado mediante a aprovação do mesmo.

d) De 1993 a 1994, realizaram-se alguns encontros estaduais.

e) A partir dos anos 90, foram estabelecidas unidades de intérpretes ligadas aos escritórios regionais da FENEIS. Em 2002, a FENEIS sedia escritórios em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Teófilo Otoni, Brasília e Recife, além da matriz no Rio de Janeiro.

f) Em 2000, foi disponibilizada a página dos intérpretes de língua de sinais [www.interpretels.hpg.com.br](http://www.interpretels.hpg.com.br). Também foi aberto um espaço para participação dos intérpretes através de uma lista de discussão via email. Esta lista é aberta para todos os intérpretes interessados e pode ser acessada através da página dos intérpretes.

g) No dia 24 de abril de 2002, foi homologada a lei federal que reconhece a língua brasileira de sinais como língua oficial das comunidades surdas brasileiras. Tal lei representa um passo fundamental no processo de reconhecimento e formação do profissional intérprete de língua de sinais no Brasil, bem como, abertura de várias oportunidades no mercado de trabalho que são respaldadas pela questão legal.

Dessa forma, esse histórico revela o reconhecimento social dessa nova profissão que vem ganhando cada vez mais *status* legal. Percebemos isso claramente através da homologação da lei do intérprete LIBRAS (Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010).

A atuação desse profissional está diretamente relacionada ao ato de traduzir, que não é apenas verter um texto para outro idioma, mas transformá-lo em informação acessível ao público alvo, considerando vários elementos como: cultura, variação linguística, complexidade da informação, etc. A realidade cultural de diferentes grupos tem grande influência na hora de transportar as informações do texto fonte para o texto alvo, no nosso caso de LIBRAS para o português falado no Brasil e o oposto.

Segundo Batalha e Pontes Júnior (2007, p.47), a questão de tradução envolve outros parâmetros além das línguas envolvidas: “Longe de ser uma simples operação lingüística, a tradução tem de dar conta da dinâmica da comunicação em situações e funções diferenciadas. (...), ou seja, (...), o texto-fonte dificilmente poderá servir de critério único para orientar a tradução”. Além disso, os mesmos autores destacam a importância do profissional compreender e adaptar o texto alvo ao contexto que será exposto ou publicado, dependendo da situação.

Em relação aos tipos de tradução, citamos Jakobson (2007), o qual classifica em três espécies. Nas palavras dele:

[...] Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais. Essas três espécies de tradução devem ser diferentemente classificadas:

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação (rewor-ding)* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 2007, p. 64).

Para Jakobson (2007), a tradução intralingual de uma palavra, consiste na utilização de outra palavra ou grupo de palavras da mesma língua com o significado semelhante. Este tipo de tradução é muito utilizado no cotidiano, para esclarecer um termo/palavra não conhecido(a). Da mesma forma, na tradução interlingual, não há normalmente equivalência completa entre os léxicos envolvidos, por exemplo, um sinal em LIBRAS, não tem o mesmo peso que a palavra correspondente em português. Por isso que se diz que não se pode traduzir palavras e sim textos. A tradução inter-semiótica é a tradução de um determinado sistema de signos para outro. Por exemplo, das artes plásticas e visuais para a linguagem verbal e vice-versa.

Além da classificação exposta por Jakobson sobre tradução, Quadros (2004), traz uma definição acerca da tradução simultânea e da tradução consecutiva. Em relação à tradução simultânea vejamos o que a autora diz:

Tradução-interpretação simultânea - É o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. Isso significa que o tradutor-intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processá-la e passar para a outra língua (língua alvo) no tempo da enunciação (QUADROS, 2004, p. 11).

Este processo interlingual de tradução-interpretação simultânea é o mais utilizado pelo profissional da tradução da LIBRAS para o português, contudo existe um pequeno atraso para iniciar a produção dos primeiros sinais, até porque não se traduz palavras e sim expressões com sentido. O segundo processo de tradução que a mesma autora cita é a tradução-interpretação consecutiva, em suas palavras:

Tradução-interpretação consecutiva - É o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece de forma consecutiva, ou seja, o tradutor-intérprete ouve/vê o enunciado em uma língua (língua fonte), processa a informação e, posteriormente, faz a passagem para a outra língua (língua alvo) (QUADROS, 2004, p. 11).

Apesar de haver um variado leque de pesquisa nos Estudos da Tradução, a maioria delas está ligada às línguas orais, entretanto nas línguas de sinais as primeiras pesquisas que

tratam dos elementos linguísticos são as de Willian Stokoe, como podemos perceber no recorte de texto de Quadros, Pizzio e Rezende (2009):

Os estudos lingüísticos das línguas de sinais iniciaram com Stokoe (1960). Este autor apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana revolucionando a lingüística na época, pois até então, todos os estudos lingüísticos concentravam-se nas análises de línguas faladas. Pela primeira vez, um lingüísta estava apresentando os elementos lingüísticos de uma língua de sinais. Assim, as línguas de sinais passaram a serem vistas como línguas de fato. Stokoe apresenta uma análise no nível fonológico e morfológico (p. 15).

Os estudos de Stokoe (1960) foram significativos para o reconhecimento das línguas de sinais, possibilitando a ampliação do campo de estudos da linguística. Contudo, não é o primeiro a descrever algo acerca das línguas de sinais. Um dos mais antigos registros que trata sobre a Língua de Sinais é de 368 a.C., proferido pelo filósofo grego Sócrates, quando perguntou ao seu discípulo: “Suponha que nós os seres humanos, quando nós falávamos e queríamos indicar objetos, uns para os outros, nós o fazíamos, como fazem os Surdos mudos, sinais com as mãos, cabeça e demais membros do corpo?” (FELIPE, 2001, p. 120).

No Brasil foi fundada a primeira escola para Surdos no ano de 1856, o Instituto dos Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional da Educação de Surdos – INES. “(...) o Imperador D. Pedro II fundou a primeira escola para surdos no Brasil, em 1856, inspirado pela obra de um francês, Huet, que veio para o país a fim de trabalhar na educação de surdos” (BRITO, 1993, p. 4). Foi a partir deste instituto, numa mistura da Língua de Sinais francesa, trazida por Huet, com os gestos sinalizados já existentes em várias regiões do Brasil que se formou a língua brasileira de sinais. Apesar das línguas de sinais terem recebido atenção no século passado, estas eram mais vistas como uma forma de expressão artística do que como língua natural. Tal interpretação pode ter tão somente encoberto um tipo de preconceito, não muito diferente das interpretações que rotulam as línguas gestual-visuais como mímicas primitivas. Esta última visão serviu de argumento, por quase um século, para que se justificassem injunções contra as línguas de sinais.

O trabalho de Huet estava intimamente ligado à educação dos Surdos e foi fundamental para implantação da primeira escola de Surdos no Brasil, como passo inicial num processo de inclusão.

A escola de Surdos no Brasil foi oficializada pelo Império com papel principal de tornar os meninos Surdos viáveis socialmente, para que estes não causassem danos sociais, oferecendo perigo aos jovens. Esse foi o princípio norteador da fundação do atual Instituto Nacional de Educação de

Surdos, na época do Império (MARQUES, 2002, p.15).

Apesar da ideia nobre do imperador, notamos que a visão da então sociedade era apenas tratar um “defeito” que havia em alguns de seus contemporâneos. Portanto, ainda não se aceitava a cultura surda e sua língua. A filosofia utilizada para o ensino dos Surdos era o oralismo. Com o surgimento de um novo paradigma para sociedade emergente, começavam a vigorar novas metodologias para o ensino dos Surdos.

De acordo com Quadros (2004), as lutas dos movimentos surdos no Brasil, e o surgimento de algumas instituições, começam a aparecer alguns documentos que regulamentam o trabalho do tradutor e intérprete de LIBRAS, gostaríamos de citar o código de ética que é parte integrante do Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes (FENEIS).

Depois de mais de um século da primeira escola para alunos surdos, a LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 é sancionada, que legitima LIBRAS, que em seu artigo primeiro diz: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”. Muito falta para discutir e pensar, contudo hoje os profissionais tradutores e intérpretes de LIBRAS, são reconhecidos de direito, é necessário continuar lutando para que este reconhecimento aconteça de fato, e que se tenha profissionais capacitados e em quantidade suficiente para suprir a demanda.

No caso do Tradutor e Intérprete de Línguas de Sinais, de acordo com Quadros (2004), no Brasil tem-se registro da sua presença da década de 80 do século XX e na Suécia por volta de 1875, também na mesma instituição social. A autora complementa com o registro:

A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania. A participação de surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais (QUADROS, 2004, p. 13).

Dentre os elementos que contribuem para a formação da identidade do profissional em questão, o último marco legal foi a lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Destacamos as suas atribuições presentes no artigo 6º:

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;

III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;

IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e

V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.

O ser humano, sempre teve necessidade de se comunicar, promover interação entre culturas, trocar informações e realizar transações comerciais, inclusive entre povos com línguas diferentes.

Desde épocas remotas, já se encontram registros sobre questões que envolvem relações entre línguas, traduções e interpretações. Na Bíblia, no livro de Gêneses, podemos encontrar um caso que expressa a presença de um intérprete de línguas, é o caso dos irmãos de José do Egito, hebreu vendido pelos irmãos que chegou ao cargo de governador do Egito, segunda pessoa do governo. Quando seus irmãos foram comprar mantimentos, no momento da negociação foi preciso a presença do intérprete, pois não reconheceram seu irmão. “E eles não sabiam que José os entendia, porque havia intérprete entre eles” (BÍBLIA, GÊNESES, Capítulo 42, Versículo23).

A prática de interpretação é milenar, apesar de não termos conhecimento de existir formação específica para atuar. Com o passar dos tempos e as especificidades para o trabalho, a demanda de atuação deste profissional exigiu uma formação básica. Os campos de pesquisa vão se diferenciando, há a necessidade da criação do campo de pesquisa “Estudos da Tradução”, como disciplina independente. Vejamos os primeiros usos do termo tradução e a sua origem:

Traduzir vem de *traducere* que significa levar de um lugar para o outro e *translatio*, na língua latina clássica, designava transplantação, transferência, ou seja, a metáfora da peregrinação pela qual transplantamos uma palavra de uma língua para outra, fazendo, ao mesmo tempo, uma travessia cultural. Em seus primórdios, o termo tradução surge, a partir do século XVI, para expressar a atividade de operação mental do intérprete, aquele, que decifra os textos difíceis e que permite, por conseguinte, o ingresso em um mundo estrangeiro (BATALHA e PONTES JÚNIOR, 2007, p.10).

Percebe-se que este recorte do texto, ressalta acerca tanto de dados históricos quanto também de elementos importantes no processo da tradução, como cultura, atividade mental do

intérprete e ingresso em um mundo estrangeiro. São várias as questões que estão envolvidas no ato tradutório. No mesmo trecho do autor citado, relatam-se outras discussões sobre o assunto abordado: “É o tradutor que faz a passagem do “espírito” de uma língua para o “espírito” da outra, uma contaminando a outra sem que nenhuma delas, em separado, veja-se desfigurada em sua subjetividade única” (BATALHA e PONTES JÚNIOR, 2007, p.11).

Este “espírito” das línguas está relacionado com os significados, não há um ato mecânico, de tradução de palavra por palavra. Contudo, este ato relaciona-se aos contextos e aos usos de uma determinada língua, numa determinada cultura. Na tradução de um texto para a língua portuguesa, deve-se pensar sobre quem será o público alvo, de qual país (Brasil, Portugal ou outro país que fale esta língua), o estilo do autor, o tipo de gênero textual da obra, qual a língua de origem, qual o objetivo do texto.

O trabalho de interpretação não pode ser visto, apenas, como um trabalho linguístico. É necessário que se considere a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo enunciado, sendo, portanto, fundamental, mais do que conhecer a gramática da língua, conhecer o funcionamento da mesma, dos diferentes usos da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana. Interpretar envolve conhecimento de mundo, que mobilizado pela cadeia enunciativa, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua alvo; saber perceber os sentidos (múltiplos) expressos nos discursos (LACERDA, 2009, p. 21).

Ainda Bartholomei e Vasconcelos (2008), expondo sobre os conhecimentos necessários na prática do tradutor/intérprete, cita a competência tradutória, que está relacionada aos conhecimentos operativos/procedimentais. Vale ressaltar que os mesmos devem entrar em atuação no antes, durante e após o ato da tradução/interpretação, pois estão ligados ao processo de reflexão sobre suas decisões/escolhas. O domínio desta competência dá subsídio ao profissional desde a contratação de um serviço, análise da estrutura física/tecnológica do local para uma prestação de um serviço adequado ao contexto.



### **CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

### **CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A prática da inclusão se baseia em princípios diferentes do que é tradicionalmente consagrado nas sociedades contemporâneas competitivas: aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa e aprendizagem por meio da cooperação (MACHADO, 2008, p. 38).

A discussão sobre inclusão é extremamente significativo, pois se percebe que o seu antônimo ainda é bem presente. Apesar de documentos internacionais como a Declaração de Salamanca e a Carta de Guatemala, encontramos pessoas em situação de exclusão. De acordo com Santiago (2009, p. 133)

Embora, não tenhamos muitas respostas, de uma coisa estamos certos: não dá para compreender a exclusão da pessoa com deficiência, tendo como marco (somente) a sociedade capitalista. (...) Desde a antiguidade é possível encontrar evidências claras de processos excludentes em relação à pessoa com deficiência pautada na posição social. Vivemos um momento crítico, onde os processos excludentes na atualidade são bastante velados, mas nem menos discriminatórios e desumanos.

As relações excludentes com as pessoas com deficiência vêm desde a antiguidade, nas palavras de Santiago e Richardson:

Desde a Antiguidade, encontramos exemplos claros de exclusão de pessoas/ seres/ deuses deficientes. Ao que parece, não há cultura, espaço ou momento histórico onde a deficiência foi aceita naturalmente pelos demais, sobretudo para o trabalho, sem que a pessoa necessitasse, para isto, de caridade de alguns, ou de muita luta de seus pares, ou ainda, mais recentemente, de instrumentos legais que a garantissem (2009, p. 164).

Percebe-se que a questão é mais ampla que as demandas encontradas no ambiente escolar. Atualmente, o tema da inclusão está muito em voga, pois buscamos a concretização de um sonho, de uma convivência mais humana, onde é possível uma sociedade para todos.

#### **1 - BASE LEGAL**

Nesta primeira subdivisão do presente capítulo, começaremos adotando como referência a nova concepção de pessoa com deficiência, pactuada e validada por novos atores sociais, de acordo com a Convenção de Guatemala<sup>3</sup> (1999), como também a nomenclatura

---

<sup>3</sup> Convenção de Guatemala (1999) – documento produzido durante a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.

utilizada Classificação Internacional de Funcionalidade, Deficiência e Saúde (CIF)<sup>4</sup> e finalmente, a definição do termo segundo Santiago:

O uso do termo Pessoa com Deficiência indica um esforço teórico em evidenciar muito mais a pessoa – o ser – do que as marcas, características ou sinais que ela possua. Consequentemente, o sujeito e sua integridade são os elementos centrais do conceito e não a deficiência, ou menos ainda, a doença (SANTIAGO, 2009, p. 116)<sup>5</sup>.

A inclusão educacional dos alunos com deficiência no Brasil é respaldada por alguns documentos nacionais e internacionais, dentre eles citamos: A Declaração de Jomtien (1990), também conhecida por “Declaração mundial sobre educação para todos”; Declaração de Salamanca (1994), produzida na Conferência Mundial de Educação Especial em Salamanca, Espanha; A carta magna do nosso país, Constituição da República Federativa do Brasil (1988), principalmente no Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto; Lei nº 7853 de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências; Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e por fim, deste recorte, Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

A Declaração de Jomtien (1990), que foi produzida durante a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, e baseada na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que já trazia o lema “toda pessoa tem o direito à educação”, realiza um diagnóstico da difícil realidade da educação, percebendo um número significativo de crianças sem acesso a escola, analfabetismo adulto e também, o analfabetismo funcional<sup>6</sup>, daqueles que tiveram acesso a escolarização. Dentre os artigos produzidos destacamos o item 5, do artigo 3, com título “Universalizar o acesso à educação e promover a equidade”:

---

<sup>4</sup> Documento aprovado pela 54ª Assembleia de Organização Mundial da Saúde, em 2001.

<sup>5</sup> Até a década de 1980, diversas expressões como “aleijado”, “incapacitado”, “inválido” eram encontradas. O uso do termo “deficientes”, surge por influência do Ano Internacional e da Década das Pessoas Deficientes, estabelecido pela ONU, apenas a partir de 1981. Em meados dos anos 1980, entraram em uso as expressões “pessoa portadora de deficiência” e “portadores de deficiência”. Por volta da metade da década de 1990, a terminologia utilizada passou a ser “pessoas com deficiência”, pois ressalta a pessoa à frente de sua deficiência (Silva, 2012).

<sup>6</sup> A UNESCO define analfabeto funcional como toda pessoa que sabe escrever seu próprio nome, assim como lê e escreve frases simples, efetua cálculos básicos, porém é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, impossibilitando seu desenvolvimento pessoal e profissional. Ou seja, o analfabeto funcional não consegue extrair o sentido das palavras, colocar ideias no papel por meio da escrita, nem fazer operações matemáticas mais elaboradas (Prieto, 2006. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=700>>. Acesso em: 20 fev. 2013).

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo (DECLARAÇÃO DE JOMTIEN, 1990).

Em 1994, em Salamanca, Espanha, acontece a Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade, que culmina no documento Declaração de Salamanca, que reafirma o compromisso da “Educação para Todos” e observa com maior foco aquelas crianças com necessidades educacionais especiais e a demanda de utilizar uma Pedagogia voltada às especificidades de cada um, através de uma proposta inclusiva, estimulando a matrícula de todos os discentes em escolas regulares, oferecendo o apoio da educação especial dentro das escolas inclusivas.

A Constituição Federal de 1988 já cita em seu artigo 205 “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família”, contudo uma mudança expressiva ocorre com a publicação da Lei 7853 de 1989, principalmente quando constitui crime o ato de “recusar, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar, sem justa causa, a inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, por motivos derivados da deficiência que porta”, em seu artigo 8º, inciso I.

A educação das pessoas com necessidade educativas especiais, fundamentado na Lei 9394 de 1996, que Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seus artigos 58,59 e 60, deve acontecer prioritariamente na rede regular de ensino, com exceção dos casos que não for possível adaptação, a partir do nascimento na educação infantil.

Os alunos com necessidades educativas especiais podem ter dificuldades de aprendizagem, muito ligeiras ou mais graves, segundo o caso, no plano intelectual ou no domínio da leitura e da escrita. A maioria dos alunos conhece insucessos nas disciplinas de base. A preocupação com a inclusão das pessoas com deficiência provocou outro fenômeno, a preocupação com a inclusão social de outros grupos sociais, bem explica Ainscow e Ferreira (apud SANCHES, 2011, p. 37) em seu texto: “A inclusão escolar teve as suas origens no centro das pessoas em situação de deficiência e insere-se nos grandes movimentos contra a exclusão social, como é o caso da emancipação feminina, tendo como princípio a defesa da justiça social, celebrando a diversidade humana”.

Confirmando este movimento de inclusão social, o decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004, regulamenta o direito previsto nas leis nº 10.048, de 8 novembro de 2000 e nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, tanto para as pessoas com deficiência, quanto às

“pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos, gestantes, lactantes e pessoas com crianças de colo” (§ 2º do artigo 5º) e as pessoas com mobilidade reduzidas, definidas como “aquela que, não se enquadrando no conceito de pessoa portadora de deficiência, tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentar-se, permanente ou temporariamente, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção” (inciso II, alínea e), § 1º do artigo 5º), desse decreto.

A lei de acessibilidade no Brasil, nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, estabelece a definição de barreiras, “qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança das pessoas”, classificando em arquitetônica (urbanísticas, na edificação, nos transportes) e comunicacional. Dentro das barreiras comunicacionais, os artigos 17, 18 e 19, especificam como o poder público promoverá a eliminação desta barreira, garantindo o direito a comunicação as pessoas com deficiência sensorial, através da formação de profissionais habilitados no sistema braile, tradutor e intérprete de LIBRAS e guias-intérprete, bem como aos “serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtítuloção” (Art. 19).

De acordo com Santiago (2009), um dos elementos que deve ser trabalhado, quando se discute a inclusão das pessoas com deficiência, é o conceito de exclusão, que vem aparecendo na literatura nos mais diversos contextos, como as questões de classes sociais e étnicas. Na área das pessoas com deficiência entende, sendo uma “condição de impossibilidade ou incapacidade da pessoa com deficiência de exercer, em maior ou menor grau, algum ou vários dos direitos sociais que lhe outorga *status* de cidadania” (p. 114).

Santiago e Richardson (2009) relatam que o quantitativo de pessoas com deficiência no Brasil é de 15% de sua população, baseado nos dados da OMS – Organização Mundial da Saúde, isto deve provocar uma educação focada nas especificidades desta clientela, pois se percebe no transcorrer da história vestígios de exclusão.

Observando os dois gráficos elaborados através da coleta de dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, censo demográfico de 2010, verifica-se a proporção das idades das pessoas com pelo menos uma deficiência. O primeiro gráfico está dividido em três grupos: 0 a 14 anos, 15 a 64 anos e 65 anos ou mais. No primeiro grupo corresponde a 7,5% desta população, referindo aqueles com idade correspondente a Educação Infantil (0 a 6 anos de idade, conforme Art. 30 da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996) e Ensino Fundamental (de nove anos, iniciando-se aos seis anos de idade, conforme mesma). Sendo a população com deficiência auditiva de 9.717.318, de acordo com o segundo gráfico

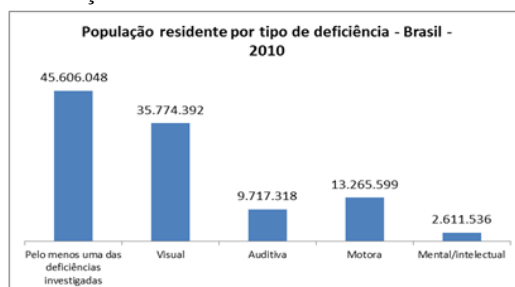
apresentado, 7,5% desta deve estar na escola, na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, este montante seria de 728.798 alunos com deficiência auditiva nestas modalidades de ensino se 100% dos alunos estivessem matriculados. Segue os dois gráficos, para melhor visualização, IBGE, censo demográfico 2010:

GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO COM DEFICIÊNCIA



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

GRÁFICO 2 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR TIPO DE DEFICIÊNCIA



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Nota: Algumas pessoas declararam possuir mais de um tipo de deficiência. Por isso, quando somadas as ocorrências de deficiências, o número é maior do que 45,6 milhões, que representa o número de pessoas, não de ocorrência de deficiência.

Apesar dos quantitativos apresentados, o Censo Escolar de 2010 (MEC/INEP apud Equipe inclusive, 2011), informa:

De acordo com o Censo Escolar de 2010 (MEC/INEP), 85.090 escolas comuns apresentam matrícula de estudantes público alvo da Educação Especial. Dos 33.372 estudantes com surdez e 37.451 com deficiência auditiva (70.823 estudantes), 52.500 estudantes estão matriculados nas escolas comuns de ensino regular, sendo 22.249 estudantes com surdez e 30.251 com deficiência auditiva, correspondendo a 74% das matrículas em escolas comuns de ensino regular.

Diante de tantas demandas e de um quantitativo significativo de sujeitos que têm direitos e em específico da nossa discussão a educação, o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, garante:

III - prover as escolas com:

- a) professor de Libras ou instrutor de Libras;
- b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
- c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e
- d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos; (§ 1º artigo 14).

O mesmo decreto ainda detalha a formação necessária, para a atuação do profissional tradutor e intérprete de LIBRAS – Português, no artigo 19:

Art. 19 Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Quadros (2004, p. 59) afirma dentre as áreas de atuação do intérprete de LIBRAS à educação é “a área mais requisitada atualmente”. Contudo, a autora descreve que o interprete deve intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os alunos surdos e ouvintes. Neste processo de intermediação pode ocorrer problema de ordem ética como, “o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor” (p. 60); Também pode acontecer que o professor, delegue de uma maneira formal ou informal sua responsabilidade ao intérprete.

Sobre a confusão de papéis e principalmente na educação infantil e no ensino fundamental, Quadros (2004, p. 60) diz: “As crianças mais novas têm mais dificuldades em entender que aquele está passando a informação é apenas um intérprete, é apenas aquele que está intermediando a relação entre o professor e ela”.

As questões que podem ser levantadas são inúmeras. Utilizando as palavras de Góes quando conclui seu artigo “Desmistificando a Atuação do Intérprete de LIBRAS na Inclusão”, quando diz:

No processo de inclusão escolar, o intérprete educacional passa a ser um aliado para a efetivação desse ideal em relação aos alunos surdos, este profissional deve possuir conhecimentos específicos da área onde atua, além de competência para realizar a tradução/interpretação das duas línguas em questão e sua atuação deve seguir o rigor da ética profissional (GÓES, 2011, p. 84).

Góes (2011) ainda ressalta para que haja uma aprendizagem significativa para o discente surdo, os profissionais envolvidos diretamente em sala de aula (o professor e o intérprete) desenvolvam seus trabalhos em parceria, com debate dos planos (conteúdos, temas) em conjunto, num movimento dialético, refletindo a práxis, tornando-a mais consciente e eficaz.



## **CAPÍTULO IV: PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS**

## **CAPÍTULO IV: PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS**

### **1 – PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA**

É a problemática que determina as questões que serão ou não formuladas. Problemáticas divergentes levantam questões diferentes. Tratam de objetos que não são semelhantes e conduzem a um outro saber (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 99).

No Brasil os discentes surdos, antes da implantação da educação inclusiva, eram localizados em centros especializados, isto é, escolas especiais, ou em salas específicas, sala de educação especial, em uma escola regular. Neste modelo trabalhavam-se os conteúdos mínimos que se acreditava ser necessários para que o discente surdo fosse incluído em uma sala regular, através de uma avaliação de requalificação. Dependendo dos resultados apresentados na citada avaliação era decidido se o aluno seria incluído e em qual série, ou permaneceria na sala de educação especial.

Com a proposta da inclusão, a partir da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, afirmando no artigo 58 que o atendimento deverá ser oferecido preferencialmente na rede regular de ensino. Os profissionais que trabalhavam com os estudantes surdos com o ensino em salas de educação especial, deveriam migrar ora para o AEE – Atendimento Educacional Especializado, no contra turno do estudante, ora para realizar a interpretação/tradução de português para LIBRAS e o inverso.

Diante do exposto, surge uma nova categoria de profissional dentro da educação, o tradutor e intérprete de LIBRAS, que atua desde a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) até o ensino superior nos níveis de graduação e pós-graduação, uma vez que a comunidade surda vem alcançando espaços no mundo acadêmico. Diante das novas demandas da comunidade surda, surgem documentos oficiais (leis e decretos) indicando qual deve ser a formação mínima e o nível de atuação correspondente para o ensino da LIBRAS, bem como para a tradução/intérpretação da LIBRAS para a língua portuguesa. A legislação aponta para a necessidade dos órgãos públicos de educação (federal, estadual e municipal) complementarem o quadro de profissionais da educação com professores e tradutores/intérpretes de LIBRAS, possibilitando o acesso dos discentes surdos a todos os níveis educacionais.

O poder público criou cursos específicos de formação tanto em nível médio, quanto em nível superior para atuar na tradução/interpretação. Também foi oferecido exame de proficiência pelo ministério da educação, para avaliar aqueles que já atuavam na área e não possuíam formação específica, a fim de legalizar o seu trabalho. Pois alguns já eram de fato, mas não de direito.

O tradutor/intérprete de LIBRAS, que atua no âmbito educacional, começa a ingressar num espaço que era dos professores, gerando uma partilha de espaço e de poder dentro da sala de aula. Esta partilha de espaço é imprescindível porque este profissional tem uma função marcada principalmente pela mediação da comunicação entre os utentes da língua de sinais, sujeitos surdos, com os demais sujeitos do espaço escolar. Não havendo a presença deste profissional, a comunicação com os sujeitos surdos, neste espaço, fica truncada, dificultando assim o acesso à informação aos discentes surdos.

Diante deste contexto, emerge a questão de partida, como um rio que chega à foz, sem obstáculos:

- O tradutor e intérprete de LIBRAS educacional, apesar de estar locado em uma sala de aula e sua função ser pedagógica, contudo não é o professor regente em sala de aula. Como este profissional se vê, qual a sua identidade profissional, nesta situação educativa?

## **2 - OBJETIVOS**

De acordo com a questão de pesquisa formulada, definiram-se os seguintes objetivos:

### *2.1. Objetivo geral*

- Compreender os elementos que compõem e influenciam a identidade profissional do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, decorrentes do seu trabalho, na sala de aula do ensino regular que inclui alunos surdos.

### *2.2. Objetivos específicos*

- Analisar as concepções do tradutor e intérpretes de LIBRAS, acerca da sua identidade profissional, decorrente do exercício das suas funções, em sala de aula do ensino regular;
- Identificar elementos da identidade do profissional tradutor e intérprete de LIBRAS, através de sua *praxis*, na mesma situação educativa;
- Cruzar as concepções do profissional tradutor e intérprete de LIBRAS, acerca da sua identidade, com os dados observados na sua *praxis*.

## **CAPÍTULO V: METODOLOGIA**

## CAPÍTULO V: METODOLOGIA

A pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que em algum momento, julgamos inabaláveis. Ela se constitui na inquietação (BUJES apud LAMB, 2013, p. 23).

A pesquisa pode ser entendida como um procedimento de buscar, como um caminho bem delineado, utilizando o método científico<sup>7</sup>, com a finalidade de responder um problema. Esse processo desencadeia em novos conhecimentos da realidade (GIL, 2008).

Minayo et al. (2009) descreve algumas características do objeto de estudo das ciências sociais. Ele, o objeto de estudo, é histórico, isto é, constituído em um determinado espaço e tempo; possui consciência histórica, diferente dos objetos das demais ciências, como os animais, plantas, fenômenos naturais, entre outros; existe uma identidade entre sujeito e objeto, esta área lida com fatores como cultura, faixa social e etária, variáveis que perpassam tanto o investigador como o objeto; e a formatação fortemente ideológica, tanto intrínseca como extrinsecamente neste tipo de ciência. A mesma autora destaca através dos argumentos expostos que “o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo”(p. 14).

O pesquisador que estabelece como objeto de sua investigação pessoas, deve levar em consideração os princípios éticos estabelecidos nas normas internacionais, por exemplo, o Código de Nuremberg, que estabelece os parâmetros (GIL, 2008). Ainda na atuação do autor da pesquisa, na temática sobre a neutralidade, Oliveira (2008, p.35) afirma:

A neutralidade científica pressupõe que o autor evite ao máximo a subjetividade, ou seja, ele deve manter-se distante das suas emoções durante a construção do conhecimento e precisa evita o “achismo” para não interferir no resultado da pesquisa.

A partir da afirmação citada, Laville e Dione (1999), mostra outra possibilidade para a discussão do papel do investigador, que tem um contato próximo com o seu objeto de pesquisa, tipo das ciências sociais. Em suas palavras:

O fato de o pesquisador em ciências humanas ser um ator que influencia seu objeto de pesquisa, e o seu objeto de pesquisa, por sua vez, ser capaz de um comportamento voluntário e consciente, conduz a uma construção de saber

---

<sup>7</sup> “O método indica regras, propõe um procedimento que orienta a pesquisa e auxilia a realizá-la com eficácia” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 11).

cuja medida do verdadeiro difere da obtida em ciências naturais (LAVILLE e DIONE, 1999, p. 35).

Tendo como ponto de partida a reflexão teórica, tomaram-se alguns cuidados para resguardar o direito de sigilo e legitimidade nas ações desenvolvidas no processo de recolha de dados. Foi solicitado o acesso às escolas na Secretaria de educação da cidade de Garanhuns, estado de Pernambuco- Brasil, através de um documento comprovando a relação vínculo do pesquisador com a Universidade Lusófona (Apêndice 5). Nesta declaração foi colocada a ciência do responsável da secretaria, o qual encaminha aos gestores escolares que disponibilizem as salas de aula para que o pesquisador realizasse a investigação (Apêndice 6).

Em outro momento foi entregue aos sete gestores escolares cópia da declaração, com a autorização da secretaria, que encaminhava o pesquisador a escola e o acesso do mesmo ao professor da sala de aula em que o sujeito da pesquisa estava locado, o tradutor e intérprete de LIBRAS. Ao professor pediu-se o acesso a sala de aula para se realizar três observações, cada uma correspondendo a um turno de trabalho diário, ou seja os do turno da manhã 7h30min às 11h30min, os do turno da tarde 13 às 17 horas e a turma do turno da noite 18h40min às 22horas, foi observado nas marcação das observações que fossem realizados preferencialmente em dias diferentes da semana. A solicitação foi realizada através de uma “Carta-convite e termo de consentimento livre e esclarecido para os professores” (Apêndice 3).

Em paralelo à conversa com os professores, foi entregue uma “Carta-convite e termo de consentimento livre e esclarecido aos sujeitos da pesquisa” (Apêndice 4), solicitando aos mesmos a realização das observações, bem como a autorização da realização de uma entrevista, gravada em áudio. Informando sobre o sigilo na identificação.

O investigador da área das ciências sociais deve tomar consciência das fragilidades, variáveis do seu trabalho, afim de melhor administrar as possíveis influencias das suas concepções, trabalhando em uma postura que busque a neutralidade.

## **1 - TIPO DE PESQUISA**

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa definida por Oliveira (2008, p. 37) “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Sobre outra ótica, destaca-se também a definição de método qualitativo baseado em Minayo (2008, p. 57):

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e as si mesmos, sentem e pensam.

## 2 - LOCUS DA PESQUISA

A recolha de dados desta investigação foi feita em sete escolas públicas municipais da cidade de Garanhuns. Esta cidade está localizada no interior do estado de Pernambuco, no Agreste Meridional, distando 230 km da cidade do Recife, capital do estado.



FIGURA 1: PERNAMBUCO/ BRASIL

Fonte: <http://www.handbeachbrazil2014.com/local.html>



FIGURA 2: GARANHUNS/ PERNAMBUCO

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Garanhuns>

A secretaria de educação da cidade de Garanhuns possui sob sua jurisdição 62 (sessenta e duas) escolas, sendo 31 (trinta e uma) no meio rural, 6 (seis) conveniadas, isto é, com parceria com a sociedade civil organizada (associações), 1 (uma) de educação especial e 24 (vinte e quatro) na sede do município. Quanto ao quantitativo total de professores é 935 (novecentos e trinta e cinco), sendo 685 (seiscentos e oitenta e cinco) com vínculo efetivo e 230 (trezentos e trinta) estagiários aproximadamente (que cursam alguma licenciatura), destes



150 (cento e cinquenta) atuam na regência de sala e 80 (oitenta) como professores de apoio (Dados oferecidos pela secretaria de educação da cidade de Garanhuns).

A secretaria municipal de educação oferece vagas nas seguintes modalidades: creche, educação infantil, ensino fundamental, EJAI- Educação de jovens Adultos e Idosos e a Educação Especial que perpassa por todas estas modalidades.

Esta investigação se deu na cidade de Garanhuns-Pernambuco, pelo motivo de a mesma ser polo de referência da sua região, onde as pessoas das cidades vizinhas se direcionam para estudar, trabalhar e fazer compras. Além dos fatores expostos, a residência do pesquisador está localizada nesta cidade, o que facilitou a pesquisa.

Quanto à escolha das escolas baseou-se na indicação da secretaria de educação, levando em consideração as escolas em que haviam localizados os sujeitos da pesquisa no ensino fundamental no ano de 2013, perfazendo desta forma 7 (sete) escolas. As escolas foram nomeadas com os algarismos do sistema de numeração romana de I (um) ao VII (sete).

### *2.1. Escola I*

A escola I está localizada em uma rua pavimentada de pedras de granito, sua fachada contém seu nome, sendo o seu lado direito uma rampa e o lado esquerdo uma escadaria. A escola tem experiência no atendimento a pessoas com deficiência Registra-se que na escola possui uma sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado.

Todas as salas da escola possuem a mesma estrutura. A porta da sala de aula é mais larga que o tradicional, possibilitando a entrada de uma cadeira de rodas. A sala possui uma boa iluminação, com forro de PVC branco e um aparelho de Datashow afixado no forro.

Em relação à sala observada, suas paredes são recobertas com cerâmica branca até 1,50 m aproximadamente e acima pintura na cor branca. Ao passar pela porta, a parede do lado direito possui um quadro branco em que estão expostos alguns cartazes (quadro de sílabas e algumas atividades dos alunos) e acima do quadro um alfabeto maiúsculo e minúsculo, e um alfabeto manual. Na parede em frente à porta, duas janelas basculantes de aproximadamente 1 por 2 metros. A parede do lado esquerdo da porta, final da sala, também possui cartazes afixados (aniversariantes por mês, combinados – forma de dizer contrato pedagógico, isto é, regras de convivências e atividades dos alunos). Os alunos ficam sentados de costa para esta última parede descrita. A parede oposta a esta última é a frente da sala, contendo uma lousa digital, para onde o projetor preso no teto está direcionado. Neste quadro

possui duas caixas de som embutidas na moldura, o mesmo é curvo, a parte central mais profunda e as laterais inclinadas para fora.

No lado direito do quadro digital encontra-se um armário na cor azul claro e acima deste armário, várias caixas contendo material dourado. A escola tem um pátio coberto, que serve de refeitório e de auditório, com mesas e cadeiras.

Os alunos estão organizados em filas voltadas para o quadro digital e para a mesa da professora.

A escola funciona em três turnos: manhã (7:30 às 11:30 h), tarde (13 às 17 h) e noite (19 às 22 h). A mesma oferece os seguintes níveis de escolaridade: educação infantil (46 alunos), anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano – 288) nos turnos da manhã e tarde e EJA no turno da noite (49 alunos). No que tange a quantidade de alunos por sala nos 1º ao 3º anos até 25 alunos e no 4 e 5 ano até 35 alunos, isso no ensino fundamental, na EJA até 25 alunos e na educação infantil até 20 alunos.

## 2.2. Escola II

Esta escola possui dois pavimentos, térreo e primeiro andar, o acesso ao primeiro andar é por escadas. Existe ao lado da escola um espaço descoberto com árvores em que os alunos realizam atividade físicas e apresentações diversas e ficam no intervalo das aulas.

Quanto à sala de aula observada, as paredes pintadas na cor azul do piso até cerca de 1,20m, uma faixa laranjada de aproximadamente 15cm e o restante da parede de branco. O teto é de laje, também na cor branca. A sala fica no térreo.

Na parede em que a porta está afixada, do lado esquerdo, está localizado um quadro digital, com caixas de som embutidas na moldura do próprio quadro, uma de cada lado. Do lado direito do quadro encontra-se o birô da professora, com uma cadeira.

Na parede lateral da sala, ao lado direito da porta, tem um quadro branco, que é usado como mural informativo. Neste mural encontram-se: algumas notícias, recortes de jornal e um alfabeto manual com uma figura. Para cada letra, um desenho que começa com a letra indicada (em impressa e cursiva), cada uma no tamanho de uma folha de papel ofício.

No fundo da sala, no lado oposto ao quadro digital, uma janela basculante coberta por uma cortina. Demais paredes com cartazes, calendário, dois armários. No teto um aparelho data show fixado, e voltado para o quadro digital.

Os alunos estão organizados em filas voltados para o quadro. A mesa do professor fica do lado direito dos alunos e a porta do lado esquerdo. A escola funciona nos turnos da

manhã das 7:30 às 11:30 h e no turno da tarde das 13 às 17h, tanto na educação infantil (50 alunos), como nas séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5ª ano - 279 alunos ). As turmas são compostas até 25 nos três primeiros anos do ensino fundamental e de até 35 alunos nos últimos anos do ensino fundamental I, e de até 20 na educação infantil.

### *2.3. Escola III*

A escola dispõe de um espaço físico com uma diretoria, uma sala de professores, nove salas de aula, seis sanitários, uma cozinha, uma dispensa, um almoxarifado, um auditório, um pátio sem cobertura, uma quadra esportiva em anexo e uma sala de leitura. Quanto à equipe técnico-administrativo-pedagógica é composta de uma gestora, um chefe de secretaria, um auxiliar de secretaria, um coordenador pedagógico, um coordenador de um programa específico, dois agentes de disciplina, três merendeiras e seis serviços gerais. As informações deste item foram coletadas no projeto político pedagógico da escola, disponibilizado pela secretaria da escola.

A escola está localizada em uma esquina. A frente da escola fica abaixo do nível da rua, ficando recuada cerca de dois metros. O acesso principal é um portão de ferro e alguns degraus. Passando pelo portão principal, temos acesso a uma sala, em que no horário da chegada os alunos fazem filas e orações, recebem alguns avisos e são encaminhados para suas salas. Nesta sala tem duas portas a esquerda, uma porta a direita e uma porta a frente para entrada nas demais repartições da escola através de um corredor.

Nas portas a esquerda, a primeira dá acesso a uma sala de leitura, sala esta que possui estantes de ferro com livros e duas mesas hexagonais com cadeiras e a segunda porta fica a secretaria da escola, quando a porta da direita é o acesso a uma sala de aula.

A escola tem dois pavimentos, a entrada principal é o acesso do pavimento superior. Seguindo o corredor a esquerda é o acesso do banheiro dos professores, com ventilação através de tijolos vazados, cobogós. Uma cozinha com um grande basculante. O acesso aos banheiros dos alunos tem um degrau com cerca de 10 cm e um corredor de cerca de 80 cm.

A escola possui um auditório suficiente para receber todos os alunos do turno, com um palco que está sendo usado como um depósito de cadeiras.

Às treze horas o portão principal de acesso à escola é aberto e os alunos se organizam em filas, cada sala duas filas, uma para meninos e outra para meninas, faz orações e as turmas são encaminhadas para as salas. A escola funciona em dois turnos manhã (7:30 às 11:30 h) e tarde (13 às 17h). A escola não funciona no turno da noite. A escola oferece a

educação infantil com 72 alunos matriculados sendo de até 20 alunos por sala e nas séries iniciais do ensino fundamental com e o 398 alunos, variando entre 25 (1º ao 3 anos) e 35 alunos por sala (do 4º e 5º ano).

A sala *locus* da pesquisa localiza-se no andar inferior da escola, o terreno da escola é enlameado e o lado esquerdo da porta da sala fica o portão de acesso secundário, na rua lateral da escola.

A escola está situada em uma esquina. O teto da sala é o piso do andar superior e está pintado de branco e no centro da sala possui uma coluna (pilar), do piso ao teto.

As paredes da sala são de duas cores, até aproximadamente 1,20m do chão, azul claro em tinta a óleo, uma faixa de 10 cm na cor laranja, também em tinta a óleo, e acima desta faixa a parede é branca.

As cadeiras dos alunos são organizadas enfileiradas, perfazendo cinco filas, a terceira fila é dividida pelo pilar.

Na frente da sala um quadro branco e acima dele um alfabeto de emborrachado em duas filas, a primeira das letras “a” até “m” e a segunda de “n” até “z”. Cada letra é apresentada nas formas maiúscula e minúscula, tanto de forma, quanto manuscrito.

Fixado no lado direito do quadro, um cartaz com o tema gerador. Nas paredes tanto do lado direito, como do lado esquerdo, vários cartazes (calendário, lista dos aniversariantes por mês, sinais de pontuação, figuras planas, lista dos alunos). Ao fundo da sala um prateleira com livros didáticos, uma estante e um filtro de barro. Por orientação da professora alguns alunos usam seu próprio copo, a escola disponibiliza quatro copos para aqueles que não tiverem.

No final do corredor, do lado esquerdo, um portão de ferro que dá acesso a uma escadaria que leva as salas do andar do piso inferior da escola. A sala em que a TIL está locada fica no piso inferior, próxima ao portão secundário da escola e o acesso a quadra.

Pelo lado de fora da escola, na calçada possui um portão independente que dá acesso a quadra, por onde a comunidade tem acesso e usa-a nos fins de semana.

#### 2.4. Escola IV

A rua em frente à escola não possui pavimentação, sendo o seu acesso à via principal através de uma rua um pouco mais estreita que as demais.

A escola é separada da rua por um muro, com uma pintura desgastada, suja, possuindo um letreiro quase ilegível com a identificação da prefeitura. O acesso à escola é

único, um portão de metal com cerca de dois metros e meio de largura, sendo dividido em duas partes a inferior que é de material de porta de rolo e a superior com barras cilíndricas de ferro. Por este portão, é possível o acesso de carro e dos pedestres (funcionários, professores, alunos,...), este portão está localizado no lado direito do terreno da escola, sob a perspectiva de que olha para ele.

A fachada do prédio é recuada, cerca de quatro metros, possuindo dois pavimentos (térreo e primeiro andar). Na fachada possui quatro degraus para acesso principal ao prédio (piso da escola é mais alto que o nível da rua), o segundo acesso pode ser feita pela lateral direita do prédio, em frente ao portão de entrada. Na fachada encontra-se a identificação da escola pintada em tinta a óleo e uma placa de outra instituição que também compartilha o uso do prédio.

Ao passar pela porta principal, após os degraus da entrada, encontra-se um rol com uma porta do lado esquerdo, que dá acesso à cozinha, com móveis antigos, vários baldes, estrutura que não suporta de forma ideal o preparo dos alimentos. Do lado direito fica a secretaria e a direção, contudo sua porta fica voltada para o pátio, locada depois do rol, supracitado, um ambiente pequeno com a superlotação de armários, dificultando a locomoção interna pela incompatibilidade do mobiliário com o espaço.

A recepção dos alunos é feita no pátio, em que funciona uma sala de aula de um projeto específico. No lado esquerdo, do pátio, junto à parede da cozinha está localizado o acesso à sala de leitura (termo utilizado pelos professores para nomear o local). Na sala de leitura, localizada no primeiro andar, espaço visualizado na fachada, fica em cima da secretária, cozinha e rol de entrada. O acesso é estreito, com uma sequência de degraus. A sala é de difícil acesso para os alunos, principalmente pela idade dos mesmos. Percebe-se um acervo infanto-juvenil pobre (poucos livros) e desgastado (folhas rasgadas, sujas), apesar das dificuldades, o mesmo é bem utilizado pelos alunos e pela comunidade. A comunidade usa o espaço como biblioteca comunitária, com empréstimo de livros (outros gêneros textuais também são percebidos).

O pátio também funciona como sala de professores, e possui uma mesa em que é servido o lanche dos professores. Na parede do lado esquerdo tem um acesso em que do lado esquerdo fica uma dispensa com material de limpeza (a porta estava aberta) e do lado direito um banheiro para uso de funcionários e professores, com uma estrutura precária: um vaso, paredes sujas, sem ventilação, uma pequena pia, uma aparência que não demonstra cuidados.

No final do pátio, do lado direito observa-se uma porta de metal que dá acesso a duas salas de aula, através de uma passagem coberta. Ainda no pátio, no lado esquerdo desta porta está o quadro de alvenaria pintado de verde em que a professora dirige sua aula.

Seguindo a passagem, a primeira sala é a sala em está localizada o aluno surdo e o sujeito da pesquisa, o TIL IV – tradutor e intérprete de LIBRAS IV. E no final da passagem estão localizados dois banheiros, para os alunos. O acesso aos banheiros de uso pelos alunos é descoberto. Os banheiros não tem ventilação, para entrar encontra-se um degrau com cerca de quinze centímetros, ambos com a mesma estrutura, vaso e pia. Não é disponibilizado sabão, nem toalha para enxugar as mãos.

Do lado oposto às duas salas, que estão na passagem coberta, estão mais duas salas, sem acesso coberto, sendo uma delas sem janela.

O recreio funciona em horários distintos, três salas dos alunos menores das 10 às 10h20min e as duas salas restantes, das 10h20min às 10h40min, a fim de minimizar acidentes entre as diferentes faixas etárias.

A sala de aula possui uma porta de madeira pintada de azul marinho, com a mesma cor a parte inferior das paredes da sala na altura aproximada de um metro e sessenta centímetros do chão, sendo esta pintura desgastada. Na porta algumas marcas de fita adesiva e nas paredes, aparecendo pontos verde-claro, aparentando ser a cor anterior. Acima da faixa destacada a parede está pintada de branco.

Na parede em que a porta está localizada possui duas fileiras de cobogóis (tipo de tijolo vazado, para construção de paredes, possibilitando a passagem de ventilação e iluminação), estes estão voltados para a passarela coberta de acesso a sala.

Ao entrar na sala, na parede do lado direito, possui um quadro branco, e acima deste, em duas filas, o alfabeto manual, de impressa e cursivo, maiúsculo e minúsculo, com uma figura ao centro de cada quadrado, em que as letras estão representando a primeira letra da figura. No lado direito do alfabeto encontra-se um ventilador, fixado na parede.

As cadeiras dos alunos estão organizadas em filas, parece que os alunos já possuem os seus lugares pré-estabelecidos. Estas filas estão voltadas para o quadro. Estou sentado na 1ª fila, 5ª cadeira, lugar indicado pela TIL, ela fica na mesma fila com o aluno, junto à parede da porta.

Na frente da sala (lugar do quadro) à minha esquerda, possui um birô com uma cadeira em que a professora organiza seu material.

A parede em frente à porta, a esquerda do observador, possui uma janela basculante, coberto com uma cortina improvisada. Na parede do fundo da sala possui um quadro verde de

alvenaria e no lado direito no encontro das duas paredes, dois armários, abaixo do quadro uma prateleira contendo livros didáticos.

O telhado é de telha de fibrocimento com ondulação de telha canal, aparecendo alguns buracos, que durante chuvas deve apresentar goteiras.

A iluminação é suficiente, apesar de uma das lâmpadas está queimada.

Ainda na frente da sala, próximo a porta encontra-se uma pequena mesa com um filtro de barro, com três copos de plástico de uso coletivo pelos alunos.

Atrás da porta está fixado um cartaz, com as famílias silábicas, em que as colunas são as vogais e as linhas são as consoantes e as famílias silábicas estão expostas.

Antes de servir o lanche para os alunos, uma das funcionárias da escola passa com um balde com água e os alunos lavam as mãos (molham as mãos) enfileirados e seguem para o pátio, pegam o seu prato e voltam para a sala de aula, isto antes do recreio.

A equipe gestora da escola é composta pela diretora, uma coordenadora pedagógica e secretária. Também a escola possui um auxiliar de secretaria por turno, perfazendo três. Cada turno possui um auxiliar de disciplina e dois serviços gerais. No total funcionam 10 salas na escola, quatro no turno da tarde, quatro pela manhã e duas à noite.

A escola oferece educação infantil (até 25 alunos por sala) e do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (até 35 alunos por sala) nos horários da manhã e tarde, já a noite é oferecido a EJA – Educação de Jovens e Adultos, sendo 1ª e 2ª fases (até 25 alunos por sala), que correspondem aos cinco primeiros anos do ensino fundamental, cada fase dura um ano.

O uso da infraestrutura da escola pela comunidade é comum, principalmente nos fins de semana (reuniões da comunidade, terços e estudo de catecismo, velório). Informações prestadas pela professora.

## 2.5. Escola V

Os alunos quando entram na escola tem acesso direto às salas.

A sala não possui porta, nem janela, nem ventilação. O ar da sala é abafado e com um cheiro de mofo. O acesso à sala é por um corredor, e no final dele, uma abertura na parede no formato de uma porta. A sala é com dimensões aproximadas de 4 (quatro) metros de largura por 10 (dez) de comprimento.

Ao entrar na sala, no lado esquerdo, frente da sala, fica um quadro branco, e em cima dele, um alfabeto com letras maiúsculas e minúsculas, tanto de imprensa, quanto cursiva. Abaixo do alfabeto o nome do projeto que a secretaria de educação adota. No lado direito do

quadro uma porta dentro da sala, que dá acesso a um depósito de material (informação dada pela TIL). No lado direito da entrada da sala um suporte (pequena mesa) com um filtro de barro e três copos, um birô e uma cadeira para a professora e o acesso ao fundo da sala.

Os alunos estão dispostos em duas fileiras, encostada nas paredes da sala e um corredor central que dá acesso ao fundo da sala, dividindo a sala em dois grupos. Cada fila possui duas cadeiras juntas.

A escola oferece somente os anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) com 461 alunos matriculados em dois turnos (manhã e tarde). Sendo matriculados até 35 alunos por sala.

As paredes da sala estão pintadas de duas cores, do chão até 1,20m de azul claro, em tinta a óleo, uma faixa de aproximadamente 10 cm na cor laranja, e branco na parte superior. A pintura bem envelhecida e com a aparência de mofo. O teto da sala é forrado de PVC, na cor branca e a iluminação é boa.

Nas paredes muitos cartazes, inclusive um com o alfabeto manual, com configurações de mãos que não são representam o alfabeto manual usado no Brasil.

## 2.6. Escola VI

A sala de aula em que a TIL atende é de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental com 24 alunos. Tomando como referência a porta da sala, a parede do lado direito fica o quadro branco, um birô e uma cadeira, em que a professora se localiza. Os alunos estão organizados em seis filas voltadas para o quadro. O aluno surdo fica sentado na última cadeira da sexta fila, partindo da porta, fila encostada na parede. Na parede em que está a porta possui duas janelas.

Nas paredes estão expostos cartazes. Na parede no final da sala encontra-se uma prateleira com alguns livros, nas paredes laterais junto ao birô um armário e entre as duas janelas outro armário.

A escola trabalha em três turnos: manhã (7:30 às 11:30 h), tarde (13 às 17h) e noite (19 às 22h). Sendo manhã e tarde com o ensino fundamental 1º ao 5º ano e educação infantil e à noite com a EJA – Educação de Jovens e Adultos. Nas três primeiros anos do ensino fundamental a quantidade de alunos por sala é de no máximo 25 e no quarto e quinto anos de até 35 alunos. À noite com duas turmas de EJA, 1ª e 2ª fases, cada turma com 25 alunos.



## 2.7. Escola VII

A sala de aula em que a TIL VII está locada é do nono ano (último) do Ensino Fundamental. A partir do sexto ano, cada disciplina há um professor, e a dinâmica da sala é diferente das demais observadas. Por dia estão previstas cinco aulas, normalmente acontece duas da mesma disciplina. A turma funciona no horário da tarde.

A escola oferece o educação infantil e os cinco primeiros anos do ensino fundamental no turno da manhã (7:30 às 11:30), no turno da tarde (13 às 17h) do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, de maneira geral as turmas são compostas com até 35 alunos. No turno da noite a escola é sedida para a comunidade para um projeto específico “Saberes da terra” em que é trabalhado, de forma mais contextualizada, a alfabetização daqueles que idade própria não o tiveram.

A escola está localizada no meio rural do município, em uma comunidade quilombola.

A pintura da sala é padrão do município, a base da parede de tinta a óleo na cor azul, uma faixa de cerca de 15 cm, na cor laranja, e acima até o teto na cor branca, no telhado, telhas canal sem forro.

## 3 - SUJEITOS DA PESQUISA

Este trabalho investiga acerca da identidade profissional do tradutor e intérprete de LIBRAS no âmbito educacional. Na realidade pesquisada, constam 8 (oito) sujeitos, para as entrevistas e 7 (sete) para as observações. Esta discrepância dos números dos sujeitos se dá pelo fato de um dos sujeitos não atuar na sala de aula como intérprete de fato, atuando apenas como apoio. Daí este sujeito ter respondido à entrevista, todavia na primeira observação foi excluído desta etapa da investigação.

Os sujeitos, oito sujeitos, foram indicados pela secretaria de educação, através do nome das escolas, em que havia alunos surdos matriculados em sua rede de ensino e tinha um profissional de apoio que realizava tradução/interpretação de português para LIBRAS e o inverso.

Devido ao montante de profissionais que atua como tradutor e intérprete de LIBRAS do município campos de pesquisa, coletaram-se dados com o universo destes profissionais, possibilitando uma análise o mais próximo possível da realidade, dentro do recorte estudado, o ensino fundamental.

A caracterização dos sujeitos da pesquisa é feita no capítulo VI.

#### **4 – TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS**

O pesquisador pode realizar a coleta de dados dos fenômenos humanos, variando o tipo da pesquisa, usar documento, observando o fenômeno ou questionar pessoas que o conhecem (LAVILLE e DIONNE, 1999).

A escolha dos instrumentos é uma fase significativa, pois através deles a investigação poderá fazer uma mediação da realidade empírica com o marco teórico (MINAYO, 2008). Dentre as opções de técnicas de coleta de dados, em uma abordagem qualitativa e articulados com os objetivos propostos elencou-se a observação e a entrevista com todos os sujeitos.

##### *4.1. Observação*

Laville e Dionne (1999, p. 176) destacam que “a observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas”. No contexto científico, a observação apresenta uma importância significativa, contudo deve respeitar alguns critérios como está ao serviço do objeto de pesquisa e submetido à avaliação e a validação (LAVILLE e DIONNE, 1999).

Uma das vantagens da observação é “de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação” (MINAYO, 2008, p. 100), outro fator que foi levado em consideração é o fato de ser reconhecido como uma etapa indispensável em qualquer pesquisa (SEVERINO, 2007; GIL, 2008).

Durante a observação foram realizadas anotações, registrando os elementos significativos com a finalidade de responder aos objetivos, denominado “Diário de campo” (MINAYO, 2008, p. 194).

Dentre as possibilidades de classificação de observação de acordo com Gil (2008, p. 101) tem-se: “observação simples; observação participante e observação sistemática” (GIL, 2008, p. 101). O mesmo autor considera como observação sistemática, quando o observador precisa descrever o fenômeno estudado, selecionando os elementos significativos, isto é, em relação aos objetivos propostos, devendo para isso ter em mãos um plano de observação (GIL, 2008).

Foi utilizada neste trabalho a “Observação estruturada” que considera a elaboração de um plano de observação, a fim de filtrar os dados que irão ser coletados (LAVILLE e DIONNE, 1999). Baseados nos mesmos autores, a observação estruturada demanda “uma análise minuciosa dos conceitos em jogo, pois se uma manifestação importante for esquecida ou não poder ser colhida, seria necessário, freqüentemente, retornar tudo” (p. 178). Diante do exposto o guião de observação (Apêndice 2), como a observação propriamente dita (Apêndices 15 ao 22) foi realizada após um levantamento exaustivo da temática proposta e a conclusão do marco teórico do trabalho.

No decorrer dos dias combinados para a realização das observações era levado com o pesquisador o “guião de observação” (Apêndice 2), um caderno e uma caneta. Sendo registradas as atividades desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa no espaço escolar, dentro e fora da sala de aula. Todavia registramos que um dos sujeitos (TIL Ia) só teve uma observação, pois o mesmo não realizava o trabalho de tradução/interpretação, uma vez que os alunos tinham outras especificidades além da surdez, levando o mesmo a atuar com perfil de apoio em detrimento do papel de tradutor e intérprete.

#### *4.2. Entrevista*

A outra técnica de recolha de dados utilizada nesta investigação foi a entrevista, pelo fato da observação não ser “uma técnica exclusiva: ela se presta, às vezes admiravelmente, a casamentos com outras técnicas e instrumentos. [...] os pesquisadores complementarão às vezes suas observações com entrevistas” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 182).

Severino (2007) define entrevista como:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitada aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma intenção entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (p. 124).

A entrevista, segundo Minayo (2008), pode ser classificada pela sua forma de organização em cinco tipos: sondagem de opinião (uso de questionário, com perguntas pré-elaboradas e opções de resposta disponibilizadas); entrevista semiestruturada (elaborada de forma híbrida com perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado fica livre para discorrer sobre o tema); entrevista aberta ou em profundidade (o entrevistado fala sobre o tema e quando é feita alguma pergunta tem como finalidade aprofundar as reflexões); entrevista

focalizada (tem o objetivo de responder a um questão em específico) e a entrevista projetiva (que usa imagem fixas e em movimento e textos, solicitando ao entrevistado relatar o que vê ou lê). Contudo nesta investigação utilizou-se entrevista semiestruturada, por apresentar maior liberdade ao sujeito e podendo ser redirecionada pelo investigador, caso haja necessidade.

A entrevista foi utilizada com os oito sujeitos, sendo negociado o horário e o local. Também foi informado ao entrevistado, no momento da negociação, de lugar e hora, questões relevantes, sigilo quanto à identificação e a necessidade de gravação em áudio da entrevista.

Assim como na observação, o roteiro dos temas e perguntas, elencados no guião de entrevista, foi construído quando o marco teórico deste trabalho foi fechado. Sendo possível ao pesquisador coletar os discursos dos sujeitos relaciona com os objetivos propostos. Segue o quadro abaixo contendo as categorias da entrevista aplicada aos sujeitos da pesquisa.

QUADRO 1: DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DA ENTREVISTA APLICADA AOS SUJEITOS DA PESQUISA

<b>Descrição das categorias da entrevista aplicada aos sujeitos da pesquisa</b>	
<b>Q1</b>	Identificação do entrevistado (idade, gênero, tempo de atuação, série que atua)
<b>Q2</b>	Conhecimentos acerca da LIBRAS
<b>Q3</b>	Formação
<b>Q4</b>	Atribuições na escola
<b>Q5</b>	Competências relacionadas ao cargo
<b>Q6</b>	Questões identitárias

## 5 – TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados serve para “organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação” (GIL, 2008, p. 156) e a interpretação possibilita encontrar os sentidos dos dados coletados, utilizando aos conhecimentos obtidos na teoria (GIL, 2008).

Este trabalho empregou a modalidade de Análise do Discurso<sup>8</sup>, que se utiliza a “fala e seu contexto” (MINAYO, 2008, p. 301), pela proposta de coleta de dados e tipo de instrumentos selecionados, bem como um cruzamento de dados obtidos nas entrevistas e observações. A Análise de Discurso (AD) na linha francesa (ORLANDI, 1999) permite trabalhar com os sentidos e as significações dos discursos dos sujeitos, tanto das entrevistas como das observações, uma vez que estas – as observações - representam o cotidiano dos sujeitos envolvidos, e este cotidiano como diz De Certeau (1998) e Bourdieu (2002) se expressa pela linguagem, pelo discurso.

---

<sup>8</sup>Seu criador nas Ciências Sociais é o filósofo francês Michel Pêcheux, que fundou, na década de 1960, a Escola Francesa de Análise do Discurso com o propósito de substituir a Análise de Conteúdo tradicional (MINAYO, 2008, p. 318).

O procedimento da “interpretação” (ORLANDI, 1996) da produção de discurso tanto das observações como das entrevistas, foi realizado através de várias etapas: selecionamos o corpus do discurso, composto pelas várias unidades do texto discursivo, como diz Orlandi (1996, p. 14): “o texto é um bólido de sentidos”. Os textos que compõem o discurso resultam dos vários fragmentos das entrevistas e observações. Após selecionar o *corpus* a ser trabalhado que teve como parâmetro de escolha os objetivos da investigação, passou-se à interpretação dos sentidos e significados das falas dos sujeitos.

Procedeu-se à primeira etapa procurando entender as *formas de produção* do discurso. Esta é uma etapa importantíssima uma vez que as formas de produção interferem na produção do discurso. Coteja-se o discurso e seu entorno, uma vez que o contexto em que o discurso é proferido propicia certas *marcas* que diferenciam o tipo de discurso, seus sentidos e significações. Os discursos dos sujeitos estão relacionados com as (res)significações que os mesmos fazem dos discursos que estão no âmbito daquele contexto social.

Em seguida trabalhou-se a relação entre este discurso e outros discursos, o interdiscurso, que Foucault (2008) chama da memória discursiva. Há um processo de *esquecimento* deste discurso anterior – o interdiscurso- e um novo discurso emerge com novas roupagens e novos sentidos. Para Orlandi (1999, p. 18) o interdiscurso é formado por “aquilo que fala antes, em outro lugar”.

A etapa seguinte foi analisar o que foi dito, o que estava claro no discurso. Passou-se então a procurar ver o *silenciado* (ORLANDI, 1999), aquilo que traz sentido, todavia não aparece como o dito.

Após esta primeira etapa separaram-se os textos para a construção de Formações Discursivas (FDs). As Formações discursivas representam os agrupamentos dos excertos dos textos constituindo-se de um espaço privilegiado onde os sentidos semelhantes compõem a FD. Estas são denominadas a partir das categorias eleitas na entrevista, as quais são originadas dos objetivos da investigação. As formações discursivas são apontadas por Foucault (2008, p.43) como:

Sempre que se puder descrever entre certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão [...] e se puder definir uma regularidade, uma ordem, correlação, posições, funcionamentos, transformações, dizemos por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Na mesma ótica, Maingueneau (2001) observa a relevância que as formações discursivas têm, uma vez que propiciam distintas interpretações pela complexidade que os textos trazem e se integram em novas formações discursivas, produzindo novas relações

ideológicas. As Formações Discursivas evidenciam que as palavras não são transparentes, constroem vários sentidos e estes sentidos são oriundos das formas de produção do discurso dos sujeitos.

Nesta investigação a Análise do Discurso foi conseguida através das entrevistas e observações, fornecidas pelos tradutores e intérpretes, sujeitos desta investigação, no sentido de se compreender os sentidos das falas e das ações que constituem a identidade do profissional em questão.

## **CAPÍTULO VI: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS**

## **CAPÍTULO VI: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

Em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos (ORLANDI, 1999, p. 26).

### **1 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS ALCANÇADOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS**

As Formações Discursivas representam unidades de sentidos, nas quais os textos transitam de Formação Discursiva para Formação Discursiva. Neste sentido destaca-se aqui o que Orlandi (1997) afirma: “o texto não se esgota em um espaço fechado, o sujeito e o sentido também são caracterizados pela incompletude” (p. 79). Esta incompletude permite este transitar do texto de formações para formações a partir dos sentidos construídos.

Assim, as Formações Discursivas (FD) eleitas neste trabalho percebem os discursos de oito entrevistas com profissionais que trabalham com a tradução e interpretação de LIBRAS para língua portuguesa e o inverso, todavia nas observações foram utilizados os dados de sete sujeitos. Esta produção de discurso foi congregada em 09 (nove) Formações Discursivas (FD): “Identificação pessoal e profissional das tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, “Percurso de formação das tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, “Formação do tradutor e intérprete de LIBRAS”, “Funções que desempenham as tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, “Dificuldades no exercício da função”, “Competências necessárias para exercer a função”, “Quem sou eu? Traços da minha identidade profissional”, “Conflito de identidade entre a instituição e o tradutor e intérprete de LIBRAS” e “Conflitos de identidade entre o professor e o tradutor e intérprete de LIBRAS”.

Os sujeitos da pesquisa são representados pela sigla TIL que significa “Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais” – LIBRAS; ao lado dessa sigla foi colocado um numeral do sistema de numeração romano, de I (um) a VII (sete), referindo-se as escolas locus da pesquisa. Além da identificação com um algarismo do sistema de numeração romana, os sujeitos com a sigla TIL I foram acrescidos às letras “a” ou “b”, referindo-se a dois sujeitos distintos, contudo da mesma escola. Perfazendo desta forma 7 (sete) escolas e 8 (oito) sujeitos da pesquisa. A ordem de numeração é aleatória para garantir o anonimato das entrevistadas. Toda a informação encontra-se compilada nos Apêndices 7-14 e sua categorização no Apêndice 15.



### 1.1. Identificação pessoal e profissional das tradutoras e intérpretes de LIBRAS

A partir da entrevista realizada com as 8 (oito) tradutoras e intérpretes de LIBRAS do Ensino Fundamental, que participaram desta investigação, foi possível delinear um perfil conciso, reunindo questões sobre idade, gênero, tempo de formação, tempo de atuação, curso de graduação, série que atua, colaborando para análise de quem são os sujeitos da presente pesquisa, conforme o quadro 2.

QUADRO 2: IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DAS TRADUTORAS E INTÉRPRETES DE LIBRAS

SUJEITOS DA PESQUISA	IDADE	GÊNERO	TEMPO DE FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	CURSO DE GRADUAÇÃO	SÉRIE/ANO QUE ATUA
TIL Ia	26 anos	F	4 anos	3 anos	Pedagogia	3º ano
TIL Ib	25 anos	F	4 anos	2 anos	Pedagogia	2ª fase da EJA
TIL II	20 anos	F	1º semestre	2 anos	Pedagogia	5º ano
TIL III	25 anos	F	4 anos	2 anos	Pedagogia	2º ano
TIL IV	41 anos	F	7 anos	2 anos	Pedagogia	2º ano
TIL V	28 anos	F	1º semestre	3 anos	Pedagogia	3º ano
TIL VI	21 anos	F	Concluiu o ensino médio	1 ano	-----	2º ano
TIL VII	22anos	F	2 anos cursados	4 anos	Licenciatura em História	9º ano

Ao observar o quadro 2, dentre as questões representadas, discute-se inicialmente o tempo de atuação. Percebe-se que a maioria dos sujeitos, seis dos oito, está literalmente na fase “A entrada na carreira” que de acordo com Huberman (1992) esta etapa profissional fica entre os 2-3 primeiros anos. Todavia os TILs VI e VII estão com um ano de diferença do intervalo de tempo apresentado, sendo com 1 (um) e 4 (quatro) anos de atuação respectivamente. Dessa forma, pode-se considerar baseado no mesmo autor, que todos são “principiantes” na profissão. Huberman (1992) descreve que nesta fase inicial percebem-se dois aspectos: o da sobrevivência e o da descoberta. O primeiro trata sobre o choque do real, refletindo as dificuldades apresentadas no exercício da função, o confronto com a nova situação de trabalho, seus afazeres, de maneira geral os entraves nas relações humanas, falta de recursos, entre outros. No segundo aspecto, o entusiasmo inicial, a satisfação de fazer parte de um grupo, da esperança, do novo, a realização de ter um ambiente onde se pode elaborar um planejamento, direcionar outros para o conhecimento, poder fazer a mediação dos conteúdos, ou seja, colocar em prática a sua formação. Parece contraditório, mas os dois

aspectos podem decorrer de forma simultânea, e/ou uma delas em particular, podendo gerar questionamentos. Huberman (1992, p. 39) discute:

Com muita frequência, a literatura empírica indica que os dois aspectos, o da sobrevivência e o da descoberta, são vividos em paralelo e é o segundo aspecto que permite aguentar o primeiro. Mas verifica-se, igualmente, a existência de perfis com uma só destas componentes (...).

À discussão sobre as questões de um profissional no início da carreira, pode ser analisado por outros fatores que influenciam a construção de um perfil mais afunilado dos sujeitos, para tanto se levanta nesta ocasião a questão do gênero.

No nosso caso específico todos os sujeitos são mulheres, fato observado na educação básica também, que é a presença majoritária de mulheres, principalmente a partir das duas últimas décadas do século XX. Este fato provoca o surgimento da temática de gênero, bem como este processo de feminilização do magistério e as transformações pelas quais passou a profissão docente, como objeto de pesquisa (ALMEIDA, 1998). Diante do exposto tem-se:

O discurso educacional brasileiro foi unânime em afirmar a melhor disposição das mulheres para exercer o magistério e isso foi bastante veiculado pela ideologia no período e através da imprensa periódica educacional e feminina. (...) é certo que a ocupação do magistério pelo sexo feminino deveu-se também às lutas que as mulheres tiveram de enfrentar para conseguir introduzir-se no campo do trabalho remunerado e, em outras palavras, alcançar a liberdade, a autonomia e uma certa independência financeira (ALMEIDA, 1998, p. 69-70).

Este trabalho não se focaliza nos elementos que influenciaram o fato destacado, contudo informa-se a repetição desta especificidade entre os sujeitos da pesquisa, que tem sua função intrinsecamente relacionada com a docência.

No item formação acadêmica dos sujeitos, 4 (quatro) entrevistadas concluíram o curso de pedagogia e 2 (duas) estavam cursando o primeiro período deste mesmo curso no momento da coleta de dados. Exclusivamente a TIL VI tem apenas o ensino médio e a TIL VII está cursando licenciatura em história.

A preferência dos sujeitos desta pesquisa pela Licenciatura de pedagogia pressupõe-se ser pelo fato da cidade de Garanhuns não oferecer uma licenciatura específica para formação de tradutor e intérprete de LIBRAS, nem uma formação em nível técnico. A partir do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, em seu artigo terceiro, parágrafo primeiro indica a necessidade de adicionar a disciplina de LIBRAS em todas as licenciaturas. Todavia, em relação à licenciatura em pedagogia, enfatiza sua importância ao nominá-lo como curso de formação de professores. O discurso do decreto é bem claro:

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

Os sujeitos da pesquisa e/ou o contratante parece valorizar a formação em uma licenciatura, contudo destaca-se que tão somente a metade deles concluiu o curso superior (TIL Ia, Ib, III e IV), perfazendo uma formação básica de 4 (quatro) anos, sendo que, dos quatro a TIL IV tem 7 (sete) anos de formação. Além da graduação possui curso de especialização e está com uma faixa etária diferenciada das demais, entrando na quarta década de vida, e os demais variando a idade de 20-28 anos. Já os outros quatro sujeitos, dois estavam no primeiro período (TIL II e V) e a TIL VII em meados do curso (Licenciatura em História), com dois anos cursados, e apenas a TIL VI concluiu somente o ensino médio.

Em relação à turma em que os sujeitos da pesquisa atuam, varia do 2º (segundo) ao 9º (nono) ano Ensino Fundamental. Sendo que a maioria exerce suas atribuições na primeira parte do Ensino Fundamental, isto é, Fundamental I, que corresponde aos cinco primeiros anos, com exceção da TIL VII que atua no 9º ano, último ano do Ensino Fundamental. Outra ressalva que cabe salientar é que a TIL Ib atua na 2ª fase da EJA – Educação de Jovens e Adultos, previsto na LDB, na “Seção V Da Educação de Jovens e Adultos”, que possui os artigos 37 e 38, que justifica o programa por ter a finalidade de contemplar aqueles que não tiveram acesso à educação básica na idade própria, entretanto apesar de ser um programa específico para corrigir o desnível idade/série, a sala citada corresponde aos três primeiros anos do Ensino Fundamental.

### *1.2. Percursos de formação das tradutoras e intérpretes de LIBRAS*

A FD – “Percursos de formação das Tradutoras e Intérpretes de LIBRAS” aborda os traços individuais de formação e que ora se encontram em algumas intersecções, ora se divergem nas experiências pessoais. Esta FD tem como objetivo identificar os elementos que contribuíram na formação dos sujeitos da pesquisa, enquanto tradutores e intérpretes de LIBRAS, percebendo as semelhanças nesta caminhada.

Dentre os elementos que influenciaram a escolha profissional na função de Tradutor e intérprete de LIBRAS dos sujeitos pesquisados, aponta-se através do *corpus* referente a esta FD os três seguintes: laços de amizade (com surdo usuário da LIBRAS ou profissionais que já trabalhavam na área); vínculo religioso e a necessidade por se deparar com a demanda (um

aluno surdo na sala). Estes elementos provocam uma procura/necessidade por conhecimento específico que dependendo dos sujeitos surgem caminhos, que chamamos de percursos de formação. Desta forma, traz-se a fala de Zampieri Grohmann et al. (2012) que imbrica com os ED desta FD quando afirma:

A escolha da carreira profissional sofre influência de fatores externos, como família, sociedade, cultura, mas também depende de características próprias do indivíduo. Com foco na relação entre escolhas de carreira e características do indivíduo, uma das linhas de pesquisa que assume destaque é a do comprometimento (p. 195).

Neste contexto, introduz-se o primeiro elemento, laços de amizade, podendo ser com um surdo usuário da LIBRAS ou com profissionais que trabalham na área. No primeiro caso encontra-se quatro sujeitos (TIL Ia, TIL Ib, TIL II e TIL III) que motivados pelo contato de um nativo da LIBRAS, um sujeito surdo, ora na graduação, ora no vínculo social, interessaram-se nesta possibilidade laboral, como percebe-se os trechos:

TIL Ia: (...) eu tive o privilegio de estudar com um surdo (...), então a gente dava o suporte para ele, mesmo sem saber direito como fazer,

TIL Ib: durante quatro anos eu tive formação com contato mesmo com um surdo. E depois com a vinda do intérprete que veio para sala,

TIL II: A princípio, eu sempre gostei, desde pequena. (...). Então por ter amigos surdos não podia me comunicar, não sabia. Então eu me interessei fazendo cursos;

TIL III: A minha trajetória (...) começou conhecendo uma pessoa surda.

Já no segundo caso, através dos laços de amizade com profissionais que trabalham na área, o sujeito TIL VI descreve como foi seu interesse em ingressar na profissão, como se percebe a seguir: “(...) eu conheço muitas pessoas que aprenderam a linguagem e começaram a trabalhar com ela. Então o relato de experiência, despertou o meu interesse em trabalhar também com esta área, conhecer plenamente”.

Diante do exposto, a necessidade comunicacional existente foi fator de promoção para o ingresso na função. Para tanto, quatro das TILs entrevistadas complementaram a formação através da participação em cursos e eventos, tanto na área da inclusão de maneira geral, como em cursos de LIBRAS. Como pode ser confirmado por meio dos recortes da ED a seguir:

TIL Ia: 30 horas em um e 20 horas no outro, todos os dois na universidade, como curso de extensão. Depois disto participei de congressos, seminários, (...),

TIL II: Só os cursos que eu comecei com o instrutor, de seis meses, de 100 horas cada, foi o básico e depois o intermediário.

TIL III: eu passei para o curso básico e depois o intermediário e então fui procurando..., sempre que aparecia alguma coisa na área.  
TIL VI: Surgiu a oportunidade de fazer o curso(...).

Apesar do contato com o colega surdo e com o tradutor e intérprete ser enriquecedor, a TIL Ib desabafa quando afirma que “O que eu sei foi pelo contato que eu tive com o intérprete e com o aluno e com a própria língua, mas de formação mesmo não...”. A inquietação demonstrada pela TIL Ib, tem respaldo legal no parecer CNE/CP de 28/2001, quando afirma que:

O diploma de licenciado pelo ensino superior é o documento oficial que atesta a concessão de uma licença. No caso em questão, trata-se de um título acadêmico obtido em curso superior que faculta ao seu portador o exercício do magistério na educação básica dos sistemas de ensino, respeitadas as formas de ingresso, o regime jurídico do serviço público ou a Consolidação das Leis do Trabalho (p. 2).

Ainda na atribuição específica do profissional que exerce o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental e da educação infantil contida na Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em especial no artigo 62 destaca:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Destarte, evidencia-se que a TIL Ib tem razões ao afirmar que não teve formação específica para atuar como TIL, pois a mesma é formada na docência pelo curso de Pedagogia, que constrói outras competências para o egresso do curso, estando ligado mais ao ensino e não a tradução/interpretação, demanda principal na função exercida por ela.

O segundo elemento encontrado que influenciou a escolha profissional foi o vínculo religioso, em específico nas TILs V e VII, como pode se perceber nos recortes, bem como apresenta-se como ocorreu a formação das mesmas: TIL V “Como eu sou Testemunha de Jeová, a gente sempre tem cursos. E em um desses cursos, a gente aprendeu o básico, (...)” e quanto a formação para atuar a TIL V afirma que “(...) para atuar em sala de aula, antes eu fiz um curso em Maceió, no caso o curso de intérprete” e a TIL VII também foi influenciada por fator religioso como se registra no recorte “Eu aprendi, visto que sou Testemunha de Jeová,(...)”, já quanto a formação foi realizada através de cursos de LIBRAS, como se percebe no trecho “(...) eu tive oportunidade de trabalhar na escola, fiz outros cursos pela

Universidade Federal Rural na UAG, com instrutor surdo”. Vale salientar que nas entrevistas a única TIL que registrou ter feito curso de formação específica foi a TIL V.

O terceiro e último elemento encontrado nos ED que levaram à escolha do campo de trabalho trata-se da necessidade em se deparar com a demanda específica, um aluno surdo na sala, enquanto profissional de apoio, conforme afirma TIL IV “eu fui chamada pela prefeitura, no ano de 2009, para trabalhar como apoio. (...) em uma dessas salas tinha um aluno surdo. (...) Foi ali que eu percebi a necessidade de começar a aprender, (...)”. Quanto à sua formação o mesmo sujeito descreve que sua formação foi através de cursos como se percebe nos recortes: “Eu comecei com o curso de LIBRAS, primeiro em casa e depois na universidade, (...)” e de forma autônoma “Para não ficar parada na questão das pessoas, estudava o dicionário de LIBRAS, tirava algumas cópias de apostilas”.

Diante do exposto, nesta FD e das possibilidades de reflexão, faz-se necessário trazer a tona dois fragmentos de fala da TIL VI, que se refere a LIBRAS como sendo uma linguagem: “(...) eu conheço muitas pessoas que aprenderam a linguagem (...)” e “(...) tendo em vista que é uma linguagem um pouquinho difícil (...)”. Parece estranho uma profissional da área citar a LIBRAS como sendo uma linguagem, para exemplificar, pode-se imaginar um professor de inglês falando: “eu ensino linguagem inglesa”, ou um professor de português se referindo a linguagem portuguesa. Da mesma forma com a língua brasileira de sinais – LIBRAS - se for identificada como uma linguagem, transparecendo um desconhecimento do termo pela TIL VI. Quadros (2004, p. 7-8) esclarece esta questão quando define língua e linguagem afirmando:

Língua - É um sistema de signos compartilhado por uma comunidade lingüística comum. A fala ou os sinais são expressões de diferentes línguas. A língua é um fato social, ou seja, um sistema coletivo de uma determinada comunidade lingüística. A língua é a expressão lingüística que é tecida em meio a trocas sociais, culturais e políticas. As línguas naturais apresentam propriedades específicas da espécie humana: são recursivas (a partir de um número reduzido de regras, produz-se um número infinito de frases possíveis), são criativas (ou seja, independentes de estímulo), dispõem de uma multiplicidade de funções (função argumentativa, função poética, função conotativa, função informativa, função persuasiva, função emotiva, etc.) e apresentam dupla articulação (as unidades são decomponíveis e apresentam forma e significado).

Linguagem - É utilizada num sentido mais abstrato do que língua, ou seja, refere-se ao conhecimento interno dos falantes-ouvintes de uma língua. Também pode ser entendida num sentido mais amplo, ou seja, incluindo qualquer tipo de manifestação de intenção comunicativa, como por exemplo, a linguagem animal e todas as formas que o próprio ser humano utiliza para comunicar e expressar idéias e sentimentos além da expressão lingüística (expressões corporais, mímica, gestos, etc).

Antes da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece oficialmente o *status* linguístico da LIBRAS como língua era aceitável o uso do termo “linguagem” por pessoas que não eram da área. Contudo uma profissional da área não era vista com bom tom, pois a discussão já estava circulando pela comunidade surda. Principalmente depois das pesquisas de William C. Stokoe e a publicação em 1965, sendo um marco para o reconhecimento linguístico das línguas de sinais.

No Brasil as pesquisas na língua brasileira de sinais tornaram-se evidentes com o trabalho de Ferreira-Brito, 1986 (QUADROS, 2011). Não podemos desconsiderar que para ser um profissional da área da tradução ou do ensino da LIBRAS, se conheça apenas a língua na prática sem o conhecimento histórico/linguístico, afim de evitar uma confusão no uso de conceitos básicos da profissão como por exemplo: língua e linguagem.

### *1.3. Formação do tradutor e intérprete de LIBRAS*

No que concerne à formação do sujeito, a FD – “Formação do tradutor e intérprete de LIBRAS” articula os Excertos de Depoimentos – ED das entrevistas realizadas com o objetivo de levantar as possibilidades para uma preparação adequada para sua função, apontando cursos e níveis, sob o olhar dos mesmos.

No que se alude à formação do tradutor e intérprete de LIBRAS o capítulo V, que contempla os artigos 17 ao 21, do Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, afirma que a atuação na referida função deve acontecer “por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa” (Art. 17). Contudo devido à emergência de contratação destes profissionais, o mesmo documento, estipula um prazo de dez anos e estabelece algumas concessões, enquanto são formados os profissionais da área. A primeira trata-se da formação em nível médio com “I - cursos de educação profissional; II - cursos de extensão universitária; e III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação” (Inciso I, II e III, do Art. 18). A segunda refere-se ao certificado de aprovação no exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, promovido pelo Ministério da Educação, em nível médio ou superior (Art. 19 e 20).

Voltando o olhar para os sujeitos da pesquisa, nenhuma delas possui ainda a formação específica, nem mesmo estão contempladas nas concessões do decreto supracitado. Apesar disto, nos discursos coletados nas entrevistas, as tradutoras e intérpretes expõem a

necessidade de uma formação para atuação na sua função, apontando três maneiras, que são: nível médio, curso superior e através de formação continuada. Alguns dos sujeitos indicam mais de um tipo de formação, como pode ser visto nos recortes a seguir, caso por caso.

Em relação à formação em nível médio, os sujeitos da pesquisa indicaram dois tipos: curso técnico e cursos livres. No primeiro caso, três tradutoras e intérpretes abordaram esta opção, segue os fragmentos do discurso a fim de elucidar:

TIL Ia: Um curso técnico, uma formação em uma faculdade, como o Letras/LIBRAS [graduação em Letras com habilitação em LIBRAS];  
TIL Ib: Formação em si, eu acho que um curso técnico seria suficiente;  
TIL VII: Eu já ouvi falar em cursos técnicos que tem duração mais ampla, é bom.

Quanto ao segundo caso da formação em nível médio, isto é, os cursos livres, também três sujeitos recomendaram esta formação para a função em questão, com percebe-se nos recortes do ED:

TIL V: a duração certa para a gente fazer o curso, para se formar mesmo, como intérprete é de um ano, um ano e pouco, dois anos, por aí;  
TIL VI: O ideal seria de um ano a dois, porque os cursos geralmente são de uma ou duas vezes por semana;  
TIL VII: Eu acho que teria duração de um ano e meio ou dois anos de curso.

No que se refere a formação em nível superior em Letras com habilitação em LIBRAS, três sujeitos (TIL Ia, TIL II e TIL IV) apontaram como sendo a formação ideal, e o sujeito TIL II aponta além do curso citado o curso de Pedagogia, como se pode constatar nos fragmentos do discurso que seguem:

TIL Ia: Um curso técnico, uma formação em uma faculdade, como o Letras/LIBRAS [graduação em Letras com habilitação em LIBRAS];  
TIL II: Abriu o curso de Letras/LIBRAS, (...). O que eu sei desse curso é que é da área, (...), tem cadeiras [disciplinas] que falam sobre LIBRAS, todo momento tem sinais [e o mesmo sujeito também fala do curso de Pedagogia, como se vê:] precisa fazer pedagogia, curso de formação, doutorado, pós, tem que está a par [informado], com o avanço que o mundo está oferecendo;  
TIL IV: Estou fazendo especialização em LIBRAS, contudo eu vislumbro o curso de Letras/LIBRAS [graduação].

Além das formações citadas, em nível médio e superior, três (TIL Ib, TIL III e TIL VII) das tradutoras e intérpretes de LIBRAS entrevistadas indicaram a formação continuada como formação para a função, com exceção da TIL III que aponta apenas esta opção como formação, segue os trechos dos ED:



TIL Ib: e também uma formação continuada para o intérprete, também em relação a isto, porque a maioria dos intérpretes do município são pedagogos;  
TIL III: A formação teria que ser contínua;  
TIL VII: neste caso a prefeitura, deveria ter mais um cuidado, uma preocupação em ter outros meios, como uma capacitação com informações.

Como foi visto, reforçamos a fala da TIL Ib “(...) e também uma formação continuada para o intérprete, também em relação a isto, porque a maioria dos intérpretes do município são pedagogos”, pois os sujeitos que estão em atuação e não tiveram a oportunidade de uma formação específica, precisam ter o conhecimento mínimo para atender da melhor forma os alunos surdos que já estão em sala de aula, afim de minimizar as lacunas. Dessa forma, o contratante deveria fornecer capacitação continuada e com temática específica para os seus funcionários. Contudo, deve-se considerar que estas fragilidades no processo de contratação deveria ser uma questão provisória, a formação continuada não descarta a necessidade de uma formação básica. Diante do exposto, pode-se entender que:

A formação continuada assume então, a responsabilidade de “ensinar” o que não se “aprende” nos cursos de formação inicial, porém deveria ter como propósito o estudo e aprofundamento dos conhecimentos (teóricos e práticos) que vão se construindo ao longo do percurso profissional de forma contínua (ABREU, 2006, p. 9).

O objetivo da formação continuada seria contribuir para complementar a formação, ou reparar a ausência da formação específica que deveria ser obrigatória para o ingresso na função, como também discutir as especificidades do trabalho, detectados durante a atuação. Reafirmando o que fora dito, Candau (apud ABREU, 2006, p. 34) destaca sobre formação continuada como sendo um espaço para os “processos coletivos de reflexão e intervenção na prática pedagógica concreta. Parte-se das reais necessidades dos professores, dos problemas do seu dia-a-dia, favorecendo aos processos de pesquisa-ação”.

Esta capacitação continuada poderia ferramentar os sujeitos com competências, afim de que os mesmos realizem o exame de proficiência em LIBRAS, que reconhece o tradutor e intérprete de LIBRAS, que já atua na área e não teve a oportunidade de fazer uma formação básica específica.

#### *1.4. Funções que desempenham as tradutoras e intérpretes de LIBRAS*

Os depoimentos referentes às funções assumidas pelos sujeitos da pesquisa foram agrupados na FD – “Funções que desempenham as tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, com

o objetivo de discutir as funções/atribuições exercidas pelos sujeitos da pesquisa no cargo em que atuam.

Ao analisar os trechos de depoimentos percebeu-se que os sujeitos da pesquisa apontaram três funções desempenhadas por eles, que são: mediar a comunicação, ensinar os conteúdos e o ensino da LIBRAS.

Primeiro elemento indicado como atribuição assumida pelas tradutoras e intérpretes de LIBRAS pesquisadas é “mediar a comunicação”, em que todos os sujeitos o apontaram, a observar nos recortes:

TIL Ia: Eu dava suporte, e ia lá para frente, tudo que a professora falava eu passava para a língua deles;

TIL Ib: Na sala de aula eu vejo assim que, não posso me limitar a interpretar, traduzir a língua, (...). É um trabalho de conversar, socializar ela em relação a turma. (...) de transmitir as informações dos colegas para ela;

TIL II: Auxiliar a professora a passar da melhor forma para a aluna surda;

TIL III: Então a gente atua com ela, como intérprete;

TIL IV: Minha atribuição enquanto intérprete seria o quê? Mediar essa comunicação entre o professor e o aluno surdo;

TIL V: Eu fui alfabetizar o surdo e também interpretar, as duas funções;

TIL VI: a minha função é basicamente passar para o menino que eu atendo o que está se passando na sala;

TIL VII: Interpretar tudo o que o professor diz. (...), tudo o que o professor faz, as atividades que ele faz, eu repasso para as alunas em Língua de Sinais, na Língua delas.

Diante do exposto nas falas dos sujeitos da pesquisa, a função de mediar a comunicação é em síntese a atividade basal, estando inclusive em consonância com o DECRETO Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, quando delibera sobre a questão em discussão, no artigo 21, como segue:

Art. 21º A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o caput atuará:

I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II – nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino (DECRETO Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005).

Não apenas o decreto acima, como instrumento legal, trata das atribuições do exercício do tradutor e intérprete de LIBRAS, destaca-se também a Lei Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira

de Sinais – LIBRAS, para este momento do discurso traz-se o artigo que esclarece/enfatiza-se o que o Decreto 5.626, já citava:

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;

III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;

IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e

V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (LEI Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010).

Apesar da lei e decretos supracitados, que deixam claras as funções do tradutor e intérprete de LIBRAS, os sujeitos da pesquisa apontam nas entrevistas que ultrapassam o trabalho para o qual foram designadas, quando afirmam que devem assumir a docência no ensino de conteúdo específico e o ensino da LIBRAS, com exceção das TIL VI e VII que em suas falas apontam como atribuição a mediação da comunicação.

No segundo elemento “ensinar os conteúdos” seis dos oito sujeitos entrevistados assinalaram nos seus discursos, como sendo uma das atribuições assumidas, como pode-se constatar nos recortes dos ED:

TIL Ia: você ficar perto, passar atividades para eles e você está com um conteúdo que você traz de casa, eu faço de acordo com a minha formação [Pedagogia], trago socialização com os colegas;

TIL Ib: Eu procuro passar para ela, de ensinar também, às vezes, matemática (...), português (...). No ensino mesmo, eu trago material dourado, (...) trago uns joguinhos, jogos de memória, tem palavrinhas cruzadas, eu trabalho com ela estas questões;

TIL II: nós estamos trabalhando aqui, mais o português, paralelo ao trabalho da professora;

TIL III: Tem momento que a gente tira ela da sala regular, por 30 minutos, para poder trabalhar com ela a questão da escrita e da leitura;

TIL IV: eu fico perto, estou ali vendo se ele entendeu, eu repasso o para casa, quando ele chega ao outro dia eu quero vê este para casa;

TIL V: Eu fui alfabetizar o surdo e também interpretar, as duas funções.

Um dos fatores que leva o tradutor intérprete de LIBRAS a confundir seu papel em sala de aula e inclusive exercer a função docente, é o fato de também está em sala de aula e em contato direto com o aluno, contudo vale lembrar, que sua função, como dos demais atores

do espaço escolar não tem sua função estreitamente ligada a aprendizagem, apesar de ser uma função pedagógica, ligadas ao processo educativo, contudo é imprescindível pontuar os limites das atribuições de cada ente na escola, e em cada espaço específico. A gestão é responsável da área burocrática/pedagógica mais ampla da escola, o auxiliar de serviços gerais com a manutenção e limpeza do espaço, a cozinheira é responsável pela merenda, pelos utensílios e os alimentos etc. Todos são importantes e influenciam na aprendizagem do aluno. Contudo o ensino, função docente, destaca-se como atividade de responsabilidade prioritária do professor.

Finalmente, no terceiro elemento “o ensino da LIBRAS” que foi apontado pelos sujeitos TIL Ib e TIL IV respectivamente segue os trechos: “Ela precisa ser ensinada em relação aos sinais mesmo, porque não tem instrutor” e “que ele veio com a linguagem de casa, mímica, ele não conhecia [a LIBRAS]. Quantas vezes eu sai da sala com ele para rodar pela escola, para mostrar isto é isto”.

A aprendizagem de uma língua é influenciada pelo input linguístico em que o sujeito está exposto, por isso quanto maior for o acesso, mais possibilidade tem de se tornar fluente na mesma. No caso de crianças surdas filhas de pessoas ouvintes (não-surdas) que não sabem a língua de sinais do país, estas criança por motivos biológicos – ausência da audição – têm dificuldade na aquisição da língua oral naturalmente, pela falta de contato com esta modalidade. Diante desta mesma questão Viotti argumenta:

À medida que cada criança vai sendo exposta a um ambiente linguístico particular, esse estado inicial da faculdade da linguagem vai se modificando. Se a criança é ouvinte, e nasce e cresce em um ambiente em que se fala português, a interação da informação genética que ela traz (no estado inicial da faculdade da linguagem), com os dados linguísticos do português a que ela é exposta, vai resultar na aquisição da língua portuguesa, e não de uma outra língua. Se, por outro lado, a criança for surda, filha de pais surdos sinalizados, ela vai ser exposta a um ambiente linguístico em que é a língua de sinais brasileira que vigora. A interação da informação genética de sua faculdade da linguagem com os dados da língua de sinais brasileira vai fazer com que a criança desenvolva o conhecimento dessa língua, não de outra (VIOTTI, 2008, p. 34).

Voltando ao dilema de uma criança surda filha de pais ouvintes, pode-se ainda argumentar que esta muitas vezes: chega à escola sem uma língua estruturada; apresenta resíduos de compreensão da língua oral, com uma leitura labial fragmentada e se utiliza de “gestos”, sinais caseiros inventados naturalmente no âmbito familiar para mediar à comunicação. Além de não conviver com a comunidade surda (lugar que circula da língua de sinais). Neste âmbito, o instrutor de LIBRAS no contexto escolar é pensado para facilitar a

aprendizagem/aquisição da LIBRAS pelos alunos surdos, tornando-se uma referência de um falante nativo da língua. A presença deste profissional surgiu recente nas discussões acerca da inclusão escolar do aluno surdo (LACERDA; SANTOS, 2013).

### *1.5. Dificuldades no exercício da função*

O objetivo deste ponto é exibir as dificuldades encontradas no exercício da função do ponto de vista dos sujeitos pesquisados, pontuando os principais fatores diagnosticados. Os discursos das tradutoras e intérpretes de LIBRAS vinculados as “Dificuldades no exercício da função” foram agrupados e expostos. Nesta análise, começa-se aventando a discussão com os elementos que aparecem nas falas dos sujeitos: as questões do enfrentamento com o outro e da formação.

Um dos elementos significativos no que tange a dificuldade no exercício da função é a aproximação com o “outro”, por se referir a um sujeito desconhecido, diferente do aluno regular. Trata-se de um aluno usuário de uma língua diferente da maioria dos demais, língua esta de modalidade diferente (gestual-visual), isto é, decodificada pela visão e produzida principalmente pelas mãos do emissor, contendo detalhes, como a expressão facial. Expressões estas que algumas vezes são gramaticais, denotando interjeições, interrogações, afirmações e negações, com movimentos sutis associados a certos movimentos específicos – sinais – sendo estes os léxicos na língua de sinais.

Pelas especificidades dos discentes usuários dos serviços prestados pelos sujeitos da pesquisa, emerge a necessidade de uma formação diferenciada do intérprete de LIBRAS. Apenas os cursos tradicionais de formação de professores não ferramentam o profissional que irá trabalhar com a mediação da comunicação com esses alunos.

Percebe-se uma variedade de elementos encontrados nos ED das falas dos sujeitos pesquisados em relação as “Dificuldades no exercício da função”. Cita-se como exemplo: a ausência/falta de recursos materiais e/ou humanos, e de conhecimento específico por parte do profissional e o acúmulo de funções<sup>9</sup> dentre outros fatores que serão tratados no decorrer do texto.

Desse modo, analisa-se neste momento o elemento ‘autonomia do aluno’, encontrado através do recorte de depoimento do sujeito TIL Ia como se pode observar “ele gosta de fazer

---

<sup>9</sup>“O acúmulo de funções tem como característica a sobrecarga de trabalho, desempenho de atribuição que não seja precípua à função para a qual o empregado foi contratado”. (JUS TRABALHISTA, 2014). Disponível em: <<http://www.justrabalhista.biz/2014/03/acumulo-de-funcoes.html>>. Acesso em: 24 set. 2014.

as coisas dele, ele trás de casa o celular, desmonta e monta, ele é independente, quando eu consigo trazer alguma coisa para ele, um jogo, ele gosta e termina, depois quando eu vou com outra atividade, então o aluno não quer, ele quer desenhar”.

Esta afirmação por parte deste sujeito é polêmica. Uma vez que transparece em seu discurso que a autonomia do aluno, a disponibilidade de realizar atividades de seu interesse e em montar sua própria rotina escolar é um problema. De acordo com o dado apresentado traz-se a fala de Sanches (2011) que esclarece o assunto quando diz: “O apoio, o suporte à aprendizagem, só é válido se ajudar a construir a autonomia do aluno, no seu processo de aprendizagem, tornando-o um aprendiz sucessivamente mais independente” (p. 52). Corroborando com este conceito Cunha (2011, p. 67) disserta sobre o estágio autônomo do aluno, afirmando que:

O educando passa a agir sem a tutoria permanente do professor. O seu comportamento é uma forma de expressão do interesse, sempre possuidor de significados. Ele sabe o que fazer. Conhece o ambiente escolar, os materiais pedagógicos, os brinquedos e as atividades que servirão de baldrame para seu desenvolvimento. Manifesta-se o espírito pesquisador. No caso do aprendente egresso da escola especial, ocorre a inserção em sala de aula no ensino comum, sem a constante intervenção do professor ou do psicopedagogo.

Muitas vezes para o profissional que faz a gestão/apoio/mediação da sala de aula não é fácil agir em situações específicas, principalmente quando o aluno nega a atividade proposta no momento e quer realizar outra, de acordo com o seu interesse. Falta algumas vezes a capacidade/competência de ler à situação e perceber o momento de desenvolvimento do aluno e diagnosticar a dificuldade pessoal para (não) intervir no contexto.

Outro elemento percebido nas entrevistas como dificuldade no exercício da sua função foi a falta de conhecimento de LIBRAS no nível desejado. Três sujeitos (TIL Ia, Ib e VII) apresentaram como sendo dos alunos esta dificuldade e dois (TIL IV e VI) por eles mesmos. Segue os trechos das falas referente a falta de conhecimento de LIBRAS em relação as alunas:

TIL Ia: É os alunos [não] saberem LIBRAS e os conhecimentos de termos técnicos;  
TIL Ib: É a questão da linguagem que ela [a aluna] não sabe, não se apropriou, se ela soubesse de fato LIBRAS seria mais fácil;  
TIL VII: porque muitas vezes eu interpreto uma, interpreto duas vezes, faço a pergunta, mas elas não conseguem captar realmente o que estou perguntando.

A falta de conhecimento de LIBRAS por parte dos alunos apresentada como problema no exercício da função parece contraditório, pois a função da escola não seria proporcionar um desenvolvimento linguístico/comunicacional dos discentes? A escola não é o lugar ideal para este desenvolvimento? Não seria o espaço escolar o lugar propício para o desenvolvimento pleno do uso da linguagem (seja ela oral, seja ela gestual)? Talvez seja mais apropriado perguntar: o que a escola tem feito para que os alunos tenham acesso a um desenvolvimento da linguagem (vocabulário, argumentos, estruturas gramática etc.)?

Trazendo ao foco novamente a fala da TIL VII, “porque muitas vezes eu interpreto uma, interpreto duas vezes, faço a pergunta, mas elas não conseguem captar realmente o que estou perguntando”, quando cita que interpreta e as alunas não compreendem, talvez pode-se dizer que o entrave seja na clareza das informações prestadas pelo profissional.

No que diz respeito a dificuldade no exercício da função ser a falta do conhecimento de LIBRAS dos tradutores e intérpretes de LIBRAS, duas profissionais afirmam:

TIL IV: então se surgisse àquela necessidade naquele momento, eu não tinha a quem recorrer. Eu comecei sentindo o peso, (...), porque eu tentava ser o mais clara possível, então eu recorria a mímica;

TIL VI: Eu ainda nem domino a língua de sinais como eu gostaria.

O conhecimento básico do profissional que trabalha com a tradução/interpretação de qualquer par linguístico é conhecer com fluência no mínimo as línguas envolvidas no processo. Assim sendo sobre a imprescindível necessidade de se conhecer as línguas envolvidas no trabalho de interpretação Magalhães Jr. (2007, p. 200-201) ressalta:

Para o êxito de suas expedições, coloque em sua mochila, o mais cedo que puder, suas duas línguas de trabalho. Esses são itens imprescindíveis, cuja qualidade deve ser a mais alta possível. São seu combustível, suas ferramentas de trabalho. Você terá que investir pesado. Ser absolutamente bilíngue, nos termos definidos neste livro, não é essencial a um intérprete, como procurei demonstrar. Pode até atrapalhar, a depender de suas expectativas quanto a seu próprio desempenho. Mas o domínio absoluto de seu próprio idioma (sua língua materna) e o conhecimento profundo de uma língua estrangeira são absolutamente fundamentais.

Outra dificuldade apresentada por dois dos sujeitos pesquisados é a falta de um instrutor de LIBRAS na escola em tempo integral. Esta questão está ligada ao tema tratado anteriormente, a falta de conhecimento de LIBRAS. O instrutor de LIBRAS como já discutido em “Funções que desempenha as tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, trabalha para dirimir a lacuna linguística da LIBRAS na comunidade escola. Neste sentido apresenta-se os recortes da ED das TILs Ib e VI que trouxeram esta dificuldade, respectivamente:

se houvesse um instrutor, seria muito mais fácil o trabalho, porque haveria esta troca, esse ensino mesmo da língua, ele [o instrutor] tem muito mais propriedade para ensinar, e também é a atribuição dele” (TIL Ib) e

“É muito importante para o surdo que ele crie a identidade dele como pessoa surda, se ele tivesse a oportunidade de conviver mais com surdos, não apenas com o instrutor, mas com outros alunos, por exemplo, que o instrutor estivesse presente na escola mais dias, se não todos da semana, acho que seria muito importante para ele (TIL VI).

O segundo recorte traz também, como atribuição/contribuição do instrutor no espaço escolar, a construção de uma identidade surda por parte do aluno, a referência de um adulto surdo, como sujeito ativo, utente da LIBRAS. Para alguns alunos pode causar certo desânimo quando se tem acesso apenas a um mundo em que todos são ouvintes, (professores, médico que frequenta, familiares etc.), ninguém igual a ele. Em quem ele pode se espelhar, enquanto par linguístico (sujeito, utente natural da sua língua, no caso do Brasil a LIBRAS)?

A falta de conhecimento de português por parte das alunas também foi apontada pelo sujeito TIL VII quando afirmou: “a maior dificuldade para mim é o fato das alunas não saberem o Português”. Este recorte apresenta uma situação delicada, primeiramente porque a TIL afirma que as alunas não sabem o português, mesmo estando no último ano do ensino fundamental. O que ela quis dizer exatamente com sua fala? Em qual nível de conhecimento da língua portuguesa as alunas estão? E como elas chegaram ao último ano (9º ano) do ensino fundamental e continuam apresentando lacunas graves na aprendizagem na língua portuguesa? Na verdade o que se deveria questionar, não seria o porquê da dificuldade das alunas não saberem o português, mas sim, o que a escola tem feito para ensiná-las? Como a escola tem pensado a respeito dos alunos que estão concluindo e ainda não estão de fato alfabetizados?

Relacionado a estas indagações, a preocupação direta dos tradutores e intérpretes de LIBRAS com a aprendizagem dos alunos, surgiu também como dificuldade no exercício da sua função por haver acúmulo de funções (interpretar/mediar a comunicação no espaço escolar e a tarefa de ensinar) quando os sujeitos falam que

TIL III: Eu acho que a dificuldade é também da escrita. É geral. Por exemplo, se a gente tivesse um apoio maior, para a gente enquanto intérprete seria melhor;

TIL V: Pois é, interpretar, passar todas as coisas, seguir o ritmo da sala, da turma, porque precisa seguir o ritmo da turma e ao mesmo tempo ter que alfabetizar.

As TILs apresentam esta dificuldade, a primeira se refere ao ensino da linguagem escrita e a interpretação e a segunda expressa a dificuldade de alfabetizar e interpretar



simultaneamente. Parece haver incompreensão dos papéis dos profissionais locados na sala de aula, uma vez que as TILs não citam nas falas as professoras, e tomam para si a demanda de também ensinar.

Quando as TILs no parágrafo anterior trazem a inquietação de terem que assumir as duas funções, parece que esta ideia está ligada a outro elemento também exibido nos seus discursos, que foi a questão da formação enquanto dificuldade no exercício da profissão. Sobre este tema a TIL V assinala “Eu acho que [falta] cursos profissionalizantes mesmo, não cursos básicos, ou médios, cursos que realmente formassem o intérprete”. Havendo uma formação sólida, alguns conflitos de responsabilidade entre o docente e o intérprete escolar, e a carência de alguns conhecimentos primordiais para o exercício da função seriam extintos, ou pelo menos minimizados.

Também foi apresentado por um dos sujeitos, como dificuldade no exercício da função, o fato de estar no início da carreira, como se pode perceber no recorte da entrevista com a TIL VI: “É basicamente isto a dificuldade e no meu caso pessoalmente é que foi o primeiro contato que eu tive com surdos. Eu fiz o curso e já em seguida eu fui trabalhar com surdos”. Diante deste cenário García (1995) apresenta a necessidade de um programa de apoio aos professores iniciantes, através de ciclos de supervisão clínica. “Através deste programa, pretendemos desenvolver atitudes favoráveis à reflexão de pessoas a quem, tradicionalmente, sempre se deu a entender que aprender a ensinar era uma espécie de... ‘aterra como puderes’” (GARCÍA, 1995, p. 67). García em seu programa ainda propõe alguns elementos que as instituições de formação de professores em conjunto com as instâncias educativas deveriam desenvolver (o conhecimento relacionado ao sistema educativo; o apoio ao professor iniciante quanto às dificuldades, apontando possibilidades/recursos para enfrentá-las; ajudas aos professores iniciantes em relação a aplicabilidade dos conhecimentos).

Ainda Garcia indica que este programa de apoio aos iniciantes deve ser feito através de um mentor, “um professor com larga experiência docente” (1995, p. 66), que acompanharia o novo profissional nos seus primeiros passos no seu trabalho. Talvez esta proposta pudesse ser uma possibilidade para ajudar também os tradutores e intérpretes de LIBRAS no espaço educacional. Ressalta-se somente a TIL VI apresenta este elemento como um fator de dificuldade, apesar de todos os sujeitos estarem neste momento em sua carreira profissional.

Percebe-se a falta de preparo e de experiência no fragmento do texto do discurso da TIL II que narrou que

A dificuldade é porque ela [a aluna] mora longe e acorda cedo, às vezes ela fica com sono, diz que está com preguiça, às vezes ela é teimosa, normal, mas precisa ter muita paciência. (...) Às vezes ela está triste, emotiva. Tento passar da melhor forma, é importante dá atenção ali.

Perceber-se a falta de maturidade da profissional em se comportar como a pessoa adulta, apresentando uma confusão nos papéis, o seu enquanto profissional e o da aluna. O elemento revelado por esta TIL parece estar relacionado com os outros itens já discutidos (início da carreira, falta de acompanhamento da instituição, questão da formação).

Por fim, o último item analisado nesta formação discursiva, como sendo uma dificuldade no exercício da função, através do sujeito TIL III, que trata da relação família e escola e a falta de percepção da profissional como representante da instituição, como se ela não fosse da escola. No recorte escolhido a entrevistada alega que:

Tem a necessidade de a escola intervi junto à família, porque a aluna falta muito. Então se a escola intervisse, conversasse com a mãe, porque eu já fui várias vezes na casa da mãe, conversar com ela. A mãe recebe bem, conversa. Diz que tudo bem, que a filha vai frequentar mais vezes, só que ela começa a faltar de novo.

Diante da fala apresentada, emergem três questionamentos, apresentados por Schön (1995, p. 79-80) em seu texto “Formar professores como profissionais reflexivos”:

1. Quais as competências que os professores deveriam ajudar as crianças a desenvolver?
2. Que tipos de conhecimento e de saber-fazer permitem aos professores desempenhar o seu trabalho?
3. Que tipos de formação serão necessárias ao desempenho do seu trabalho?

Observando as indagações de Schön (1995) e a fala da TIL III, parece que a interprete não compreende exatamente quais sejam suas responsabilidades enquanto parte da escola em que trabalha. A TIL em sua fala não apresenta a professora, nem a direção da escola, parecendo que todos acreditam que a aluna é de responsabilidade exclusiva da interprete. Percebe-se uma lacuna na comunicação, primeiramente entre os profissionais da escola, e destes profissionais com a família da aluna. Também se pode dizer que a escola não está pronta para receber uma aluna “diferente” dos demais, nem está em processo de construção destas competências. Precisa-se pensar em uma formação, não apenas para o professor, ou para o intérprete, mas para todos que fazem a escola.

Outra possibilidade desta sensação de não fazer parte da escola por parte da intérprete seja o fato de ela não fazer parte de forma efetiva do grupo de profissionais da escola em que a mesma está lotada. A intérprete é uma profissional de caráter provisório na

escola, tendo vínculo de trabalho com a prefeitura como estágio, já comentado na FD - Identificação pessoal e profissional das tradutoras e intérpretes de LIBRAS.

### *1.6. Competências necessárias para exercer a função*

A atuação do tradutor e intérprete de LIBRAS, ou de qualquer outra língua, requer um sólido apropriadamento de conhecimentos e competências da área. De acordo com Bartholamei Junior e Vasconcelos (2008) são estes: competência linguística, referencial e tradutória, conforme foi discutido no capítulo II.

Este ponto teve como objetivo examinar as competências, para atuar como tradutor e intérprete de LIBRAS, apontadas pelos sujeitos da pesquisa como essenciais.

Para começar a análise das “Competências necessárias para exercer a função” traz-se Tardif (2002, p. 9): “Quais são os saberes que servem de base ao ofício de professor?”, parafraseando o autor citado indago: Quais são os saberes/conhecimentos/competências que servem de base ao ofício de tradutor e intérprete de LIBRAS, no contexto educacional? As funções associadas a LIBRAS são recentes, pelo menos oficialmente. A lei que reconhece a LIBRAS como língua é de 2002<sup>10</sup>, e a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS é de 2010<sup>11</sup>, sendo uma função recente, enquanto lei, em comparação com a função docente.

Convém ressaltar, que os saberes de uma determinada profissão, não podem ser abordados em separado do contexto de trabalho (TARDIF, 2002). Assim sendo, o autor afirma que:

O saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disto, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: (...) está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com sua história profissional, com suas relações (...) (p. 11)

Partindo da fala de Tardif, lembra-se que os sujeitos pesquisados apontam as competências para realizar o seu trabalho como tradutor e intérprete de LIBRAS no contexto educacional. E com base nas entrevistas realizadas foram vistas 6 (seis) competências para análise, a saber: competência linguística, tradutória, referencial, sobre a cultura surda, sobre a educação inclusiva e o saber ensinar.

---

<sup>10</sup>Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

<sup>11</sup>Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.

No que tange a competência linguística todos os sujeitos pesquisados apontaram com um saber necessário para sua atuação profissional, como se pode observar nos trechos, quando foi perguntado sobre as competências necessárias para o exercício da sua função:

TIL Ia: Estudar a área e os termos técnicos [em LIBRAS] para passar [para o aluno surdo];

TIL Ib: eu gostaria de saber (...) a LIBRAS mesmo e a convivência com a comunidade surda pelo intérprete;

TIL II: Também os sinais são importantes, pois tem sinais que eu não sei, e que eu preciso, eu vou procurar;

TIL III: Primeira coisa é conhecer a língua, a LIBRAS;

TIL IV: Não é só sinalizar. LIBRAS não é só sinal;

TIL V: O principal conhecimento é da LIBRAS, da língua de sinais;

TIL VI: a realização profissional do intérprete, ele ter esse domínio da língua;

TIL VII: Eu acho que você precisa saber gesticular, (...). Assim, gesticular, você se expressar bem, porque se você não souber se expressar bem, os surdos não irão lhe entender.

É claro que o conhecimento linguístico revela-se primordial, contudo cabe frisar que o ato de traduzir/interpretar envolve duas línguas, no nosso caso português e LIBRAS. Os sujeitos da pesquisa não pontuaram a língua portuguesa como conhecimento necessário no exercício profissional. Diante disso, Quadros (2004) afirma sobre o tradutor e intérprete de LIBRAS:

É o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Ele também pode dominar outras línguas, como o inglês, o espanhol, a língua de sinais americana e fazer a interpretação para a língua brasileira de sinais ou vice-versa (por exemplo, conferências internacionais). Além do domínio da s línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação (p. 27-28).

Como se pode ver o processo de tradução envolve no mínimo duas línguas e se faz necessário a fluência em ambas e na variação linguística apresentada, seja da informalidade do português do cotidiano, ou do português do meio acadêmico. Ainda na fala de Quadros (2004), destaca-se a indicação das técnicas de tradução, que também foi apresentada pelos sujeitos, sendo o próximo elemento a ser cotejado.

Cinco dos sujeitos apresentaram a competência tradutória com parte dos conhecimentos básicos para a sua atuação profissional, os TILs Ia, Ib, IV, V e VI. Mostra-se a seguir os fragmentos de suas falas sobre esta questão:

TIL Ia: você estudar as técnicas e saber profundamente sobre ciências, sobre física, sobre matemática;

TIL Ib: tinha que ter uma formação em relação a esta tradução mesmo;

TIL IV: você chega em um nível que você consegue realmente deixar aquilo ali o mais claro possível;

TIL V: Tipo assim é... como passar? Como interpretar? É... a posição do surdo na interpretação. Tipo assim, chamam para interpretar num lugar, qual a sua postura? (...) Na questão de oralizar [interpretar de LIBRAS para português oral], também né?;

TIL VI: No meu ponto de vista o ideal seria para o intérprete hoje consiga fazer um a interpretação simultânea.

O profissional tradutor e intérprete precisa estar ferramentado com competências que possibilitem o acesso claro das informações na língua alvo. Em sala de aula, um contexto bem específico, o profissional que faz a mediação do processo ensino-aprendizagem precisa também compreender esse elemento. A TIL V, no seu recorte de fala apresentado no parágrafo anterior, mostra algumas indagações, sobre a interpretação propriamente dita. Sobre a interpretação Gesser (2011, p. 26) descreve este ato dizendo:

Qualquer ato interpretativo envolve um enorme empenho linguístico-comunicativo por parte do intérprete. Isso porque ele tem que processar a informação que é expressa em uma determinada língua (no caso língua fonte), fazendo adequações e escolhas linguísticas que façam sentido na língua alvo. Além do domínio linguístico e técnico, o ato interpretativo também requer do profissional conhecimento histórico, cultural e social. Afinal ele não funciona (como muitos gostariam de pensar!) como “decodificador” de palavras em sinais e vice-versa.

O domínio técnico para se realizar uma interpretação, que exige a presença física do profissional na realização do seu trabalho, é diferente da tradução de um livro, que há uma reflexão previa, podendo consultar de dicionários, rever o texto fonte e realizar a correção do texto alvos, em um movimento cíclico. Em uma interpretação ao vivo, o que foi dito não pode ser tirado, e se alguma falha/lapso for percebida ao término do trabalho não poderá ser revisada.

Gesser (2011, p. 26) divide a interpretação em três tipos: “interpretação simultânea”, “interpretação consecutiva” e “interpretação sussurrada”. No caso do espaço escolar, em sala de aula, na maioria das vezes é usada a interpretação simultânea. Para desvendar esta análise introduz-se o quadro abaixo de Lopes (1997, apud GESSER, 2011, p. 30):

QUADRO 3: COMPARAÇÃO DAS DIFERENÇAS E SIMILITUDES DO PROCESSO DE TRADUÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO

Língua de Partida		Língua de Chegada
Ouvir	Processar	Discursar

<p>Compreender:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vocabulário, terminologia e fraseologia;</li> <li>- Discurso;</li> <li>- Pragmática.</li> </ul>	<p>Tudo que o tradutor faz, porém sem tempo para refletir, pesquisar ou experimentar.</p>	<p>Transmitir com clareza o que ouviu:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vocabulário, terminologia e fraseologia;</li> <li>- Discurso;</li> <li>- Pragmática.</li> </ul>
<b>INTERFERÊNCIAS</b>		
<p>Ambiente – ruídos do auditório, do equipamento, etc.                  Variações de velocidade de fala                  Variações de sotaque (nativos e não nativos)                  Variações de voz e de eloquência (oradores e “orações”)                  Fatores imprevistos</p>		

Diante do quadro exposto, pode-se acrescentar um fator significativo no nosso caso específico de tradução, que é a diferença de modalidade das línguas envolvidas, influenciando a compreensão no momento em que a movimentação do tronco do falante, pode impossibilitar a compreensão visual do texto falado ou visto em LIBRAS. Todos estes elementos devem ser observados por parte do profissional responsável pela interpretação, e se pensar estratégias para solucionar, ou pelo menos minimizar os “ruídos”, isto é, falhas na compreensão.

Outra competência apontada nas entrevistas realizadas foi a competência referencial quando os sujeitos TIL Ia e TIL II respectivamente expõem em suas falas: “você estudar as técnicas e saber profundamente sobre ciências, sobre física, sobre matemática. (...). Seria muito bom, porque o intérprete está ali e tem que saber todas as disciplinas, todas elas” e “Precisamos estudar a matéria e passar da melhor forma em sinais”.

O profissional quando se dedica a realizar traduções/interpretações precisa conhecer os termos técnicos da área de atuação, entender os discursos, o dito e não dito, o que está nas entrelinhas. Quando possível ter contato com o material antecipadamente e entender o texto na sua língua alvo, os conteúdos envolvidos. Lacerda (2002, p. 123) sobre este ponto afirma que “O intérprete precisa poder negociar conteúdos com o professor, revelar suas dúvidas, as questões do aprendiz e por vezes mediar a relação com o aluno, para que o conhecimento que se almeja seja construído”. Reforçando o que foi dito, Marcon (2012, p. 239) discute sobre o papel do intérprete relatando que

o intérprete precisa ter o cuidado de não se equivocar para não produzir um sentido diferente do original. (...). É importante, nesse ponto, que o tradutor tenha clareza dessa informação para não criar situações que levem a circunstâncias desconfortáveis, pois o profissional intérprete não tem pretensão de medir conhecimentos com o docente, mas de garantir uma comunicação eficaz entre este e o aluno. Aí reside a importância de o intérprete ter um eixo paradigmático amplo, pois, numa interpretação, estará fazendo escolhas e substituições lexicais constantemente, (...).

O profissional da tradução precisa afinar os discursos com o sujeito que irá traduzir/interpretar. No caso da sala de aula, o professor e intérprete precisam planejar juntos e entrar em consenso nos conceitos, afim de que o aluno tenha acesso às informações e produza seu conhecimento. Desta maneira, Lacerda (2009, p. 76) coopera com a temática dizendo:

As estratégias de ensino utilizadas pelos professores são majoritariamente pensadas a partir de sua ótica, de sua língua e de suas experiências anteriores com alunos ouvintes. Então, quando um professor vai trabalhar com crianças surdas, em sua classe, ele precisará reorganizar seus modos de atuação pensando nesses alunos – que têm condições linguísticas particulares, e que se apoiam fortemente nas experiências visuais para construir conceitos e articular seus conhecimentos – de modo a favorecer a aprendizagem dessa nova clientela.

Também foi indicado por um sujeito, a TIL V, como competência necessária para o exercício da sua função o “saber ensinar” revela em seu discurso que: “Muitos sabem os sinais (casa etc.) estas coisas todas, mas não sabem ensinar”. O intérprete educacional ele pode saber ensinar, contudo deve entender qual é o seu limite de atuação e onde começa a responsabilidade do professor. Neste limite de papéis, Lacerda discutindo sobre o intérprete educacional argumenta:

Não se trata de ocupar o lugar do professor ou de ter a tarefa de ensinar, mas sua atenção em sala de aula, envolvendo tarefas educativas certamente o levará a práticas diferenciadas, já que o objetivo nesse espaço não é apenas traduzir, mas também, o de favorecer a aprendizagem por parte do aluno (LACERDA, 2009, p. 33).

O intérprete educacional, como profissional especializado na área da surdez, deve manter um canal comunicacional aberto com o professor, esclarecendo quais as especificidades do aluno surdo, sugerindo atividades e reformulação de estratégias de aula (LACERDA, 2009). É literalmente um trabalho de parceria, um complementando a função do outro. Entrelaçado à fala de Lacerda, surge discurso da TIL III que expõe mais uma competência necessária que é a compreensão da “educação inclusiva”. Este conceito está relacionado com o discutido anteriormente o “saber ensinar”, por estar ligado ao contexto de trabalho. A mesma, quando questionada sobre as competências informa que “Na área da educação inclusiva, (...) a gente acaba ficando um pouco perdido. (...). Então a gente tem que ter um conhecimento mais amplo”.

É indispensável para o profissional que trabalha na educação conhecer seu espaço laboral, refletir sobre as possibilidades de atuação, sua clientela e ainda faz-se necessário

conhecer a escola, que deveria ser de todos, mas [espero] que luta para ser para todos. Neste pensar, trazem-se algumas explicações sobre a escola inclusiva de Isabel Sanches que escreve:

A escola, enquanto contexto de aprendizagem, tem que criar condições e disponibilizar os recursos necessários para que cada um dos espaços em que decorrem as aprendizagens sejam espaços estimulantes dessas mesmas aprendizagens. A escola inclusiva tem de ser de todos e para todos, numa dialéctica de partilha, de cooperação e de co-responsabilização de cada um em relação à comunidade e da comunidade em relação a cada um. (...). Tem de se questionar sobre o seu papel e as suas funções, sobre o desempenho de cada um dos seus actores e tem de procurar encontrar o caminho adequado (SANCHES, 2001, p.90).

E finalmente, percebeu-se nas entrevistas a necessidade de conhecer “a cultura surda” por três dos sujeitos da pesquisa. Seguem os recortes dos ED:

TIL Ib: Como fazer de fato. A LIBRAS mesmo e a convivência com a comunidade surda pelo intérprete;

TIL IV: LIBRAS tem todo um contexto envolvendo aquilo ali;

TIL V: Eu acho interessante a gente estudar para você ter conhecimento com quem você está lidando. Conhecer mais o surdo, a pessoa que você está ali interpretando, a cultura surda.

Realmente ao se trabalhar com um determinado grupo deve se conhecê-lo, saber sobre seus costumes, hábitos, isto é, seu modo de vida. Partindo desta fala, emerge nesta investigação o conceito de cultura, o qual de acordo com Strobel (2008, p. 19) “a cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas”. Diante do exposto, a pesquisadora surda, Karin Strobel detalha sobre a Cultura Surda assegurando que

é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torna-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua as idéias, as crenças e os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

É necessário para o tradutor e intérprete de LIBRAS conhecer que o seu trabalho se efetiva em uma relação intercultural. É importante para este profissional conhecer os sujeitos que utilizam o seu trabalho, não apenas as línguas, mas as culturas envolvidas. Na medida em que se compreende que sua identidade é moldada e criada não de forma isolada, porém em um processo dinâmico, envolvendo elementos diversos (formação, funções desempenhadas, limites de atribuições, habilidades imperativas do seu fazer laboral, autoconhecimento da sua



profissão e conflitos existentes no ambiente de trabalho). Todos estes elementos e outros fazem parte da construção da sua identidade profissional.

Neste cenário, Santos (2006, p. 15) exhibe alguns fatores que fortaleceram os Estudos Culturais ressaltando que

Os grupos sociais, pelas discussões a cerca dos elementos que estão atrelados à cultura, suscitaram a emergência dos Estudos Culturais, buscando estratégias de colocar em cena seus conhecimentos de mundo, suas identidades, estabelecendo outros pilares que sustentam esses estudos e se manifestam culturalmente.

Baseando-se nos aspectos apresentados é que surgem os Estudos Surdos entendendo que as pessoas surdas se identificam em uma comunidade, com uma língua específica, seu jeito próprio de perceber o mundo (Santos, 2006). Neste contexto, entre o “mundo surdo” e o “mundo ouvinte” que o profissional tradutor e intérprete de língua de sinais exerce seu trabalho.

Enfim, segundo Hall (2003, p. 44):

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo” (...). Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

Este conceito de Hall pode-se aplicar no entendimento da identidade do sujeito desta pesquisa, dentro do campo dos estudos culturais. Pois este sujeito está em um processo de construção profissional, se afirmando através da sua prática, como uma metamorfose, se descobrindo enquanto profissão, delineando saberes e práticas específicas.

### *1.7. Quem sou eu? Traços da minha identidade profissional*

No que tange ao *corpus* relacionado a FD – “Quem sou eu? Traços da minha identidade profissional”, foi delineado como objetivo analisar o significado representacional identificado pelos sujeitos da pesquisa sobre si mesmos, de acordo com as suas falas recortadas nas entrevistas.

Na perspectiva da inclusão, onde a escola é para todos e todas, estão acontecendo mudanças nos conceitos e reconstrução deste espaço. Neste contexto, surgem novos profissionais em atuação ou mesmo velhos atores com novos enredos. Diante disto Mantoan

(2006, p. 52) discute que “inovações educacionais, como a inclusão, abalam a identidade profissional e o lugar conquistado pelos professores em dada estrutura ou sistema de ensino, uma vez que atentam contra a experiência, os conhecimentos e o esforço que fizeram para adquiri-los”.

O professor começa a interagir com outros profissionais em um lugar que era de sua exclusiva competência, como é o caso do intérprete de língua de sinais, quando se tem matriculado em sua sala um aluno surdo. Este novo profissional locado nas salas de aula se movimenta entre duas culturas, ocupa o “entre-lugar”. Lugar este que “requer desconstruir valores, crenças, discursos e se tornar o mais imparcial possível, pois sabemos que a neutralidade é algo complexo na interpretação, uma vez que é difícil alguém se despojar por completo do próprio eu para dar conta dessa atividade” (SANTOS, 2006, p. 97).

Partindo deste contexto, apresentam-se algumas categorias para identificar as percepções que os sujeitos pesquisados deixam ser percebidos sobre si nas entrevistas, no que toca a sua identidade profissional. Sobre essas categorias de identificação Dubar (2005, p. 143-4) afirma que “servem para identificar os outros e para se auto-identificar são variáveis tanto de acordo com os espaços sociais onde se exercem as interações como de acordo com as temporalidades biográficas e históricas em que se desenrolam as trajetórias”.

Ainda discutindo os elementos da construção da identidade profissional Martins e Rodrigues tratam dizendo que

Esta questão da identidade, diante do discurso Pós-Moderno, é permeada pelo diálogo entre atitude e localização de quem pronuncia o discurso. A memória, a posicionalidade e a determinação do lugar estariam diretamente ligadas à construção da identidade individual, pois é a partir do lugar de onde se lê e de onde se profere o discurso que constituímos uma identidade (MARTINS; RODRIGUES, 2009, p. 3).

Diante do dito, introduzem-se as falas dos entrevistados com o recorte da entrevista do sujeito TIL Ia quando diz que “O professor vê a gente como... com responsabilidades de um intérprete”. Através desta fala pode-se fazer alusão a Dubar (2005, p. 143) quando afirma que: “O que está em jogo é exatamente a articulação desses dois processos complexos, mas autônomos: a identidade de uma pessoa não é feita à sua revelia, no entanto não podemos prescindir dos outros para forjar nossa própria identidade”. A identidade não é algo neutro, sem forças agindo, uma vez que

Cada um é identificado por outrem, mas pode recusar essa identificação e se definir de outra forma. Nos dois casos, a identificação utiliza categorias socialmente disponíveis e mais ou menos legítimas em níveis diferentes

(designação oficiais de Estado, denominações étnicas, regionais, profissionais, até mesmo idiossincrasias diversas). Denominadas atos de atribuição os que visam a definir ‘que tipo de homem (ou mulher) você é’, ou seja, a identidade para o outro; atos de pertencimento os que exprimem ‘que tipo de homem (ou mulher) você quer ser, ou seja, a identidade para si’ (DUBAR, 2005, p. 137).

Dentro dos argumentos expostos apresenta-se a o trecho do discurso da TIL V “Igual a todo mundo, estou fazendo o meu trabalho, meu papel, igual a todos”. Parece uma fuga, não reconhecendo as especificidades do seu trabalho, e nem a importância de suas atribuições em relação aos demais, pois apenas se identifica genericamente, isto é, dentro de um grupo macro e heterogêneo. Em sua fala a TIL V não consegue diferenciar a importância do trabalho em grupo, porque o coletivo não pode silenciar as atribuições e habilidades em particular de um sujeito. Trabalhar em conjunto não significa ser “Igual a todo mundo”. É preciso entender que cada um deve fazer o seu trabalho diferenciado - não igual, ao mesmo tempo em que todos trabalham para conquistar um único objetivo. Nas palavras de Bauman:

A globalização atingiu agora um ponto em que não há volta. Todos nós dependemos uns dos outros, e a única escolha que temos é entre garantir mutuamente a vulnerabilidade de todos e garantir mutuamente a nossa segurança comum. Curto e grosso: ou nadamos juntos ou afundamos juntos (BAUMAN, 2005, p. 95).

Outro aspecto que emerge do discurso dos sujeitos envolvidos é o reconhecimento do papel destes sujeitos. Os sujeitos pesquisados apontam nas suas falas elementos que podem ser entendidos com o sentido de angústia, no que toca a sua identidade profissional, por não se saber claramente quem é este novo sujeito na sala de aula, quais seus limites de atuação. Percebe-se também a dificuldade em estabelecer os limites e as relações entre os profissionais neste espaço. Poder-se-ia se resumir os sentidos das falas em dois questionamentos: “Quem sou eu?” e “O que estou fazendo aqui?”.

Os trechos exibidos acima revelam a intenção de alguns sujeitos da pesquisa em querer interferir na vida pessoal dos discentes, ultrapassando o limite profissional, se identificando com as atribuições de um tutor do aluno - TIL Ia “(...) você é mãe, você é pai, você é conselheiro, você é acompanhante de ir ao médico [risos]” - parecendo não se considerar de fato um intérprete, apesar de estar na função, ou de querer assumir outro papel já existente na sala de aula, talvez influenciado pela sua formação básica. Esta falta de clareza das atribuições dos papéis específicos, no nosso caso o intérprete de Libras em sala de aula, também é questão debatida quando surgem novas profissões. Definir o limite entre profissões que possuem algumas intersecções no fazer laboral (espaço, clientela) não é tão óbvio quanto

parece. Sendo assim Dubar (2005, p.173) relatando sobre a institucionalização dos papéis das profissões e necessidade do profissional liberal em ter uma clientela explana dizendo que ela

decorre de uma dinâmica de legitimação, que pode se apoiar nesse ajuste dos papéis para definir um corpo de saberes independente dos indivíduos que ocupam a função e suscetível de ser ensinado, testado e controlado com a participação dos próprios profissionais e com o reconhecimento do estado.

Também foi percebido nas entrevistas uma busca pela sua identidade profissional. Os conhecimentos adquiridos não respondem a realidade e suas várias facetas. A realidade é bem mais complexa do que os estudos teóricos da identidade. Diante disto traz-se alguns fragmentos da fala da TIL III sobre este assunto:

Eu me percebo com alguém que está sempre procurando respostas para as situações novas que estão acontecendo, (...). Por mais que a gente leia, só na prática que a gente vai saber como deve atuar. Eu me percebo como uma pesquisadora”, “A gente está ali para colaborar com esse processo de inclusão do aluno surdo” e “A minha função no momento, eu procuro contribuir o máximo possível no processo de formação da minha aluna. Mas não é algo fácil, porque envolve todo o contexto escolar, família, tudo.

Uma mudança na prática profissional e no refletir sobre esta prática se faz necessária de forma urgente tanto da comunidade científica, bem como dos atores da educação básica, principalmente do tradutor e intérprete de LIBRAS que está construindo seus primeiros pilares enquanto profissional.

Nesta discursão da identidade profissional cita-se o caso da TIL IV com uma mudança de carreira, em um período da sua vida que segundo Jung (apud HUBERMAN, 1992, p. 50) é considerado . “um período perigoso, por volta dos 37-45 anos, altura em que as pessoas fazem um primeiro balanço do que foi possível fazer com as suas carreiras, com a sua vida de relação e, em termos globais, consigo próprios”. Neste período de vida da entrevistada ela migra de profissão e relata: “Eu passei a minha vida toda em um escritório de contabilidade, numa realidade totalmente diferente”. Ela aponta mudanças não apenas no espaço de trabalho, como também nas atribuições assumidas, uma nova profissão. Sobre este novo momento a mesma intérprete informa que: “ esse trabalho que eu realizo hoje foi das melhores coisas que aconteceu em minha vida” e “Eu não me vejo fazendo outra coisa”. Lembramos aqui Sarmiento (2009, p. 62) quando trabalha a identidade profissional e social: “A identidade profissional é uma identidade social a que se associa um processo de identificação de um sujeito a um grupo social”.

Todavia, apesar de se encontrarem profissionais que se identificam com o seu trabalho podem-se também identificar sujeitos que estão em um momento de indecisão quanto a profissão escolhida como se vê o relato da TIL VI dizendo que

Eu vejo que, eu tenho que melhorar ainda” e “Tudo tem a ver com a vocação. Eu vejo que a minha vocação, não está muito ligada a educação, então eu pretendo trabalhar em outra área, não na educação, (...). Mas eu pretendo ficar um bom tempo. Mas no futuro eu pretendo migrar para... (...) Eu gosto muito de áreas administrativas.

A questão da vocação profissional, de acordo com a TIL VI, está ligada a aptidão particular, o se identificar com o seu trabalho. Quando não se gosta do que se faz, é muito difícil oferecer um serviço com qualidade, e ter qualidade de vida. Sarmiento (2009, p. 62) discute a questão da identidade e fala das múltiplas condições no processo de construção da identidade profissional. Em suas palavras tem-se que

Esta questão de ser profissional, de se pertencer a um grupo profissional, naturalmente tem, que decorrer de acto voluntário, implica a criação de um sentido de pertença, sentir-se para de outro, participar da partilha e da adesão a valores, ideias e finalidades de um colectivo.

E por fim, como foi indicado pela TIL II existe a possibilidade de trabalhar como tradutor e intérprete de LIBRAS em outros espaços, não apenas na educação, como se vê: “Eu também penso em trabalhar em hospitais. (...) No hospital também é necessário ter um intérprete. Eu pretendo interpretar fora da escola também”. A comunidade surda esta na sociedade e faz parte dela, fazendo-se necessário a presença de profissionais que possibilitem a inclusão destes cidadãos outros espaços, não somente na educação, mas na saúde, no poder judiciário, entre outros.

Para concluir a análise deste FD, destaca-se a recorte do texto de Guimarães Rosa em sua obra emblemática da literatura brasileira “Grande Sertão: Veredas”:

O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 24-25).

### *1.8. Conflito de identidade entre a instituição e o tradutor e o intérprete de LIBRAS*

Na AD do corpus da FD – “Conflito de identidade entre instituição e o tradutor e intérprete de LIBRAS”, foram agrupados os discursos com o objetivo de mostrar os conflitos

e tensões no processo de contratação e delimitação de atribuições entre a instituição contratante/escola e o tradutor e intérprete de LIBRAS.

Marioto discute essas questões afirmando que

O desafio para os administradores modernos e líderes é fazer dos conflitos um aspecto menos estressante e tentar maximizar os efeitos positivos. Em toda e qualquer organização, sempre haverá divergências de interesses. A chave é lidar com essas divergências da melhor maneira possível, gerando uma competição sadia entre todos envolvidos. O grande passo para que isto não se torne maior do que a corporação em si é, em minha opinião, criar situações onde a comunicação e a fala sejam coerentes e estimulantes para resolverem os problemas de maneira inteligente. Os líderes devem estar com as portas abertas para todo e qualquer indivíduo para tentar resolver os problemas, sempre ponderando de maneira lógica ambos os lados. Como tudo nesta vida, nada melhor do que uma boa conversa e comunicação para resolver os problemas que vão surgindo (MARIOTO, 2013, p.1).

Apesar de ser claro que os gestores da educação deveriam saber lidar com os conflitos e as portas da comunicação estejam sempre abertas, nem sempre isto fica óbvio para os tradutores/intérpretes de LIBRAS, sujeitos desta investigação. Bem como, nem sempre o canal de mediação está aberto para o diálogo do ponto de vista destes últimos, ficando assim conflitos, mal entendidos ou não esclarecidos.

Segundo os dados coletados com os sujeitos da pesquisa acerca desta formação discursiva, foram levantados três conflitos: comunicacional, na relação contratual e na falta de acompanhamento das demandas.

No primeiro no conflito, o comunicacional, que está relacionado a falta de interação dos profissionais da escola, equipe gestora, coordenação pedagógica. Os sujeitos apontam certa sobrecarga de trabalho e isolamento na resolução de demandas específicas com o aluno surdo, como se pode perceber através dos recortes das falas dos sujeitos:

TIL III: A escola joga para a gente. (...). Mas não tem uma intervenção da escola em perguntar: Como está aquela aluna surda? Quais são as dificuldades? Estas coisas assim, para a gente sentir mais apoiada;

TIL IV: (...), é importantíssimo o envolvimento das pessoas da escola, porque o surdo não é do intérprete.

O envolvimento de todos que compõe a comunidade escolar é de suma importância para o bom desenvolvimento das atividades, todos com suas funções distintas e interligadas. Reforçando o quesito das relações interpessoais na escola Silva (2008, p.12) afirma “Na Educação, para que haja transformações significativas, é preciso que os profissionais da comunidade escolar estejam em sintonia, visando um desenvolvimento articulado do trabalho”. Os alunos no desenvolver de suas atividades estabelecem relações com os diversos

setores da escola. Todos contribuem de forma direta ou indireta na aprendizagem do educando. A responsabilidade com o aluno não é privilegio exclusivo do professor, ou do intérprete (no caso do aluno surdo), “existem muitos outros atores que ficam por trás das cortinas e que fazem toda diferença para que o espetáculo seja aplaudido de pé” (SILVA, 2008, p. 12).

No segundo conflito, diagnosticado nas entrevistas com os sujeitos da pesquisa, da relação contratual, dois dos tradutores/intérpretes, os TILs IV e V afirmaram uma inquietação quanto ao seu vínculo profissional com a prefeitura ser feito através de estágios. Não tendo nenhuma segura, nem direito trabalhista assegurado. Podem-se perceber seus anseios nas falas respectivamente: “Você pega profissionais, formados, especializados para colocar como estagiários. E o salário é inferior ao salário mínimo” e “Eu não concordo, o ideal seria, ou contratar, fazer um contrato, ou colocar como um trabalhador mesmo, assinar a carteira, estas coisas, ter um vínculo mais fixo”.

O contratante entende a necessidade da presença do profissional tradutor intérprete no espaço escolar, para facilitar a comunicação e a aprendizagem com o discente surdo, contudo não há uma valorização financeira mínima.

E finalmente, o terceiro conflito, na falta de acompanhamento por parte da secretaria de educação. De acordo com a fala do TIL VII, não se percebe a secretaria assumindo o seu papel de corresponsabilidade na formação continuada, disponibilizando com ferramentas de trabalho os intérpretes. A TIL VII descreve esta questão dizendo que: “Em relação à prefeitura, o que seria muito bom, é que eles tivessem um cuidado a mais fornecendo cursos, (...), se tivesse um curso mais amplo e pessoas para irem até as escolas ensinar seria bem melhor”.

Sobre os conflitos, Bauman (2005, p. 3) afirma que “O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega”. Ora ela é imposta, contudo recusada, não sendo aceita, ora sendo aceita, mas modificada. Nunca ela, a identidade, é neutra, pacífica ou ingênua. Lawn (2001, p. 123) sobre estas divergências na formação da identidade declara que “A identidade é construída, quer contra, quer a favor de algo. Até agora, eu tenho vindo a discutir para que servia e os problemas relacionados com a sua manutenção, mas existe ainda a questão das oposições e tensões, contra as quais a identidade nacional é formada”.

Finalizando a análise desta formação discursiva, e os elementos apresentados nela, quanto aos conflitos, (des)encontros de opiniões no que tange às relações (contratação e comunicação) entre os tradutores/intérpretes LIBRAS e o contratante. Uma explicação

possível para a desvalorização profissional, do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, pode ser: “a crise a respeito do valor dos saberes profissionais, das formações profissionais, da ética profissional e da confiança do público nas profissões e nos profissionais constitui o pano de fundo do movimento de profissionalização do ensino e da formação para o magistério” (TARDIF, 2002, p. 253). Infelizmente os trabalhos ligados à educação não tem mais o mesmo prestígio de outras épocas, tanto nas escolhas da profissão pelos jovens, quanto no reconhecimento de valia (SACRISTÁN, 1999).

### *1.9. Conflitos de identidade entre o professor e o tradutor e intérprete de LIBRAS*

A sala de aula como espaço dialógico entre os usuários é propício para emergência de conflitos. Quando dois profissionais estão assumindo suas atividades em um mesmo espaço e as suas funções não estão claramente explícitas, a probabilidade desta emergência é maior.

O objetivo da FD - “Conflitos de identidade entre o professor e o tradutor e intérprete de LIBRAS” é refletir sobre o discurso que aponta os conflitos e tensões gerados no convívio entre o professor regente da sala de aula e o tradutor e intérprete de LIBRAS, no espaço de aprendizagem, sob a ótica dos sujeitos da pesquisa.

Dubar (2006, p. 14) discursando sobre as crises de identidade afirma que elas

podem ser pensadas como perturbação de relações relativamente estáveis entre elementos estruturantes da atividade (produção e consumo, investimentos e resultados, etc.). A atividade aqui posta em causa é a identificação, isto é, o facto de categorizar os outros e a si próprio.

Para análise foram selecionados sentidos que surgiram dos discursos dos sujeitos pesquisados, considerando que eles se interligam, trazendo *marcas* (ORLANDI, 1996): “diferenciação de atividades”, “falta de parceria no trabalho”, “falta de clareza na especificidade do trabalho”, “rejeição do aluno surdo por parte da professora” e “o aluno não ser um sujeito passivo”.

Quanto aos dois primeiros elementos, diferenciação de atividades e falta de parceria no trabalho, foi recortado as falas de cinco sujeitos (TILS Ia, Ib, II, III e IV). Inicialmente trazem-se os trechos do discurso da TIL Ia:

1. Eles dão satisfação primeiramente a mim, em vez do professor; 2. Da mesma forma que ele sinaliza, ele [o aluno] escreve em português. (...). Se fosse eu, eu colocava certo, mas às vezes o professor diz: eu não sei como avaliar, então você dá uma miniaula para ela, o português é diferente (...); 3.



Sim, mas a avaliação volta para o professor. (...), mas no final é ele que vai dizer se o aluno aprendeu ou não, a nota quem vai dá são eles [os professores] e 4. O professor tem que ter metodologias, ter didática para passar para o aluno. (...). Ficava tudo tão fácil, se fosse junto com o professor, com todo o corpo docente da escola.

Nos recortes de fala apresentados percebe-se uma falta de clareza nos papéis: o intérprete querendo assumir a função do professor. A necessidade do trabalho em parceria é evidente. O intérprete de LIBRAS é o profissional que deveria entender as características mais específicas do aluno surdo, devendo prestar assessoria ao professor, sem interferir no limite, deve ser algo negociado, articulado. Nunca o trabalho de profissionais que trabalham juntos deve ser constrangedor para nenhuma das partes. Apesar de que na última frase transparece o desejo da interação, não apenas com o professor, mas também com os demais professores. Talvez no momento de avaliação fosse necessária a presença de coordenador pedagógico. Cada profissional completa o trabalho do outro. É preciso compreender os limites de cada um.

A seguir as falas do segundo sujeito que trata sobre este tema, a TIL Ib:

1. É muito importante, eu estou ali, como grandes companheiras, intérprete e professora [referindo-se a aluna], 2. Eu não sei como intervi nisto, (...), geralmente um joga para o outro, é atribuição sua. (...). Eu não vejo nessa questão de alfabetizá-la alguém se empenhar nisto, 3. O professor acha que o intérprete é o professor do aluno surdo. (...). Uma visão, uma formação em relação ao professor, qual a atuação dele? Como ele vai atuar, com aquele aluno? (...) Que atividades precisam ser adaptadas?, 4. A professora quando começou, ela achava que eu iria ensinar e ela viu que não, não era essa a minha atribuição, mas mesmo assim, ainda que não seja, eu queria intervir nisto, 5. É uma relação de confiança, a professora sabe o que eu estou escrevendo ali é realmente o que a aluna está me dizendo.

A TIL Ib parece confundir o seu papel com a aluna (fala 1), ela é a profissional que faz atendimento. É claro que a relação deve ser em um clima de cordialidade, contudo não pode misturar os perfis de trabalho, quem é quem naquele espaço. Quando ela diz que é a professora, quem é que exerce a função de intérprete? E a professora que posição assume neste momento. Será que aquele espaço é uma sala de aula inclusiva, ou duas salas utilizando o mesmo espaço? Em que um dos alunos tem uma professora exclusiva. Na visão da intérprete, a professora entende que a aluna surda é sua, mas ela informa que em alguns momentos assume certas posições mesmo sabendo que não é da sua competência (final da fala 4). E finalmente, sobre a parceria na realização do trabalho, quando na fala 5, informa que realiza transcrição da fala da aluna (em LIBRAS) para o português escrito. Será que esta também é uma de suas atribuições? O papel da escola não é apoiar o desenvolvimento deste

conhecimento. Quais são realmente as atribuições deste profissional no espaço escolar? Será que o aluno surdo não pode produzir com suas próprias mãos o texto escrito? Será que a professora entende o que está acontecendo? Quanto aos demais alunos, como este tipo de atividade é desenvolvida? Quem desenvolve as atividades com os alunos é a professora ou a intérprete? A intérprete não seria para mediar a comunicação?

Mantoan (2006) reforça a importância da interação dos profissionais locados no ambiente escolar para uma oferta de um ensino de qualidade. Em suas palavras tem-se que:

O exercício constante e sistemático de compartilhamento de ideias, sentimentos e ações entre professores, diretores e coordenadores da escola é um dos pontos-chave do aprimoramento em serviço. Esse exercício é feito sobre as experiências concretas, os problemas reais, as situações do dia a dia que desequilibram o trabalho nas salas de aula – essa é a matéria-prima das mudanças pretendidas pela formação (MANTOAN, 2006, p. 56).

Ainda sobre a diferenciação das atividades e a necessidade de parceria na realização do trabalho, apresenta-se os recortes das TIL II, III e IV:

TIL II: (...) a principio a gente não se dava muito bem não, acho que eu já estava acostumada com a outra professora. (...). Sempre eu estou perguntando, para a gente não entrar em atrito, que não é bom;

TIL III: Na escola é um pouco complicado, (...), o professor acha que a nossa função é outra. (...) Havia um conflito. Tanto é que a aluna surda mesma bateu o pé e disse: minha professora é você [referindo-se a professora da sala],

TIL IV: A professora pede para vê [as atividades], mas eu também quero vê o para casa [risos], então termino assumindo as duas funções.

Os elementos se repetem, a TIL III também apresenta a falta de compreensão da sua função/atribuições por parte da professora, inclusive a aluna se posicionando nesta questão. E ingressar no limite do trabalho do outro (fala da TIL IV). O espaço de transição da função do intérprete e do professor parece tênue, muitas vezes se confundindo. Será que estes papéis se confundem de fato, ou os atores de espaço não conseguem determinar esta diferença. A parceria nos trabalhos e o limite nas atuações, que influenciam as relações profissionais, deveriam ser estabelecidos no diálogo.

Outro elemento analisado, no decorrer desta formação discursiva é a “falta de clareza na especificidade do trabalho” do tradutor/intérprete de LIBRAS. Segue os excertos do discurso de dois sujeitos que trazem este elemento à discursão:

TIL IV: Na realidade a gente tem que entender estas questões assim também. Porque não fica claro para o professor. O professor geralmente, ele, você chega lá, por isso que muitas escolas estão confundindo, pega o intérprete, de repente ele está olhando o recreio, o intérprete está substituindo o

professor que faltou. (...) Eu deixo claro, a regente é a professora tal, eu estou aqui trabalhando com o aluno surdo.

TIL VI: Acontece muito isso, jogam o aluno surdo para o apoio, (...). É mais assim, que vez por outra, de alguém chegar, o coordenador, quais as atividades que você está fazendo com ele? Eu tenho que falar, que eu tenho que adaptar o que ele está aprendendo na turma, porque se não, não teria lógica pela perspectiva da inclusão.

A implantação do serviço do intérprete de LIBRAS na escola ainda causa certo mal entendido na equipe gestora, pode-se perceber na fala acima do sujeito TIL IV. Muitas vezes não se entende que a prioridade de atividade do servidor tradutor/interprete é a mediação de comunicação. As falas dos interpretes parecem também desencontradas, a TIL acima informa que seu trabalho é adaptar os conteúdos da turma.

Há um embaraço na compreensão inclusive do professor acerca do aluno com surdez. Percebe-se certa rejeição do aluno surdo por parte da professora, na fala da TIL V quando informa que “Quando eu cheguei ela falou que ficava meio perdida, porque tinha os meninos, ainda tinha que dar conta do surdo”. A responsabilidade dos todos discentes da sala independente de qualquer situação (econômica, étnica, com ou sem deficiência, entre outra) é do professor. A presença de outro profissional em sala de aula, não exclui as atribuições do docente.

O último elemento trabalhado na análise desta formação discursiva é a questão “do aluno não é um sujeito passivo”, diante deste tema Tardif (2002, p. 130) explana dizendo: “O objeto de trabalho docente escapa constantemente ao controle do trabalhador”. Seguem-se os excertos de depoimentos dos TILs III, IV e V:

TIL III: (...), a professora achava que eu era a responsável pela aluna, a aprendizagem dela era totalmente da minha responsabilidade. Hoje ela me vê como uma pessoa que está ali para intermediar;

TIL IV: Porque o aluno não é meu, é do regente, não é do intérprete. (...). Mas geralmente, os professores acham que o aluno surdo é seu, é do intérprete;

TIL IV: (...) é importantíssimo o envolvimento das pessoas da escola, porque o surdo não é do intérprete. O surdo é da escola, e não é só do professor, é do diretor, é do coordenador, e do serviço gerais, é da cozinheira, é de todos;

TIL V: E quando o intérprete entra na sala de aula que tem mais noção de LIBRAS, sabe como passar para o aluno, então já é uma preocupação a menos.

Tardif (2002, p. 129) falando sobre os alunos afirma “Eles não possuem as mesmas capacidades pessoais nem as mesmas possibilidades sociais. As suas possibilidades de ação variam, a capacidade de aprenderem também, assim como as possibilidades de se envolverem

numa tarefa, entre outras coisas”. Sobre os alunos Ainda Tardif (2002) acrescenta proferindo que

os alunos são seres humanos cujo assentimento e cooperação devem ser obtidos para que aprendam e para que o clima da sala de aula seja impregnado de tolerância e de respeito pelos outros. Embora seja possível manter os alunos fisicamente presos numa sala de aula, não se pode forçá-los a aprender. Para que aprendam, eles mesmos devem, de uma maneira ou de outra, aceitar entrar num processo de aprendizagem (TARDIF, 2002, p. 268).

No termino da análise da FD “Conflitos de identidade entre o professor e o tradutor e intérprete de LIBRAS” emerge a fala de Sanches (2011, p. 57) quando expressa sobre os conflitos no âmbito da educação e educação especial dizendo que: “As dificuldades dos próprios actores da educação especial estão ancoradas nos vários entendimentos que se têm sobre a educação em geral e, especificamente, sobre a educação especial, o que gera contradições e conflitos internos”.

Conclui-se esta análise com o trecho bem conhecido de Paulo Freire, refletindo a interpelação entre a formação e a prática, pontuando algumas complexidades no ato da docência, e a não neutralidade dos sujeitos envolvidos neste ato.

quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1996, p.23).

## **2 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS ALCANÇADOS ATRAVÉS DAS OBSERVAÇÕES**

Os dados recolhidos, através da técnica da observação, balizados através do “Guião de Observação” (Apêndice 2) contêm os itens: descrição da escola (estrutura física; estrutura organizacional e dinâmica escolar); descrição dos relacionamentos interpessoais (do tradutor e intérprete de LIBRAS com o professor, com o aluno surdo e com os demais alunos); fluência em LIBRAS do tradutor e intérprete de LIBRAS e atribuições exercidas por ele na escola. O texto na íntegra com os dados coletados nas observações estão disponíveis do apêndice 16 ao 23.

A fim de sistematizar a apresentação do *corpus* de dados e análise das observações, os mesmos foram organizados a partir dos sete sujeitos observados. A metodologia voltou-se

para o trabalho de cada sujeito separadamente, pela singularidade dos mesmos e dos fatos observados.

### *2.1. Descrição e análise da observação com o sujeito TIL Ib*

Nos três momentos de observação do TIL Ib percebem-se algumas especificidades no trabalho deste sujeito em relação aos demais, bem como vários elementos convergentes. Dentre as especificidades, destaca-se o horário de trabalho (à noite) e o fato de ser uma turma de EJA, em que os alunos possuem um perfil etário diferenciado. A maioria já está no mercado de trabalho, não tiveram acesso à escolarização no período próprio.

Outro aspecto que pode ser apontado é o fato de um evento extra no dia da primeira observação. Este evento tratou-se de uma palestra com o grupo dos “Alcoólicos Anônimos – AA”, em que todos os alunos do turno foram convidados a assistir. O discurso produzido em uma palestra é distinto do usado em sala de aula, sendo um desafio para o intérprete. Dentre os elementos coletados pontua-se: velocidade na enunciação das falas, a gramática da LIBRAS, postura do intérprete e sua localização no espaço, necessidade de revezamento. Segue os trechos das descrições do evento:

1. A TIL apresenta dificuldade na interpretação para LIBRAS, alguns dos fatores percebidos é a velocidade do palestrante, sua fala é feita através da leitura, muito rápida;
2. A TIL usa uma interpretação mais literal, contudo algumas expressões ficam agramaticais na LIBRAS;
3. A TIL senta-se a cerca de 50 cm de distância da aluna surda e eu sentei ao lado da aluna. Olhar a TIL causa certo desconforto visual, pela proximidade;
4. O palestrante está em pé do lado oposto do espaço e a TIL do lado contrário. A aluna surda não tem uma visão clara dos movimentos/expressões do palestrante de forma simultânea com intérprete;
5. A TIL necessita sair do ambiente, (...). A aluna no intervalo de saída da TIL ficou sem acesso às informações (APÊNDICE 16. 1ª OBSERVAÇÃO: 07/11/13 – TIL Ib).

A partir destes fragmentos de observação, podem-se destacar alguns elementos que não favoreceram a prestação de um serviço com uma qualidade adequada, pois no caso da velocidade do palestrante, fator externo ao intérprete, o mesmo deveria ter conversado anteriormente com ele explicando as especificidades do seu trabalho, ou mesmo com alguém do grupo. Quanto às estruturas frasais da LIBRAS foram prejudicadas, ficando agramaticais, podendo ser por causa da velocidade de fala e/ou pela falta de domínio desta estrutura pelo sujeito observado. Além destes itens, observou-se também a questão da localização da intérprete, dificultando o acesso visual ao usuário do serviço, no caso a aluna surda, pelos

motivos apresentados nos recortes 3 e 4. Por fim, percebeu-se a necessidade de revezamento com outro profissional, pois em um dado momento da palestra se ausentou do ambiente deixando a aluna surda sem acesso às informações.

Em relação à gramática da LIBRAS, a TIL usa a datilologia, uso do alfabeto manual para realizar o empréstimo linguístico, conforme segue: a professora introduz a discussão sobre a aula anterior e a TIL realiza a interpretação simultânea, durante a fala da professora aparecem termos específicos que a TIL desconhece e a TIL usa da datilologia (APÊNDICE 16. 3ª OBSERVAÇÃO: 12/11/2013– TIL Ib). Esta estratégia de interpretação usada revela um ponto positivo, pois a mesma resolve a problemática naquele instante, contudo a mesma deveria em outro momento pesquisar a existência ou não do termo em LIBRAS, ampliando assim o seu vocabulário e da aluna surda.

Finalmente, o último item observado referiu-se a adaptação do nível da linguagem utilizada para aquele público em específico.

A TIL sinaliza a discussão e a professora conduz o tema partindo da palavra ‘guerra’ que está em destaque no livro didático usado, e surgem as perguntas: Porque existe guerra? Quem provoca? A TIL faz a interpretação, contudo a aluna surda muitas vezes repete, como um espelho, os sinais que a TIL faz, ou não responde, parece não compreender o que está acontecendo (APÊNDICE 16. 3ª OBSERVAÇÃO: 12/11/2013– TIL Ib).

Do recorte acima, emerge o questionamento: O que deve ser feito pelo tradutor e intérprete de LIBRAS, quando os alunos surdos, usuários do serviço prestado, não são fluentes na sua primeira língua (Língua de Sinais)? Adaptar a linguagem utilizada, variando da linguagem coloquial para a formal, sem acréscimos de informações tão pouco omissões.

## *2.2. Descrição e análise da observação com o sujeito TIL II*

O sujeito TIL II atua em uma sala do 5º ano, último ano do Ensino Fundamental I, no horário da manhã. Existe outro aluno com deficiência na sala, o mesmo é usuário de cadeira de rodas.

Em relação aos dados recolhidos na observação deste sujeito, inicia-se coma questão da postura/localização do sujeito pesquisado em relação à aluna surda. Seguem os fragmentos das observações:

1. A professora inicia a aula com um debate sobre valores (preconceito, respeito, ...) e a TIL senta-se na primeira cadeira da primeira fila, partindo da porta. Sentada de costa para a porta e de frente para a aluna que está sentada

na segunda cadeira da mesma fila, uma de frente a outra (APÊNDICE 17. 1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/2013– TIL II).

2. As 8h50min, os alunos da sala são convidados a assistir uma apresentação dos trabalhos da turma do quarto ano (...). Os alunos do quinto ano, em que a TIL trabalha, vão passando pelos trabalhos e a TIL fica ao lado da aluna surda ou atrás dela, dificultando que a aluna tenha acesso às maquetes e as falas (APÊNDICE 17. 2ª OBSERVAÇÃO: 03/12/2013 – TIL II).

Os recortes apresentados demonstram que a posição da TIL não favorece a visualização simultânea da aluna surda para com o emissor do discurso e o intérprete. Neste contexto, caso a pessoa que está usando a fala utilize um gesto, um objeto que queira mostrar ou mesmo uma expressão, ficará fora do campo visual da aluna surda. Este fator é importante considerar, pois pode causar lacunas na comunicação. Da mesma forma que ruídos podem atrapalhar na comunicação oral, “ruídos visuais” podem atrapalhar na comunicação visual.

Outro aspecto observado foi a omissão de informação no ato da interpretação. O fato está descrito a seguir:

1. O tema da aula de hoje é “Dia da consciência negra”. A professora chama alguns alunos para apresentar uma pesquisa prévia sobre o tema da aula. A TIL durante a apresentação dos alunos faz uma interpretação com uma linguagem simplificada (retirando informações, resumindo o que está sendo dito) (APÊNDICE 17. 1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/2013– TIL II).

2. A professora pergunta quais os países da América do Sul que não faz fronteira com o Brasil, a TIL pergunta em LIBRAS e responde em seguida em LIBRAS, contudo sinaliza Chile, não diz Equador, poderia ter feito a datilografia do nome do país, a TIL fica procurando no mapa para mostrar para a aluna surda (APÊNDICE 17. 1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/2013– TIL II).

Ambos os relatos mostram a retirada de informações, negação do direito a informação por parte das alunas surdas. Se o nível de comunicacional das alunas for baixo, uma estratégia que poderia ser utilizada era a adaptação da linguagem, sem fazer omissões.

O tradutor e intérprete tem sempre disponível escolhas a fazer no momento da interpretação (tipo de interpretação, léxicos, tipo de sentença). Além disto, tem também a questão dos elementos implícitos no texto fonte, qual é o limite de divulgação destes elementos para o texto alvo? Nesta discussão, traz-se o excerto do discurso do Apêndice 17 (1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/2013– TIL II), informando que: a professora pede para a aluna surda, através da mediação da informação pela TIL, localizar no mapa o estado de Pernambuco. A aluna aponta no mapa, e a professora pergunta, onde fica a capital? A TIL sinaliza: onde fica Recife?. No recorte de texto a TIL revela um elemento implícito na fala da professora, podendo ser por não conhecer o léxico “capital” em LIBRAS, contudo influencia na resposta oferecendo um elemento não dito pela professora. Não obstante, destaca-se como

ponto positivo que a TIL consegue utilizar uma estratégia para deixar clara a informação emitida pela professora.

No momento da observação, percebeu-se que a TIL conduzia a aluna na realização de atividades divergentes dos demais alunos. Isto pode ser visto em dois momentos:

1. A professora copia uma atividade de matemática no quadro sobre frações, contudo a aluna surda continua em outra atividade dirigida pela TIL – resolução de algumas contas de multiplicação (APÊNDICE 17. 2ª OBSERVAÇÃO: 03/12/2013 – TIL II).
2. A aula inicia-se com professora lendo a página 92 do livro de matemática, envolvendo multiplicação. Enquanto a TIL trabalha fração com a aluna surda (APÊNDICE 17. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/12/2013– TIL II).

Sobre este aspecto é notório que a TIL escolhe as atividades que vai desenvolver com a aluna, transparecendo ser uma sala dentro da outra. Utiliza apenas os conteúdos, mas em dias distintos.

Também foi verificado que o sujeito da pesquisa realizava atividades extras solicitadas por outrem, mas que não estavam ligadas a interpretação nem ao apoio da aluna surda. Inclusive deixando-a sem atendimento.

1. Na sala de aula, além da aluna surda, tem a presença de outro aluno com deficiência, usuário de cadeira de rodas e com paralisia cerebral. Este aluno é colocado fora da sala com a ajuda da TIL, nestes momentos a aluna surda fica sem acesso as informações emitidas pela professora. A professora não espera a volta da TIL para continuar as explicações (APÊNDICE 17. 2ª OBSERVAÇÃO: 03/12/2013 – TIL II).
2. A professora inicia a aula com a reza “Ave Maria”, a TIL não estava na sala para interpretar este momento, ela precisou sair da sala para pegar material para a professora (APÊNDICE 17. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/12/2013– TIL II).

Percebe-se que a professora além de não valorizar o trabalho realizado pela intérprete, contribui para a exclusão da aluna surda, quando não aguarda a volta da mesma para iniciar as atividades.

### *2.3. Descrição e análise da observação com o sujeito TIL III*

Nesta descrição e análise serão pontuados os trabalhos de um tradutor e intérprete que realiza seu trabalho no 2º ano, no horário da manhã. Em relação ao local base de trabalho do sujeito da pesquisa segue o recorte da observação:



A aluna surda senta-se na quinta cadeira (última), da quarta fila partindo da porta e a intérprete senta-se de costas para o quadro, em frente a aluna (...). Do lugar que a aluna está sentada, pode-se ver tanto o quadro quanto a TIL. A TIL justifica que a aluna surda fica no final da sala, pois ela tem quinze anos e está fora de faixa, acima da média de idade dos demais alunos, que é de oito anos, sendo mais alta que os outros (APÊNDICE 18. 1ª OBSERVAÇÃO: 05/11/13 – TIL III).

Na questão da visualização da interpretação, alguns momentos a TIL se posiciona diferente, vai para frente e sinaliza em pé, durante algumas falas específicas da professora. Esta movimentação é relevante, pois favorece o acesso a visualização mais clara por parte da aluna, principalmente quando se realiza a leitura deleite no início da aula quando a professora utiliza imagens.

1. A professora pergunta aos alunos o tema gerador da quinzena, que é “Valores da sociedade: Todas as grandes coisas são simples e muitas podem ser expressas numa só palavra” e a TIL posiciona-se em pé na frente da sala e interpreta a fala da professora (APÊNDICE 18. 1ª OBSERVAÇÃO: 05/11/13 – TIL III).
2. Uma música de roda é tocada (...) e a TIL no centro da roda interpretando, os alunos rodando, cantando e acompanhando a melodia e a TIL rodando acompanha a aluna surda sempre de frente a ela. (...) a professora estimula todos a cantarem em LIBRAS, imitando a TIL (APÊNDICE 18. 1ª OBSERVAÇÃO: 05/11/13 – TIL III).

No segundo recorte do além da visualização/acesso às informações orais, por parte da aluna, percebe-se a preocupação da professora com interação entre os alunos e a aprendizagem da LIBRAS, favorecendo assim a inclusão. Seguem mais dois momentos em que a “interação” é destacada, contudo de forma negativa:

1. A TIL e a professora parecem não estarem em acordo com as atribuições da TIL. A professora questiona a TIL sobre algumas atitudes da aluna, o porquê da aluna não acompanhar a leitura no livro. A TIL justifica que ou a aluna olha para ela ou olha para o livro (APÊNDICE 18. 1ª OBSERVAÇÃO: 05/11/13 – TIL III).
2. No momento da atividade para casa, enquanto a aluna copiava, a professora explicava, os demais alunos acompanhavam auditivamente, simultaneamente a cópia. A TIL resolveu fazer uma interpretação consecutiva, logo após a aluna concluir a cópia. A professora não percebeu o processo, parece ignorar a presença da aluna surda na sala ou deixar sob a responsabilidade da TIL (APÊNDICE 18. 1ª OBSERVAÇÃO: 05/11/13 – TIL III).

No segundo ponto, pode-se destacar a utilização de uma interpretação consecutiva. Esta opção é válida quando utilizada com consciência. O tradutor e intérprete de LIBRAS e o professor precisam deixar o canal comunicacional aberto, pois em caso de dúvida/conflito o

professor pode pedir esclarecimento, informar detalhes do seu trabalho para que o TIL (enquanto profissional específico da tradução) possa fazer o inverso sempre que necessário.

Também foi percebido na observação deste sujeito a “adaptação da linguagem”, estabelecendo um diálogo com a aluna atendida. A TIL informou que a aluna além da surdez é hiperativa, por isso tinha dificuldade em manter-se sentada. Também foi informado que a aluna no momento da pesquisa já conseguia permanecer na sua cadeira, no entanto ‘não consegue’ ficar quieta, sempre argumentando a fala da TIL. O trecho a seguir detalha a situação: a professora introduz o tema “carta” e a TIL sentada começa a interpretar a fala da professora, mas a aluna começa a dialogar sobre o tema com a TIL. A TIL “ouve” a aluna expondo sua experiência (APÊNDICE 18. 1ª OBSERVAÇÃO: 05/11/13 – TIL III).

Dentre os tipos de interpretação percebida, além da “interpretação consecutiva”, registrou-se dois fatos relacionados a competência tradutória:

1. A professora começa a aula com a leitura do livro “Bruna e a galinha de D’angola” de Gersilga de Almeida. Logo em seguida a professora fala do termo “terra natal”, a TIL fez uma explicação sobre o termo. A TIL pegou o tema proposto e construiu o seu próprio discurso (APÊNDICE 18. 3ª OBSERVAÇÃO: 26/11/13- TIL III).
2. A professora distribuiu alguns textos (algumas imagens, fotografias, propagandas, anúncios, cardápio de restaurante, tirinhas), cada aluno teria que ir a frente e apresentar o seu texto. (...) A aluna surda foi na frente da sala para apresentar o seu texto também (um cardápio), a TIL fez a interpretação para o português oral, se levantou e ficou perto da aluna (APÊNDICE 18. 3ª OBSERVAÇÃO: 26/11/13- TIL III).

No primeiro recorte tratou-se de uma tentativa de realização de uma paráfrase, contudo se fosse uma paráfrase, a TIL deveria ter soletrado o termo, e feito uma breve explicação, talvez isto fosse o indicado. No segundo trecho mostra um tipo de interpretação que é utilizado com menos frequência neste contexto (de LIBRAS para o português oral), contudo vale ressaltar o cuidado para não se utilizar seus vícios de linguagem ou mesmo utilizar o português não adequado ao momento, ficando a fala da pessoa surda (neste contexto) inadequada.

#### *2.4. Descrição e análise da observação com o sujeito TIL IV*

Na descrição e análise das observações do sujeito TIL IV, introduz-se com o item “atribuições extras”, não ligadas a língua de sinais, nem ao atendimento do aluno surdo, conforme seguem os recortes da observação:

1. Ao abrir o portão principal, os alunos vão para o pátio e se organizam sala por sala, em duas filas, (...).São rezadas as orações (...) dirigida por duas profissionais da escola, sendo uma delas o nosso sujeito da pesquisa. (APÊNDICE 19. 1ª OBSERVAÇÃO: 30/09/13- TIL IV). Obs.: O aluno surdo ainda não havia chegado.
2. A intérprete acompanha os alunos para a sala e os recebe. O aluno surdo que ela presta atendimento ainda não chegou, nem a professora. A intérprete estabelece uma conversa inicial com os alunos, perguntando sobre o dia anterior e estimulando-os a se organizarem. A professora chega e assume a regência da sala (Apêndice 19. 1ª Observação: 30/09/13- TIL IV).
3. A TIL realiza o apoio de sala, orienta os alunos a fazerem as atividades, copiarem do quadro, faz ponta de lápis,... (APÊNDICE 19. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/11/13 - TIL IV).

Apesar de não se registrar a presença do aluno surdo é visível a realização de atividades extras pela tradutora/intérprete de LIBRAS. No primeiro momento ela auxilia na organização das filas recepcionando os alunos, papel este do auxiliar de disciplina. No segundo recorte ela assume a regência da sala, papel do professor. E no terceiro recorte mostra a mesma trabalhando como apoio de sala. Quanto ao fato do sujeito da pesquisa realizar funções extras, faz-se necessário destacar que em momento nenhum durante as observações o mesmo desenvolveu atividades extras às suas atribuições de tradutor e intérprete de LIBRAS e deixou o aluno surdo sem atendimento. O apoio prestado aos demais alunos, quando realizado, era feito sempre após o atendimento ao aluno surdo ou quando o mesmo não estava presente em sala de aula.

Outro ponto a ser destacado refere-se às relações interpessoais, em especial entre a professora e o aluno surdo:

1. A TIL aparenta realizar um trabalho de parceria com a professora. A professora chama o aluno surdo para o quadro e aproxima-se dele e sinaliza [EU LHE AJUDO], mas o aluno não quis (APÊNDICE 19. 2ª OBSERVAÇÃO: 01/11/13 - TIL IV);
2. A professora propõe uma atividade de descobrir palavras em português, contudo em vez de usar mímica, usam-se os léxicos da LIBRAS. A TIL sinaliza e os alunos dizem as palavras correspondentes. E o aluno surdo soletra a palavra usando a datilologia (uso do alfabeto manual), e os demais alunos fazem a soletração oral e com as mãos (APÊNDICE 19. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/11/13 - TIL IV).

Nestes recortes percebe-se a professora motivada em realizar a participação de todos os alunos, desempenhando atividades significativas, tanto para o aluno surdo quanto para os demais alunos, estimulando o uso da LIBRAS.

No desenvolvimento das atividades de apoio de sala ao aluno surdo, registram-se os seguintes trechos:

1. A aula começa com a professora pedindo as atividades para casa, o aluno surdo não fez, a TIL orienta o aluno quanto à realização da atividade (APÊNDICE 19. 2ª OBSERVAÇÃO: 01/11/13 - TIL IV).
2. A professora copia no quadro a atividade para casa, enquanto isso, a TIL sentada em frente do aluno surdo orienta-o na cópia da atividade para o caderno (APÊNDICE 19. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/11/13 - TIL IV).
3. Hoje na sala registra-se também a presença do instrutor de LIBRAS. A TIL explica-me que a proposta seria que o instrutor atendesse no contraturno do aluno, contudo a família não disponibiliza de tempo para trazê-lo. Após o intervalo a TIL, o aluno surdo e o instrutor se dirigem para a sala de leitura. A TIL conduz a atividade utilizando um alfabeto móvel de madeira. A TIL utiliza um caderno próprio para uso neste momento para que o aluno desenvolva algumas atividades específicas (APÊNDICE 19. 2ª OBSERVAÇÃO: 01/11/13 - TIL IV).

Assim como nas descrições dos sujeitos anteriormente analisados, percebe-se a realização de atividades de apoio de sala e de orientação na realização das atividades para com o aluno surdo (papel do professor). Além disto, o trabalho de AEE – Atendimento Educacional Especializado, que deveria ser realizado em contraturno, para complementar e suplementar a aprendizagem, é feito no momento da aula, tirando o aluno de sala, privando-o do contato com os colegas de sala e com os conteúdos ensinados naquele instante.

O sujeito da pesquisa também realiza trabalho de interpretação não apenas na sala de aula com o aluno surdo, mas também em momento de capacitação para os professores, quando o instrutor de LIBRAS (pessoa surda) é o ministrante (APÊNDICE 19. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/11/13 - TIL IV).

Em relação às técnicas de tradução/interpretação percebe-se que a TIL precisa apropriar-se melhor. Algumas com a prática e o tempo irão se aperfeiçoar, contudo se faz necessário o estudo e a reflexão. Segue dois excertos das observações:

1. A professora segue para o momento da leitura deleite, a TIL fica em pé na frente do aluno e vai fazer a interpretação para LIBRAS, de acordo com a leitura e as intervenções (falas, explicações e perguntas) da professora. Em alguns momentos, a TIL utiliza-se de uma paráfrase, explicando os termos que o aluno transpareceu não conhecer (APÊNDICE 19. 2ª OBSERVAÇÃO: 01/11/13 - TIL IV);
2. A professora realiza em seguida a leitura deleite do livro “Sete camundongos” de Ed Young. A TIL usa a interpretação simultânea, de forma mais literal, com algumas paráfrases. A TIL apresenta dificuldades em alguns sinais (léxicos da LIBRAS) específicos, o sinal de domingo com direcionalidade invertida (em vez de fazer de fora para dentro, fez de o sinal de dentro para fora, em relação ao centro do rosto). Quando a professora lê a moral da história, a TIL teve dificuldade de reorganizar a sentença em LIBRAS, ou seja, quebrar a metáfora e refazê-la em LIBRAS (APÊNDICE 19. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/11/13 - TIL IV).

A tomada de decisão deve ser um ato consciente por parte do tradutor/intérprete, mesmo que não se saiba fazer diferente naquele momento, é a sua escolha naquele momento. A interpretação não é neutra, porque envolve o vocabulário pessoal, as técnicas que se tem conhecimento, seu entendimento do tema e do que é dito. Se a interpretação fosse algo neutro, invariável, o mesmo texto seria interpretado da mesma forma independente do profissional que a realiza.

E finalmente, quando as atribuições ultrapassam o seu fazer enquanto profissional, mas não extrapolam enquanto ser humano, ocorre o fato descrito a seguir:

A TIL comenta que a situação econômica da família do aluno surdo é difícil, e que já comprou caderno para o aluno, pois a família não disponibilizou, nem a escola tinha para a doação. Hoje a escola tem material, sempre que é diagnosticada a necessidade, a professora distribui materiais básicos (cadernos, lápis, borracha) para os alunos (APÊNDICE 19. 3ª OBSERVAÇÃO: 04/11/13 - TIL IV).

## *2.5. Descrição e análise da observação com o sujeito TIL V*

Este sujeito atua em uma sala de aula do 3º ano, no turno da manhã. Inicia-se a análise apresentando os extratos retirados das observações relacionados com a posição de trabalho do sujeito TIL V e a influencia desta posição no seu trabalho e outros elementos também registrados nestes extratos:

1. Os alunos quando entram na escola tem acesso direto às salas. A professora inicia a aula com uma oração e a TIL sentada ao lado do aluno, virada para ele, faz a interpretação para LIBRAS. Os alunos de maneira geral repetem a oração com a professora, entretanto o aluno surdo não repete (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
2. A TIL, sentada ao lado do aluno surdo, sinaliza a leitura [deleite no inicio da aula] e as perguntas que a professora faz durante a leitura. A posição em que a TIL está não favorece, pois o aluno não consegue olhar simultaneamente para a professora e as imagens que ela mostra e para a interpretação feita pela TIL. A posição da TIL restringe o ângulo de visão do aluno (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
3. A leitura de deleite do dia é o livro “Para que serve o livro?”, a professora lê e a TIL faz a interpretação e muitas vezes descreve as imagens, o aluno na cadeira sentado de lado olhando para a TIL não tem acesso visual as ilustrações do livro, a professora está na frente da sala e mostra as figuras para os demais alunos (APÊNDICE 20. 3ª OBSERVAÇÃO: 02/12/13 - TIL V).

Em uma sala onde todos os alunos estão organizados em filas e um deles sendo atendido por um profissional que requer constantemente ao aluno que se posicione virado de lado é estranho, até porque a posição em que a TIL está não favorece a visualização por parte do aluno. Partindo do extrato 3 (três) emergem os questionamentos: Será que seria necessário descrever as imagens? O aluno não pode observá-las diretamente?. Seria o lugar ideal para o aluno surdo no final da sala? Quais deveriam ser as intervenções que o sujeito da pesquisa deveria fazer enquanto tradutor e intérprete de LIBRAS?

Durante as observações registraram-se estratégias de interpretação utilizada por esta TIL:

Em determinados momentos da leitura, a intérprete não consegue acompanhar, por causa da velocidade da leitura por parte da professora e a TIL como estratégia suprime algumas informações. O novo texto em LIBRAS fica com brechas, lacunas, dificultando a compreensão. No momento em que a professora lê a moral da história, a TIL apresenta dificuldade na quebra da metáfora e a construção do novo texto (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V).

No recorte acima se percebe a dificuldade na reorganização do texto emitido pela professora pela TIL, um dos fatores é a velocidade da leitura, demonstrando falta de sintonia entre os profissionais. Em segundo lugar pode-se afirmar que o sujeito descrito na fala não possui competência linguística suficiente para realizar a interpretação, esta falta de competência linguística pode ser ora em língua portuguesa para entender parte do texto (moral da história) ora para saber qual estratégia deve ser utilizada na reconstrução frasal da LIBRAS, reconhecendo que requer do profissional não apenas o conhecimento de vocabulário mas também da gramática (sintaxe) da língua do texto alvo. Neste sentido, Magalhães Junior (2007, p. 19-20) afirma:

O intérprete tem que ouvir e falar ao mesmo tempo, repetindo em outra língua palavras e ideias que não são suas, sem perder de vista o conteúdo, a intenção, o sentido, o ritmo e o tom da mensagem transmitida por seu intermédio. Não tem qualquer controle sobre a complexidade de velocidade, a clareza ou a lógica do apresentador.

Um ponto que tangencia o trabalho do profissional que realiza a mediação comunicacional, entre duas línguas é a correspondência entre os textos envolvidos. Diante disto, surge uma pergunta de qual é o limite de omissão de informação/termos e/ou acréscimo destes no texto alvo? Ressalta-se não estar a tratar de uso de paráfrases, para termos não

equivalentes. Seguem os trechos sobre as diferenças no texto, após a passagem pela tradutora e intérprete de LIBRAS:

1. A professora explica o uso de letras maiúsculas e minúsculas em algumas palavras do texto, a TIL tem dificuldade na interpretação e suprime algumas falas (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
2. A professora fala de valores, discriminação e a TIL traz para sua interpretação exemplos extras, que não estão na fala da professora, acredito que para ser mais clara. (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
3. A professora coloca um vídeo com uma música e apaga a luz (tendo na sala um aluno surdo e o seu acesso a informações é principalmente visual), sendo este vídeo sem legenda, e sem a presença de um TIL no vídeo. Caso a TIL quisesse realizar a interpretação visualmente seria muito difícil do aluno acompanhar. A TIL não interfere na ação da professora, nem explica a situação para a professora. O vídeo desta forma não é significativo para o aluno surdo (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
4. A professora canta com os alunos uma música, a TIL interpreta e também realiza uma conversa com o aluno sobre a mesma temática (APÊNDICE 20. 3ª OBSERVAÇÃO: 02/12/13 - TIL V).

O aluno precisa aprender a diferenciar a fala da tradutora e intérprete de LIBRAS da fala da professora. Qual o papel da TIL em uma sala nos anos iniciais do ensino fundamental? Até que ponto a TIL tem autonomia para decidir ao que o aluno pode ter acesso, retirando informações e acrescentando durante a fala da professora? Imaginemos uma palestra em que o palestrante está desenvolvendo seu discurso e o intérprete resolve contextualizar e conta uma piada para deixar o tema mais informal. O público alvo a pensar que a informação é do palestrante e o palestrante sem entender o motivo dos sorrisos. Será que o tradutor e intérprete de LIBRAS tem direito de influenciar no texto?

Foram também anotados nas observações atividades de apoio de sala, tanto para o aluno surdo, quanto para os demais alunos de maneira geral. Recortes expostos a seguir:

1. A TIL apoia de maneira geral a sala, aponta lápis, olha as atividades dos alunos (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
2. A TIL cola a atividade em dois cadernos: de uma aluna que tem dificuldade de aprendizagem (ainda que sem laudo) e de outro aluno que faz acompanhamento dois dias na semana, no horário escolar, em um centro de apoio – informações dada pela TIL (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
3. A professora coloca no quadro a atividade sobre valores humanos. O aluno surdo copia do quadro e a TIL apoia o aluno surdo na realização das atividades. Questionando sobre as perguntas, provocando reflexão e caso o aluno não saiba escrever as palavras específicas, a TIL soletra (com o alfabeto manual) a palavra desejada pelo aluno (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
4. Na proposta de trabalho do dia, a nova professora distribuiu livros com os alunos. A TIL vai ajudando o aluno surdo a ler, palavra por palavra,

pergunta ao aluno que palavra é esta, em pé ao lado do aluno (APÊNDICE 20. 2ª OBSERVAÇÃO: 29/11/13 - TIL V).

O trabalho de apoio por parte da TIL tanto em relação a turma em geral, quanto ao aluno surdo, não temos o que questionar, desde que não atrapalhe suas funções essenciais. Este elemento é exposto a fim de perceber o que compõe as atribuições realizadas pelos sujeitos da pesquisa, o que deve ser observado se o apoio interfere na autonomia do aluno.

O desenvolvimento de atividades diferentes do restante da turma também foi observado. A adaptação de atividades podem ser feitas sem concordância com o professor, caso as mesmas não sejam acessíveis ao aluno, ou não tenham significado para o mesmo, no caso, de estar trabalhando elementos sonoros com os demais alunos. Sobre as atividades diferentes dirigidas pela TIL para o aluno surdo tem-se:

1. Após o intervalo a professora trabalha a reflexão fonológica na escrita das palavras e a TIL com o aluno surdo trabalham uma atividade de matemática (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V);
2. A professora pede para um dos alunos da sala lê para os demais, todavia a TIL continua na leitura com o aluno surdo (APÊNDICE 20. 2ª OBSERVAÇÃO: 29/11/13 - TIL V).

No primeiro recorte a atitude da TIL poderia trabalhar as mesmas palavras com uma atividade diferenciada, a adaptação da atividade parece ser necessária. A fuga do tema não é uma atitude ideal, até porque toda a turma estava no mesmo trabalho. Se houvesse atividades diversificadas por grupos, mas não é isso o que acontece, a atividade do aluno surdo foi a exceção. Quanto ao segundo, não percebe o motivo para que o aluno surdo não possa acompanhar a leitura realizada por um colega, se há um intérprete na sala.

Por fim, foi aplicada uma avaliação institucional com todos os alunos da sala. A aplicação ocorre de modo diferenciado, como mostra um fragmento da observação: “Hoje foi aplicado um simulado para a “provinha Brasil”, exame institucional. A TIL faz a leitura em LIBRAS das questões para o aluno surdo” (APÊNDICE 20. 1ª OBSERVAÇÃO: 06/11/13- TIL V). Entende-se que o aluno está em fase de alfabetização, mas os colegas da sala, também estão nesta fase. O que impede o próprio aluno de realizar sua avaliação, com autonomia? Se o que estiver sendo avaliado é a leitura por parte do aluno, no caso específico não tem como avalia-lo, pois quem fez a leitura da prova foi o sujeito da pesquisa, não o aluno. Este fato trata-se de uma questão de autonomia do aluno. O modo como sujeito da pesquisa atua em sala de aula pode ou não favorecer a autonomia do aluno. As atividades desenvolvidas com o aluno devem ajudá-lo a realizar suas atribuições com independência, sejam elas em grupo, sejam elas individuais.



## 2.6. Descrição e análise da observação com o sujeito TIL VI

O sujeito TIL VI está em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Foram elencados os elementos mais significativos na análise dos dados recolhidos nos três momentos de observação. Em meio das informações detectadas adentra-se a análise com a questão da localização do sujeito da pesquisa em relação à sala de aula e ao aluno surdo atendido. Apresentam-se pedaços dos relatos sobre este tema:

1. A sala de aula em que a TIL atende é de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. (...) O aluno surdo fica sentado na última cadeira da sexta fila, (...). A professora faz algumas orações, os alunos em geral ficam em pé, a TIL senta-se na última cadeira da 5ª fila, contudo ela não interpreta para o aluno surdo (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
2. A localização da TIL não favorece a visão do aluno do texto escrito no quadro, enquanto é feita a leitura por parte da professora e dos colegas, a TIL sentada ao lado dele. O aluno precisa olhar de lado, não olha simultaneamente o texto associando os sinais com as palavras do quadro, não realiza leitura (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).

Este quesito já foi bastante comentado nos sujeitos anteriores, contudo destaca-se a última frase do recorte 1 (um). A informação é negada ao aluno. Sobre esta negação de informação, trazem-se outros recortes:

1. A sala canta uma música, a TIL avisa em LIBRAS, mas não interpreta a mesma (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
2. A professora desenha no quadro um relógio e ensina leitura das horas, a TIL atende o celular e sai da sala, o aluno fica sem compreender, a professora não interage com o aluno surdo, nem coloca as horas proposta no quadro, vai informando como seria tal hora oralmente, só na fala (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
3. Ao chegar à escola a TIL informou que a gestora da escola delegou para ela a responsabilidade de organizar um coral em LIBRAS. Hoje a TIL está passando nas salas coletando os nomes dos alunos que irão integrar o coral e posterior ensaio. Enquanto isto o aluno surdo está na sala sem interpretação (APÊNDICE 21. 2ª OBSERVAÇÃO: 25/11/13 - TIL VI).
4. Na sala de aula a professora pede aos alunos para se levantarem para fazer uma oração, enquanto isto a TIL não chegou à sala. O aluno surdo não participa, todos em pé e o aluno não levanta e a professora não pede para o mesmo se levantar. A professora ignora o aluno surdo está sentado. A TIL estava conversando com a mãe do aluno surdo, explicando sobre o comportamento, aprendizagem, relacionamento com os colegas. A mãe procurou a TIL, não a professora para obter informações do seu filho e a TIL não direcionou a mãe para falar com a professora (APÊNDICE 21. 3ª OBSERVAÇÃO: 27/11/13- TIL VI).
5. Hoje na sala, além de mim, da TIL e da professora, registra-se a presença do instrutor de LIBRAS, que também não foi convidado para conversar com a mãe (APÊNDICE 21. 3ª OBSERVAÇÃO: 27/11/13- TIL VI).

6. Após o recreio a TIL ensaia a música “A casa” com os alunos da sala. Em seguida a TIL dirige-se para a turma do quarto ano, para ensaiar as músicas “Paz Pela Paz” de Nando Cordel e a “A casa”, para uma feira de literatura da escola (APÊNDICE 21. 3ª OBSERVAÇÃO: 27/11/13- TIL VI).

Ao observar os retalhos dos textos exibidos acima surgem questionamentos: Qual a função principal deste sujeito na escola? Quais são suas atribuições? A escola nos dias em que ocorreram as observações demonstrou não haver uma preocupação com a aprendizagem do aluno surdo. A professora (recorte 2) (não) percebendo a ausência da TIL na sala de aula, não se preocupa em escrever no quadro alguns elementos da sua fala. A gestão retira a TIL de sua sala desconsiderando as atividades realizadas por esta com o aluno surdo (recorte 3). Também no recorte 4 (quatro) a TIL conversa com a mãe, sem encaminhar a genitora do aluno para conversar com a professora e com o instrutor que também estava presente na escola (recorte 5).

Entre as diversas atribuições exercidas pela TIL na escola, destacamos:

1. A professora pede para a TIL ensaiar a música (...) enquanto isto a professora sai da sala. Alguns sinais a TIL utiliza uma mímica (telhado, parede) ou confusos, com erro no movimento, direção do sinal, ou configuração de mãos (parâmetros da formação do sinal). (...) A TIL, enquanto a professora está fora da sala, chama o auxiliar de disciplina para ajuda-la na disciplina, sendo que este, o auxiliar de disciplina, senta-se na 3ª cadeira da 1ª fila (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
2. A TIL orienta os alunos a fazerem a leitura do livro que foi distribuído, todavia os alunos ficam dispersos, andam pela sala, conversam entre si, e conversam com o auxiliar de disciplina e brincam. A TIL escuta a leitura de um aluno, enquanto os demais ficam sem atividade. De forma súbita uma cadeira é virada e o auxiliar de disciplina manda os alunos sentarem e ameaça um castigo, ficarem sem recreio com ele durante a semana (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
3. A professora volta para a sala e começa a tomar a leitura individual dos alunos e a TIL continua a ouvir a leitura, aluno por aluno (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
4. Os alunos são convidados para realizar a leitura na frente da sala, da sua produção textual. Enquanto isto, a TIL apoia alguns alunos que não conseguiram produzir o texto (APÊNDICE 21. 2ª OBSERVAÇÃO: 25/11/13 - TIL VI).
5. A TIL é convidada pela professora para ensaiar a música “A casa” de Vinicius de Moraes com os alunos da sala. A professora sai da sala e a TIL não tem domínio da sala, nem tão pouco consegue fazer o ensaio. A professora volta para a sala, controla os alunos e a TIL ensaia a música proposta em LIBRAS (APÊNDICE 21. 2ª OBSERVAÇÃO: 25/11/13 - TIL VI).

Diante do exposto, percebe-se que é delegada à TIL a regência de sala (recortes 1, 2, 3 e 5), contudo o sujeito da pesquisa não consegue ter um controle da sala, nem desenvolver as atividades propostas. A TIL atua também como apoio de sala de maneira geral, ouvindo a

leitura individual dos alunos (recorte 3). Também apresenta dificuldade na estrutura gramatical da LIBRAS (recorte 1).

Nas dificuldades com as estruturas da LIBRAS, ressalta-se que existe uma outra gramática envolvida (sintaxe, semântica, morfologia) não é apenas conhecer os vocabulários, como também se registra a necessidade do profissional da tradução/interpretação conhecer as técnicas específicas e saber como utiliza-las. Percebe-se com a LIBRAS também no recorte:

A professora pede a um dos alunos para distribuir uma atividade contendo o texto “O relógio” de Vinicius de Moraes, a TIL fica com a atividade do aluno surdo. A professora ler o texto e a TIL faz a interpretação com dificuldade, acredito porque o texto apresenta expressões idiomáticas próprias do português, que não tem na LIBRAS, por exemplo no primeiro verso “Passa, tempo, tic-tac” (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).

Nestes relatos, percebe-se que quanto menos ferramentado o TIL estiver mais serão as dificuldades no exercício da sua função. Se o TIL conhece suas atribuições, pode discutir e ‘negar-se’ a realizar outras. É preciso ter conhecimento, para evitar certos tipos de atitudes:

1. A professora chama os alunos ao birô para pegar o livro que cada um está lendo, o aluno surdo não vai pegar. A TIL pega o livro para o aluno surdo e fica com o livro em sua cadeira, os demais alunos cada um com o seu livro (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
2. O aluno é apático, não participa da dinâmica da sala, não tem acesso nem aos materiais diretamente” (APÊNDICE 21. 1ª OBSERVAÇÃO: 08/11/13- TIL VI).
3. a TIL volta para a sala e ajuda a professora a ouvir a leitura individual dos alunos. Primeiramente do aluno surdo, mostrando as imagens de um livro, sem destacar o texto escrito, em seguida a professora vai indicando os alunos para a TIL ouvir a leitura individual (APÊNDICE 21. 2ª OBSERVAÇÃO: 25/11/13 - TIL VI).

Ao ler e reler o trecho acima, o pesquisador se questionou quanto à negação ao estímulo da autonomia do aluno, não comunicar para que o próprio aluno pegue seu livro, assim como os demais alunos (recorte 1 e 2) e ainda retém o material. Trabalhar a leitura de um texto em palavras, partindo do texto imagético é normal. Ficar apenas nas imagens é a questão (recorte 3). Finalmente, com último recorte das observações feitas com este sujeito traz-se:

A professora coloca no quadro a atividade para a sala e a TIL copia para o aluno surdo. Todos os demais alunos copiam do quadro. O aluno não quer copiar, está com aparência de indisposição, de acordo com a TIL está ele com preguiça. Qual a atitude em um contexto deste? Precisa-se pensar sobre isto! (APÊNDICE 21. 3ª OBSERVAÇÃO: 27/11/13- TIL VI).

O que realmente limita este aluno e inclusive realizar uma cópia do quadro? Qual o significado desta atividade para este aluno? Entender o porquê da TIL realizar a cópia para o aluno, o mesmo não possui nenhum problema motor nas mãos. O que ela está trabalhando com isto? Se os demais alunos também não quiserem copiar, será que ela irá copiar para todos?

### *2.7. Descrição e análise da observação com o sujeito TIL VII, por disciplinas*

A sala de aula em que a TIL VII está locada é do nono ano (último) do Ensino Fundamental. A partir do sexto ano, cada disciplina há um professor, e a dinâmica da sala é diferente das demais observadas. Por dia estão previstas cinco aulas e normalmente acontecem duas da mesma disciplina. Na sala em que a TIL trabalha estão matriculadas duas alunas surdas que são irmãs. A escola está localizada no meio rural do município (APÊNDICE 22. 1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/13 - TIL VII).

Diante do contexto apresentado, apresentam-se e analisam-se os dados por disciplinas observadas. Algumas se repetiram durante as três observações e apresentam uma dinâmica própria. Seguem os recortes observados nas aulas de Língua portuguesa:

1. As duas primeiras aulas do dia são de língua portuguesa, a professora leu o texto “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado e a TIL faz a interpretação do texto. A professora após a leitura entrega uma atividade para os alunos, contendo perguntas para uma interpretação de texto. A TIL marca (sublinha) no texto, as respostas para a aluna copiar. Primeiramente a TIL faz a pergunta em LIBRAS, a aluna responde também em LIBRAS (APÊNDICE 22. 1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/13 - TIL VII).
2. Na segunda aula de português com as duas alunas surdas em sala, a TIL explica os conteúdos, pergunta para as alunas surdas e as alunas sinalizam a resposta e a TIL registra em português escrito, como uma escriba. As alunas copiam o que a TIL escreve (APÊNDICE 22. 1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/13 - TIL VII).
3. Na última aula, que é de português, a professora faz a correção da atividade da aula anterior, dando ênfase na primeira questão sobre o uso do hífen e a TIL interpreta simultaneamente, contudo não interpreta toda a fala da professora, faz um resumo (APÊNDICE 22. 2ª OBSERVAÇÃO: 21/11/13 - TIL VII).

A interpretação no contexto escolar não é algo fácil, pois é necessário que o profissional que a realiza tenha clareza do seu papel. Na aula de língua portuguesa, em especial, a maioria dos surdos apresenta dificuldades na produção escrita de textos, porque os mesmos tendem a utilizar a gramática da LIBRAS. Neste caso, é dever da escola trabalhar desde a mais tenra idade na especificidade linguística dos alunos surdos. Sobre os recortes

supracitados, a TIL além de ultrapassar os limites de seu cargo (atuando como professora das alunas), utiliza práticas que não favorecem a leitura do texto escrito pelas alunas, pois o mesmo é interpretado exclusivamente em LIBRAS. Além disto, surge entrave no acesso à informação, pois a interpretação é feita através de um resumo, sendo negados os detalhes da aula ministrada. Consciente ou não, a TIL é quem decide o que é dito e o que não é dito para as alunas.

As aulas de Educação física aconteceram em dois dias diferentes, a TIL não acompanha as alunas. A descrição a seguir, relata um destes momentos: na terceira aula os alunos vão para um campo de futebol ao lado da escola, para a aula de educação física, a TIL não acompanha. Ela explica que os alunos sempre jogam futebol e que o professor de educação física sabe alguma coisa em LIBRAS (APÊNDICE 22. 1ª OBSERVAÇÃO: 19/11/13 - TIL VII).

Mesmo que o professor saiba se comunicar com as alunas a responsabilidade de realizar a mediação é do intérprete. Este tipo de atitude é uma negação ao acesso à informação. Será que há disciplinas em que o conhecimento é inferior ou tem um caráter apenas prático? Será possível o professor de educação física informar algo nas duas línguas simultaneamente e dependendo da informação dizê-las com clareza?

Outra aula observada foi a de Matemática, os recortes estão expostos abaixo:

1. O professor faz uma correção de atividade de um dia anterior, colocando no quadro as questões e explica-as oralmente e copia no quadro. A TIL chama a atenção das alunas e diz para elas olharem para o quadro (APÊNDICE 22. 2ª OBSERVAÇÃO: 21/11/13 - TIL VII);
2. Uma das alunas da sala pede para o professor explicar novamente uma das questões do quadro, a TIL não interpreta a fala do professor e pergunta para as alunas se elas entenderam e que é fácil, faz-se necessário apenas à memorização da fórmula (APÊNDICE 22. 2ª OBSERVAÇÃO: 21/11/13 - TIL VII);
3. O professor aborda uma das alunas surdas, percebendo sua dificuldade em usar o compasso, vai fazendo a demonstração no caderno da aluna e explicando oralmente. O professor não percebe a especificidade linguística da aluna, nem tão pouco chama a TIL para interpretar as informações que ele quer prestar para a aluna (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII);
4. O professor após as explicações e anotações no quadro passou uma atividade do livro didático sobre circunferência (comprimento, diâmetro, raio, os termos), uma das alunas surdas teve dúvida e ao invés de chamar o professor, chamou a TIL (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII).

Novamente a negação ao acesso à informação é evidente. Em nenhum dos momentos a TIL realiza a interpretação. Parece para a TIL apenas o fato das alunas olharem para a

realização do cálculo seja suficiente para se compreender o processo, contudo não é tão óbvio assim (recorte 2 e 3). Outro ponto a ser destacado é o conflito de compreensão da função da TIL por parte das alunas, que não se pronunciavam quando a mesma não realizava a interpretação durante as aulas de matemática, contudo a procurava para explicar sobre o conteúdo, função esta do professor (recorte 4).

Também durante os dias em que foram realizadas as observações, houve aulas de Inglês, segue recortes:

1. a professora explica sobre verbos, a TIL usa a datilologia para soletrar o termo verbo, parece que a TIL desconhece este termo em LIBRAS (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII);
2. O professor de inglês copiou no quadro um exercício. Uma das alunas ao termina de copiar, chama a TIL para explicar as questões, e a TIL vai dialogando com a aluna para ela escolher as opções dadas pelo professor (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII);
3. As questões de inglês, que estão no quadro, têm alternativas em inglês com as respectivas traduções para o português, a TIL lê em LIBRAS, e pergunta: Qual a melhor, talvez a expressão mais apropriada seria “classifique os verbos sublinhados”, e se as questões estão traduzidas para o português, porque a TIL fez a leitura? Será que as alunas não sabem ler? Estando elas no último ano do ensino fundamental (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII);
4. A TIL apresenta dúvida para explicar para as alunas e vai para o birô para perguntar ao professor [de inglês] sobre as questões e explica para as alunas em seguida. Ela, a TIL se comporta como professora das alunas surdas. Por que ela não orienta as alunas para fazerem as perguntas diretamente ao professor através da sua mediação? (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII).

Nos recortes da observação durante as aula de língua inglesa podem-se destacar alguns pontos: uso do empréstimo linguístico através da datilologia (recorte 1), conflitos nos papéis assumidos (recorte 2), como interpretar as informações? (recorte 3) e conflito sutis nas relações interpessoais (recorte 4).

Considera-se positivo o fato da TIL realizar o uso da datilologia para interpretar o termo “verbo” para LIBRAS, contudo os TILs devem sempre estar se atualizando sobre o vocabulário em uso no seu espaço de trabalho. Se há um vocabulário específico, por que usar um empréstimo linguístico? O TIL deve estar a estudar, tem em mão, talvez através de dicionário virtual, acessível e gratuito através do celular (com o acesso inclusive sem internet).

Quanto a interpretação das informações qual o limite de informações que podem ser prestadas? Qual é o seu papel e qual é o do professor? Um dos papéis do TIL é favorecer a

comunicação entre o professor e os alunos, através do seu trabalho, estimulando inclusive a autonomia dos discentes surdos.

No quesito autonomia, se as alunas ainda têm dúvidas quanto ao realizar da atividade, quem deveria ir ao professor seriam elas, acompanhadas é claro da intérprete. Isto não ocorre no recorte 4 (quatro) em que a TIL vai ao professor tirar as dúvidas.

Na aula de História observa-se que o a linguagem utilizada pelas alunas surdas e também por parte da TIL não é a apropriada ao espaço. Também não é apropriada a velocidade da fala do professor, por ser rápida e a TIL ter dificuldade em acompanhá-lo. Segue o trecho relativo a essa aula:

Após o intervalo, a aula de história é iniciada com a apresentação de um trabalho pelas alunas surdas em LIBRAS, os outros dois alunos que estavam na sala se recusaram em apresentar, e os demais faltaram. A linguagem (vocabulário) das alunas, quanto da TIL é pobre e resumido. Ao concluir as apresentações, o professor ministra sua aula com o olhar direcionado para os alunos ouvintes. O professor fala rápido, a TIL apresenta dificuldade de acompanhar a velocidade do professor, contudo a TIL não avisa ao professor e ele não percebe que a TIL não o acompanha (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII).

É de suma importância que a relação entre os profissionais que trabalham compartilhando o mesmo espaço, estejam em sintonia e que haja liberdade de informar os fatores que influenciam seu trabalho, como a velocidade da fala. É importante que os professores entendam a sua responsabilidade em relação aos alunos surdos e que haja a preocupação/cuidado dos mesmos na aprendizagem de TODOS.

Por fim, a última aula a ser analisada é de Geografia:

A última aula do dia é de geografia sobre a Ásia. O professor discute sobre o Japão, Filipinas, mas a TIL desconhece os vocabulários da aula (nome dos países, termos da geografia) e não usa da datilologia. As informações que são interpretadas acontecem de forma resumida, simplificada (APÊNDICE 22. 3ª OBSERVAÇÃO: 22/11/13 - TIL VII).

A interpretação não acontece de forma ideal, podem-se elencar algumas possibilidades, com a falta de conhecimento de técnicas específicas, como empréstimo linguístico, para soletrar o nome dos países citados, ou a falta de vocabulário que poderia ser resolvido com a técnica citada. Também pode ter ocorrido a falta de compreensão da sua função na sala de aula e/ou problema na relação comunicacional com o professor.

### **3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

## **A identidade do tradutor e intérprete de LIBRAS: das suas concepções às suas práticas**

o domínio do ‘saber’ discursivo, o da sua memória, aquele que sustenta o dizer numa estratificação de formulações já feitas mas ‘esquecidas’ e que vão construindo uma história dos sentidos. Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já-dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do ‘anonimato’ e da ‘universalidade’ (ORLANDI, 1997, p. 141-142).

Nesta terceira parte deste capítulo: “Apresentação, Análise e Discussão de Dados” pretendem-se relacionar os elementos significativos partindo das técnicas de recolha de dados desta pesquisa: os discursos apreendidos nas entrevistas e relatos da prática dos sujeitos da pesquisa, obtidos através de observações no *locus* de trabalho de cada entrevistado.

Realizou-se o confronto dos dados com o objetivo de elucidar os elementos que contêm a problemática e a questão de partida, tendo como foco o objeto de estudo: a identidade do profissional tradutor e intérprete de LIBRAS locado no espaço educacional, com o recorte de atuação no ensino fundamental.

Na realização da comparação dos dados recolhidos, foram analisadas as convergências e divergências dos elementos comuns nas entrevistas e nas observações. Para organização desta análise foi seguida a ordem das formações discursivas. Ressalta-se que as formações discursivas cujos elementos não puderam ser observados (“Identificação pessoal e profissional das tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, “Percurso de formação das tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, “Formação do tradutor e intérprete de LIBRAS”) não foram confrontados, contudo estes elementos emergem nas conclusões e recomendações.

No que toca a FD “Funções que desempenham as tradutoras e intérpretes de LIBRAS”, os sujeitos da pesquisa apontam nas entrevistas três funções que são assumidas pelos mesmos no espaço escolar: 1. “mediar a comunicação”, ligada a interpretação/tradução de fato, tanto do português para a LIBRAS, como o inverso; 2. “ensinar os conteúdos curriculares”, relacionado ao ensino propriamente dito com o aluno surdo e 3. “ensino da LIBRAS” para o próprio aluno surdo que é acompanhado.

Nas observações foram observados os elementos citados nas entrevistas, e além deles também se verificou: 1. “trabalho de apoio de sala”, como pegar material para a professora, ajudar no controle da disciplina, realização/esclarecimento quanto a uma atividade de sala de aula (tanto ao aluno surdo, quanto aos demais alunos), em algumas destas atividades registrou-se que o aluno surdo deixou de ser atendido; 2. “como auxiliar de disciplina” na organização de filas na chegada dos alunos na escola; 3. “regência de sala” assumindo a sala



na ausência da professora de forma temporária, no atraso da professora ou nas saídas da professora da sala de aula.

Dentre as atribuições é importante destacar que um dos sujeitos ultrapassando sua função na escola, informa que disponibilizou material didático para o aluno pela necessidade encontrada pelo mesmo, contudo vale ressaltar que a TIL não ultrapassa sua função enquanto ser humano.

Em relação à FD “Dificuldades no exercício da função” foram apontados nas entrevistas os seguintes entraves: a autonomia do aluno como dificuldade, falta de fluência de LIBRAS tanto dos profissionais quanto dos alunos, falta de um instrutor de LIBRAS em tempo integral, falta de conhecimento do português pelos alunos surdos, o acúmulo de funções (ensinar e interpretar), formação (tanto a básica como a continuada), falta de experiência, maturidade profissional, a relação família – escola e falta de reconhecimento do profissional enquanto parte da escola. Na observação, além dos elementos citados também foram observados outros fatores que promovem dificuldade no exercício como: a localização do sujeito da pesquisa em relação ao espaço e ao discente atendido, muitas vezes não favorecendo o acesso às informações oferecidas; falta de diálogo da TIL com o emissor do fala seja ela o professor ou um palestrante convidado; falta de domínio não apenas da LIBRAS, mais também de técnicas de tradução/interpretação – conhecimento tradutório; a falta de um outro profissional para realizar o revezamento – principalmente em eventos extras; despreparo da equipe escolar, quanto do próprio do tradutor/ intérprete, no que se refere às suas atribuições.

Há um desencontro de informações quanto às atribuições, até mesmos os sujeitos pesquisados informam que seu papel fundamental é mediar a comunicação. Todavia, na prática alguns não priorizam esta mediação/comunicação.

Na FD “Competências necessárias para exercer a função” todos os sujeitos apontam nas entrevistas a necessidade do conhecimento linguístico, principalmente da LIBRAS, também são referidas as competências referencial e tradutória por menos sujeitos e o conhecimento da cultura surda. Nas observações percebe-se que os sujeitos desconhecem estes conhecimentos, sabem que eles existem mas, não o utilizam na prática, o seu trabalho é voltado para a tentativa, sem saber o porquê daquele fazer, usam o que sabem, de forma amadora/improvisada.

Quanto as FDs voltadas para a questões mais subjetivas (“Quem sou eu? Traços da minha identidade profissional”, “Conflito de identidade entre instituição e o tradutor e intérprete de LIBRAS” e “Conflitos de identidade entre o professor e o tradutor e intérprete de

LIBRAS”) nas falas apontam a necessidade da valorização do seu trabalho como promotor da inclusão, que para sua atuação faz-se necessário a participação de todos, contudo nas observações percebe-se um sujeito na tentativa de fazer o melhor, sem entender realmente o que é isto. Um profissional que, apesar de entender sua função primordial ser a mediação da comunicação, atua em certos momentos provocando a segregação e negação da informação ao aluno, não estimulando a sua autonomia, mas a dependência muitas vezes inconsciente, acreditando estar fazendo o melhor:

Ao denunciar o abismo existente entre o velho e o novo na instituição escolar brasileira, a inclusão é reveladora dos males que o conservadorismo escolar tem espalhado pela nossa infância e juventude estudantil (MANTOAN, 2006, p. 61).

## **CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A identidade não é algo estático, sempre está em mudança. Ela sofre influência dos conflitos/experiências pessoais e pelo contato com os outros. É um processo de constante negociação, sendo rejeitadas muitas vezes propostas de identificação, outras acatadas, e algumas transformadas. A vida oferece inúmeras possibilidades de identificação, contudo naturalmente as pessoas vão fazendo escolhas (a maioria delas não é um ato consciente).

Na análise dos dados deste trabalho, percebem-se alguns elementos que influenciam a construção da identidade do profissional tradutor/intérprete de LIBRAS que realiza seu trabalho no espaço escolar, percebe-se que este sujeito está em uma construção da sua profissão. Faz-se necessário tempo e reflexão para entender os limites/entraves, bem como as possibilidades de atuação em um determinado contexto. Diante disto, Masutti e Silva (2011) afirmam:

É possível ser intérprete sem se defrontar com questionamentos sérios a respeito das próprias identidades? Mas o que é identidade senão algo que se modifica a cada dia no contato com os outros? Cada um sabe perceber seus próprios traços psicológicos e corpóreos no trabalho de interpretação? A pergunta que se deve fazer é: em que medida é possível abandonar um conjunto de recalques (acontecimentos, ressentimentos, paixões, emoções fortes, sentimentos de competência ou incompetência, etc. que guardadas no inconsciente desde a infância) que respondem por construções imaginárias presentes e interferem no momento da interpretação (MASUTTI; SILVA, 2011, p.9).

Compreende-se que a atuação deste profissional não é um ato neutro, nem se pode estabelecer uma forma única de trabalho, tendo em vista que as línguas envolvidas são vivas e existem inúmeras formas de elaborar e reelaborar as sentenças nas mesmas.

Consideramos a produção de um trabalho acadêmico um ato que produz amadurecimento, muitas vezes de forma sofrida. Para exemplificar este sofrimento, trago a metáfora do amadurecimento de bananas no carbureto. O cacho de banana é retirado do bananal ainda verde e colocado em um lugar fechado em contato com algumas pedras de carbureto na água. Esta pedra em contato com a água libera um gás que promove o amadurecimento da banana de forma acelerada. Na produção orgânica isso não é utilizado, pois a banana tem o seu tempo de amadurecimento respeitado, possibilitando a retirada de

todos os nutrientes necessários do solo. Outro fato interessante sobre as bananas de um cacho é que todas não amadurecem no mesmo momento.

Fazendo uma analogia entre a metáfora supracitada e o presente trabalho, pode-se correlacionar o efeito do carbureto com os prazos para a finalização deste, mas o trabalho foi concluído, mesmo ciente que não se esgotaram as possibilidades de análise dessa temática. O ponto final foi colocado neste, não na vida.

Os dados recolhidos com os sujeitos da pesquisa apontam qual seja a sua função no espaço escolar, “mediação da comunicação” de um aluno utente de outra língua – LIBRAS – com os demais personagens do espaço escolar (equipe gestora, administrativa, demais alunos e professores), no entanto, na prática não sabem exatamente como proceder, como alguém que está em um deserto sabe que tem que atravessar mas não tem um caminho, tem apenas uma bússola e não sabe utilizá-la, o aprender vai sendo construído no caminho.

Os dados indicam a formação como elemento significativo para apontar as ferramentas básicas, para se deparar no percurso inicial do trabalho. A função do tradutor/intérprete de língua de sinais era exercida historicamente por pessoas sem formação específica (graduação em Letras – com habilitação na língua de sinais do país em específico), contudo as demandas começam a tornar-se mais especializadas, uma vez que a comunidade surda ingressa em espaços até então não alcançados, como funções de docência nas universidades federais, cargos de chefia, entre várias outras áreas do conhecimento.

Um outro elemento que emerge da pesquisa é o fato da necessidade de um acompanhamento por um profissional experiente nomeadamente junto àqueles que estão no início da carreira. Aquele profissional exerceria o papel de mediação aos ingressantes na carreira de tradutor/intérprete de LIBRAS, intervindo nas especificidades do trabalho, nos espaços de construção de propostas de trabalho, socialização de experiências exitosas, proporcionando ajuda em fragilidades da formação inicial que muitas vezes não é específica ao cargo (no caso desta pesquisa, todos os sujeitos possuíam formação em outra área do conhecimento).

O último elemento que gostaríamos de destacar é que, embora saibamos que a identidade é construída numa negociação entre o eu e o outro, neste trabalho, contemplamos como sujeitos da pesquisa apenas os tradutores/intérpretes, em virtude do intervalo de tempo disponível para conclusão da pesquisa. Consideramos relevante que estudos posteriores ampliem os sujeitos envolvidos, visando trazer outros elementos fundamentais no processo de construção das identidades, como, por exemplo, o ponto de vista dos demais atores do espaço escolar sobre o intérprete, a identidade do intérprete em sua relação com membros do *staff* da

Secretaria de Educação, entre outros aspectos que disponibilizariam uma visão diferenciada de quem é este sujeito pesquisado. Entre os questionamentos a serem realizados, *a priori* elencamos: Quais as atribuições deste profissional no espaço escolar? Qual o critério de/para contratação? Quais os principais desafios encontradas nas relações com os demais sujeitos na escola?

Os achados são relevantes para a ciência, pois indicam a necessidade de valorização de um profissional que pode atuar em diversos espaços não apenas o educacional. Diante disto, qual seria o perfil de formação ideal? Os dados apontam que apenas o conhecimento básico de uma das línguas – a LIBRAS – não é suficiente para possibilitar a oferta de um trabalho com qualidade. Os dados possibilitam apontar caminhos para a formação deste profissional, ‘conhecimentos’ que devem estar presentes na grade do curso de formação, útil tanto para as instituições formadoras, quanto para os sistemas educacionais, a fim de promover formação continuada partindo da necessidade daqueles que já exercem a função sem ter uma formação básica específica.

A presente pesquisa provoca outros questionamentos: Qual o perfil de atuação dos profissionais que possuem formação específica? Como eles se veem na atuação profissional? Qual é a realização deste trabalho em outros espaços educacionais, como no ensino médio, na universidade? Ou mesmo em espaços outros como na saúde (hospitais), em espaços culturais, na televisão, entre outros.

Finaliza-se lembrando que quando se trabalha/pesquisa com ser humano, principalmente nas ciências sociais, é preciso estar atento pois tanto o sujeito da pesquisa quanto nós, estamos em constante metamorfose. Nem eles estão parados nem nós. Esta é uma das principais características da contemporaneidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mônica Cristina dos Santos. **Formação Continuada: Uma Reflexão Sobre a Ressignificação da Prática Docente**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGE, 2006.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estudos culturais: O quê e o como da investigação**. 2009. Disponível em: <[revistas.ua.pt/index.php/Carnets/article/download/466/422](http://revistas.ua.pt/index.php/Carnets/article/download/466/422)>. Acesso em: 4 fev. 2013.

BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai Antonio; VASCONCELLOS, Maria Lucia. **Estudos da tradução I**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/estudos\\_da\\_traducao/Estudos\\_Traducao\\_I.pdf](http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/estudos_da_traducao/Estudos_Traducao_I.pdf)>. Acesso em: 17 jun. 2013.

BATALHA, Maria Cristina; PONTES JÚNIOR, Geraldo. **Tradução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BÍBLIA, V. T. **Gêneses**. Português. Bíblia sagrada. Versão revista e corrigida na grafia simplificada. Tradução por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. Oeiras: Celta, 2002.

BRASIL. **Lei Nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em 24 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **PARECER CNE/CP 28/2001**. – Homologado Despacho do Ministro em 17/1/2002, publicado no Diário Oficial da União de 18/01/2002, Seção 1, p. 31. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 35. ed. Brasília: Centro de Documentação e Informação. Edições Câmara, 2012. Disponível em: <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1366/constituicao\\_federal\\_35ed.pdf?sequence=26](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1366/constituicao_federal_35ed.pdf?sequence=26)>. Acesso em: 13 fev. 2013.



\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm)>. Acesso em: 19. fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm)>. Acesso em: 11 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 7853 de 24/10/1989.** Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Diário Oficial da União de 25 de outubro de 1989. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/cieh/doc/lei\\_7853\\_89.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/cieh/doc/lei_7853_89.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-pl.html>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Integração e social** - Educação dos Surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidades e significados na sociedade em rede. In: \_\_\_\_\_. **O poder da identidade.** 6. ed. São Paulo: Editora paz e terra, 2008. v. 2.

CIF - **Classificação Internacional de Funcionalidades.** 2001. Disponível em: <[http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/SPP\\_Arquivos/PessoascomDeficiencia/ClassificacaoInternacionaldeFuncionalidades.pdf](http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/SPP_Arquivos/PessoascomDeficiencia/ClassificacaoInternacionaldeFuncionalidades.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

Convenção da Guatemala. **Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência.** 1999. Disponível em: <[http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/saude/deficiencia/0008/Convencao\\_da\\_Guatemala.pdf](http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/saude/deficiencia/0008/Convencao_da_Guatemala.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

CUNHA, Antonio Eugênio. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade.** Rio de Janeiro: Walk Editora, 2011.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DECLARAÇÃO DE JOMTIEN - Tailândia. 1990. Disponível em: <<http://www.pitangui.uepg.br/nep/documentos/Declaracao%20-%20jomtien%20-%20tailandia.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Espanha. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

DORZIAT, Ana. **O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidades/Diferença, Currículo e Inclusão**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

DUBAR, Clauber. **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

\_\_\_\_\_. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução Andréia Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EQUIPE INCLUSIVE. MEC: **Números revelam avanço da política de educação inclusiva no Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=19591>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico**, livro do estudante cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001.

FOUCAULT, Michel: **A Arqueologia do Saber**, 1926-1984. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

GESSER, Audrei. **Tradução e Interpretação da Libras II**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/traducaoEInterpretacaoDaLinguaDeSinais/assets/767/Texto\\_base\\_TIL\\_II\\_2008.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/traducaoEInterpretacaoDaLinguaDeSinais/assets/767/Texto_base_TIL_II_2008.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, Adriana Ramos Silva. Atuação do Intérprete de LIBRAS. In.: Instituto Nacional de Surdos (Brasil). **Anais do Congresso: educação de surdos: a conquista de novos territórios.** Rio de Janeiro, INES, 2011. Disponível em: <[http://www.ines.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/anais\\_20111.pdf](http://www.ines.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/anais_20111.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2015.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas.** Editora Nova Aguilar, 1994. Vol. II. Disponível em: <<https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2014/09/grande-sertc3a3o-veredas-de-guimares-rosa.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 1992.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010.** Disponível em: <<http://concla.ibge.gov.br/15-vamos-contar/vamoscontar-atividades/ensino-fundamental-6-ao-9/2897-dia-internacional-da-pessoa-com-deficiencia>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** São Paulo, SP: Cultrix, 2007.

JUS TRABALHISTA. **Acúmulo de funções.** Disponível em: <<http://www.justrabalhista.biz/2014/03/acumulo-de-funcoes.html>>. Acesso em: 24 set. 2014.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

\_\_\_\_\_. O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: LODI, Ana Claudia et al. **Letramento e minorias.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Lara Ferreira dos. O surdo e atendimento educacional especial: onde se aprende a Libras? Em ambiente natural ou artificial? In.: SILVA, Lázara Cristina da (Org.); MOURÃO, Marisa Pinheiros (Org.). **Atendimento educacional especializado para alunos surdos.** Uberlândia: UDUFU, 2013.

LAMB, Catia Regina Züge. **Universidade Federal de Santa Maria: um lugar para os surdos.** 2013. 159 p. Dissertação (Mestrado). -- Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Naturais e Exatas, Santa Maria, RS, Brasil. 2013. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/ppggeo/files/dissertacoes\\_2013/Catia%20Regina%20Zuge%20Lamb\\_Dissertacao%20de%20Mestrado.pdf](http://w3.ufsm.br/ppggeo/files/dissertacoes_2013/Catia%20Regina%20Zuge%20Lamb_Dissertacao%20de%20Mestrado.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2014.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre, 1999.

LAWN, Martin. Os Professores e a Fabricação de Identidades. In.: **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, pp. 117-130, Jul/Dez 2001. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/lawn.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

LESBAUPIN, Ivo. O crescimento da desigualdade social no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Poder local x exclusão social: a experiência das prefeituras democráticas do Brasil.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA, Elcivanni Santos. **Discurso e identidade: Um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de LIBRAS na educação superior.** Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <[http://editora-arara-azul.com.br/cadernoacademico/002\\_atuacao\\_do\\_interprete.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/cadernoacademico/002_atuacao_do_interprete.pdf)>. Acesso em: 6 fev. 2013.

LIMA, Mary Gracy e Silva. **A constituição da identidade profissional docente: desvelando significados do ser professor de didática.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2009. Disponível em: <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/dissertacao/2009/MARY\\_GRACY\\_SILVA\\_LIMA.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/dissertacao/2009/MARY_GRACY_SILVA_LIMA.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2015.

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

MAGALHÃES JUNIOR, Ewandro. **Sua majestade, o intérprete: O fascinante mundo da tradução simultânea.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como se faz?** São Paulo: Moderna, 2006.

MARCON, Andréia Mendiola. **O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo.** 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/644681b81f2cb7f90f93b613729ef637.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

MARIOTO, Leonardo. **Conflito nas Organizações: Relações construtivas e destrutivas.** 2013. Disponível em: <<http://blogs.unigranrio.com.br/secretariandonline/2013/06/14/conflito-nas-organizacoes-relacoes-construtivas-e-destrutivas/>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

MARQUES, Emeli. **Perguntas sobre a questão da surdez: Feneis responde.** Rio de Janeiro: Feneis. Ano IV, nº 13, p.7, Janeiro/2002.

MARTINS, Waleska Rodrigues; RODRIGUES, Rauer Ribeiro. Fronteira e identidade: terreno movediço na poética de Manoel de Barros. In.: **Fronteiraz**. Revista digital do programa de estudos pós-graduados em literatura e crítica literária. PUC-SP, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12468>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

MASUTTI e SILVA. **Tradução e interpretação de LIBRAS I**. Florianópolis: UFSC, 2011.

MATOS, Ana Raquel Abreu de. **Identidade profissional dos docentes de educação especial: Processos de construção**. 2011. 174 p. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação Ciências da Educação. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Porto, PT, 2011. Disponível em: < [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/544/TM-ESEPF-AL\\_2012\\_TESEANARAQUELMATOS.pdf?sequence=1](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/544/TM-ESEPF-AL_2012_TESEANARAQUELMATOS.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 6 fev. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

\_\_\_\_\_(Org.) et al.. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. . 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999

PRIETO, Andréa Cristina Sória. **Analfabetismo Funcional**. Uma triste realidade de nosso país... 2006. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=700>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

\_\_\_\_\_; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis, SC: UFSC, 2009.

\_\_\_\_\_. **Língua Brasileira de Sinais**. 2011. Disponível em: <[http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Page568.htm](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Page568.htm)>. Acesso em: 25 jul. 2014.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **Profissão Professor**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

SANCHES, Isabel Rodrigues. **Em busca de indicadores de Educação inclusiva** – a “voz” dos professores de apoio sobre o que pensam, o que fazem e o que gostariam de fazer. 1ª. ed. Lisboa, Portugal: Edições Universitárias Lusofonas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2001.

SANTIAGO, Sandra Alves da Silva. Exclusão e deficiência: primeiras aproximações teóricas. In: RICHARDSON, Roberto Jarry (Org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2009.

\_\_\_\_\_; RICHARDSON, Zilma Maria Ramos Jarry. Deficiência e educação popular: Estabelecendo relações. In: RICHARDSON, Roberto Jarry (Org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SANTOS, Maria de Cássia dos. **A construção de identidade profissional docente: Relatos de histórias de vida**. 2012. 148 p. Dissertação (Mestrado) --Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, PT, 2012. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/2801/1/MARIA%20DE%20C%20C3%81S%20SIA-DISSERTA%20C3%87%20C3%83O.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2013.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Intérpretes de língua brasileira de sinais: Um estudo sobre as identidades**. 2006. 188 p Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006. Disponível em: <[http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Documentos/dissertacao%20silvana%202006.pdf](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/dissertacao%20silvana%202006.pdf)>. Acesso em: 6 fev. 2013.

SARMENTO, Teresa. As identidades profissionais em educação de infância. In.:Locussoci@l. Número 2. 2009. Disponível em: <<http://cesss.fch.lisboa.ucp.pt/images/site/locus-social/locus-social-n2-2009.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: UFSC, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Elaine Aparecida. **Relações interpessoais no ambiente escolar**. In.:Em Extensão, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/20509/10940>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

SILVA, Maria Isabel da Silva. **Por que a terminologia “pessoas com deficiência”?** 2012. Disponível em: < <http://www.deficienteciente.com.br/2012/04/por-que-a-terminologia-pessoas-com-deficiencia.html>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. \_\_\_\_\_ (org.). In: **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOUSA SANTOS, Boa Ventura de; MENESES, M. P.; NUNES, J. A.. Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SOUSA SANTOS, Boa Ventura de. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Porto: Afrontamento, 2004.

STROBEL, Karin Lilian .**As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC. **As formas de referências na língua brasileira de sinais**. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisV/scos/cap22208/10.html>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

VIEIRA, Rubens Antonio Gurgel. **Identidade docentes no ensino superior de Educação Física: um recorte da cidade de Sorocaba**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F48%2F48134%2Ftde-27062013-152508%2Fpublico%2FRUBENS\\_ANTONIO\\_GURGEL\\_VIEIRA.pdf&ei=V6wSVYe8B8m8ggSIwIGoCA&usq=AFQjCNEvz6ljkut5O05x05SsAuEWF8WPg&bvm=bv.89184060,d.eXY](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F48%2F48134%2Ftde-27062013-152508%2Fpublico%2FRUBENS_ANTONIO_GURGEL_VIEIRA.pdf&ei=V6wSVYe8B8m8ggSIwIGoCA&usq=AFQjCNEvz6ljkut5O05x05SsAuEWF8WPg&bvm=bv.89184060,d.eXY)>. Acesso em 25 mar. 2015.

VIEIRA, Mauren Elisabeth Medeiros. **A Auto-representação e atuação dos “professores-intérpretes” de Línguas de Sinais: Afinal... Professor ou Intérprete?** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2007. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/portal/media/k2/attachments/volume5.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2013.

VIOTTI, Evani de Carvalho. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. Florianópolis, SC: UFSC, 2008. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXT0\\_BASE\\_-\\_VERSAO\\_REVISADA.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXT0_BASE_-_VERSAO_REVISADA.pdf)>. Acesso em: 1 ago. 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZAMPIERI GROHMANN, Márcia et al. Valores pessoais e a escolha da carreira profissional: administradores e engenheiros com valores díspares?.**liber**. Lima, v. 18, n. 2, jul. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1729-48272012000200010&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272012000200010&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 19 jun. 2014.



## **APÊNDICES**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

Apêndice 1- GUIÃO DE ENTREVISTA

---

**GUIÃO DE ENTREVISTA**

---

Prezado entrevistado:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a identidade do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais –LIBRAS. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa.

Agradecemos desde já sua atenção e participação.

---

**Q1. Identificação do Entrevistado:**

- Idade
- Género
- Tempo de formação
- Tempo de atuação
- Curso de graduação
- Série/ano que atua

**Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS**

- Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

**Q3. Informações acerca da formação**

- Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?
- Você teve formação especifica para atuar nesta função?

**Q4. Atribuições na escola**

- Quais são as atribuições da sua função?
- Quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

**Q5. Competências relacionadas ao cargo**

- Quais as competências necessárias para exercer a sua função?
- Como seria a trajetória apropriada para formação na sua função?
- Qual a sua interação com a comunidade surda?

**Q6. Questões identitárias**

- Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?
- Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?
- Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão?
- Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

APÊNDICE 2- GUIÃO DE OBSERVAÇÃO

**GUIÃO DE OBSERVAÇÃO**

**Q1. Descrição da escola**

- Estrutura física
- Estrutura organizacional
- Dinâmica escolar (horários, recepção, atendimento)

**Q2. Descrição dos relacionamentos interpessoais**

- Tradutor e intérprete de LIBRAS com o professor
- Tradutor e intérprete de LIBRAS com o aluno surdo
- Tradutor e intérprete de LIBRAS com os demais alunos

**Q3. Fluência em LIBRAS do tradutor e intérprete de LIBRAS**

**Q4. Atribuições exercidas na escola pelo Tradutor e intérprete de LIBRAS**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

APÊNDICE 3- CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS  
PROFESSORES

**CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
OS PROFESSORES**

Prezado Professor,

Vimos por meio desta, convidar-lhe a colaborar da presente pesquisa, através de três observações que serão realizadas em dia e horário pré-agendados. Tudo o que for dito, registrado ou escrito será utilizado para fins científicos, assegurando seu anonimato. O objetivo geral desta é compreender a identidade do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Consentindo a presença em sua sala de aula, qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento, poderá entrar em contato com pesquisador, residente na Rua Serra Branca, 25, Magano, Garanhuns, PE, pelos telefones (87) 9639-3166 / (87) 3761-0821, ou pelo e-mail [geysonldec@bol.com.br](mailto:geysonldec@bol.com.br). Desta forma, agradecemos antecipadamente a colaboração neste estudo. Ressaltamos que os resultados gerais obtidos através da presente pesquisa lhe serão enviados oportunamente, através de correio eletrônico. Não haverá riscos, nem desconfortos, nem custos de qualquer natureza, nem receberá pagamento nem gratificações pela sua participação. Poderá interromper sua participação a qualquer momento sem qualquer penalização ou prejuízo.

Caso esteja de acordo em participar da pesquisa, gostaria que assinasse o presente documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.

Garanhuns, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Geyson Lima de Carvalho  
Pesquisador Responsável

---

Professor

---

E-mail

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Doutora Isabel Rodrigues Sanches

APÊNDICE 4- CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS  
SUJEITOS DA PESQUISA

**CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA**

Prezado Candidato (a) a pesquisa,

Vimos por meio desta, convidar-lhe a participar da presente pesquisa, através de uma entrevista semiestruturada que será gravada para auxiliar na transcrição de dados e três observações que serão realizadas em dia e horário pré-agendados. Tudo o que for dito, registrado ou escrito será utilizado para fins científicos, assegurando seu anonimato. O objetivo geral desta é compreender a identidade do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Consentindo sua participação, qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento, poderá entrar em contato com o pesquisador, residente na Rua Serra Branca, 25, Magano, Garanhuns, PE, pelos telefones (87) 9639-3166 / (87) 3761-0821, ou pelo e-mail [geysonldec@bol.com.br](mailto:geysonldec@bol.com.br). Desta forma, agradecemos antecipadamente vossa colaboração neste estudo. Ressaltamos que os resultados gerais obtidos através da presente pesquisa lhe serão enviados oportunamente, através de correio eletrônico. Não haverá riscos, nem desconfortos, nem custos de qualquer natureza, nem receberá pagamento nem gratificações pela sua participação. Poderá interromper sua participação a qualquer momento sem qualquer penalização ou prejuízo.

Caso esteja de acordo em participar da pesquisa, gostaríamos que assinasse o presente documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.

Garanhuns, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Geyson Lima de Carvalho  
Pesquisador Responsável

E-mail

---

Sujeito da pesquisa


---

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

**APÊNDICE 5– DECLARAÇÃO DE MATRICULA E SOLICITAÇÃO DE ACESSO AS ESCOLAS MUNICIPAIS  
DE GARANHUNS, PE, BRASIL**



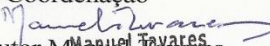
UNIVERSIDADE LUSÓFONA  
de Humanidades e Tecnologias  
*Humanum nihil alienum*

**DECLARAÇÃO**

Para os devidos efeitos se declara que o Professor Geyson Lima de Carvalho, com licenciatura plena em Ciência – habilitação em Matemática, está matriculado no mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, com o nº 21303369, necessitando de iniciar o seu trabalho empírico de coleta de dados nas seguintes escolas municipais de Garanhuns, PE, Brasil:

- Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
- Escola Profissional de Educação Profissional de Ciências
- Escola Municipal de Educação Profissional de Ensino
- Escola Municipal de Educação
- Escola Municipal de Educação de Adultos
- Escola Municipal de Educação
- Escola Municipal de Educação

Solicita-se, por isso, que lhe seja possibilitado o acesso às referidas escolas no sentido para que possa concluir a sua dissertação de mestrado.

A Coordenação  
  
Prof. Doutor Manuel Tavares  
Professor Associado  
ICE - Universidade Lusófona

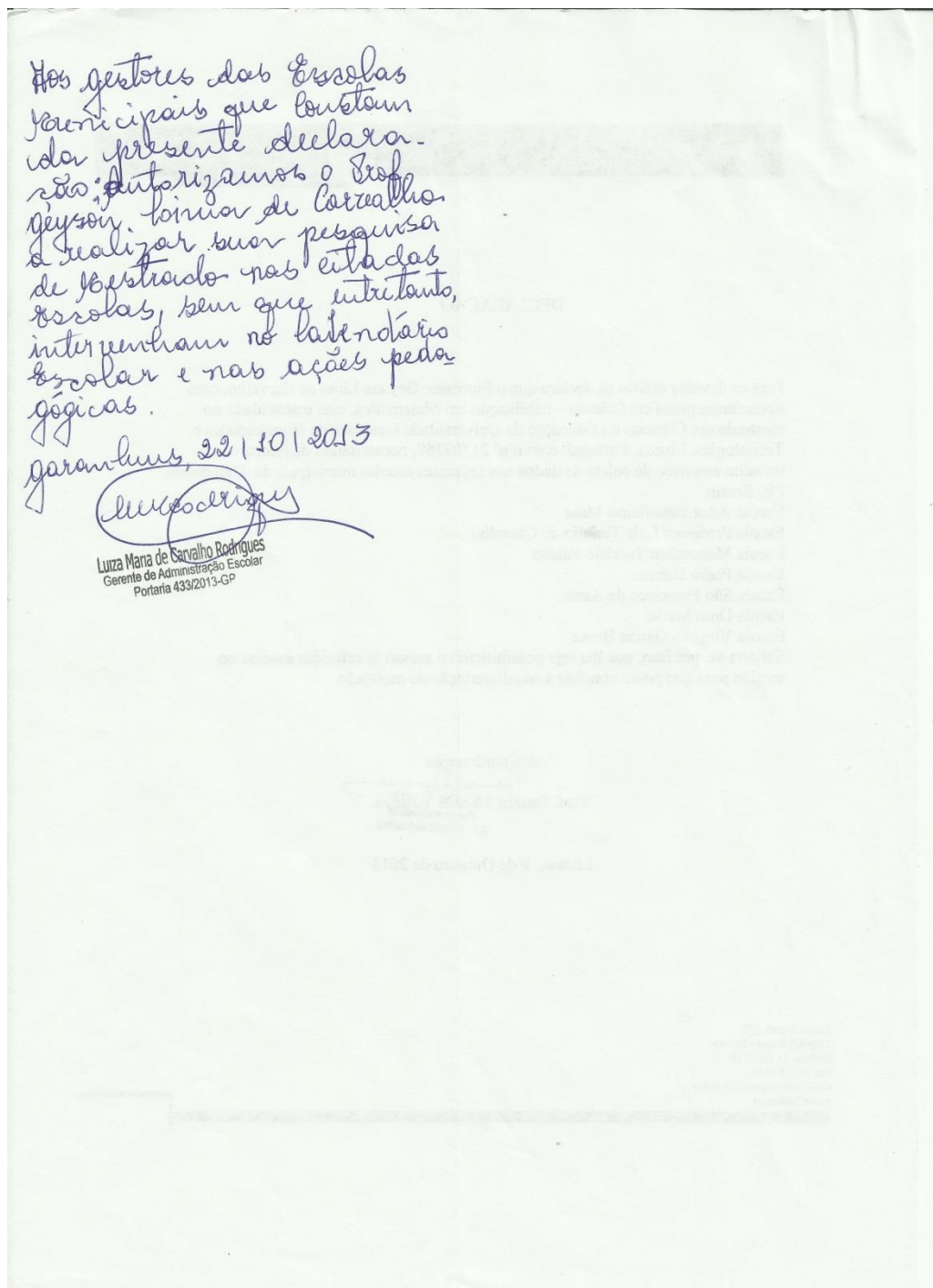
Lisboa, 9 de Outubro de 2013

Campo Grande, 376  
1749-024 Lisboa - Portugal  
Telefone. 21 751 55 00  
Fax. 21 757 70 06  
email: informacoes@ulusofona.pt  
www.ulusofona.pt

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

**APÊNDICE 6 – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA EDUCAÇÃO AO ACESSO AS ESCOLAS**



## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.ªDoutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 7– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IA

Legenda:

P - Pesquisador

TIL Ia – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais Ia

P – Boa tarde! Meu nome é Geyson. Como eu falei com você e de acordo com a carta-convite e termo de consentimento livre e esclarecido, que você assinou e aceitou participar como sujeito da pesquisa. Nosso trabalho é sobre a identidade do profissional do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, foi escolhida algumas questões e gostaríamos que você discursa-se a respeito, muito a vontade, não há respostas erradas. Esta entrevista é sobre o seu trabalho, sua experiência, com as características que se apresenta.

TIL Ia – Está certo.

#### Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade: 26 anos;
- Gênero : Feminino;
- Tempo de formação: 4 anos;
- Tempo de atuação: 3 anos;
- Curso de graduação: Licenciatura em Pedagogia;
- Série/ano que atua: 3º ano.

P – Gostaria de saber primeiro a sua idade?

TIL Ia – 26 anos.

P – Qual o seu tempo de formação?

TIL Ia –Quatro anos.

P – Qual o curso?

TIL Ia – Licenciatura em Pedagogia.

P – Voce fez algum outro curso posterior a este?

TIL Ia –Fiz cursos de LIBRAS, intermediário e básico. Formação de intérprete não. Estou cursando a Pós-graduação no nível de especialização em LIBRAS, iniciei há dois meses e estou no 1º módulo ainda.

P – E você atua em qual série?

TIL Ia – Aqui no 3º ano, que corresponde a uma 2ª série do Ensino Fundamental, no horário da tarde.

P – Há quanto tempo você atua como intérprete de língua de sinais?

TIL Ia –Estou na escola desde 2011, três anos.

#### Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS

P – Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TIL Ia – Primeiro eu fui fazer o curso de Pedagogia, e eu tive o privilegio de estudar com um surdo com surdez profunda, então várias amigas minhas, não tinha intérprete em nossa sala, então a gente dava o suporte para ele, mesmo sem saber direito como fazer, mas tentando aos poucos ajudá-lo.

P – Ele era colega de sala?

TIL Ia –Sim, e com isso nós fomos estudando, perguntando para ele os sinais, então houve uma interação.



P – Como vocês perguntavam para ele, inicialmente?

TIL Ia – Nós escrevíamos, também utilizávamos da datilologia, do alfabeto manual, então íamos perguntando e ele dizia para a gente os sinais. Então houve a interação. E quando o intérprete chegou, ajudou ainda mais, porque a gente pode ver como era o trabalho de interprete.

P – Este curso, você se formou há quanto tempo?

TIL Ia – Eu me formei agora, vou colar grau em novembro. Porque eu fiquei devendo a disciplina PEPE [Prática Educacional. Pesquisa e Extensão, no último período a exigência é o trabalho de conclusão de curso, monografia]. Então, eu comecei aprender com ele, e com todos da sala, houve uma interação. Antes eu trabalhava em outro local. Eu trabalhava no comercio, e os surdos me procuravam para atendimento. Minha primeira necessidade foi aprender para passar para eles as informações que eles queriam do produto. Então eu fui perguntando ao surdo quais eram os sinais. Percebi a necessidade de fazer um curso que teve lá na Rural [Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns]. Eu fiz este curso e daí então eu pensava que ficaria só no comercio, mas não, eu fui convidada para trabalhar no município como estagiaria. Daí então eu não parei mais, até hoje.

P – Você tinha citado dois cursos: o curso básico e o intermediário. Você se lembra da carga-horária aproximada?

TIL Ia - 30 horas em um e 20 horas no outro, todos os dois na universidade, como curso de extensão. Depois disto participei de congressos, seminários, viagens, com a professora da disciplina de LIBRAS, tudo isto como complementação da formação. Sempre se atualizando, sempre se capacitando. Também quando a gente está dentro das escolas, eu também sou interprete em outra instituição, então lá tem cursos, na semana da pessoa com deficiência. Eu já ministrei curso de LIBRAS junto com um instrutor surdo e fui pegando experiência e interagindo com os outros.

### **Q3. Informações acerca da formação**

P – O que você diria sobre a influência da sua graduação no atual campo de trabalho?

TIL Ia –Foi muito importante. Eu não sabia que pedagogia tinha este campo, eu entrei na verdade pensando que iria ensinar, mas não, chegando lá eu realmente me identifiquei com a LIBRAS. Eu prefiro, eu pessoalmente hoje, eu prefiro mais dar suporte ao surdo do que aos ouvintes, poderia sim hoje trabalhar com ouvintes, ensinar, mas minha grande paixão é os surdos. Então eu vi que a graduação abriu esta porta e hoje você pode chegar em um lugar e dizer: eu tenho graduação, faço tal trabalho, e ser respeitado por isso.

P – Que bom! Você teve formação especifica para atuar nesta função?

TIL Ia – Não, mas a questão de como é o interprete, parece que foi lá no Dutra, lá em Recife, nós tivemos dois dias lá, então teve toda aquela história, todo aquele conceito teórico, também a prática que a gente pôde ver.

P – Lá foi um seminário?

TIL Ia – Seminário, mesa redonda, o surdo da nossa sala foi um dos palestrantes.

### **Q4. Atribuições na escola**

P –Quais são as atribuições da sua função aqui na escola?

TIL Ia –Aqui é assim, porque antes, eu cheguei em 2011, quando eu cheguei aqui tinha duas salas com alunos surdos. Tinha seis alunos surdos, em diferentes ritmos e características. Surdos com DI [Deficiência Intelectual], que ouviam pouco, que estavam ganhando audição, outros estavam perdendo. Então eu ficava, como a falta de intérprete na época era maior, eu ficava nas duas salas. Ficava nesta com seis surdos e ficava em outra sala que

tinha um surdo do quarto ano. Então eu ficava um horário cá, outro horário lá. Eu dava suporte estes dois horários, nestes dois tempos e acontecia sim à interpretação, à explicação. Descia até o aluno e explicava mesmo em LIBRAS. Só que tem diferenciações, que tinham dois surdos com DI que não sabiam LIBRAS, não sabem. Alguns alunos foram para outra escola e em 2012 foram para o quinto ano, com apenas dois surdos em uma sala e um só em outra, ficou menos surdos, então eu dei suporte maior para o quinto ano, porque tinha nesta sala Prova Brasil, a exigência era maior, porque eles iam para uma escola que ia requerer a LIBRAS deles, eu fiquei mais nesta sala e os dois surdos com DI da outra sala quase não tiveram atendimento, dificilmente eu ia lá. Porque eu tinha que escolher ou uma ou outra sala, para ter um desenvolvimento melhor, para a aprendizagem deles. Então eu trabalhei com a LIBRAS efetivamente neste quinto ano, em 2012. Eu dava suporte, e ia lá para frente, tudo que a professora falava eu passava para a língua deles. Sentava perto dele, fazia as atividades, os incluía com os outros alunos, então foi positivo. Este ano já [2013] foi diferente, eu estou ficando com dois surdos com DI, um deles tem múltiplas deficiências, e o outro, não tem laudo ainda, mas podemos perceber que ele tem DI. Então com eles não acontece a interpretação, com eles é mais um apoio didático mesmo. De você ficar perto, passar atividades para eles e você está com um conteúdo que você trás de casa, eu faço de acordo com a minha formação, o que eu aprendi, trago ludicidade, trago socialização com os colegas. Está sendo positivo porque a mãe de um deles chegou para mim e disse: “o que você fez com tal aluna”, porque minha filha está mais perceptiva, está mais atenciosa, antigamente ela não tinha interação com as pessoas, hoje ela já tem. Eu percebi que ela se ligava, prestava atenção, ela foi desenvolvendo, não sabia nem as letras, nem o alfabeto em LIBRAS, hoje ela está sabendo.

P –Então você usa a LIBRAS também?

TIL Ia –Eu uso a LIBRAS com ela. Faço um trabalho mais de apoio, não de interpretação. O outro aluno é alfabetizado e a aluna não, está sendo alfabetizada agora.

P –E quais seriam as principais dificuldades no exercício da sua função?

TIL Ia – Aqui é só a questão do aluno, ele é diferente da outra aluna. Ela tem que está sempre com atividades, ela não gosta de ficar ociosa, sempre, sempre, sempre com atividade e ele não, ele gosta de fazer as coisas dele, ele trás de casa o celular, desmonta e monta, ele é independente, quando eu consigo trazer alguma coisa para ele, um jogo, ele gosta e ele termina, depois quando eu vou com outra atividade, então ele não quer, ele quer desenhar. Ele desenha perfeitamente, estes desenhos eu vou recolhendo, em folhas de papel ofício, o que ele acha interessante, coisas de ciências, ele faz do mesmo jeito. Eu tenho até um envelope com as atividades dele, só esta questão mesmo, como eu estou no apoio didático, vamos dizer assim, eu tenho esta dificuldade com ele.

P –E de uma maneira geral, o trabalho no exercício da interpretação propriamente dita, você acredita qual seria a maior dificuldade?

TIL Ia –É os alunos saberem LIBRAS e os conhecimentos de termos técnicos por exemplo, na escola do estado em que atuo a noite, muita coisa em ciências, hormônios, matemática dá para você fazer, porque é bem visual, mas algumas partes precisam do visual para ajudar o interprete. Eu acho importante o visual. Eu sempre peço para a professora de ciências trazer, já que ela vai falar de artérias, de hormônios, da tireoide. Você percebe o interesse deles em aprender, como é que acontece, um exemplo, eles perguntaram para mim estes dias, como é que acontece, porque eles sentem a música pela vibração? A professora estava explicando sobre a questão do cérebro, aquela coisa toda, então ele ficaram cada vez mais perguntando, como é que acontece isto, eu fui explicando em LIBRAS, mas tinha certas coisas que só vendo que eles poderiam entender, foi então que ela foi

lá, pegou o projetor e colocou e fui lá nomeando, criando novos sinais para cada coisa, para cada nome ligado ao assunto, cada célula, hormônios, estas coisas. Então a gente vai percebendo que junto com o professor da mais certo, porque sozinho, meu pai eterno, com as mãos, e com o conhecimento que eles têm, é mais fácil. Eu acho que o visual é muito importante também.

P – Certo.

#### **Q5. Competências relacionadas ao cargo**

P – E quais as competências necessárias para exercer a função de intérprete?

TIL Ia – Eu acho que conhecer o universo do surdo, compreender a história dele, o que levou ele ali, e saber, o intérprete ter sua ética, ter o seu profissionalismo, porque tem intérprete que se envolve demais, tem coisa que não é da função do intérprete. E eles acabam não entendendo, tem que ser passado isto para o surdo, às vezes eles pensam que o intérprete é o professor, mas sempre, sempre, o que acontece, principalmente na prática ele passa a ser o professor, é o que acontece, então a gente sabe a história deles, mas eu penso também que tem que saber a nossa história.

P – Você acha que os surdos tem essa dificuldade de diferenciar?

TIL Ia – Eles veem você, não só eles, a família também ver a gente como um membro da família. Para você ter uma ideia, meu telefone toca de madrugada, toca toda a hora. Na minha lista de telefone tem mãe de fulana, mãe de sicrana, só mãe de surdos, porque é o tempo todo, não que eu venha a me incomodar, mas é só uma questão de diferenciar certas coisas, a vida pessoal do intérprete. O que eu falo muito em sala de aula é com experiência no outro, quando chega a hora [dos alunos] de entrar na sala, eles ficam esperando eu chamar. Eu sei que não é minha função ir lá chamar, contudo eu digo para eles agora você vai levar falta, a professora vai colocar falta em você. Eu sei que não é minha função dizer para a professor ir lá chamar eles. Eles são adultos, sabem o que fazem, então deixo eles lá, mas demora, demora, não tenho mais paciência e eu vou lá chamar, eles dizem, você não me avisou nada, eles têm ainda você como professor mesmo. Eles dão satisfação primeiramente a mim, em vez do professor. Se alguma coisa der errado, eles dizem: você não me avisou nada [risos]. São certas coisas que deveriam sim, não só a gente saber a história deles, respeitarem, eles saberem que o português é diferente, saber como é difícil. Também eles saberem o nosso lado, que às vezes eles não têm esse conhecimento, eles não tem. Um dia, uma colega minha disse que eles pensam que somos os empregados deles [risos]. Eu respondi que precisa ter paciência, é mesmo assim.

P – E se você fosse propor, qual seria a trajetória apropriada para a formação do intérprete de LIBRAS?

TIL Ia – Lá em Recife tem o curso técnico, não tenho conhecimento de como é feito, mas seria, eu vou sonhar um pouquinho, seria tão bom se como tem nas exatas [licenciaturas], português estuda português, ciências se especializa em ciências, já pensou se cada interprete pudesse estudar também assim. Eu estou sonhando, você estudar as técnicas e saber profundamente sobre ciências, sobre física, sobre matemática. Estudar a área, juntamente com os termos técnicos, para passar. Seria muito bom, porque o intérprete está ali e tem que saber todas as disciplinas, todas elas. E não pode ter deficiência. Eu tenho deficiência em matemática, tem coisa que na hora, deixa eu lembrar como é. Graças a Deus, que você tendo a junção [parceria] com o professor, tendo uma interação com o professor, você pode ir lá e perguntar, você pode me explicar novamente, para eu poder passar para os alunos. Eu percebo que interação intérprete e o professor também é importante.

P – Você acredita que um curso técnico daria conta para a formação do intérprete?

TIL Ia – Um curso técnico, uma formação em uma faculdade, como o Letras/LIBRAS [graduação em Letras com habilitação em LIBRAS]. Eu não sei como poderia explicar, porque tudo é tão novo. Às vezes a gente fica assim, não sabe nem como seria estas opções, qualquer coisa para a gente já é bom. Então quando a gente pensa em algo tão grande a gente já fica..., mas se tivesse pelo menos aquele dali, seria bom para a gente.

P –Aqui na cidade você conhece algum curso de formação?

TIL Ia – Só a faculdade, as disciplinas, e agora também está vindo o pós [especialização] para cá e a gente fica podendo entrar nele e estudar. Onde está acontecendo, e não dá para ir para lá, é um sonho, é em Recife.

P –Você tinha vontade de ir para Recife estudar? Qual dos cursos?

TIL Ia –De LIBRAS no Soares [curso técnico de tradutor e intérprete de LIBRAS, nível médio] ou o Letras/LIBRAS.

P –Qual a sua interação com a comunidade surda?

TIL Ia – É bem, talvez eu vou voltar o que eu já disse antes, é mãe, é como professor com seus alunos, o intérprete é com eles. Você é professor, você é psicólogo, você é mãe, você é pai, você é conselheiro, você é acompanhante de ir ao médico [risos]. Quando tem algum evento na escola e você sabe que eles têm condições de fazer, e as pessoas não tem muito conhecimento. Ah, eles não vão fazer, vamos mostrar para esse pessoal que vocês podem fazer, vamos lá montar o grupo, vão apresentar lá na frente, coisa que nenhum surdo já apresentou. Você sabe que se constrói. Veja a postura, certas coisas que você sabe que não é sua função, mas você faz, dá até um prazer fazer isto. Porque você vê o desenvolvimento [risos].

#### **Q6. Questões identitárias**

P –Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?

TIL Ia –No momento aqui, eu sou um professor. Intérprete mesmo só no outro vínculo.

P –Lá no outro vínculo como você se percebe?

TIL Ia – É uma responsabilidade muito grande. Você se sente responsável de passar a informação, de você ser o caminho, para fazer esta ponte para a língua alvo. Então, você sente, vou dizer porque eu gosto desta área, bom, gosto muito. É uma responsabilidade muito grande.

P –Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?

TIL Ia –Não só ele, só ele sozinho é uma carga muito grande no intérprete. Tem que ter outras coisas, como eu falei tanto, tem que ter o professor. O professor tem que ter metodologias, ter didática para passar para o aluno, não pode só apenas, por exemplo, o professor de geografia explica sobre tal país, tal lugar está acontecendo isto. Eu pergunto para os alunos: vocês conhecem tal país? Não. Os alfabetizados, você pergunta, faz o nome usando o alfabeto manual e ele diz, conheço o nome, mas eu não sei onde é que fica. É importante trazer mapas, vídeos, coisas mínimas, nem que seja a bandeira do local, do país, já ajuda. Visual, eu sempre bato nesta tecla para eles. O professor trazer isto, ficava tão fácil com o intérprete, porque eles já ligavam, você poderia até na hora criar sinal, junto com eles, sinal para sala. Ficava tudo tão fácil, se fosse junto com o professor, com todo o corpo docente da escola. E também, vamos sonhar um pouquinho, se desse também a questão de estudos com esses surdos em contraturno, eu não sei, depende da realidade de cada escola e deles também. Está sempre ensinando para eles o português, eles chegam na sala inclusiva, às vezes eles não conseguem acompanhar. A troca de professores, aqui não, no ensino fundamental [os cinco primeiros anos do ensino fundamental]. No ensino fundamental, você pode, as coisas podem acontecer porque é apenas um professor, você já está interado com este

professor. Também no ensino fundamental o professor sempre trás histórias. Nós temos muitos livros bons para leitura. Assim muita coisa já melhorou: questão didática, metodologia, mas de forma geral o visual tem que está presente, cursos para ele, muitas coisas.

P – Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão, os outros intérpretes?

TIL Ia – A gente começou junto, na realidade, todos da mesma sala, se eu não me engano são oito intérpretes que saíram influenciados por este surdo. Foram oito, fora aqueles que a agora estão se percebendo, vendo o interprete como profissão, vendo que dá certo e assim, estamos em um mesmo patamar, porque todos estão procurando sempre melhorar e às vezes, em nosso município, o local onde estamos não tem este suporte, então se tiver um seminário falando de inclusão, mesmo que não tenha nada a ver com intérprete, nós vamos lá assistir. Se tiver alguma coisa na internet, todo o mundo, é uma coisa que eu acho incrível, pelo menos as colegas de trabalho da gente, que a gente tem mais proximidade, quando tem alguma coisa, avisa. Então vai aquele monte de intérprete fazer. Há sim, aquela sintonia entre a gente, graças a Deus, uma ajudando a outra, mas é você sozinho, bem dizer, você em casa. Nos conteúdos da LIBRAS que uma passa para a outra, filmes, vídeos, uma vai passando para outra. E a gente vê que tem a necessidade de aperfeiçoamento, também o entendimento de outros colegas, que pensa que você é o professor, não se sente responsável por aquele aluno.

P – Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?

TIL Ia – O professor vê a gente como... com responsabilidades de um intérprete. Até em uma avaliação, o surdo tem lá uma pergunta, ele vai escrever do jeito que ele sinaliza, o português. Da mesma forma que ele sinaliza ele escreve em português. Escreve lá, quando o professor vai avaliar, eu vi que estava de acordo com a explicação que ela passou, que eu entendi e passei para eles, então eu vi que estava certo, sinal por sinal, vamos dizer assim. Se fosse eu, eu colocava certo, mas às vezes o professor diz: eu não sei como avaliar, então você dá uma miniaula para ela, o português é diferente, mas sempre, sempre, sempre.

P – Você acaba assumindo a postura de docente, em alguns momentos?

TIL Ia – Sim, mas a avaliação volta para o professor. É ele quem vai dizer se o aluno está aprendendo ou não. Apesar de você está vibrando por cada desenvolvimento dele, por cada entendimento, mas no final é ele que vai dizer se o aluno aprendeu ou não, a nota quem vai dá são eles [os professores]. Tudo o que acontece, sempre deixo os professores atentos, eles entenderam, está dando continuidade as atividades. Alguns acham que é do outro mundo, não estou generalizando, alguns interagem com eles, é aquela festa, mas é isto.

P – Você pretende ficar exercendo esta função, por quanto tempo?

TIL Ia – Até Deus permitir, por muito tempo, contudo eu tenho aquela cobrança de me profissionalizar cada vez mais e o que estiver ao nosso alcance e o que não estiver ao nosso alcance, fazer o que? Ficar até a aposentadoria. Passar em um concurso também.

P – Está certo, muito obrigado, suas falas forma muito significativas.

TIL Ia – Muito obrigada, por sua presença também.

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 8– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IB

Legenda:

P - Pesquisador

TIL Ib – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais Ib

P – Boa noite! Eu faço mestrado em Ciências da Educação, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Como você tem conhecimento através da carta-convite e termo de consentimento livre e esclarecido que você assinou, contendo o objetivo da pesquisa e o contato para sanar qualquer dúvida. Começaremos com alguns elementos de identificação.

#### Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade: 25 anos;
- Gênero : Feminino;
- Tempo de formação: 4 anos;
- Tempo de atuação: 2 anos;
- Curso de graduação: Licenciatura em Pedagogia;
- Série/ano que atua: 2<sup>a</sup> fase da EJA.

P – Qual a sua idade?

TIL Ib – 25 anos.

P – Qual o seu tempo de formação?

TIL Ib – Eu coleei grau em junho deste ano, 2012, quatro anos, oito períodos.

P – Qual foi o curso?

TIL Ib – Pedagogia.

P – Qual a série que você atua?

TIL Ib – Eu trabalho na EJA – Educação de Jovens e Adultos, há dois anos como intérprete, na 2<sup>a</sup> fase, que corresponde ao 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental.

#### Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS

P – Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TIL Ib – Eu tinha vontade de aprender LIBRAS, eu tinha vontade de fazer fonoaudiologia, porque eu vi a grade e tem LIBRAS na grade, tem matérias ligadas a crianças, e eu amava muito esta área da saúde, nunca pensei em fazer pedagogia. E eu fiquei com problemas de ordem financeira, a família não podia me sustentar em outro lugar, aqui em Garanhuns eu fiz zootecnia, por causa das matérias que eu gostava mais, sempre gostei de biologia, cursei um ano e meio, e vi que não era o que eu queria e tentei pedagogia por influencia da minha irmã, que me falou que eu tinha muito jeito com crianças. Então eu fiz, quando eu fiz, me alegrei muito porque tinha LIBRAS, que eu queria aprender, me chamava a atenção. Quando eu cheguei na sala, tinha um aluno surdo, que estava com a gente, a oportunidade de aprender LIBRAS era agora. Eu comecei a me comunicar com ele, desde o primeiro período, eu tentei, não sabia de nada, só sabia o alfabeto e eu me comunicava soletrando com ele, o tempo todo. E ele me ensinava cada palavrinha que eu soletrava, ele me ensinava a configuração, o sinal daquela

palavra e a configuração de mãos, tudo direitinho. E eu fui aprendendo com ele, com essa troca. Então eu posso dizer que o contato mesmo, esta troca foi desde o primeiro período com o aluno surdo da minha sala. Então durante quatro anos eu tive formação com contato mesmo com um surdo. E depois com a vinda do intérprete que veio para sala. Na hora da aula, às vezes, eu ficava olhando para o intérprete, e não na aula. E me fez vê como adequar os sinais as situações. Minha formação foi durante o meu curso, a minha licenciatura.

### **Q3. Informações acerca da LIBRAS**

P – Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

TIL Ib–Se eu tivesse aprendido LIBRAS isoladamente do contexto pedagógico, daquele contexto de licenciatura, seria mais difícil. Porque como eu adaptaria as situações. Eu vi na prática ali, a coisa acontecendo, uma troca entre intérprete e o surdo. Então foi muito prazeroso para mim, é muito prazeroso para mim ver isto, e ter esta formação, e ver como foi influente, realmente eu vi ali, a palavra viva transformando em sinal, como era que o intérprete passava para o surdo. As dificuldades do aluno surdo também. Em outro contexto, se eu tivesse aprendido, eu não teria isto, essa troca tão..., essa movimentação que tem a própria língua. Então foi muito importante. Em relação a atuar fui meio jogada no contexto, não era tão prática assim, e pela questão da aluna que não tenho tanto esta troca, até gostaria de atuar em outros contextos para ver, alunos que sabem mais, porque ela não é muito adaptada com a língua. Não conhece, são poucos os sinais que ela conhece da língua dela, nada que é abstrato ela conhece, ela conhece sentimentos. Verbos ela não tem noção nenhuma destas coisas, é mais: mesa, cadeira, bola, coisas mais concretas.

P – Você teve formação específica para atuar nesta função?

TIL Ib – Tive na universidade o básico, com o aluno surdo, e com um intérprete também, e o intermediário, também com o aluno surdo.

P – Estes cursos foram com que perfil? De língua de sinais, ou de formação de intérprete?

TIL Ib – Língua de sinais, curso básico de LIBRAS e intermediário de LIBRAS também.

### **Q4. Atribuições na escola**

P – Quais são as atribuições da sua função?

TIL Ib–Eu vejo que, uma coisa é que eu aprendi em relação ao intérprete, vendo ele fazer, outra coisa é que eu faço, e que a necessidade manda fazer. Na sala de aula eu vejo assim que, não posso me limitar a interpretar, traduzir a língua, porque ela [a aluna] não sabe e é o segundo ano que eu trabalho com ela. No primeiro ano que eu tentava fazer isto, eu vi que não surtia efeito nenhum. Era apenas uma imagem espelhada, às vezes, ela me imitava nos sinais. Uma pergunta que eu fazia, ela reproduzia aquilo que eu perguntava, ela não sabia responder. Eu sempre ficava com aquilo: Como? O que? Eu não entendo! Então eu tenho que ousar de alguma forma para ela entender. Então eu comecei também a usar os sinais que ela usa, que não são os corretos para dizer aquilo que se é dito, por exemplo, o sinal de briga, ela faz diferente do sinal que eu sei que é. Então eu uso o sinal que eu sei que é dela, depois corrijo usando o sinal que eu sei que é certo, para que ela entenda o que eu quero falar. Então eu uso o sinal que é dela, como se fosse o dialeto dela, para eu poder traduzir aquilo que eu estou vendo que é preciso. Resumo também bastante em relação ao que ela sabe, porque jogar sinais fora, vejo que não surge efeito para ela. Ela precisa ser ensinada em relação aos sinais mesmo, porque não tem instrutor. Ela tem duas irmãs surdas, que eu acho que são mais avançadas, mas ela não tem essa troca, eu vejo que ela não tem, não cresce na língua. Então eu tenho atribuição de ensinar também, sou meio limitada em relação a isto, porque ela não tem só surdez, um problema cognitivo mesmo, de aprendizagem. Ela toma remédios controlados, às vezes

ela está agressiva, ela não quer conversa, inventa histórias, que não quer assistir as aulas, fica emburrada. É um trabalho de conversar, socializar ela em relação a turma. Eu vejo que ela está muito mais socializada agora, do que quando ela estudava a tarde com crianças. Ela tem 27 anos, e agora em uma turma de EJA [Educação de Jovens e Adultos], ela está muito mais socializável e muito mais alegre. E o trabalho é para socializar ela, de conversar, de transmitir as informações dos colegas para ela, que não sabem também. Ela é curiosa, quer saber os contextos, o que está acontecendo na sala. Eu procuro passar para ela, de ensinar também, às vezes, matemática mesmo, ela tem muita dificuldade, português também ela tem muita dificuldade. Ela é copista, tudo que ver no quadro ela está lá copiando, e o que é importante para ela é isto, é ela encher o caderno, aquelas aulinha só de conversa, ela não gosta, o negócio dela é copiar. Ela vê que produz copiando. Ela desabafa, conversa muito, eu ouço muito. No ensino mesmo, eu trago material dourado, vejo como posso trabalhar com ela, trago uns joguinhos, jogos de memória, tem palavrinhas cruzadas, eu trabalho com ela estas questões. Eu me abstraio da aula, muitas vezes os exercícios tem sido feitos, porque ela vai só copiar, tem essas quebras de tempo para que eu ensine, neste meio de tempo. Nos joguinhos, [alguns] tem sinais, tem a imagem e eu vou treinando com ela, ensinando, vendo, fazendo.

P – A próxima questão, eu acredito que você já tocou, contudo eu pontuo. Quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

TIL Ib – É a questão da linguagem que ela não sabe, não se apropriou, se ela soubesse de fato LIBRAS seria mais fácil, se ela soubesse questões abstratas da língua, seria muito mais fácil o trabalho, se houvesse um instrutor, seria muito mais fácil o trabalho, porque haveria esta troca, esse ensino mesmo da língua, ele [o instrutor] tem muito mais propriedade para ensinar, e também é a atribuição dele. São estas dificuldades, é uma questão de recursos mesmo. O recurso é muito limitado, não tem como alfabetizar um surdo, mesmo que eu queira, mesmo sabendo que não é uma atribuição minha, mas eu sou pedagoga e eu teria que intervir, como é que eu faço para ensinar coisas abstratas para ela? Eu não sei como intervir nisto, essas são as dificuldades, é uma equipe trabalhando com ela, geralmente um joga para o outro, é atribuição sua. Tem uma sala de recurso aqui, mas que não trabalha as especificidades dela, pelo menos como surda. Eu não vejo nessa questão de alfabetizá-la alguém se empenhar nisto.

#### **Q5. Competências relacionadas ao cargo**

P – Quais as competências necessárias para exercer a sua função?

TIL Ib – No contexto em que eu atuo com a aluna, seria necessário um instrutor, alguém que fosse habilitado para ensinar, em relação a este problema cognitivo que ela tem, de aprendizagem que ela tem, que intervisse nesta questão, além da surdez e que soubesse realmente meios de como alfabetizar, alfabetizar mesmo, meios para alfabetizar um surdo, porque ela saiu do tempo previsto para ela, para alfabetização, vamos dizer assim. Ela tem 27 anos já e não tem autonomia nenhuma para ler, escrever. Ela só sabe apenas o nome dela e copiar aquilo que é colocado no quadro. Então as competências que eu jugo necessárias, são os profissionais que deveriam estar trabalhando comigo, não só eu, queria aprender com as pessoas que soubessem como fazer. Precisaria de diagnóstico de psicopedagogo, para ver estas dificuldades que ela tem. Em relação a prática do intérprete, como trabalhar com o surdo que não conhece a língua dele? É uma questão que eu gostaria muito de saber. Como eu vou fazer? Eu me sinto perdida, meu Deus! Não está surtindo nenhum efeito o que eu estou fazendo. Porque eu fico naquela, ela não entende, ninguém ensina, eu não sei como ensinar, estas questões abstratas eu não sei como fazer. As palavras que eu sinalizo parecem soltas ao vento, porque ela não entende. Eu acho que estas



competências, e também uma formação continuada para o intérprete, também em relação a isto, porque a maioria dos intérpretes dos municípios são pedagogos. Como atuar nestes contextos tão difíceis? Já que o aluno não sabe. Como eu posso intervir? Só na interpretação, tradução para a LIBRAS, mas também intervindo no contexto específico que é auxiliar o professor. Outra questão que eu esqueci de falar é a preparação do professor, no momento que o intérprete entra na sala. O professor acha que o intérprete é o professor do aluno surdo. Então as atribuições são dadas para o intérprete e ele é o responsável pelo aluno, mas não é assim. Uma visão, uma formação em relação ao professor, qual a atuação dele? Como ele vai atuar, com aquele aluno? Quais são as especificidades? Que atividades precisam ser adaptadas? E em relação ao intérprete, como trabalhar com esses contextos tão diferentes? E também a formação continuada em relação a própria língua mesmo.

P – Se fosse o caso do aluno saber a LIBRAS, o intérprete precisaria de quais conhecimentos? Além destes que você citaria mais algum?

TIL Ib – Eu acho que tanto a questão prática da própria língua, a adaptação, da parcialidade, eu não sei como é, não sei se existe mesmo esta parcialidade, porque a gente interpreta as coisas, é como uma pergunta escrita, por exemplo, eu estou vendo ali uma palavra e eu vou dá um sinal para aquela palavra, eu estou interpretando. Eu gostaria de saber, tinha que ter uma formação em relação a esta tradução mesmo. Esta questão da gente ser imparcial, ser de fato imparcial na tradução. Seriam técnicas de tradução. Como fazer de fato. A LIBRAS mesmo e a convivência com a comunidade surda pelo intérprete.

P – Como seria a trajetória apropriada para formação a sua função?

TIL Ib – Eu comecei inclusive uma pós-graduação [especialização] em LIBRAS em uma faculdade particular. A proposta desta faculdade era ensinar a gente em um ano e eram vinte e quatro encontros, e destes vinte e quatro encontros, doze aulas, isto é, seis meses eram matérias comuns ao curso de psicopedagogia, vários cursos da pós-graduação desta faculdade e os outros doze encontros de LIBRAS. Eu fiquei a pensar, como é que eu vou aprender, tinha gente lá que pensava que sairia apto a ser intérprete depois do curso. Como é que a gente pode aprender em tão pouco tempo? Praticamente em seis aulas, doze encontros, nestes finais de semana, aprender mais da língua, então eu desisti do curso. Então eu acho assim, que o ideal mesmo é um curso técnico com um bom tempo de aula, e também a própria convivência não sei se na comunidade, se em associações, lugares que tenham a língua fluindo. Formação em si, eu acho que um curso técnico seria suficiente.

P – Qual a sua interação com a comunidade surda?

TIL Ib – Eu tinha uma maior interação na graduação, quando eu estava na faculdade, encontrava o colega de sala, e amigos dele, conversava lá com os intérpretes que eram as minhas amigas, conversávamos muitas vezes em LIBRAS, mas hoje a interação se limita a aluna que eu tenho e a surdos que eu atendo no meu outro trabalho à tarde, esporadicamente quando eles me procuram lá. Eu não vou até a comunidade, eu não tenho essa interação com eles, eu só tenho esse contato restrito.

#### **Q6. Questões identitárias**

P – Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?

TIL Ib – Sinceramente de mãos atadas, porque eu queria fazer muito mais. Eu queria vê-la avançando muito mais. Eu percebo alguns avanços, alguns sinais que ela já aprendeu comigo, porque eu dou muitos exemplos para ensinar um sinal, para dizer o que eu quero falar. Tem coisas que ela aprende, tem coisas que não. Às vezes eu insiro em algumas coisas, ela está apta para estas coisas, mas no outro dia ela esquece tudo. Então eu me vejo

muito limitada, em relação a minha atuação, por todas as questões que eles têm e por querer ir muito além e não conseguir. Não saber como intervi.

P –Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?

TIL Ib – Não, definitivamente não garante. Sozinho ele não pode fazer muita coisa, porquêm muitas atribuições, algumas que não são dele. Tem que ser um trabalho conjunto de acessibilidade, de inclusão. Não pode só jogar o intérprete lá, até porque eu não tive formação para ser intérprete, eu tive contato com a LIBRAS, mas formação para intérprete eu não tive. Seria necessário que eu tivesse, reconheço isto, precisava essa formação. O que eu sei foi pelo contato que eu tive com o intérprete e com o aluno e com a própria língua, mas de formação mesmo não...

P –Como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão?

TIL Ib – O tempo que eu os vejo é para observar para aprender mais. Há pouco eu participei do ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio], em duas duplas, para interpretar, a todo o tempo eu estava trocando questões, procurando aprender, porque eu me acho muito verdinha em relação a eles, que tem essa troca com os alunos com os quais convivem. Tem uma que atua com vários surdos na sala. E para começar a ensinar, inclusive ela ensina, ela precisa pedir para eles pararem de conversar, então a interação dela é muito grande, aprende muito rápido, comigo não essa troca. O que eu sei é o que eu ensino para ela [a aluna], nunca aprendo com ela, assim a questão técnica da LIBRAS, aprendo muita coisa como pessoa, enfim como profissional. LIBRAS mesmo, eu não aprendo pela limitação que ela tem. A minha relação com os colegas é de respeito, e de aprendizagem. Eu quero sempre aprender. Eu sempre pergunto. Eu sou muito curiosa em relação ao trabalho, como vocês fazem? Como vocês atuam? Como vocês fazem neste contexto? É mais isto.

P –Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?

TIL Ib – Eu acho meio confusas as..., a professora é uma pessoa maravilhosa. Ela sabe as minhas atribuições, mas eu percebo que ela se sente angustiada, feito eu, em relação a aluna. A professora quando começou, ela achava que eu iria ensinar e ela viu que não, não era essa a minha atribuição, mas mesmo assim, ainda que não seja, eu queria intervi nisto. Quando eu vejo que a atividade está muito abstrata, se é coisa que copia, a própria aluna quer fazer, mas quando não é, como redação, uma coisa que exige dela, que ela não sabe, perguntas simples, por exemplo, o que você está sentido? Ela não sabe responder. Quando eu vejo que as atividades são mais abstratas, eu pego um joguinho, pego outra forma de ensinar, alguma coisa que de acordo com a minha visão ela precisa aprender, que são questões das palavras, de contar, de contas simples de mais, de menos. Esta questão é meio confusa ainda, até onde intervi? Como atuar? Onde é que eu entro? Onde a minha liberdade termina e a dela começa? São confusas as atribuições. Não tem nada bem delimitado, você faz isto, eu faço aquilo. E a professora confia muito em mim. Quando eu consigo tirar alguma coisa e transcrevo aquilo, porque a aluna não sabe transcrever para o português, a aluna faz em LIBRAS. É uma relação de confiança, a professora sabe o que eu estou escrevendo ali é realmente o que a aluna está me dizendo. A professora não sabe a língua, fica tudo para eu mediar, tanto de português para LIBRAS, como de LIBRAS para o português.

P – Muito obrigado! Foi enriquecedor.

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.ªDoutora Isabel Rodrigues Sanches

**APÊNDICE 9– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS II**

Legenda:

P - Pesquisador

TIL II – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais II

P – Bom dia! Esta entrevista faz parte da coleta de dados de uma pesquisa de mestrado, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Os dados serão utilizados para fins científicos, assegurando seu anonimato, de acordo com termo que você assinou.

**Q1. Identificação do Entrevistado:**

- Idade: 20 anos;
- Gênero : Feminino;
- Tempo de formação: estou no 1º semestre (cursando);
- Tempo de atuação: 2 anos;
- Curso de graduação: Licenciatura em Pedagogia;
- Série/ano que atua: 5ª ano.

P – Qual a sua idade?

TIL II – Atualmente, eu tenho 20 anos.

P – Qual o tempo de formação que você tem?

TIL II – No momento, eu ainda não formei, estou concluindo, estou estudando pedagogia, e estou no primeiro período, iniciando o curso.

P – E você atua como intérprete de língua de sinais há quanto tempo?

TIL II – Eu estou a dois anos, aqui na escola.

P – Você hoje está atuando em que série?

TIL II – No 5º ano, desde o ano passado, a mesma aluna, porque a aluna o ano anterior precisou ser retida o ano passado e este ano estamos avaliando a situação dela.

**Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS**

P – Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TIL II –A principio, eu sempre gostei, desde pequena. Afinal eu vi a necessidade de as pessoas aprenderem um pouco mais. Então por ter amigos surdos, não podia se comunicar, não sabia. Então eu me interessei fazendo cursos. Eu também conheço o instrutor surdo, que também me ajudou, e ele atua junto com a esposa no município e no estado. Então eu fiz, interessei-me, comecei e agora estou aqui.

P – Há quanto tempo você começou a aprender LIBRAS?

TIL II – Há três anos, inicialmente com o interesse de conversar com os amigos, depois eu fui me interessando na sala de aula também. Abriu as inscrições na secretaria municipal de educação, passei na seleção e estou aqui.

**Q3. Informações acerca da formação**

P – Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

TIL II – É necessário a graduação, porque eu estou trabalhando aqui depois vou para o outro, mestrado, pós. É importante a qualificação necessária hoje.

P – Você teve formação específica para atuar nesta função?

TIL II – Só os cursos que eu comecei com o instrutor, de seis meses, de 100 horas cada, foi o básico e depois o intermediário.

#### **Q4. Atribuições na escola**

P – Quais as atribuições da sua função?

TIL II – Auxiliar a professora a passar da melhor forma para a aluna surda, porque este ano estamos dando continuidade ao trabalho que eu fiz o ano passado. A aluna já parou, ficou desmotivada, não tinha intérprete na outra escola. É muito importante, eu estou ali, como grandes companheiras, intérprete e professora. Eu passo às informações das aulas de geografia, ciências, todas as matérias para ela, para que ela possa fazer da melhor forma porque ela não é diferente dos demais, só pelo fato dela ser surda.

P – Você faz interpretação e alguma outra atividade?

TIL II – Trabalhos, tipo de raciocínio lógico, para ela pensar, porque ela sabe sinais, ela não sabe as palavras, os nomes das palavras. Português, a leitura, dissertação, para ela tentar fazer também, nós estamos trabalhando aqui, mais o português, paralelo ao trabalho da professora.

P – Quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

TIL II – A dificuldade é porque ela [a aluna] mora longe e acorda cedo, às vezes ela fica com sono, diz que está com preguiça, às vezes ela é teimosa, normal, mas precisa ter muita paciência. Da minha parte o cansaço de final de ano, então você tem que lidar da melhor maneira. Às vezes ela está triste, emotiva. Tento passar da melhor forma, é importante dá atenção ali.

#### **Q5. Competências relacionadas ao cargo**

P – Quais as competências necessárias para exercer a sua função?

TIL II – Eu preciso saber o que eu vou ensinar, a matéria. Por isso que eu pergunto para a professora, o que você vai ensinar amanhã? Porque eu vou estar a par (atualizado), para poder explicar da melhor maneira, porque eu não posso ficar e explicar de qualquer maneira. Precisamos estudar a matéria e passar da melhor forma em sinais. Também os sinais são importantes, pois tem sinais que eu não sei, e que eu preciso, eu vou procurar. Se eu sabendo antes, isto vai me ajudar.

P – Como seria a trajetória apropriada para formação do intérprete de língua de sinais?

TIL II – Eu acredito assim, que não existe um ideal, porque sempre estamos procurando melhorar, independente de onde fizermos o curso, pois os sinais mudam. Sempre precisamos estar estudando, vendo cursos. Procurando, tomando a iniciativa, está sempre ali, procurando melhoras para si. Em relação ao curso, o básico não é o suficiente hoje, precisa fazer pedagogia, curso de formação, doutorado, pós, tem que está a par (informado), com o avanço que o mundo está oferecendo.

P – Mais algum curso de formação de intérprete?

TIL II – Abriu o curso de Letras/LIBRAS, é bem interessante, novidade, é bem... porque está aprimorando. O que eu sei desse curso é que é da área, e é todo, tem cadeiras que falam sobre LIBRAS, todo momento tem sinais.

P – Você sabe o tempo de duração?

TIL II – São quatro anos, normal igual a qualquer formação de faculdade. Então eu acho interessante. O ideal talvez fosse este. Eu teria coragem de fazer.

P – Qual a sua interação com a comunidade surda?

TIL II –Eu sou Testemunha de Jeová, então temos um salão que é só para surdos. Lá a gente sempre procura ajudar em outros sentidos também. Frequentam dezenove, vinte surdos e nós conversamos. Temos materiais em língua de sinais, DVDs, bíblias em sinais. Estudamos estes materiais. Lá eu não ministro para eles, mas nas casas deles sim.

#### **Q6. Questões identitárias**

P – Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?

TIL II – Dedicção é uma palavra assim que temos ali, uma dedicação, um amor, por estas pessoas. A gente vai de uma maneira melhor, as pessoas desse tipo são excluídas da sociedade. Mas o objetivo da inclusão na escola é de grande ajuda, para lidar com eles, da melhor forma hoje.

P – Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?

TIL II – Sim, porque eles vão confiar na gente. Confiando na maneira melhor como eu e a aluna surda que atendo, nós somos grandes amigas. Não só intérprete e aluna, mas amigas. Ela conta o que foi, o que aconteceu no fim de semana, faz parte é família, então é incrível. A escola é como se fosse uma ponte, é uma ponte.

P – Como você se percebe em relação aos outros intérpretes?

TIL II – Sempre tem seminários, congressos, sempre estamos reunidos para discutir os sinais, se foram mudados. Também tem surdos que vão também, ali a gente está sempre se comunicando, como foi? Como estás ensinando? O município sempre promove conferências, e a gente sempre se encontra para interpretar as conferências que tem surdos e é a maneira de perguntar como está a escola, e eu sempre pergunto.

P – Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?

TIL II – Esta foi difícil, a principio a gente não se dava muito bem não, acho que eu já estava acostumada com a outra professora. Então, a medida que a gente foi conversando, meu trabalho está bom? Eu perguntei. A professora sempre me fala, precisa melhorar nisto, então está certo. Sempre eu estou perguntando, para a gente não entrar em atrito, que não é bom.

P – Como ela lhe vê em relação a aluna?

TIL II – Como uma ponte, para entender. A professora também está aprendendo os sinais, então desde o início até agora ela aprendeu muito. Tanto a aluna, como a professora, porque as duas estão aprendendo.

P – Como elas interagem?

TIL II –Elas sempre interagem. Quando a professora pergunta que sinal é este, eu falo. Eu intermédio, e elas também se interagem. É muito bom!

P – E você pretende ficar nesta profissão por quanto tempo?

TIL II – Bem! Até onde der. Acontecem vários imprevistos hoje em dia. Mas até onde der, eu estou indo. Eu também penso em trabalhar em hospitais. É interessante, pois uma amiga minha precisou ir, uma surda, não tinha intérprete no hospital. Eu achei um cúmulo. No hospital também é necessário ter um intérprete. Eu pretendo interpretar fora da escola também.

P – Você se identifica bem com a sua profissão?

TIL II – Sim, é muito bom!

P – Certo, muito obrigado!

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.ªDoutora Isabel Rodrigues Sanches

**APÊNDICE 10– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS**

Legenda:

P - Pesquisador

TIL III – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais III

P – Bom noite! A atual entrevista é para uma pesquisa de mestrado em Ciências da Educação. Meu nome é Geyson e estamos trabalhando com a questão da Identidade Profissional do Tradutor e Intérprete de LIBRAS. Não se preocupe, como você assinou o termo de consentimento e esclarecimento, não será identificado. Qualquer dúvida poderá entrar em contato através dos contatos (telefones ou e-mail) que está na sua via. E

**Q1. Identificação do Entrevistado:**

- Idade: 25 anos;
- Gênero : Feminino;
- Tempo de formação: 4 anos;
- Tempo de atuação: 2 anos;
- Curso de graduação: Licenciatura em Pedagogia;
- Série/ano que atua: 2º ano.

P – Qual a sua idade?

TIL III –Bom, eu tenho 25 anos.

P – Quanto tempo de formação você tem?

TIL III – 4 anos.

P – E o seu tempo de atuação?

TIL III – Como intérprete 2 anos.

P – Qual seu curso de graduação?

TIL III – Licenciatura em Pedagogia.

P – Você atua em que série?

TIL III – Atualmente pelo município 2º ano do ensino fundamental.

**Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS**

P – Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TIL III – A minha trajetória, como a maioria dos intérpretes que você vai encontrar no município, começou conhecendo uma pessoa surda. Diante disto, eu passei para o curso básico e depois o intermediário e então fui procurando..., sempre que aparecia alguma coisa na área. Eu procurava participar, desde palestras, seminários, conferências, para sempre está atualizada.

P – Este surdo você conheceu onde, em que espaço?

TIL III –Primeiro contato com surdo que eu tive foi dentro da universidade, dentro da sala de aula, no curso de pedagogia. Ele era colega de sala, e atuava como professor pelo município ensinando LIBRAS. Ele estudou na minha sala os quatro anos, desde o primeiro período.

### **Q3. Informações acerca da formação**

P – Qual a influência da sua graduação no atual campo de trabalho?

TIL III – Total, foi 100%. Porque, foi o primeiro contato com uma pessoa surda em termos de comunicação. Um tempo atrás quando eu fui contratada por outro município, que atuei na área de educação artística, junto com uma professora de artes, eu era o apoio dela. Tinha uma aluna surda na sala de aula, só que eu não sabia nada. Tanto é que quando eu vi que tinha pessoas, professores que sabiam comunicar com ela, não na instituição, fora da instituição, eu queria saber como era pelo menos o básico. Bom dia! Boa tarde! Teve um professor que me ensinou.

P – E a graduação, especificamente teve alguma disciplina?

TIL III – Teve. Como tinha um aluno surdo em sala de aula, foi adiantada uma disciplina, que só era para ser passada a partir do 7º período, mas como tínhamos este aluno, houve uma necessidade da universidade de adiantar esta disciplina para a gente. Começou logo no 1º período, que foi “Linguagem e Sociedade”. Onde a professora, lá da universidade, lecionou e esclareceu melhor quem era a pessoa surda, mas não teve um aprofundamento na área de LIBRAS. Era apenas na questão teórica. Quem era a pessoa surda? O que era a LIBRAS? Mas a questão dos sinais, ela colocou um pouquinho lá na frente, não dentro da disciplina. Mas ela entrevistou com um curso de LIBRAS, tipo extensão. Já para poder, para aqueles que tinham interesse em participar, começar ali.

P – E teve outra disciplina, ou esta foi a única que...

TIL III – No primeiro período só esta. Mais para frente a universidade ofereceu cursos de LIBRAS, básico e depois o intermediário. A disciplina de LIBRAS mesmo, só no 7º período.

P – Você teve formação específica para atuar nesta função?

TIL III – Não, eu estou terminando a minha especialização na área da educação inclusiva. As outras formações são destes cursos que foram oferecidos. A especialização de educação inclusiva foi de 2 anos e meio.

P – E teve disciplinas específicas da área, como o curso é educação inclusiva e abrange todas as áreas?

TIL III – Teve. A disciplina para conhecer a pessoa surda e teve a de LIBRAS, para que a gente tivesse um conhecimento melhor.

### **Q4. Atribuições na escola**

P – Quais são as atribuições da sua função?

TIL III – Na escola é um pouco complicado, porque quando a gente chega à escola para atuar como intérprete, o professor acha que a nossa função é outra. Mas a gente com jeito vai tentando esclarecer qual é a nossa função. Muitas vezes a gente chega a ser um pouco, aparenta ser um pouco egoísta, mas não é. É uma questão de que eles entendam realmente o que a gente está fazendo ali. Por exemplo, antes eles tinham o costume de que se faltasse um professor na sala, queriam que nós substituíssemos este professor. Só que a secretaria entrevistou, viu que não era nosso papel e hoje a gente atua somente como intérprete em sala.

P – Certo, mas exatamente, o que você faz em sala de aula?

TIL III – A gente acaba intervindo na questão do aluno surdo da nossa sala. Na minha sala por exemplo, a minha aluna tem 15 anos de idade, porém ela tem DI. Ela é deficiente intelectual, diagnosticada e tudo. Então a gente atua com ela, como intérprete, só que assim, umas coisas ela acaba esquecendo em LIBRAS. Português para trabalhar com ela está sendo muito complicado, porque ela não aceita. Agora com a questão do facebook, ela está vendo a necessidade de escrever. Ela sentindo que isto é importante para ela. Por mais que a gente intervisse

junto com o instrutor, trabalhando a questão dos sinais, da palavra. Procurando várias formas de atrair a atenção dela. Tem momento que a gente tira ela da sala regular, por 30 minutos, para poder trabalhar com ela a questão da escrita e da leitura.

P – E dentro da sala de aula?

TIL III – Interpretando. Dentro da sala de aula, a gente acaba fazendo a função às vezes do professor, porquê? Muitas coisas ela não compreende, então a gente tem que parar um pouco. Tem que contextualizar de forma que ela compreenda melhor o que está sendo passado. Até porque ela tem o conhecimento mundo, mas quando parte para a questão escrita, ou algo assim a gente tem que intervir. Às vezes na LIBRAS, a gente tem que usar a mímica, para ela poder compreender, mas depois a gente faz o sinal.

P – Quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

TIL III – Eu acho que a dificuldade é também da escrita. É geral. Por exemplo, se a gente tivesse um apoio maior, para a gente enquanto intérprete seria melhor. Porque se ficar somente eu e o instrutor... Tem a necessidade de a escola intervir junto a família, porque a aluna falta muito. Então se a escola intervisse, conversasse com a mãe, porque eu já fui várias vezes na casa da mãe, conversar com ela. A mãe recebe bem, conversa. Diz que tudo bem, que a filha vai frequentar mais vezes, só que ela começa a faltar de novo. Então eu acho que tem que ser um conjunto, tem que ter o apoio da escola. Porque a escola joga para a gente. Tem uma aluna surda na escola e a responsabilidade é tua e ponto. Mas não tem uma intervenção da escola em perguntar: Como está aquela aluna surda? Quais são as dificuldades? Estas coisas assim, para a gente sentir mais apoiada.

#### **Q5. Competências relacionadas ao cargo**

P – Quais as competências necessárias para exercer a sua função?

TIL III – Os conhecimentos, a gente precisa estar sempre atualizando, sempre participando se possível de conferências, seminários, palestras. Na área da educação inclusiva, porque se a gente focar apenas na LIBRAS, a gente acaba ficando um pouco perdido. Porque hoje você pega um aluno surdo, e o aluno vêm com DI e o aluno vêm alguma deficiência além da surdez. Então a gente tem que ter um conhecimento mais amplo. Se a gente focar apenas na LIBRAS, o aluno com alguma outra deficiência além da surdez acaba se perdendo. Claro que a gente tem que está se atualizando, mas é bom a gente está se atualizando e vendo, porque quando a gente participa de um seminário de uma conferência, hoje em dia, ela abrange mais coisas. Não foca apenas na LIBRAS.

P – Como seria a trajetória apropriada para formação na sua função?

TIL III – A formação teria que ser contínua. A formação básica seria trazer para o nosso município pessoas que já atuam a muito tempo nesta área, que experiência com vários tipos de alunos surdos. Que viesse também com um apoio maior de surdos, que também tenham essa experiência, para que nos passem. Como enfrentaram isso? Quais os avanços que tiveram? Para que a gente tivesse um contato mais de perto.

P – Se eu me interessasse em ingressar nesta profissão, qual o passo que você me indicaria?

TIL III – Primeira coisa é conhecer a língua, a LIBRAS. Você precisa conhecer. Não conhecer apenas por curiosidade, mas quando você está interessado nesta área, você entender que ali tem todo um contexto. Tem toda uma história. Só não pode apenas saber os sinais de algumas coisas, por curiosidade. Mas se você pretende ficar na área, você precisa ter um respeito maior.

P – Qual a sua interação com a comunidade surda?



TIL III – É boa! Procuo sempre participar de eventos na cidade. Acaba a gente se encontrando muito. Como tem palestra, a gente é convidado para interpretar pelo município, a gente tem contato com os instrutores surdos e a comunidade em si é mais na escola, não do município, mas do estado que a gente encontra vários surdos. Lá na escola do estado eu atuo como intérprete também, no ensino médio.

#### **Q6. Questões identitárias**

P – Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?

TIL III –Eu me percebo com alguém que está sempre procurando respostas para as situações novas que estão acontecendo, porque as respostas não veem prontas, por mais que a gente pesquise em vários lugares, a experiência é quem faz a gente se tornar um bom profissional. Por mais que a gente leia, só na prática que a gente vai saber como deve atuar. Eu me percebo como uma pesquisadora.

P – Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?

TIL III –Não, não é o suficiente. A gente está ali para colaborar com esse processo de inclusão do aluno surdo. Mas é como eu disse: é todo..., não é somente a gente que vai fazer tudo. Tem que ter a participação da docente da sala, da direção, da coordenação e do instrutor de LIBRAS também, da família. Por mais que a gente esteja ali e a família não esteja disposta a colaborar, não vai valer nada o trabalho.

P – Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão?

TIL III – Bom, tem vários colegas de profissão. De maneira geral, eu percebo que preciso aprender muito. Que eu estou começando agora, porque eu tenho 2 anos de experiência e é muito pouco ainda. Então eu pretendo me especializar mais. Eu pretendo fazer o prolibras, o exame de proficiência, para isto eu estou estudando. E eu percebo que eu estou em busca de melhorar. Não sei, porque esta resposta pode acabar julgando o outro, e eu procuro me colocar, eu preciso melhorar, quando eu vejo eles atuando. Eu sinto a necessidade de melhorar.

P – Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?

TIL III –É como eu lhe disse: no início, a professora achava que eu era a responsável pela aluna, a aprendizagem dela era totalmente da minha responsabilidade. Hoje ela me vê como uma pessoa que está ali para intermediar.

P – Hoje ela entende o seu trabalho?

TIL III –Entende, porque eu bato muito na tecla, às vezes ela..., recentemente aconteceu dela achar que a aluna surda..., olha a aluna fulana. Fulana é doente, mas ela consegue aprender, a doença dela não é contagiosa. Não é doença, a gente sabe que não é doença. Mas ela está ali falando, explicando e acaba tendo essas falhas assim. Mas ela percebe e sabe qual é a minha função. No início não, a aluna era minha, ela nem corrigia a tarefa. Ela pedia que os alunos levassem a tarefa para o birô para ela corrigir, quando a minha aluna, no caso a surda ia levar, ela dizia não, quem vai corrigir é a sua professora ali. Eu falava não, a senhora é a professora dela, quem vai corrigir é a senhora. Então ela não entendia isto no começo. Eu tinha que ficar insistindo.

P – Era um certo conflito?

TIL III – Havia um conflito. Tanto é que a aluna surda mesma bateu o pé e disse: minha professora é você. Tem momentos quando a gente trabalha, é até um pouco engraçado lá no ensino fundamental, os alunos surdos tem o professor como referência falando, oral, mesmo que não esteja entendendo, eles tem como referência. Então quando a professora vai até o aluno, corrigir aquela tarefa dele, ele se sente totalmente, vamos dizer, o professor vai até o aluno e dá aquela atenção, ele se sente valorizado, esta é a palavra, e motivado também. É isso.

P – Você tem uma palavra final sobre a sua função, ou algo bem específico do seu trabalho aqui na escola?

TIL III –A minha função no momento, eu procuro contribuir o máximo possível no processo de formação da minha aluna. Mas não é algo fácil, porque envolve todo o contexto escolar, família, tudo. Eu procuro sempre o melhor. Eu procuro sempre intervir no contexto de aprendizagem mesmo dela, para com que ela cresça. O que a gente mais quer enquanto intérprete, quando a gente está com o aluno e a gente procura que o aluno cresça, que ele vá para o ensino médio. Para que ele não encontre dificuldades e sofra tanto lá fora. Essa é a nossa preocupação.

P – Obrigado pela sua participação, foi enriquecedora. Muito obrigado!

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.ªDoutora Isabel Rodrigues Sanches

**APÊNDICE 11 – ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IV**

Legenda:

P - Pesquisador

TIL IV – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais IV

P – Boa tarde! Como você já está ciente através da carta-convite e termo de consentimento e esclarecido, que você assinou e concordou em participar. Nós iremos fazer algumas perguntas, portanto fique a vontade, pode falar livremente, não tem respostas erradas. O objetivo é coletar informações acerca da sua experiência, do seu trabalho. Começaremos levantando alguns elementos de identificação, não o seu nome, mas para criar um perfil geral dos entrevistados.

**Q1. Identificação do Entrevistado:**

- Idade: 41 anos;
- Gênero : Feminino;
- Tempo de formação: 7 anos;
- Tempo de atuação: 2 anos;
- Curso de graduação: Licenciatura em Pedagogia;
- Série/ano que atua: 2º ano do Ensino Fundamental.

P – Qual é a sua idade?

TIL IV – 41 anos

P – Qual é o seu tempo de formação?

TIL IV – Quatro anos no curso de pedagogia, mais duas especializações, cada uma de um ano e meio, sete anos no total.

P – E as especializações quais foram elas?

TIL IV – Supervisão escolar e gestão pedagógica foi a minha primeira especialização e a segunda educação especial/inclusiva.

P – Quanto tempo você tem de atuação?

TIL IV – 2 anos.

P – Em que série/ano você está atuando?

TIL IV – No segundo ano do ensino fundamental.

**Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS**

P – Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TIL IV – Quando eu estava fazendo a especialização em educação especial/inclusiva, eu fui chamada pela prefeitura, no ano de 2009, para trabalhar como apoio. Esse apoio não era especificamente com surdo. Era com qualquer criança que tivesse necessidade especial dentro da escola, era um apoio rotativo na escola. Eu ia nas salas onde tivesse estas crianças especiais. Então em uma dessas salas tinha um aluno surdo. Este foi o meu primeiro contato, mas em questão de ter algum curso, já saber alguma coisa, da LIBRAS, da surdez especificamente, na questão da surdez especificamente estava sabendo alguma coisa pois eu estava no curso de

especialização [em educação especial/inclusiva], mas do trabalho especificamente usando LIBRAS, trabalhando com esse aluno ainda não. Foi ali que eu percebi a necessidade de começar a aprender, porque eu precisava dá uma resposta aquele aluno. Na realidade eu tomei um susto, pois trabalhar com uma criança com necessidade especial, vamos dizer assim, com uma deficiência intelectual, por exemplo, eu já havia trabalhado a disciplina, então eu já sabia mais ou menos como trabalhar com este aluno. Com surdez tínhamos feito um apanhado, vamos dizer uma coisa geral, não tínhamos trabalhado o específico. Quando eu me deparei com o aluno, e ele olhou para mim, eu fiquei totalmente impotente diante dele. E vi que tinha que fazer alguma coisa. Eu é que tinha que buscar, porque ele estava esperando de mim. Nós tínhamos na escola na época um instrutor [de LIBRAS] e eu fui em busca deste instrutor, conversei com ele e sabia muito pouco, nem todas as letras do alfabeto [manual]. Eu soletrei para ele “eu quero aprender LIBRAS”, e ele sorriu e me ensinou os sinais do que eu soletrei, de cada palavra e disse OK. Marcamos e comecei estudar. Eu fiz o convite para que ele me desse aula particular aos domingos, se ele tivesse disponibilidade indo para minha casa e eu pagaria estas aulas, para que eu pudesse corresponder a necessidade do aluno, que era específica e que estava necessitando naquele momento e eu precisando também porque eu me senti deficiente diante daquele aluno. Por mais que eu tivesse feito uma graduação, meus conhecimentos não correspondiam com a necessidade do aluno. Então, eu me senti realmente deficiente e fui em busca de aprender uma coisa que me ajudasse com aquele aluno. E nós começamos esse trabalho aos domingos. Ele ia para minha casa, me ensinava, mais especificamente as atividades que o aluno iria trabalhar. Eu pedia o planejamento da professora e ela era extremamente organizada, já tinha uma semana antes. Pedia este planejamento e organizava os livros, o que ela iria colocar e eu estudava no domingo com esse instrutor. Então foi quando ele me disse que a universidade estava oferecendo um curso de LIBRAS, seria interessante que eu fosse para lá, porque eu teria um certificado e as aulas que estamos tendo, eram avulsas e não poderia me dar um certificado. Eu comecei com o curso de LIBRAS, primeiro em casa e depois na universidade, com um curso mais específico, um curso básico de 30 horas. Terminado este curso, eu comecei procurando nas pessoas, porque na realidade nós não tínhamos uma continuidade. Eu vivi uma angustia, porque era muito pouco aquilo ali, para o universo daquele aluno, era muito pouco e nem sempre que eu precisasse o instrutor poderia está na sala comigo, porque ele tinha outras atividades e nem estava todos os dias na escola. Tinha dias que ele estava na escola, e tinha dias que ele estava em outra escola. Então se surgisse aquela necessidade naquele momento, eu não tinha a quem recorrer. Eu comecei sentindo o peso, a questão da necessidade que você encontrando para atingir um determinado objetivo, porque eu tentava ser o mais clara possível, então eu recorria a mímicas. Eu digo que junto da professora, nós fazíamos malabarismos na frente do quadro para que ele entendesse aquilo ali. Nós simulávamos carrinho de mão, porque não sabíamos o sinal, simulávamos qualquer situação para que ele pudesse compreender. O interessante é que ele nos dava uma resposta positiva, apesar de nós não dominarmos a LIBRAS, os sinais corretos e tudo. Mas minha busca foi essa, já que eu não conseguia um outro curso, nem tinha condições, até porque na época eu estava só com esse trabalho e a questão financeira, o pagamento era um pouco abaixo do valor que ..., bem inferior. Eu não tinha condições de viajar, procurar esse conhecimento fora, ir para a capital, para outro lugar. Eu ficava perguntando para as pessoas que eu tinha mais aproximação. Eu procurava uma amiga que já estava um pouco mais avançada. Este sinal como é que faz isto? Felizmente a gente encontra pessoas que estão dispostas a ensinar, mas tem pessoas que infelizmente negligenciam estas questões. Às vezes você faz perguntas e elas respondem: eu não conheço; depois infelizmente você vê esta pessoa sinalizando aquilo ali, e é muito triste. Eu acho que o conhecimento tem que ser

compartilhado. É uma busca e eu acho que parti de você. Você não tem que ficar esperando. Você vai encontrar portas abertas, portas fechadas e entreabertas.

### **Q3. Informações acerca da formação**

P – Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

TIL IV – O curso de pedagogia tem a disciplina educação especial/inclusiva. E a professora trabalha muito bem com esta disciplina e eu comecei ali a despertar. Eu só não sabia em que direção iria dar dentro das necessidades especiais que ela apresentava. Na realidade eu me identifiquei. Comecei pensando em estudar, aprofundar sobre Síndrome de Down, fiz meu projeto em cima destas questões da Síndrome de Down. Fui trabalhando e não procurava outra linha de pesquisa, sempre dentro da educação especial. Eu encerrei minha graduação e fiz minha monografia justamente em cima da questão.

P – Foi a única disciplina específica que você fez?

TIL IV – Sim, não tinha LIBRAS na época, nós não tínhamos a disciplina de LIBRAS, ainda não.

P – Você teve formação específica para atuar nesta função?

TIL IV – Sim, no caso a especialização. Primeiro eu fiz supervisão escolar, porque não fechou turma na universidade de educação especial/inclusiva. Então eu fiz para supervisão escolar. Fiz especialização, mas continuava a necessidade, porque eu me identificava realmente, eu queria aquilo ali. Então eu fui buscar a distância. Eu me matriculei em uma instituição à distância e fiz minha especialização em educação especial/inclusiva.

P – Como foi as disciplinas neste último curso ligados diretamente a sua atuação?

TIL IV – Eles trabalharam nesta área com o geral, educação especial/inclusiva de modo geral, e depois cada deficiência separadamente. Para cada deficiência tínhamos um módulo, cada módulo uma prova e apresentávamos um projeto de intervenção, como você trabalharia dentro daquela necessidade especial, como você trabalharia aquelas questões. Foi justamente aí que quando cheguei ao módulo de surdez, já tendo esta referência deste aluno surdo que eu decidi realmente de ir em busca deste conhecimento a mais.

P – Você teve formação específica para atuar nesta função?

TIL IV – No ano seguinte mais um curso básico aberto na UAG [Unidade Acadêmica de Garanhuns – Universidade Federal Rural de Pernambuco], e eu busquei novamente este curso básico. Fui lá perguntei, quando era que iria oferecer o curso intermediário, porque eu já vinha de um curso básico. Mas não tinha uma proposta para um curso intermediário. Então eu continuei na minha luta procurando pessoas mais experientes, procurando informações, sinais e tal. Eu procurei vídeos e estudava-os. Para não ficar parada na questão das pessoas, estudava o dicionário de LIBRAS, tirava algumas cópias de apostilas e então eu fiz uma seleção para uma escola do estado, passei nesta seleção e fiquei aguardando ser chamada. Até então, o meu único trabalho tinha sido com este surdo que terminando o período que era o estagio, encerrou. E eu não tive mais contato com os surdos. Fiquei na realidade sem trabalho. Quando surgiu esta oportunidade no estado, que eu fui chamada, então eu voltei a ter contato e voltei a ter a necessidade de melhorar, de aprimorar estas questões que eu via e sentia que o que eu sabia daquela realidade que estava sendo pedida naquele momento era muito pouco. Eu tive que voltar a percorrer o mesmo caminho em busca das pessoas, porque aqui na nossa cidade nós temos esta questão, não temos cursos, não temos nada assim que nos possibilite um crescimento, uma formação mais específica, mais direcionada. Então infelizmente nós sofremos, eu particularmente digo que sofro, ainda com esta questão.

P – Está certo!

#### **Q4. Atribuições na escola**

P – Na sua escola, quais são as atribuições da sua função?

TIL IV – Nós somos estagiários, e infelizmente permanece assim. Acredite até abrir um concurso e hoje temos cerca de 16 (dezesesseis).

P – Estágio você poderia explicar esta nomenclatura?

TIL IV – É terrível! Eu vou te dizer por quê. Você pega profissionais, formados, especializados para colocar como estagiários. E o salário é inferior ao salário mínimo. É difícil. Eles nem fazem um contrato, porque o contrato permitiria um salário melhor e algumas questões como férias, como décimo terceiro. Eles preferem manter esta questão do estágio, e você precisa está estudando. Então o que eu fiz, eu voltei para uma nova especialização, para você poder está como estagiário, você precisa está estudando. Ainda tem esta exigência, você recebe menos que um salário mínimo e paga uma especialização de R\$230,00 (duzentos e trinta reais). Tive que me matricular em mais uma especialização, desta vez especialização em LIBRAS, já estou com seis meses, agora uma especialização bem específica.

P – E quais as suas atribuições da sua função hoje?

TIL IV – Minha atribuição enquanto intérprete seria o quê? Mediar essa comunicação entre o professor e o aluno surdo. Como eu trabalho com um aluno de 8 (oito) anos, de um segundo ano e considerando que a professor tem além deste aluno mais vinte e sete alunos e alguns alunos também com algumas necessidades especiais na sala, sem laudo, infelizmente sem laudo, quando tem o laudo é obrigatório que venha um outro estagiário para trabalhar com esse aluno, o intérprete fica exclusivo para o surdo. No caso do aluno não ter laudo, ele vai ficar na sala sem o laudo e não vai vim outro apoio. Eu atendo a necessidade deste aluno surdo. Sempre eu falo isto lá, os alunos chegam perto de você, tia como é que eu faço isto aqui, eu respondo: eu só posso lhe atender, depois que eu atender o meu aluno. Depois que eu atender meu aluno, sua necessidade estiver atendida, ele estiver compreendido o que tem que ser feito; tudo bem, eu vou lá e te ajudo também, mas enquanto não, eu estou aqui e tenho que ficar com ele. Atender aos outros alunos não está nas minhas atribuições, contudo por uma questão de sensibilização eu faço.

P – E com o aluno surdo, seu trato com ele, você faz exatamente o quê?

TIL IV – Além da interpretação, eu acho que tem uma questão ai que eu vou deixar bem claro, porque isto ai é do meu coração. Certo?

P – Certo!

TIL IV – Antes de ser intérprete eu sou professora do ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Então você cria já, porque eu já passei pó sala de aula, antes de ser intérprete eu já fui regente. Eu peguei 1º ano, eu alfabetizei, peguei 2º ano, eu alfabetizei. Então pegamos alunos do 2º ano que não estão alfabetizados. Você tem aquela questão de interpretar mais também de estar perto. Então eu faço este trabalho, porque enquanto professora desvinculada da função de intérprete, quando eu estava como regente, tinha que ter aquele cuidado, de você estar ali explicando, está ensinando, mas ir perto do aluno para ver se ele compreendeu, tirar a dúvida e fazer todo aquele trabalho para ver se você está atingindo o seu objetivo, que é que aquela criança realmente compreender. Não só compreender, mas mostrar que compreendeu. Então eu trago isto para minha interpretação. Por mais que, eu não consigo ser muito imparcial, ou muito distante, vamos dizer assim. Quando eu vejo que estou lidando com uma criança de oito anos e que o único canal de comunicação dela ali, sou eu, e de compreensão de mundo até certo ponto, porque eu acho que ela ali, porque a partir do momento que ele se apropria ali também da

LIBRAS e daquele espaço ele passa a interagir com os seus colegas, também fonte de conhecimento, de aprendizagem, com a própria professora. Mas eu sempre estou, faço esta ponte, estou sempre perto. Por mais que eu sinalizo, eu fico perto, estou ali vendo se ele entendeu, eu repasso o para casa, quando ele chega ao outro dia eu quero vê este para casa. A professora pede para vê, mas eu também quero vê o para casa [risos], então termino assumindo as duas funções.

P – E quais são as principais dificuldades no exercício da sua função?

TIL IV – Olha! As dificuldades! A primeira dificuldade eu vou te dizer que é o seguinte: a questão da formação. Eu acho que nós precisaríamos de um apoio maior, porque na realidade, hoje eu percebo assim, não sei se..., nós somos colocados na situação. Então a necessidade é tão grande, eu não culpo, vamos dizer assim, não quero procurar culpados, mas a necessidade é tão grande, e o professor está na sala de aula e o aluno tem direito de está ali. Mas quem vai trabalhar aquilo ali com ele? Então o que acontece? Você faz um curso básico, você colocou aquele seu certificado do curso básico, você vai para a sala de aula. Mas aí vem uma questão, a questão do comprometimento, da sua responsabilidade social. Você tem uma responsabilidade com aquele aluno. Eu posso apenas chegar ali com o curso básico e parar ali, e se eu quiser enrolar, o que eu dizer ali o professor não está entendendo, mas também não tem tempo, vou usar este termo, não tempo, às vezes de se aprofundar, às vezes tem aquele que quer. Porque o aluno não é meu, é do regente, não é do intérprete. Tem regente que quer sabe o que está acontecendo, eu quero saber o que está se passando, porque o aluno é meu, diga-me como eu falo isto? Como eu faço assim? Eu quero explicar isso para ele assim. Já tem outros que não, acham é bom que apareça o intérprete porque já se livra daquela questão e dá continuidade com os outros e quem responde pelo surdo, vai ser o intérprete. Acontece das mães chegarem, e a professora diz assim: Fulana a mãe de fulano quer falar com você. Mas que na realidade..., eu não ligo, eu posso ir acompanhando, lógico que eu acompanho, se ela colocar alguma coisa, dizer, também levá-lo porque ele tem que está junto, interpretar para ele o que está acontecendo, a mãe dele veio saber, estas questões. Mas geralmente, os professores acham que o aluno surdo é seu, é do intérprete. É uma dificuldade isso aí, que eu vejo.

P – Eu achei muito significativa sua fala, principalmente em relação a formação inicial. Você acha que o curso básico seria suficiente?

TIL IV – Não, não é suficiente. Pois você se depara com situações que, você aprendeu um vocabulário básico. Então você chega ali, é o que eu coloquei no início. Eu vi que aquele aluno queria muito mais de mim. Eu tive que ir buscar, porque ele esperava respostas, era aí que eu pegava o planejamento da professora e chamei o instrutor e fui estudar o planejamento dela da semana, para poder suprir a necessidade daquele aluno. Era uma resposta que tinha que dar para ele, eu não podia negligenciar conhecimento a ele. Eu busquei a melhor maneira possível fazê-lo, nas minhas possibilidades do que eu tinha em mãos, que era aquele instrutor e o curso básico da UAG. É o que eu tinha.

#### **Q5. Competências relacionadas ao cargo**

P – Dentro destas lutas, quais seriam as competências necessárias para exercer a sua função?

TIL IV – O intérprete de LIBRAS, eu vou até colocar assim, eu digo que estou realmente em formação. Eu acho que a gente nunca está acabado. Estou pronta hoje, posso dizer? Não. Eu ainda vou te dizer isto: eu ainda não me sinto pronta não, eu não estou. Eu sei que tenho um longo caminho pela frente, porque todos os dias eu me deparo com uma situação nova. Eu me deparo com uma situação que eu tenho que interpretar aquilo ali para aquele surdo e deixar o mais claro possível, porque ele tem o direito de entender aquilo ali, o que está

acontecendo e eu percebo minha limitação ali. Então eu sei, e tenho plena consciência, eu sou um intérprete em formação. Às vezes as pessoas perguntam: Você é intérprete? Eu paro para responder, eu diria que ainda não. Eu acho que para dizer: eu sou intérprete, eu precisaria de muito mais do que eu tenho.

P – Você saberia nomear quais competências, quais áreas, quais conhecimentos que poderiam lhe completar?

TIL IV – Eu nãoestou no processo inicial, eu estou no processo. Eu estou no processo intermediário.

P – O grupo de conhecimentos, para exercer sua função?

TIL IV – Vamos dizer assim, em primeiro lugar a questão da formação, e nesta formação a questão de você compreender e se fazer compreender. Não é só sinalizar. LIBRAS não é só sinal. LIBRAS tem todo um contexto envolvendo aquilo ali. E se você não consegue, se eu usar dominar, acho que vou está generalizando, porque eu acho que você nunca domina isto, mas se você chega em um nível que você consegue realmente deixar aquilo ali o mais claro possível, então você já está realmente atingindo, eu considero desta forma atingindo o seu objetivo. Porque eu sou assim, eu tenho uma prática assim, eu acho que você faz uma coisa, uma vez só e faz bem feito. Dentro das suas possibilidades, dentro daquilo que você pode. Naquele momento você faz a coisa de uma vez só e faz bem feito. Dentro do que eu tenho, dentro do processo de formação, quando perguntam você é intérprete? Eu ainda dou uma parada, porque eu diria que ainda não. Porque eu estou neste processo, eu diria que estou no processo intermediário. Mas que isso não é um entrave para mim, porque eu tenho um olhar direcionado. Eu quero aprender mais. Eu comecei isso ai aos 40 (quarenta) anos [risos], vamos considerar. Eu passei a minha vida toda em um escritório de contabilidade, numa realidade totalmente diferente. Quando eu abri minha mente para este mundo e eu abracei, eu não vou abraçar para deixar pela metade. Dentro do que eu posso agora, dentro do meu processo, que eu acredito está no intermediário, eu dou o melhor de mim. Eu faço o que eu posso, dentro desta realidade.

P – Qual seria a trajetória apropriada para formação na sua função?

TIL IV – Estou fazendo especialização em LIBRAS, contudo eu vislumbro o curso de Letras/LIBRAS [graduação]. Eu acredito, dentro da minha concepção que eu ainda não aprofundi esta questão, mas que tudo depende do aluno. Eu acho que este curso abre tua mente. Eu ainda não me aprofundi na questão das disciplinas e tudo, mas eu acredito que se ele é uma graduação, denominada Letras/LIBRAS, ele vai te possibilitar o melhor entendimento, compreensão, apropriação realmente destas questões que são muito importantes na hora de você trabalhar com o surdo.

P – Onde tem este curso, você tem conhecimento?

TIL IV –Olha, eu acredito, do que eu tenho conhecimento em Santa Catarina. Eu não sei se tem aqui mais próximo, mas em Santa Catarina teria que fazer a distância [risos].

P – E as sua interação com a comunidade surda?

TIL IV – Eu adoro está no ponto de ônibus [risos]. Geralmente eles se reúnem, cada um esperando seu ônibus, seu destino, e ali se conversa sobre tudo um pouco. Então esse é o meu maior contato com os alunos, mas nos corredores da escola, também é uma possibilidade. Na realidade o ponto de ônibus é maravilhoso, porque sai de tudo um pouco e são pessoas que são de outras cidades. São surdos com níveis diferenciados, até do domínio, do conhecimento de LIBRAS. Então tudo isso me possibilita um maior aprendizado, da questão da cultura, da identidade.

#### **Q6. Questões identitárias**

P – Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?



TIL IV – Eu me concebo [risos]. Olha..., eu vou usar um termo assim..., sabe aquela questão que você diz assim, eu me encontrei. Eu me percebi e eu me realizo, enquanto pessoa. Eu poderia dizer assim, que LIBRAS, esse trabalho que eu realizo hoje foi das melhores coisas que aconteceu em minha vida.

P – Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?

TIL IV –Garantir, porém nós precisaríamos de algumas coisas a mais. Porque o intérprete de LIBRAS,... a gente precisa entender que isso é um contexto bem maior, é uma coisa bem mais diversificada. O surdo, ele precisa muito mais que o intérprete. O intérprete é importantíssimo na mediação, mas nós sabemos que ele precisa de muito mais recursos do que temos hoje nas escolas. Para que realmente ele se aproprie do conhecimento. Eu já sair da sala de aula para ir buscar pedra, para ir buscar outras coisas [risos], fora da escola, porque, principalmente quando ele iniciou..., que ele veio com a linguagem de casa, mímica, ele não conhecia [a LIBRAS]. Quantas vezes eu saí da sala com ele para rodar pela escola, para mostrar isto é isto. Precisou além da minha atuação, de outras coisas a mais. Até mesmo do envolvimento das pessoas da escola, é importantíssimo o envolvimento das pessoas da escola, porque o surdo não é do intérprete. O surdo é da escola, e não é só do professor, é do diretor, é do coordenador, e do serviço gerais, é da cozinheira, é de todos. Então eu acho que só o intérprete não. Ele não vai conseguir fazer tudo, ele precisa realmente desse apoio, e precisa também desse lado didático-pedagógico para trabalhar.

P – Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão?

TIL IV – Eu sou uma pessoa muito fácil de lidar [risos]. Nunca tive problema nenhum com ninguém, principalmente porque eu respeito às pessoas, enquanto pessoas, enquanto seres humanos. Eu tenho uma boa relação.

P – Você tem contato com esses profissionais?

TIL IV – Sim, tenho contato. Sempre estamos juntos. Sempre que tem eventos. Neste trabalho pela prefeitura, sempre tem eventos, mesmo que os intérpretes não possam se reunir antes para vê, pauta, o que vai acontecer, lá na hora tem sempre aquela pessoa que de repente você não sabe aquele sinal, tem sentado na sua frente e faz aquele sinal, para te ajudar. Nós temos uma relação boa. Eu já vi cenas que eu fiquei emocionada de uma menina que iniciou, estava com aquela dificuldade com aquele curso básico, com aquela questão toda e estava na sala de aula e nós fomos para uma interpretação sobre resíduos sólidos, super complicado o tema, para quem... Tínhamos uma intérprete bem mais experiente, já interpretava em pós-graduação, tudo. Eu achei fantástico, ela sentou ali na frente, a menina interpretava, porque ela interpretava para ela. A menina em pé na frente, o palestrante lá e a intérprete mais experiente sentada entre os demais participantes sinalizando e a menina foi se acalmando e foi conseguindo. Eu achei fantástico.

P – A intérprete sentada fez o papel de intérprete de apoio.

TIL IV – Sim de apoio, e eu achei fantástico a ação. Super humana! E eu sou assim. Tenha certeza que eu também sento e faço o mesmo.

P – Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?

TIL IV – Na realidade a gente tem que entender estas questões assim também. Porque não fica claro para o professor. O professor geralmente, ele, você chega lá, por isso que muitas escolas estão confundindo, pega o intérprete, de repente ele está olhando o recreio, o intérprete está substituindo o professor que faltou. O intérprete se o aluno faltou, olha tá, eu deixo claro lá na minha escola. O aluno faltou, eu estou à disposição da escola. Não

vou para casa, tenho que cumprir o horário e fico a disposição da escola. Meu aluno está na sala de aula, não me chame porque vai levar um não. Eu já digo isso nas reuniões. Se me chamar na hora que eu estou ali com aquele aluno, vai levar um não. Ela já sabe e nem vem atrás. Mas faltando, eu estou à disposição da escola. Então depende do intérprete, eu já coloquei isto, eu já me sentei com a professora da sala, nós já entramos neste consenso. Eu deixo claro, a regente é a professora tal, eu estou aqui trabalhando com o aluno surdo. Atendendo a necessidade do aluno, nada me impede de ajudar outro coleguinha. Enquanto não, de forma nenhuma. Nós temos uma boa relação. Desde que você deixe claro.

P – E você pretende ficar nesta função por quanto tempo?

TIL IV – Eu não me vejo fazendo outra coisa.

P – Muito obrigado!

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.ªDoutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 12– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS V

Legenda:

P - Pesquisador

TIL V – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais V

P – Bom dia! Meu nome é Geyson. Estou fazendo mestrado em Ciências da Educação, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa-Portugal. Estamos na etapa de coleta de dados com os intérpretes locais no ensino fundamental do município de Garanhuns.

#### Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade: 28 anos;
- Gênero : Feminino;
- Tempo de formação: cursando 1º período;
- Tempo de atuação: 3 anos;
- Curso de graduação: Pedagogia;
- Série/ano que atua: 3º ano do Ensino Fundamental.

P – Qual a sua idade?

TIL V – 28 anos

P – Quanto tempo você tem de formação?

TIL V – Estou fazendo pedagogia, pela UNIP, no primeiro período.

P – E há quanto tempo você atua como intérprete de LIBRAS?

TIL V – Trabalhando em sala de aula 3 anos, mas que eu tenho contato com a LIBRAS ..., já tem 7 anos.

P – Então já é 3 anos que trabalha em sala de aula. Sempre no ensino fundamental?

TIL V – Sim.

P – E qual a série que você está atuando hoje?

TIL V – 3º ano

#### Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS

P – Você disse que faz 7 anos que começou a ter contato com a LIBRAS. Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TIL V – Eu já tinha alguns amigos que tinham assim, ...surdos. Eu já tinha alguns amigos que já mexiam com sinais, já sabiam sinais. E aí eu sempre tive muito interesse. Como eu sou Testemunha de Jeová, agente sempre tem cursos. E em um desses cursos, a gente aprendeu o básico, já para contatar estes surdos, como a gente faz trabalho de casa em casa. E quando encontrar um surdo assim, a gente saber conversar. Aí foi aumentando o interesse. Eu fui fazendo contatos com pessoas surdas, fui fazendo amizades, tendo amigos, e foi por isso que comecei aprender. Mas para atuar em sala de aula, antes eu fiz um curso em Maceió, no caso o curso de intérprete. Porque como eu já sabia, e tava precisando de intérprete no município, aí eu pensei né, em entrar, só que eu não queria sem ter nenhum curso antes. Aí, a gente fez o curso em Maceió.

P –O curso inicial oferecido pelas Testemunhas de Jeová, como foi esta experiência?

Til V – Assim, antes de vim este curso, eu já tinha outros amigos que já sabiam LIBRAS. Eles forneceram materiais, DVDs e aí a gente foi fazendo o curso e aprendendo. Quando eu vim fazer o curso eu já sabia alguma coisa e já tinha contatos com estes amigos e com surdos também.

### **Q3. Informações acerca da formação**

P – Qual a influência da sua graduação, entendo que você estar no 1º período, no seu atual campo de trabalho?

Til V – Eu acho importante, né, por isso, eu tomei a iniciativa de fazer e como eu estou atuando em sala de aula, né? Eu acho importante estar na graduação, principalmente pedagogia, para saber lidar com o aluno.

P – E você acredita que o curso de pedagogia vai lhe ajudar neste sentido?

Til V – Vai sim, eu acho que na questão da aprendizagem, de como passar para o aluno é ...como educar ele.

P – Certo!

P – Você disse que teve formação específica para atuar nesta função. Você foi para Maceió. Quanto tempo foi este curso lá?

Til V – Este curso durou três meses.

P – Qual a carga-horária dele? Você lembra? Era um curso de formação de intérprete?

Til V – Sim, curso de formação de intérprete, e começava às quatro horas e a gente ia até a noite. Eu tenho o certificado em casa, mas para dizer as horas ...

P – Não tem problema. Eram todos os dias da semana?

Til V – Todos os dias.

P – O que você estudou especificamente lá?

Til V – A gente estudou a cultura surda, é ...classificação dos sinais, é porque faz tanto tempo. Como interpretar, né? O professor deu textos, como a gente fazer o prolibras? Veio também um surdo do Rio, finalizar, fazer também umas aulas com a gente. É mais ou menos isto, como a gente fazer por exemplo, a torre Eiffel, como ela é, suas características, e tal ...

P – Teve uma parte prática?

Til V – É foi, com ele, com o surdo.

P – E a parte teórica? Teve alguma parte teórica?

Til V – É teve, no início foi teórica. Depois foi a prática.

P – Na parte teórica o que você estudou? Pode comentar de maneira geral.

Til V – Foi mais isso é...notificar assim, o surdo é ...

P – Identificar o surdo? Seria isto?

Til V – Tipo assim é... como passar? Como interpretar? É... a posição do surdo na interpretação. Tipo assim, chamam para interpretar num lugar, qual a sua postura? O que você deve passar? O que você não deve passar? As pessoas não passam tudo o que está sendo dito. Aí então ser fiel na sua interpretação.

P – Certo!

Til V – Eu estou lembrando agora.

### **Q4. Atribuições na escola**

P – Quais são as suas atribuições aqui na escola? Você tem que fazer o que exatamente aqui na escola?

Til V – De início, quando cheguei o surdo não era alfabetizado, então não sabia nada. Eu fui alfabetizar o surdo e também interpretar, as duas funções. Tinha que interpretar e tinha que alfabetizar o surdo também.

P – Você começou com o atual aluno este ano?

Til V – Não, eu comecei três anos atrás com ele, no primeiro ano. No primeiro ano quando cheguei para trabalhar com ele, ele estava um pouco confuso, porque como ele tem família, tem irmãos que já são surdos, chegou sabendo alguns sinais, mas não sabia que sinais eram. Sabia o sinal, mas não sabia realmente o que ele significava. Então eu tive que ...ele não sabia o alfabeto, os números, nada, nada, nada, nem escrito, nem manual. Então eu comecei o trabalho com ele, tinha períodos que eu ficava separada com ele, que não tinha como ficar na sala, porque desconcentrava muito, porque tinha os outros meninos. E acho que comecei a trabalhar com ele isso. Eu ficava na sala de aula interpretando, mostrando as coisas e depois ficava a parte com ele fazendo revisão.

P – No ano seguinte você continuou o trabalho? E a interpretação, como é que você faz, na prática?

Til V – O que a professora, por exemplo, a professora fala lá e eu passo para ele. Vou sinalizando.

P – Normalmente você se coloca em que local da sala?

Til V – Geralmente, eu me sento junto dele, porque às vezes tem muito exercício, na turma que ele está, na série que ele está, tem muito exercício, aí ele não sabe, eu prefiro ficar junto, porque passo melhor para ele, do que ficar longe.

P – Algum momento você se posiciona mais distante dele?

Til V – Por exemplo, na sala de leitura, a responsável da sala vai ler algum livro, sempre na segunda-feira, eu sempre fico em pé, para fazer a historinha para ele. Eu fico em pé, ao lado das meninas da sala de leitura.

P – É mais de uma profissional na sala de leitura?

Til V – Sim, são duas.

P – Elas ficam lendo o texto ...

Til V – É e eu fico lá ...

P – Lá só atividade de leitura ou fazem outras atividades?

Til V – Não, eles leem livros. Primeiro elas contam a história, dependendo do tema gerador que estar sendo trabalhado para o mês, aí elas contam uma história e eu sinalizo, depois os alunos pegam os livros individualmente, e o aluno surdo quando tem dúvida me pergunta. Ele fica a vontade.

P – Então hoje, você fica na sala de leitura e na sala de aula. E dentro das suas atribuições quais as suas principais dificuldades?

Til V – Na questão de texto, eu acho que é a maior dificuldade. Ele tem que elaborar o texto, com base em uma figura. Porque na questão assim, ...na hora de contar a história eu conto, eu falo e ele faz os sinais. Então, eu mostro, mais ou menos, a base como é. A professora diz, no momento da produção de textos. Eu peço para ele vê, e pergunto a ele: como você explicaria? Então ele explica tudinho em sinais e depois na hora ele explica para a professora. Algumas palavras que ele conhece a professora pede para ele passar para o caderno.

P – Então ele escreve palavras. E o seu trabalho com ele, a dificuldade de você trabalhar com ele seria?

Til V – Ele passar este texto para o português. Porque ele sabe contar a história todinha em LIBRAS, mas para passar para o português, ele começa o início.

P – A dificuldade dele é a escrita, e no seu trabalho a dificuldade qual é?

Til V – Eu acho difícil é ...como começou o trabalho, é você alfabetizar e ao mesmo tempo você interpretar, porque vem muitos exercícios, vem muitas coisas, você quer passar para o surdo, que você sabe que é a língua materna dele. Aí estas dúvidas, ...é muito difícil de início, eu achei muito difícil.

P – Fazer estas duas coisas?

Til V – Pois é, interpretar, passar todas as coisas, seguir o ritmo da sala, da turma, porque precisa seguir o ritmo da turma e ao mesmo tempo ter que alfabetizar.

P – Você faz atividades extras também com o aluno? Você trás material extra da turma?

Til V – De início eu trazia, eu procurava na internet e trazia. Eu mesma. Hoje eu sigo mais o ritmo da turma. Se for para ensinar os exercícios, ...e ele souber, eu uso o material da escola, que a professora propõe. Hoje eu trago menos, quando eu vejo que ele não entendeu um certo assunto, aí eu vou procuro um exercício que seja mais fácil para ele entender, uma atividade complementar. Eu também uso daqui, porque tem muito, aqueles joguinhos.

P – A professora trás atividades diferenciadas para ele?

Til V – Para ele não, igual a todo mundo.

#### **Q5. Competências relacionadas ao cargo.**

P – Quais as competências necessárias para exercer a sua função?

Til V – O principal conhecimento é da LIBRAS, da língua de sinais. Também ter uma noção de como você, para atuar como intérprete, precisa passar a matéria para o menino, para o aluno. Porque muitos sabem LIBRAS, mas não sabem passar para o aluno a matéria. Muitos sabem os sinais (casa,...) estas coisas todas, mas não sabem ensinar. Como você ter o contato com os surdos. Às vezes, você sabe tanto de LIBRAS, mas não sabe ensinar ao aluno.

P – E para literalmente interpretar, lá na frente da sala, a LIBRAS é suficiente ou precisaria de outro conhecimento?

Til V – Eu acho que, por exemplo, é importante ter cursos, eu acho importante fazer cursos, como a gente fez em Maceió. A gente teve noção, mais ou menos, de como é a interpretação. Como se posicionar? Em pé. O que passar? Como passar? A questão de ser fiel também, não dar fila. A questão de ser fiel a sua interpretação.

P – E se você tivesse a oportunidade de montar um curso de formação de intérprete, se você fosse responsável hoje, qual seria o curso ideal? Quanto tempo seria? E seria em que nível? O que teria neste curso?

Til V – Eu acho que não basta ser só o básico, porque a gente ver muito hoje, que você faz um curso básico e você já vira um interprete. Eu já não acho isto, para se tornar um intérprete, você precisa fazer cursos avançados. A duração, eu acho que deveria ser mais extensa, não só três meses, quatro meses. A gente fez três meses, só que a duração certa para a gente fazer o curso, para se formar mesmo, como intérprete é de um ano, um ano e pouco, dois anos, por aí.

P – O que estudaria neste curso, se você fosse a responsável, que disciplinas, conteúdos deste curso, neste dois anos que você citou?

Til V – Tudo que..., por exemplo, a cultura surda. Eu acho interessante a gente estudar para você ter conhecimento com quem você está lidando. Conhecer mais o surdo, a pessoa que você está ali interpretando, a cultura surda. Também esse negócio de ser fiel a interpretação. Também eu acho importante, como, qual a sua postura? Eu acho muito interessante, a gente estudou isto. Eu achei muito bom. Como se posicionar em certa interpretação. Na questão de oralizar, também né?

P – No caso o surdo sinalizando e você ...

Til V – Você passando para o português. Eu acho interessante também estudar. O que falar? O que não falar, será que eu devo falar tudo? Eu devo evitar certas coisas, como? É importante o interprete saber, para início.

Assim, várias coisas que..., estudar a interpretação do dia-a-dia mesmo, o que a gente está passando, em várias matérias, porque às vezes a gente interpreta e não sabe o sinal. Eu acho interessante.

P – Estudar o vocabulário específico das disciplinas, é isto?

Til V – Sim.

P – E você conhece algum curso de formação que existe hoje?

Til V – Eu sei que em Alagoas tem [risos]. Foi o que fiz, só que agora está com mais tempo.

P – E outros cursos?

TIL V – Eu sei que tem em Recife, não sei onde, mas é numa faculdade lá. Aqui [Garanhuns] também tem, é um surdo quem ensina, é um curso de formação de interprete, básico e médio de LIBRAS. Eu sei que várias pessoas que querem ser interpretes vão para lá. E o curso oferecido na cidade, além do curso da Rural [Universidade Federal Rural de Pernambuco] da faculdade.

P – Qual a sua interação com a comunidade surda?

TIL V – Eu tenho contato diariamente.

P – O seu contato é onde?

TIL V – Eu sou Testemunha de Jeová, nas reuniões, também tenho amigos que às vezes vão lá em casa, os meninos sempre vão lá, a gente sai juntos.

#### **Q6. Questões identitárias**

P – Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?

TIL V – Eu acho que é importante, é um apoio para eles. Eu acho interessante a inclusão, porque o aluno não fica tão preguiçoso, porque tem que acompanhar a turma. Então, ele tem a noção que não pode ficar para trás, ele tem que acompanhar a turma.

P – E você em relação a escola, seu trabalho em relação a escola, como você se vê em relação aos demais funcionários da escola, demais professores da escola?

TIL V – Igual a todo mundo, estou fazendo o meu trabalho, meu papel, igual a todos. Todo mundo é colaborador, tanto a professora, como eu que estou na sala de aula é importante para ele.

P – Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos?

TIL V – Garante.

P – Você acha que é suficiente?

TIL V – Não, não é o suficiente, mas é uma ajuda. Na escola mesmo, não outro apoio, mas ser oferecidos cursos para a instituição escolar [comunidade escolar], a merendeira, o faxineiro, a diretora, a coordenadora, se eles tivessem a noção básica de sinais já é uma grande inclusão para ele.

P – E como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão, aos outros intérpretes?

TIL V – Igual a todo mundo, não tenho muito contato assim. Que eu vejo assim. A gente se encontra, alguns são Testemunhas de Jeová também, a gente está junto, não acho que tem um maior ou menor.

P – E como você percebe o olhar da professora acerca das suas atribuições?

TIL V – Ela de certa forma é grata, porque é uma ajuda na sala de aula para ela. Quando eu cheguei ela falou que ficava meio perdida, porque tinha os meninos, ainda tinha que dar conta do surdo. Aí ela disse que ficaria sem saber como agir, o que fazer? E quando o interprete entra na sala de aula que tem mais noção de LIBRAS, sabe como passar para o aluno, então já é uma preocupação a menos. E ela é colaboradora, a professora.

P – Qual a postura dela em relação ao aluno? Ela tenta intervir direto com o aluno ou ela sempre faz através da sua mediação?

TIL V – Não, ela vai direto ao aluno.

P – Como ela se comunica com ele?

TIL V – Quando ela não sabe falar, porque ela sabe um pouquinho, quando ela não sabe, ela me chama e diz: diga para ele que isso e isso. É assim que ela faz. E ela cobra dever [atividades], cobra exercícios.

P – E o aluno em relação a ela?

TIL V – Ele respeita.

P – Ele interage com ela?

TIL V – Interage.

P – Ele consegue interagir sozinho, ou sempre usa a mediação?

TIL V – Como ela sabe um pouquinho de sinais, questões assim, quando ele vai mostrar exercícios, e ela diz: está errado, está certo; ela faz a comunicação. Na questão de ir ao banheiro, ela já sabe o sinal e também na questão do castigo, “vou colocar você de castigo”. No caso, vou de auxílio quando é uma coisa que ele está fazendo, e é preciso explicar.

P – E com os colegas?

TIL V – Ele interage bem. Alguns sabem os sinais, eles gostam de aprender.

P – Você interfere, auxilia com a comunicação com os colegas?

TIL V – Menos, só quando tem alguma briga. Eu vou esclarecer, se um deles diz: tia ele disse isto e isto, outro diz: não é isto é isto. Então, vamos vê o que aconteceu. Normalmente eles se comunicam. E ele sabe que os meninos não sabem e eu digo: ensine o sinal, mostre para eles qual é o sinal, eles se comunicam mais com..., eles dão um jeitinho.

P – O aluno surdo confunde o seu papel com o da professora?

TIL V – Não, eu acho que não. Porque ele sabe, eu já disse para ele, eu sou a interprete e ela é a professora.

P – Mas na prática, você que há uma confusão, ou ele consegue distinguir bem os dois papéis?

TIL V – Eu acho que ele consegue.

P – Qual a idade dele?

TIL V – Está com nove anos.

P – O que você acha que foi positivo e negativo de você ficar acompanhando o mesmo aluno por três anos?

TIL V – O positivo é que não quebra tanto o ritmo, ele aprendendo, se for outra pessoa, ele vai ter que se adaptar com os sinais daquela outra pessoa, com o modo de trabalhar da outra pessoa. O que eu acho que é negativo é a questão que ele acaba se acostumando tanto com os seus sinais [do interprete], que quando chega outra pessoa para fazer outra coisa, ele pode até não entender. Porque ele se acostuma com a sua mão.

P – O seu sotaque, o seu jeitinho de sinalizar.

TIL V – Não que ele não entendesse o que a outra pessoa vai passar, ele entende, mas estranha.

P – O ano que vem ele vai para um quarto ano, você vai com ele?

TIL V – Eu não sei, mas eu acho difícil. Eu acho que não.

P – Você acha que ele vai ter alguma dificuldade?

TIL V – Eu acho que pouca. Ele é muito inteligente.

P – Se você tivesse escolha, você teria ficado com ele os três anos, ou faria rodízio dos interpretes?



TIL V – Até certo tempo permaneceria, tipo os três primeiros anos, até ele ter certa estrutura, depois quarto e quinto anos.

P – Para você o que falta para os interpretes de Garanhuns?

TIL V – Eu acho que cursos profissionalizantes mesmo, não cursos básicos, ou médios, cursos que realmente formassem o intérprete.

P – Qual é o seu vínculo de trabalho na prefeitura?

TIL V – É estágio.

P – O que você acha da prefeitura assumir esta postura de colocar estagiários?

TIL V – Eu não concordo, o ideal seria, ou contratar, fazer um contrato, ou colocar como um trabalhador mesmo, assinara carteira, estas coisas, ter um vínculo mais fixo.

P – Muito obrigado.

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.ªDoutora Isabel Rodrigues Sanches

**APÊNDICE 13– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VI**

Legenda:

P - Pesquisador

TIL VI – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais VI

P – Boa tarde! O nosso trabalho com você agora é a entrevista, com você e os demais intérpretes de língua de sinais locados no ensino fundamental pelo município. Os dados coletados serão utilizados para análise e posterior confecção de uma dissertação, para obter o título de mestre. Não há respostas erradas. Você pode ficar a vontade, sobre a necessidade de gravação, como eu já havia falado, é por uma questão de registro, e posterior transcrição. Como você já havia assinado e concordou com a carta-convite e termo de consentimento livre e esclarecido para os sujeitos da pesquisa. Começaremos com alguns dados de identificação.

**Q1. Identificação do entrevistado**

- Idade: 21 anos;
- Gênero: feminino;
- Tempo de formação: concluiu o ensino médio;
- Tempo de atuação: 1 ano;
- Curso de graduação: não possui graduação;
- Série/ano que atua: 2º ano.

P – Qual é a sua idade?

TIL VI – 21 anos.

P – Qual é a sua formação?

TIL VI – Eu cursei até o ensino médio, fiz vestibular/ENEM [Exame Nacional de Ensino Médio] não passei. Fiz o curso básico de LIBRAS e posteriormente o intermediário. Surgiu a oportunidade de trabalhar com surdo e eu fui direto, este é o meu primeiro ano.

P – Onde você fez os cursos?

TIL VI – Eu fui estudar no Edu concursos. Aqui mesmo em Garanhuns. Ao terminar eu fui logo trabalhar, indo para experiência e estou tentando vestibular novamente. Eu estou pretendendo cursar pedagogia ou letras.

P – Qual a série ou ano que você está atuando?

TIL VI – 2º ano do fundamental I.

**Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS**

P – Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TIL VI – Eu achei muito interessante, porque eu conheço muitas pessoas que aprenderam a linguagem e começaram a trabalhar com ela. Então o relato de experiência, despertou o meu interesse em trabalhar também com esta área, conhecer plenamente. Surgiu a oportunidade de fazer o curso e vi que seria possível ingressar nesta área, tendo em vista que é uma linguagem um pouquinho difícil e nem todo o mundo tem aquela familiaridade de querer entrar. Então eu me arrisquei e tentei entrar, porque até mesmo minha professora e o instrutor disseram-me que eu levava jeito para os sinais. E eu resolvi entrar.

P – E a carga-horária deste primeiro curso e do segundo?

TIL VI – Agora eu não estou lembrada.

P – A duração do curso?

TIL VI – O primeiro durou três meses, foi intensivo, uma vez por semana, só que a manhã inteira, começava de oito e terminava meio-dia, mais ou menos. Três a quatro meses o primeiro. E o segundo foi de quatro meses, mais ou menos.

P – E você estudou exatamente o que nestes cursos?

TIL VI – No primeiro foi basicamente, o básico de LIBRAS, algumas normas, na questão da conversação, os direitos da pessoa com deficiência de forma geral e a gente focou mais no surdo, a importância da LIBRAS hoje, um relatório de experiência de uma moça surda, aqui em Garanhuns mesmo que ela foi estuprada e foi a delegacia e lá ninguém soube entender o que ela estava dizendo, inclusive quando eu vi esta experiência lá, até me incomodou, porque a gente começa a pensar, que realmente é muito importante a profissão de intérprete, não só na escola mas em todos os lugares. A primeira parte foi estas questões. Também vimos normas de escrita do surdo, como o surdo escreve o verbo, a forma do verbo e a segunda parte foi o intermediário, foi mais a conversação com o surdo e interpretação mesmo.

P – Você estudou alguma coisa teórica de interpretação/tradução?

TIL VI – Estudamos, só que foi mais na prática mesmo.

P – Da parte teórica você lembra? Poderia detalhar?

TIL VI – Eu não sei especificar agora, se eu estivesse com o material..., seria mais fácil.

P – Tranquilo.

TIL VI – Não tem problema não?

P – Não, tranquilo, sem problema.

### **Q3. Informações acerca da formação**

As perguntas acerca deste tópico foram puladas, porque a entrevistada não está cursando graduação.

### **Q4. Atribuições na escola**

P – Quais são as atribuições da sua função na escola?

TIL VI – Agora que existe esta proposta de inclusão, as salas especiais são bem poucas, quase não existem. Agora é a inclusão, a minha função é basicamente passar para o menino que eu atendo o que está se passando na sala, para que ele seja incluso no aprendizado da turma como um todo. Então eu procuro fazer a mesma atividade que a professor está fazendo com os demais, se houver necessidade adaptar de forma que fique mais fácil dele entender.

P – Você faz adaptação de atividades e faz interpretação também?

TIL VI – Interpretação para LIBRAS, qualquer aviso que o diretor, ou responsável pela disciplina dá na sala.

P – E quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

TIL VI – Bom às vezes, a dificuldade que existe no meio, não é especificamente para nós, que eu vejo. Muitas vezes o professor bota a responsabilidade do aluno para o intérprete, e o aluno não é do intérprete é do professor. Não é só com o aluno surdo, é com os outros alunos aqui com DI [deficiência intelectual]. Acontece muito isso, jogam o aluno surdo para o apoio, só que é uma dificuldade de muitas escolas, mas especificamente na que eu atuo existe uma conscientização lá na escola. É mais assim, que vez por outra, de alguém chegar, o coordenador, quais as atividades que você está fazendo com ele? Eu tenho que falar, que eu tenho que adaptar o que ele está

aprendendo na turma, porque se não, não teria lógica pela perspectiva da inclusão. É basicamente isto a dificuldade e no meu caso pessoalmente é que foi o primeiro contato que eu tive com surdos. Eu fiz o curso e já em seguida eu fui trabalhar com surdos. Eu ainda nem domino a língua de sinais como eu gostaria. Eu digo assim, que estou no processo de aprendizagem, vai demorar muito está pronta. Foi uma experiência muito boa, porque não só comecei a lidar com o aluno, mas também com o instrutor que trabalha comigo e ele me ajuda muito, às vezes um sinal, ou a forma de passar alguma coisa para o aluno. Ele me ajuda com a maneira melhor para passar para o aluno em língua de sinais.

P – Isto é um ponto positivo, favorável de ter a presença do instrutor. Porque ele vai apoiando.

TIL VI – Ele me ajuda a aprender mais, porque com eu falei anteriormente, o meu interesse foi por conhecer pessoas que já atuavam antes, mas que estas pessoas, o diferencial é que elas trabalhavam e tinham o contato com os surdos e já tinham aquela noção mais aprofundada. E eu já fui terminando o curso e fui entregando [o certificado] lá e foi uma dificuldade para mim, do que entrar aos poucos neste caminho.

#### **Q5. Competências relacionadas ao cargo**

P – Quais as competências necessárias para exercer a sua função?

TIL VI – No meu ponto de vista o ideal seria para o intérprete hoje consiga fazer um a interpretação simultânea, eu acho muito importante. Consiga fazer uma interpretação simultânea, tanto para o benefício do surdo, como dele próprio. Acho que isso trás a realização profissional do intérprete, ele ter esse domínio da língua.

P – Como seria a formação ideal para conseguir essas competências?

TIL VI – Eu acho que seria um curso intensivo que até agora eu não sei se, não tenho muito conhecimento em cursos que envolvem a linguagem de sinais, mas seria bem intensivo mesmo. Que abordagem tanto a parte teórica, quanto a prática.

P – De quanto tempo de duração, em que nível?

TIL VI – O ideal seria de um ano a dois, direto, porque os cursos geralmente são de uma ou duas vezes por semana. Fosse pelo menos umas quatro vezes por semana, que você treinasse realmente, seria muito bom.

P – Hoje, qual a sua interação com a comunidade surda?

TIL VI – Bom, hoje eu consigo interagir bem. Analisando o grau que eu tenho de conhecimento. Comecei com um aluno que ainda é criança, fui para o instrutor que já é adulto e agora eu consigo interagir com outros surdos também.

P – Você tem contato com vários surdos de Garanhuns, ou alguns, fora estes dois?

TIL VI – Alguns, vários não.

P – Você encontra com eles em que ambiente?

TIL VI – Mais no ambiente de trabalho. Alguns surdos já foram na escola e também em outras experiências profissionais que eu atuo também. Eu consigo interagir com eles.

#### **Q6. Questões identitárias**

P – Como você se percebe na sua função, dentro do contexto da educação inclusiva?

TIL VI – Eu vejo que, eu tenho que melhorar ainda. Visto que eu comecei agora, este é o meu primeiro ano como intérprete. Comecei em março e foi o meu primeiro contato com surdo. Então eu vejo que tenho uma longa jornada para me aprimorar como intérprete.

P – Você acha que a presença do tradutor e intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?

TIL VI – Garantir a acessibilidade! Eu acho que ajuda muito a acessibilidade. Mas existe ainda um caminho para que seja aprimorada esta questão. Esta questão da inclusão, pelo menos aqui em nossa cidade ainda é nova. Então ainda está na fase de aprimoramento, adaptação, mas é um passo muito importante.

P – O que faltaria além do intérprete? Se você fosse propor alguma coisa para melhorar a educação de surdos?

TIL VI – Porque o instrutor só vai a escola uma, ou duas vezes por semana e o que acontece? É muito importante para o surdo que ele crie a identidade dele como pessoa surda, se ele tivesse a oportunidade de conviver mais com surdos, não apenas com o instrutor, mas com outros alunos, por exemplo, que o instrutor estivesse presente na escola mais dias, se não todos da semana, acho que seria muito importante para ele.

P – Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão?

TIL VI – Eu tenho contato, porque vez por outra tem encontros de profissionais para capacitação, de formação. Eu vejo como um bom relacionamento, porque pelo menos os que eu conheço tem sido muito solidários. Como eu estou começando agora, eles me dão dicas de como melhorar, oferecem ajuda, se precisar de alguma coisa nova, eu poder chegar e pedir. Existe um companheirismo.

P – E como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?

TIL VI – Bem, no meu caso eu fui feliz, porque a professora que eu trabalho com ela é muito boa. Ela entende o meu papel na sala de aula, não exige além do que eu posso fazer, do meu dever de fazer na sala e ela coopera também, se precisar trazer, por exemplo, trabalhando com a turma determinado assunto, ela vê que para o aluno seria melhor material mais, com adaptação, ela se propõe para trazer para a turma, para o aluno no caso. Então eu vejo que existe a cooperação por parte dela também.

P – E por quanto tempo você pretende ficar atuando nesta profissão?

TIL VI – Eu pretendo me aprimorar e até onde eu puder ficar eu fico.

P – Você tem plano de migrar para outra profissão ou quer ficar nesta?

TIL VI – Tudo tem a ver com a vocação. Eu vejo que a minha vocação, não está muito ligada a educação, então eu pretendo trabalhar em outra área, não na educação, para sempre até me aposentar. Mas eu pretendo ficar um bom tempo. Mas no futuro eu pretendo migrar para...

P – Você já tem área de preferência?

TIL VI – Eu gosto muito de áreas administrativas. Eu pretendo migrar no futuro.

P – Muito obrigado!

## **MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.ªDoutora Isabel Rodrigues Sanches

### **APÊNDICE 14– ENTREVISTA COM O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VII**

Legenda:

P - Pesquisador

TIL VII – Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais VII

P - Boa noite! Estamos fazendo a entrevista que será utilizada para coleta de dados para o mestrado, não tem respostas erradas, as respostas serão de acordo com sua experiência, seu trabalho, sinta-se a vontade para argumentar, se em uma pergunta posterior sentir a necessidade de voltar para a pergunta anterior, não tem problema ou, se quiser justificar sua resposta, a gente sabe das especificidades de cada pessoa, dependendo do local vai ter atribuições, vai ter que trabalhar diferente, então, tem-se que trabalhar de acordo com sua realidade, então, pode ficar a vontade.

#### **Q1. Identificação do entrevistado**

- Idade: 22 anos;
- Gênero: feminino;
- Tempo de formação: em andamento;
- Tempo de atuação: 4 anos;
- Curso de Graduação: 4º período de Licenciatura Plena em História;
- Série/ano que atua: 9º ano.

P- Qual sua idade?

TIL VII - 22 anos

P - Qual o tempo de formação ou curso que está fazendo?

TIL VII- Eu faço faculdade de História.

P- Licenciatura?

TIL VII - Licenciatura Plena em História, estou no 4º período.

P - Tá certo. Você está atuando em qual série?

TIL VII - 8ª série.

P - Último ano do Ensino Fundamental. Na escola ainda não se usa a nomenclatura ANO?

TIL VII- Usa, usa sim, no caso é 9º ano/ 8ª série.

P – Quantos anos você trabalha nesta função?

TIL VII – Já tem 4 anos.

#### **Q2. Conhecimentos acerca da LIBRAS**

P- Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem da LIBRAS.

TILVII - Eu aprendi, visto que sou Testemunha de Jeová, aprendi porque vem um curso dado para nosso Salão do Reino e meu primeiro contato com a LIBRAS foi justamente com esse curso, por meio dos DVDs que a nossa Associação fornece e por meio dos surdos. Então, como eu tive um contato muito amplo com os surdos, porque nessa época eu fazia parte da congregação de ouvintes, mas eu mudei para a de sinais, também ia a associação

com eles, então eu aprendi LIBRAS no Salão do Reino. Depois disto, eu tive oportunidade de trabalhar na escola, fiz outros cursos pela Universidade Federal Rural na UAG, com instrutor surdo.

P - Faz quanto tempo desde o início da aprendizagem?

TIL VII- Tem quatro anos.

P - Na Universidade, você fez quantos cursos e suas respectivas durações?

TIL VII - Eu fiz dois cursos com duração de dois meses cada um.

P - Foram cursos médios?

TIL VII - Não. Foram cursos básicos. Até então, só básicos mesmo.

### **Q3. Informações acerca da formação**

P –Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

TIL VII- Sim, porque é História. E História envolve a história dos surdos, de como tudo iniciou. Então, tem sim alguma influência.

P - Você viu alguma disciplina que pode aproveitar de forma direta?

TIL VII - Teve, porque teve uma cadeira que nós pagamos que foi de LIBRAS lá no curso, no 2º ou 3º período. Foi realmente de forma direta, porque teve as provas, as aulas, tudo de forma direta, a professora explicava falava alguns sinais.

P - Como foi a disciplina, a sua experiência com ela. Era voltada mais para a Língua de Sinais? Quais os elementos que você estudou na disciplina LIBRAS?

TIL VII- Mais a questão da Língua no geral, teve muito aquela parte teórica de anos, de quando começou as leis, de quando a LIBRAS começou no Brasil. Tem muitas leis e muitas datas na verdade, mas a professora falava muito na questão de como a gente usar determinados sinais, da configuração de mão, da articulação, movimento do corpo e de como a gente se comunicar com os surdos em alguns momentos em que fomos conversar com eles, mas no geral foi isso mesmo.

P - E a parte prática, teve também?

TIL VII - Não, a parte prática não teve. Só a prova no dia, mas só.

P - Você teve alguma formação específica para atuar nesta função? Formação específica de LIBRAS fora o curso básico, porque o curso é de LIBRAS, mas você tem algum curso de tradutor, curso de interpretação?

TIL VII- Não. Não tive.

### **Q4. Atribuições na escola**

P - Em relação a escola, quais são suas atribuições, o que você faz exatamente, qual a sua função na escola?

TIL VII- Interpretar tudo o que o professor diz. Como eu atuo no 9º ano/8ª série, então, tudo o que o professor faz, as atividades que ele faz, eu repasso para as alunas em Língua de Sinais, na Língua delas. Então é isso, algum aviso ou até mesmo alguma reclamação que o professor está fazendo, eu aplico também, porque de toda forma elas são alunas também, então, tudo no geral, provas, trabalhos, seminários, tudo.

P - Neste caso, tanto de LIBRAS para Português, como Português para LIBRAS?

TIL VII - Isso.

P - Faz um trabalho de apoio também ou não?

TIL Ia - Em que sentido você fala?

P - Porque as vezes tem a interpretação em si e, as vezes, tem aquele trabalho mais de apoio pedagógico ou algo desse tipo?

TIL VII - Depende do apoio pedagógico. Em relação a isto, podemos dizer que sim, porque eu vivenciei um projeto há uns meses atrás, um projeto de LIBRAS "uma forma diferente de se comunicar", trabalhei com os alunos isto, especificamente na 8ª série, pois é onde eu atuo, por isto fiz um trabalho com eles, treinei duas músicas com eles para se apresentarem no dia do surdo.

P - Com a turma toda?

TIL VII- Com a turma toda e alguns alunos de outra série do 8º ano, dessa forma envolveu os professores também, porque eu tirava um momento para treinar com eles.

P - Entendi. Você ensinou alguns elementos da LIBRAS para os alunos ouvintes?

TIL VII- Isso.

P - Você faz esse trabalho também.

TIL Ia - Isso.

### **Q5. Competências relacionadas ao cargo**

P - Quais as competências, quais os conhecimentos necessários para você atuar na sua função? Você poderia descrever quais conhecimentos que na prática se precisa ou assim de forma teórica, o que você acha que precisa para atuar?

TIL VII - Eu acho que você precisa saber gesticular, porque se você não souber vai ficar confuso.

P - Como assim gesticular?

TIL VII- Assim, gesticular, você se expressar bem, porque se você não souber se expressar bem os surdos não irão lhe entender. Além disso, você precisa ter a capacidade de entender o que o surdo está dizendo, porque tem surdo que tem certa medida de dificuldade, tem surdo que faz sinais rápidos, tem surdo que faz sinais lentos, então precisa tentar se adaptar a cada um. E, se ele não souber muitos sinais, você precisa tentar entender os poucos que ele faz ou alguma mímica, no caso de alguns que não sabe Língua de Sinais que acabam fazendo mais mímica do que Sinais. Acho que é mais isso.

P - E na hora da sinalização?

TIL VII - Saber fazer os sinais corretamente.

P - Então seria a conhecimento da Língua de Sinais?

TIL VII - Isso. O conhecimento pleno da Língua de Sinais.

P - Se você pudesse opinar, qual seria a formação ideal para o intérprete de Língua de Sinais? A mais apropriada, se você conhece algum curso de formação ou já ouviu falar? O que você acha que seria ideal para a formação?

TIL VII- Eu já ouvi falar em cursos técnicos que tem duração mais ampla, é bom, não vou dizer que não é, é um curso bom, mas eu acho que para quem está atuando em sala de aula, eu acho que o governo, neste caso a prefeitura, deveria ter mais um cuidado, uma preocupação em ter outros meios, como uma capacitação com informações, porque existe capacitação de tudo, de Matemática, de Geografia, de História, mas não tem da Língua de Sinais, fica algo muito vago e, para os intérpretes que estão atuando em sala de aula deveria ter isso. Ter uma formação para eles.

P - E um curso? Esse curso técnico que você falou seria mais ou menos como? Se você fosse elaborá-lo, se você fosse responsável para organizar um curso desse porte, teria duração de quanto tempo?

TIL VII- Eu acho que teria duração de um ano e meio ou dois anos de curso, porque um curso básico você aprende um "oi", "tudo bom?", "como vai?" essas coisas, mas um curso de um ano e meio ou dois anos, você iria aprender a como lhe dá no dia-a-dia, aprender os sinais mais corretamente, seria bem melhor.



P - Qual sua interação com a comunidade surda?

TIL VII- Eu me dou muito bem com eles, eu sempre tenho contato com os surdos, no dia-a-dia eu sempre tenho contato.

P - Além da escola?

TIL VII- Além da escola eu tenho muito contato.

P - Mais ou menos com quantos surdos? Em que espaço você encontra com eles?

TIL VII- Em sempre encontro com eles nas minhas reuniões que são nas quartas-feiras e sábados, mas fora das reuniões eu tenho contato com uns oito surdos, sempre.

P - Essas reuniões são as do Salão do Reino?

TIL VII- Isso. Fora isso tem os serviços de pregações que tem contato com outros surdos.

P - Essas pregações seriam visitas?

TIL VII- Isso, de casa em casa. A partir daí já tenho contato com outros surdos. Muitas vezes tem congressos das Testemunhas de Jeová, anualmente. Nesses congressos tenho contato com outros surdos que também não conheço, de Recife, de Maceió, contato direto mesmo, de conversar, saber como vai, lugar, cidade, tudo.

#### **Q6. Questões identitárias**

P - Como você se percebe dentro do contexto da Educação Inclusiva, a sua função?

TIL VII- É bem incluso. Eu acho que é bem incluso, apesar de em alguns momentos, eles mesmos por algo pessoal quererem se excluir, mas eu acredito que a Educação Inclusiva na Língua de Sinais está bem inclusa. Bem inclusa mesmo, você vê professor, diretor, coordenador envolvidos e interagindo, inclusive os próprios alunos, eu acho isso bem incluso.

P - Então, você se sente atuando tranquila?

TIL VII- Tranquila, não tenho nenhum problema.

P - Você acha que a presença do tradutor intérprete de LIBRAS no espaço escolar garante a acessibilidade dos alunos surdos?

TIL VII- Sim, porque se ele não estivesse lá, seria mais difícil para eles se comunicarem. A presença do intérprete em sala de aula é justamente para isto: para ter a ligação entre professor e aluno, por isso é realmente importante a presença dele em sala de aula.

P - Como você percebe em relação a outros colegas de profissão, aos outros intérpretes?

TIL VII - Como o quê?

P - Como você se relaciona com eles, como você se percebe em relação aos outros, se você fosse comparar se com os outros como seria esta comparação?

TIL VII - Eu não gosto muito de fazer comparações, mas eu vejo cada um...

P - Não precisa se comparar, mas sua relação com eles...

TILVII- Minha relação com eles é muito boa. Tem pessoas que eu tenho um contato maior, por conhecer a mais tempo, outros eu tenho mais contato em eventos que é necessário interpretar para a comunidade surda, em eventos que envolve a inclusão eu tenho mais contato com eles, porém eu vejo em alguns momentos que alguns, talvez por estarem iniciando também, fazem sinais muito em português, porque quando eu aprendi a Língua de Sinais, a gente faz por exemplo, EU IR ESCOLA, não faz os sinais como a gente está falando em Português, é diferente. Mas, as vezes eu vejo isso, essa diferença, eu sei que eu não faço assim. Mas é só essa questão, mas é raro, são poucos, são mais os que estão iniciando.

P - Certo. E sua relação com eles, seu contato com eles?

TIL VII- Não tenho tanto contato. Eu só tenho mais contato com eles quando tem esse tipo de evento. Eventos grandes de um ou dois dias que a gente tem que ficar lá e revezar durante as palestras.

P - Qual sua principal dificuldade no exercício de sua função?

TIL VII- A maior dificuldade para mim é o fato das alunas não saberem o Português. Porque se elas soubessem tornariam meu trabalho mais fácil. Como elas não sabem fica bem mais difícil e, porque muitas vezes eu interpreto uma, interpreto duas vezes, faço a pergunta, mas elas não conseguem captar realmente o que estou perguntando, então é difícil, porque eu trabalho com duas e uma delas é um pouco mais lenta, aí você precisa ter mais paciência com ela, porque precisa interpretar várias vezes, várias vezes para ela poder entender, fazer ilustrações de outro jeito para ela conseguir entender aquele ponto. Geralmente quando faço isso, quando veja que ela está confusa, faço ilustrações com outras coisas, em seguida, volto para aquele aí ela consegue entender melhor. Eu trabalho assim com elas, esta é dificuldade que tenho com elas.

P - E do seu fazer tem algum conhecimento que se faz necessário que você não tem? Algum conhecimento que faltaria aprimorar?

TIL VII - Tenho, eu acredito que sim.

P - Você poderia contar?

TIL VII- Posso. Como todo mundo eu preciso melhorar em alguma coisa, então não vou falar que sei tudo da Língua de Sinais, mas eu gostaria de fazer um curso mais amplo para eu aprender alguns sinais que eu não sei direito. Então, quando eu não sei realmente o sinal, eu soletro a palavra ou então faço um exemplo mais ou menos para o surdo entender. Por isso, eu faria um curso se pudesse para me ajudar a expandir a língua.

P - Como você percebe o olhar dos professores acerca das suas atribuições?

TIL VII - Eu nunca tive nenhum problema com os professores. Eles sempre colaboraram bastante comigo em relação a isso. Então, geralmente quando o professor está explicando eu estou interpretando, eu granjeei na verdade muita confiança deles, por isso eles tem tranquilidade em relação a mim. Durante provas ou isso ou aquilo, eles estão tranquilos. Eles sabem na verdade que eu não vou fazer nada contrário ao que eles pedem. Além disso, eles não se incomodam com a minha presença na sala, se eu puder ajudar em outras coisas também eu ajudo (se eu puder) eles não cobram nada de mim que eu também não possa fazer.

P - Em relação a suas atribuições na sala eles entendem bem?

TIL VII - Entendem.

P - E em relação as alunas e os professores?

TIL VII- É uma relação normal, geralmente eu converso com elas assim, se elas precisam fazer algo, pedir algo, aí elas pedem a eles porque eles são os professores não sou eu. Sou apenas a intermediária entre eles, mas geralmente, eles pedem para eles ajudarem, normal.

P - Você pretende ficar até quando nesta função? Por quanto tempo?

TIL VII - Eu não marco prazos. Eu gosto de trabalhar como intérprete, então, até quando der eu faço.

P - Mas você tem planos ou projetos de migrar de função?

TIL VII - Talvez mudar para área que estou fazendo a faculdade, que é de História, atuar apenas como professora de História.

P - Então você pretende quando terminar a graduação mudar?

TIL VII - Isso, pretendo optar mais por essa área, como regente, professora de História.

P - Por quê?

TIL VII - Porque eu gosto da área de História também e eu tenho vontade de ensinar para os alunos esta disciplina.

P - Alunos de uma maneira geral?

TIL VII - Alunos de maneira geral. Se eu chegar em uma sala e tiver surdos inclusos, também vou me sentir muito bem em estar com eles, porém não vou poder dar a mesma assistência que eu dava antes porque não estaria só com eles, mas com todos os alunos. Eu pretendo quando terminar atuar nesta área.

P - Se você fosse falar em uma sala que estivesse surdos e ouvintes e você tivesse que falar em Português, como você faria esta opção, você preferiria falar em Português para ser interpretada em LIBRAS ou, falaria em LIBRAS para ser interpretada em Português ou, você faria as duas coisas? Como você se colocaria se tivesse que dá um aviso na sala, dá uma fala, uma aula de História, por exemplo, com alunos surdos e ouvintes e a presença do intérprete, como você se colocaria hoje?

TIL VII - Se isso acontecesse hoje, eu sei que na minha posição é muito difícil você explicar um assunto e interpretar ao mesmo tempo, eu acho difícil, complicado. Visto que teria interprete na sala de aula, ele interpretaria. Eu falaria em Português. Embora que, quando eu precisasse dá um aviso diretamente para elas, isso eu faria em LIBRAS normalmente, porque eu sei a língua, por exemplo: "faça esse trabalho", ou se eu quisesse dá uma explicação a mais para elas não precisaria que o interprete fizesse eu mesma faria.

P - Em relação a escola de uma maneira geral e seu trabalho, você gostaria de apontar alguma coisa da especificidade do seu trabalho ou da contratação da prefeitura, do vínculo, sua relação trabalhista, gostaria de comentar alguma coisa?

TIL VII - Em relação a escola, ela sempre me deu apoio, não tenho o que dizer, os professores nunca tive problemas, pelo contrário, eles sempre me ajudam. Em relação a prefeitura, o que seria muito bom, é que eles tivessem um cuidado a mais fornecendo cursos, porque as vezes quando se tem cursos e a informação chega a nós, já tem passado o prazo ou então, só é curso básico, curso básico no geral eu não tenho interesse, teria se fosse um curso intermediário e tem tantos professores que tem interesse, mas eu não tenho tempo de está ensinando, mas se tivesse um curso mais amplo e pessoas para irem até as escolas ensinar seria bem melhor.

P - Não tem a presença do instrutor de LIBRAS na escola?

TIL VII - Tem, tem, porém a presença do instrutor de LIBRAS na escola é pouca e rápida, ensina-se o básico do básico.

P - Ele vai quantas vezes na semana?

TIL VII - Uma vez na semana a tarde.

P - Uma tarde inteira?

TIL VII - Uma tarde inteira, fica de sala em sala, mas é pouco e rápido, ensina, por exemplo, os números, as cores, os objetos, no tempo de dez minutos e já vai para outra sala. Então, se tivesse mais tempo de treinar o diálogo, escrever, mandar os professores pegarem um livro os interagiriam mais ainda, seria melhor, ajudaria.

P - Sobre sua atuação o que você falaria, um conselho para quem quisesse começar a ser interprete de LIBRAS e não sabe nada, que conselho você daria?

TIL VII - Um passo bom é você ter contato com o surdo, porque quando o surdo vê que você tem interesse em aprender a língua dele ele gosta e, ele mesmo ajuda, ele mesmo ensina. Outro ponto, é a paciência, tem que ter paciência, é um trabalho que não é fácil, tem pessoas que dizem que o trabalho como interprete é fácil, mas não é

verdade, é um trabalho que exige muita dedicação e paciência, porque você não sabe que tipo de surdo você vai encontrar em sala de aula é igual os alunos normais, você não sabe quem serão seus alunos, por isso precisa de paciência, mas é um trabalho bom, um trabalho gratificante, você sabe que embora uma pessoa não possa ouvir ela pode fazer qualquer coisa que você faz, é um trabalho muito bom, você vê os alunos que estão se desenvolvendo e podem chegar até em uma faculdade, depende da capacidade e da vontade deles, então para quem quer ser intérprete de LIBRAS seria bom ter contato com os surdos, fazer um curso básico e tentar se familiarizar com essas coisas para poder começar.

APÊNDICE 15– CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO RECOLHIDA PELAS ENTREVISTAS

<b>FD: Percursos de formação das tradutoras e intérpretes de LIBRAS.</b>	
<b>Sujeitos da Pesquisa</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED)</b>
<b>TIL Ia</b>	<p>“Primeiro eu fui fazer o curso de pedagogia, e <u>eu tive o privilégio de estudar com um surdo</u> com surdez profunda, (...) <u>então a gente dava o suporte para ele, mesmo sem saber direito como fazer</u>, mas tentando aos poucos ajudá-lo”.</p> <p>“<u>30 horas em um [curso de LIBRAS] e 20 horas no outro [curso], todos os dois na universidade, como curso de extensão. Depois disto participei de congressos, seminários, viagens, com a professora da disciplina de LIBRAS (...)</u>”.</p>
<b>TIL Ib</b>	<p>“(…) tentei pedagogia por influencia da minha irmã, que me falou que eu tinha muito jeito com crianças. Então eu fiz, quando eu fiz, me alegrei muito porque tinha LIBRAS, que eu queria aprender, me chamava à atenção. Quando eu cheguei na sala, tinha um aluno surdo, (...). Eu comecei a me comunicar com ele, desde o primeiro período, eu tentei, não sabia de nada, só sabia o alfabeto e eu me comunicava soletrando com ele, o tempo todo. E ele me ensinava cada palavrinha que eu soletrava, ele me ensinava à configuração, o sinal daquela palavra e a configuração de mãos, tudo direitinho. E eu fui aprendendo com ele, com essa troca. (...) Então <u>durante quatro anos eu tive formação com contato mesmo com um surdo. E depois com a vinda do intérprete que veio para sala.</u> Na hora da aula, às vezes, eu ficava olhando para o intérprete, e não na aula. E me fez ver como adequar os sinais às situações. Minha formação foi durante o meu curso, a minha licenciatura”.</p> <p>“(…) eu não tive formação para ser intérprete, eu tive contato com a LIBRAS, mas formação para intérprete eu não tive. Seria necessário que eu tivesse, reconheço isto, precisava essa formação. <u>O que eu sei foi pelo contato que eu tive com o intérprete e com o aluno e com a própria língua, mas de formação mesmo não...</u>”.</p>
<b>TIL II</b>	<p>“<u>A principio, eu sempre gostei, desde pequena. (...). Então por ter amigos surdos, não podia se comunicar, não sabia. Então eu me interessei fazendo cursos.</u> Eu também conheço o instrutor surdo, que também me ajudou, e ele atua junto com a esposa no município e no estado. Então eu fiz, interessei-me, comecei e agora estou aqui”.</p> <p>“<u>Só os cursos que eu comecei com o instrutor, de seis meses, de 100 horas cada, foi o básico e depois o intermediário</u>”.</p>
<b>TIL III</b>	<p>“<u>A minha trajetória, como a maioria dos intérpretes que você vai encontrar no município, começaram conhecendo uma pessoa surda. Diante disto, eu passei para o curso básico e depois o intermediário e então fui procurando..., sempre que aparecia alguma coisa na área.</u> Eu procurava participar, desde palestras, seminários, conferencias, para sempre está atualizada”.</p> <p>“Primeiro contato com surdo que eu tive foi dentro da universidade, dentro da sala de aula, no curso de pedagogia. (...) Ele estudou na minha sala os quatro anos, desde o primeiro período”.</p> <p>“(…) mas como tínhamos este aluno, houve uma necessidade da universidade de adiantar esta disciplina para a gente. Começou logo no 1º período, que foi “Linguagem e Sociedade”. Onde a professora, lá da universidade, lecionou e esclareceu melhor quem era a pessoa surda, mas não teve um aprofundamento na área de LIBRAS. Era apenas na questão teórica. (...). Mas ela entrevistou com um curso de LIBRAS, tipo extensão”.</p> <p>“A disciplina de LIBRAS mesmo, só no 7º período”.</p>
<b>TIL IV</b>	<p>“Quando eu estava fazendo a especialização em educação especial/inclusiva, <u>eu fui chamada pela prefeitura, no ano de 2009, para trabalhar como apoio.</u> (...) Eu ia nas salas onde tivesse estas crianças especiais. Então <u>em uma dessas salas tinha um aluno surdo.</u> Este foi o meu primeiro contato, (...) <u>Foi ali que eu percebi a necessidade de começar a aprender,</u> porque eu precisava dá uma resposta aquele aluno”.</p> <p>“<u>Eu comecei com o curso de LIBRAS, primeiro em casa e depois na universidade,</u> com um curso mais específico, um curso básico de 30 horas. (...). Eu vivi uma angustia, porque era muito pouco aquilo ali, para o universo daquele aluno, (...)”.</p>

	<p>“No ano seguinte mais um curso básico aberto na UAG [Unidade Acadêmica de Garanhuns – Universidade Federal Rural de Pernambuco], e eu busquei novamente este curso básico. Fui lá perguntei, quando era que iria oferecer o curso intermediário, porque eu já vinha de um curso básico. Mas não tinha uma proposta para um curso intermediário. Então eu continuei na minha luta procurando pessoas mais experientes, procurando informações, sinais e tal. (...). <u>Para não ficar parada na questão das pessoas, estudava o dicionário de LIBRAS, tirava algumas cópias de apostilas</u>”.</p>
<b>TIL V</b>	<p>“<u>Como eu sou Testemunha de Jeová, a gente sempre tem cursos. E em um desses cursos, a gente aprendeu o básico, (...) Eu fui fazendo contatos com pessoas surdas, fui fazendo amizades, tendo amigos, e foi por isso que comecei aprender. Mas para atuar em sala de aula, antes eu fiz um curso em Maceió, no caso o curso de intérprete</u>”.</p> <p>“A gente estudou a cultura surda, é... classificação dos sinais, é porque faz tanto tempo. Como interpretar? O professor deu textos, como a gente fazer o prolibras?”.</p>
<b>TIL VI</b>	<p>“(...) eu conheço muitas pessoas que aprenderam a linguagem e começaram a trabalhar com ela. Então o relato de experiência, despertou o meu interesse em trabalhar também com esta área, <u>conhecer plenamente. Surgiu a oportunidade de fazer o curso</u> e vi que seria possível ingressar nesta área, <u>tendo em vista que é uma linguagem um pouquinho difícil</u> e nem todo o mundo tem aquela familiaridade de querer entrar. Então eu me arrisquei e tentei entrar, porque até mesmo minha professora e o instrutor disseram-me que eu levava jeito para os sinais”.</p> <p>“O primeiro durou três meses, foi intensivo, uma vez por semana, só que a manhã inteira, começava de oito e terminava meio-dia, mais ou menos. Três a quatro meses o primeiro. E o segundo foi de quatro meses, mais ou menos”.</p> <p>“(...) o curso e fui entregando [o certificado] lá e foi uma dificuldade para mim, do que entrar aos poucos neste caminho”.</p>
<b>TIL VII</b>	<p>“<u>Eu aprendi, visto que sou Testemunha de Jeová, aprendi porque vem um curso dado para nosso Salão do Reino e meu primeiro contato com a LIBRAS foi justamente com esse curso, (...) Depois disto, eu tive oportunidade de trabalhar na escola, fiz outros cursos pela Universidade Federal Rural na UAG, com instrutor surdo</u>”.</p>

<b>FD: Formação do tradutor e intérprete de LIBRAS.</b>	
<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED)</b>
<b>TIL Ia</b>	<p>”Lá em Recife tem o curso técnico, (...), seria tão bom se como tem nas exatas [licenciaturas], português estuda português, ciências se especializa em ciências, já pensou se cada interprete pudesse estudar também assim”.</p> <p>“<u>Um curso técnico, uma formação em uma faculdade, como o Letras/LIBRAS [graduação em Letras com habilitação em LIBRAS]. (...) Às vezes a gente fica assim, não sabe nem como seria estas opções, qualquer coisa para a gente já é bom. Então quando a gente pensa em algo tão grande a gente já fica..., mas se tivesse pelo menos aquele dali, seria bom para a gente</u>”.</p>
<b>TIL Ib</b>	<p>“<u>(...) e também uma formação continuada para o intérprete, também em relação a isto, porque a maioria dos intérprete dos município são pedagogos</u>”.</p> <p>“(...) eu acho assim, que o ideal mesmo é um curso técnico com um bom tempo de aula, e também a própria convivência não sei se na comunidade, se em associações, lugares que tenham a língua fluindo. <u>Formação em si, eu acho que um curso técnico seria suficiente</u>”.</p>
<b>TIL II</b>	<p>“Eu acredito assim, que não existe um ideal, porque sempre estamos procurando melhorar, independente de onde fizermos o curso, pois os sinais mudam. Sempre precisamos estar estudando, vendo cursos. (...). Em relação ao curso, o básico não é o suficiente hoje, <u>precisa fazer pedagogia, curso de formação, doutorado, pós, tem que está a par [informado], com o avanço que o mundo está</u></p>

	<p>oferecendo”.</p> <p>“<u>Abriu o curso de Letras/LIBRAS</u>, é bem interessante, novidade , é bem... porque está aprimorando. <u>O que eu sei desse curso é que é da área. (...), tem cadeiras que falam sobre LIBRAS, todo momento tem sinais</u>”.</p>
<b>TIL III</b>	<p>“<u>A formação teria que ser continua</u>. A formação básica seria trazer para o nosso município pessoas que já atuam a muito tempo nesta área, que experiência com vários tipos de alunos surdos. Que viesse também com um apoio maior de surdos, que também tenham essa experiência, para que nos passem. Como enfrentaram isso? Quais os avanços que tiveram? Para que a gente tivesse um contato mais de perto”.</p>
<b>TIL IV</b>	<p>“<u>Estou fazendo especialização em LIBRAS</u>, contudo eu vislumbro o curso de Letras/LIBRAS <u>[graduação]</u>. (...). Eu acho que este curso abre tua mente. Eu ainda não me aprofundi na questão das disciplinas e tudo, mas eu acredito que se ele é uma graduação, denominada Letras/LIBRAS, ele vai te possibilitar o melhor entendimento, compreensão, apropriação realmente destas questões que são muito importantes na hora de você trabalhar com o surdo”.</p>
<b>TIL V</b>	<p>“Eu acho que não basta ser só o básico, porque a gente ver muito hoje, que você faz um curso básico e você já vira um interprete. Eu já não acho isto, para se tornar um intérprete, você precisa fazer cursos avançados. A duração, eu acho que deveria ser mais extensa, não só três meses, quatro meses. A gente fez três meses, só que <u>a duração certa para a gente fazer o curso, para se formar mesmo, como intérprete é de um ano, um ano e pouco, dois anos, por aí</u>”.</p>
<b>TIL VI</b>	<p>“Eu acho que seria um curso intensivo que até agora eu não sei se, não tenho muito conhecimento em cursos que envolvem a linguagem de sinais, mas seria bem intensivo mesmo. Que abordagem tanto a parte teórica, quanto a prática”.</p> <p>“<u>O ideal seria de um ano a dois, direto, porque os cursos geralmente são de uma ou duas vezes por semana</u>. Fosse pelo menos umas quatro vezes por semana, que você treinasse realmente, seria muito bom”.</p>
<b>TIL VII</b>	<p>“<u>Eu já ouvi falar em cursos técnicos que tem duração mais ampla, é bom</u>, não vou dizer que não é, é um curso bom, mas eu acho que para quem está atuando em sala de aula... Eu acho que o governo, <u>neste caso a prefeitura, deveria tem mais um cuidado, uma preocupação em ter outros meios, como uma capacitação com informações</u>, porque existe capacitação de tudo, de Matemática, de Geografia, de História, mas não tem da Língua de Sinais, fica algo muito vago e, para os intérpretes que estão atuando em sala de aula deveria ter isso. Ter uma formação para eles”.</p> <p>“<u>Eu acho que teria duração de um ano e meio ou dois anos de curso</u>, porque um curso básico você aprende um "oi", "tudo bom?", "como vai?" essas coisas, mas um curso de um ano e meio ou dois anos, você iria aprender a como lhe dá no dia-a-dia, aprender os sinais mais corretamente, seria bem melhor”.</p>

<b>FD: Funções que desempenham as tradutoras e intérpretes de LIBRAS.</b>	
<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED)</b>
<b>TIL Ia</b>	<p>“Eu dava suporte estes dois horários, nestes dois tempos e acontecia sim à interpretação, à explicação. Descia até o aluno e explicava mesmo em LIBRAS”.</p> <p>“<u>Eu dava suporte, e ia lá para frente, tudo que a professora falava eu passava para a língua deles</u>. Sentava perto dele, fazia as atividades, os incluía com os outros alunos, então foi positivo”.</p> <p>“<u>Se você ficar perto, passar atividades para eles e você está com um conteúdo que você traz de casa, eu faço de acordo com a minha formação, o que eu aprendi, trago ludicidade, trago socialização com os colegas</u>”.</p>

<b>TIL Ib</b>	<p>“Como atuar nestes contextos tão difíceis? Já que o aluno não sabe. Como eu posso intervir? Só na interpretação, tradução para a LIBRAS, mas também intervindo no contexto específico que é auxiliar o professor”</p> <p>“Eu vejo que, uma coisa é que eu aprendi em relação ao intérprete, vendo ele fazer, outra coisa é que eu faço, e que a necessidade manda fazer. <u>Na sala de aula eu vejo assim que, não posso me limitar a interpretar, traduzir a língua</u>, porque ela [a aluna] não sabe e é o segundo ano que eu trabalho com ela. (...). Resumo também bastante em relação ao que ela sabe, (...). <u>Ela precisa ser ensinada em relação aos sinais mesmo, porque não tem instrutor. (...)É um trabalho de conversar, socializar ela em relação a turma. (...) E o trabalho é para socializar ela, de conversar, de transmitir as informações dos colegas para ela, (...). Eu procuro passar para ela, de ensinar também, às vezes, matemática mesmo, ela tem muita dificuldade, português também ela tem muita dificuldade. (...)No ensino mesmo, eu trago material dourado, vejo como posso trabalhar com ela, <u>trago uns joguinhos, jogos de memória, tem palavrinhas cruzadas, eu trabalho com ela estas questões.</u>”</u></p>
<b>TIL II</b>	<p>“<u>Auxiliar a professora a passar da melhor forma para a aluna surda, (...)</u>”.</p> <p>“Português, a leitura, dissertação, para ela tentar fazer também, <u>nós estamos trabalhando aqui, mais o português, paralelo ao trabalho da professora</u>”.</p>
<b>TIL III</b>	<p>“A gente acaba intervindo na questão do aluno surdo da nossa sala. (...) <u>Então a gente atua com ela, como intérprete</u>, só que assim, umas coisas ela acaba esquecendo em LIBRAS. Português para trabalhar com ela está sendo muito complicado, porque ela não aceita. (...) Por mais que a gente intervisse junto com o instrutor, trabalhando a questão dos sinais, da palavra. Procurando várias formas de atrair a atenção dela. <u>Tem momento que a gente tira ela da sala regular, por 30 minutos, para poder trabalhar com ela a questão da escrita e da leitura</u>”.</p> <p>“Dentro da sala de aula, a gente acaba fazendo a função às vezes do professor, por quê? Muitas coisas ela não compreende, então a gente tem que parar um pouco. Tem que contextualizar de forma que ela compreenda melhor o que está sendo passado. Até porque ela tem o conhecimento mundo, mas quando parte para a questão escrita, ou algo assim a gente tem que intervi. Às vezes na LIBRAS, a gente tem que usar a mímica, para ela poder compreender, mas depois a gente faz o sinal”.</p>
<b>TIL IV</b>	<p>“<u>Minha atribuição enquanto intérprete seria o quê? Mediar essa comunicação entre o professor e o aluno surdo.</u> (...). Eu atendo a necessidade deste aluno surdo. Sempre eu falo isto lá, os alunos chegam perto de você, tia como é que eu faço isto aqui, eu respondo: eu só posso lhe atender, depois que eu atender o meu aluno. (...). Atender aos outros alunos não está nas minhas atribuições, contudo por uma questão de sensibilização eu faço”.</p> <p>“Antes de ser intérprete eu sou professora do ensino fundamental de 1ª a 4ª série. (...). Você tem aquela questão de interpretar mais também de estar perto. (...). Por mais que, eu não consigo ser muito imparcial, ou muito distante, vamos dizer assim. (...) Por mais que eu sinalizo, <u>eu fico perto, estou ali vendo se ele entendeu, eu repasso o para casa, quando ele chega ao outro dia eu quero vê este para casa.</u> A professora pede para vê, mas eu também quero vê o para casa [risos], então termino assumindo as duas funções”.</p> <p>“O intérprete é importantíssimo na mediação, mas nós sabemos que ele precisa de muito mais recursos do que temos hoje nas escolas. (...). Eu já sair da sala de aula para ir buscar pedra, para ir buscar outras coisas [risos], fora da escola, porque, principalmente quando ele iniciou..., que <u>ele veio com a linguagem de casa, mímica, ele não conhecia [a LIBRAS]. Quantas vezes eu sai da sala com ele para rodar pela escola, para mostrar isto é isto</u>”.</p>
<b>TIL V</b>	<p>“De início, quando cheguei o surdo não era alfabetizado, então não sabia nada. <u>Eu fui alfabetizar o surdo</u></p>



	<p><u>e também interpretar, as duas funções</u>. Tinha que interpretar e tinha que alfabetizar o surdo também”.</p> <p>“Então eu comecei o trabalho com ele, tinha períodos que eu ficava separada com ele, que não tinha como ficar na sala, porque desconcentrava muito, porque tinha os outros meninos. (...). Eu ficava na sala de aula interpretando, mostrando as coisas e depois ficava a parte com ele fazendo revisão”.</p> <p>“(…), a professora fala lá e eu passo para ele. Vou sinalizando”.</p> <p>“De início eu trazia [atividades], eu procurava na internet e trazia. Eu mesma. Hoje eu sigo mais o ritmo da turma. Se for para ensinar os exercícios,... e ele souber, eu uso o material da escola, que a professora propõe. Hoje eu trago menos, quando eu vejo que ele não entendeu um certo assunto, aí eu vou procuro um exercício que seja mais fácil para ele entender, uma atividade complementar. Eu também uso daqui, porque tem muito, aqueles joguinhos”.</p>
<b>TIL VI</b>	<p>“Agora é a inclusão, <u>a minha função é basicamente passar para o menino que eu atendo o que está se passando na sala, para que ele seja incluso no aprendizado da turma como um todo</u>. Então eu procuro fazer a mesma atividade que a professor está fazendo com os demais, se houver necessidade adaptar de forma que fique mais fácil dele entender”.</p>
<b>TIL VII</b>	<p>“<u>Interpretar tudo o que o professor diz</u>. Como eu atuo no 9º ano/8ª série, então, <u>tudo o que o professor faz, as atividades que ele faz, eu repasso para as alunas em Língua de Sinais, na Língua delas</u>. Então é isso, algum aviso ou até mesmo alguma reclamação que o professor está fazendo, eu aplico também, porque de toda forma elas são alunas também, então, tudo no geral, provas, trabalhos, seminários, tudo”.</p>

<b>FD: Dificuldades no exercício da função</b>	
<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED)</b>
<b>TIL Ia</b>	<p>“Aqui é só a questão do aluno, ele é diferente da outra aluna. (...), <u>ele gosta de fazer as coisas dele, ele trás de casa o celular, desmonta e monta, ele é independente, quando eu consigo trazer alguma coisa para ele, um jogo, ele gosta e ele termina, depois quando eu vou com outra atividade, então ele não quer, ele quer desenhar</u>. (...), vamos dizer assim, eu tenho esta dificuldade com ele”.</p> <p>“<u>É os alunos [não] saberem LIBRAS e os conhecimentos de termos técnicos</u>”.</p> <p>“(…) eu tenho aquela cobrança de me profissionalizar cada vez mais e o que estiver ao nosso alcance e o que não estiver ao nosso alcance, fazer o que?”</p>
<b>TIL Ib</b>	<p>“<u>É a questão da linguagem que ela [a aluna] não sabe, não se apropriou, se ela soubesse de fato LIBRAS seria mais fácil, se ela soubesse questões abstratas da língua, seria muito mais fácil o trabalho, se houvesse um instrutor, seria muito mais fácil o trabalho, porque haveria esta troca, esse ensino mesmo da língua, ele [o instrutor] tem muito mais propriedade para ensinar, e também é a atribuição dele</u>. São estas dificuldades, é uma questão de recursos mesmo. O recurso é muito limitado, não tem como alfabetizar um surdo, mesmo que eu queira, mesmo sabendo que não é uma atribuição minha, (...)”</p> <p>“Sozinho ele não pode fazer muita coisa, porque têm muitas atribuições, algumas que não são dele. Tem que ser um trabalho conjunto de acessibilidade, de inclusão. Não pode só jogar o intérprete lá, até porque eu não tive formação para ser intérprete, (...)”.</p>
<b>TIL II</b>	<p>“<u>A dificuldade é porque ela [a aluna] mora longe e acorda cedo, às vezes ela fica com sono, diz que está com preguiça, às vezes ela é teimosa, normal, mas precisa ter muita paciência</u>. Da minha parte o cansaço de final de ano, então você tem que lidar da melhor maneira. <u>Às vezes ela está triste, emotiva. Tento passar da melhor forma, é importante dá atenção ali</u>”.</p>
<b>TIL III</b>	<p>“<u>Eu acho que a dificuldade é também da escrita. É geral. Por exemplo, se a gente tivesse um apoio maior, para a gente enquanto intérprete seria melhor</u>. Porque se ficar somente eu e o instrutor... <u>Tem a necessidade de a escola intervi junto a família, porque a aluna falta muito. Então se a escola intervisse, conversasse com a mãe, porque eu já fui várias vezes na casa da mãe, conversar com ela. A mãe recebe bem, conversa. Diz que tudo bem, que a filha vai frequentar mais vezes, só que ela começa a faltar de</u></p>

	<u>novos</u> ”.
<b>TIL IV</b>	<p>“Quando eu me deparei com o aluno, e ele olhou para mim, eu fiquei totalmente impotente diante dele. (...). Por mais que eu tivesse feito uma graduação, meus conhecimentos não correspondiam com a necessidade do aluno”.</p> <p>“Eu vivi uma angustia, (...) e nem sempre que eu precisasse o instrutor poderia está na sala comigo, porque ele tinha outras atividades e nem estava todos os dias na escola. Tinha dias que ele estava na escola, e tinha dias que ele estava em outra escola. <u>Então se surgiu aquela necessidade naquele momento, eu não tinha a quem recorrer. Eu comecei sentindo o peso, (...), porque eu tentava ser o mais clara possível, então eu recorria a mímicas.</u> (...) Nós simulávamos carrinho de mão, porque não sabíamos o sinal, simulávamos qualquer situação para que ele pudesse compreender”.</p> <p>“Eu não tinha condições de viajar, procurar esse conhecimento fora, ir para a capital, para outro lugar. (...). Às vezes você faz perguntas e elas [as pessoas da área] respondem: eu não conheço; depois infelizmente você vê esta pessoa sinalizando aquilo ali, e é muito triste”.</p> <p>“(…) porque aqui na nossa cidade nós temos esta questão, não temos cursos, não temos nada assim que nos possibilite um crescimento, uma formação mais específica, mais direcionada”.</p> <p>“A primeira dificuldade eu vou te dizer que é o seguinte: a questão da formação. Eu acho que nós precisaríamos de um apoio maior, (...), nós somos colocados na situação. Então a necessidade é tão grande, eu não culpo, (...), e o professor está na sala de aula e o aluno tem direito de está ali. Mas quem vai trabalhar aquilo ali com ele? Então o que acontece? Você faz um curso básico, você colocou aquele seu certificado do curso básico, você vai para a sala de aula”.</p>
<b>TIL V</b>	<p>“Ele [o aluno] passar este texto para o português. Porque ele sabe contar a história todinha em LIBRAS, mas para passar para o português, ele começa o início.”</p> <p>“<u>Pois é, interpretar, passar todas as coisas, seguir o ritmo da sala, da turma, porque precisa seguir o ritmo da turma e ao mesmo tempo ter que alfabetizar</u>”.</p> <p>“<u>Eu acho que [falta] cursos profissionalizantes mesmo, não cursos básicos, ou médios, cursos que realmente formassem o intérprete</u>”.</p>
<b>TIL VI</b>	<p>“Bom às vezes, a dificuldade que existe no meio, não é especificamente para nós, que eu vejo. Muitas vezes o professor bota a responsabilidade do aluno para o intérprete, e o aluno não é do intérprete é do professor. (...), mas especificamente na que eu atuo existe uma conscientização lá na escola. (...). <u>É basicamente isto a dificuldade e no meu caso pessoalmente é que foi o primeiro contato que eu tive com surdos. Eu fiz o curso e já em seguida eu fui trabalhar com surdos. Eu ainda nem domino a língua de sinais como eu gostaria</u>”.</p> <p>“Porque o instrutor só vai a escola uma, ou duas vezes por semana e o que acontece? <u>É muito importante para o surdo que ele crie a identidade dele como pessoa surda, se ele tivesse a oportunidade de conviver mais com surdos, não apenas com o instrutor, mas com outros alunos, por exemplo, que o instrutor estivesse presente na escola mais dias, se não todos da semana, acho que seria muito importante para ele</u>”.</p>
<b>TIL VII</b>	<p>“A maior dificuldade para mim é o fato das alunas não saberem o Português. Porque se elas soubessem tornariam meu trabalho mais fácil. Como elas não sabem fica bem mais difícil e, <u>porque muitas vezes eu interpreto uma, interpreto duas vezes, faço a pergunta, mas elas não conseguem captar realmente o que estou perguntando</u>, então é difícil, porque eu trabalho com duas e uma delas é um pouco mais lenta, aí você precisa ter mais paciência com ela, porque precisa interpretar várias vezes, várias vezes para ela poder entender, fazer ilustrações de outro jeito para ela conseguir entender aquele ponto. Geralmente quando faço isso, quando veja que ela está confusa, faço ilustrações com outras coisas, em seguida, volto para aquele aí ela consegue entender melhor. Eu trabalho assim com elas, esta é dificuldade que tenho com elas”.</p>

Sujeitos da pesquisa	Excerto de Depoimentos (ED)
TIL Ia	“Eu estou sonhando, <u> você estudar as técnicas e saber profundamente sobre ciências, sobre física, sobre matemática.</u> Estudar a área, juntamente com os termos técnicos, para passar. <u> Seria muito bom, porque o intérprete está ali e tem que saber todas as disciplinas, todas elas</u> ”.
TIL Ib	“ <u>Eu gostaria de saber, tinha que ter uma formação em relação a esta tradução mesmo.</u> Esta questão da gente ser imparcial, ser de fato imparcial na tradução. Seriam técnicas de tradução. <u> Como fazer de fato. A LIBRAS mesmo e a convivência com a comunidade surda pelo intérprete</u> ”.
TIL II	“Eu preciso saber o que eu vou ensinar, a matéria. (...) Porque eu vou estar a par [atualizado], para poder explicar da melhor maneira, porque eu não posso ficar e explicar de qualquer maneira. <u> Precisamos estudar a matéria e passar da melhor forma em sinais. Também os sinais são importantes, pois tem sinais que eu não sei, e que eu preciso, eu vou procurar</u> ”.
TIL III	<p>“<u>Na área da educação inclusiva, porque se a gente focar apenas na LIBRAS, a gente acaba ficando um pouco perdido.</u> Porque hoje você pega um aluno surdo , e o aluno vêm com DI [Deficiência Intelectual] e o aluno vêm alguma deficiência além da surdez. <u> Então a gente tem que ter um conhecimento mais amplo</u>”.</p> <p>“<u>Primeira coisa é conhecer a língua, a LIBRAS.</u> (...). Não conhecer apenas por curiosidade, mas quando você está interessado nesta área, você entender que ali tem todo um contexto. Tem toda uma história. Só não pode apenas saber os sinais de algumas coisas, por curiosidade. Mas se você pretende ficar na área, você precisa ter um respeito maior”.</p>
TIL IV	<p>“Mas ai vem uma questão, a questão do comprometimento, da sua responsabilidade social. Você tem uma responsabilidade com aquele aluno”.</p> <p>“<u>Não é só sinalizar. LIBRAS não é só sinal. LIBRAS tem todo um contexto envolvendo aquilo ali.</u> E se você não consegue, se eu usar dominar, acho que vou está generalizando, porque eu acho que você nunca domina isto, mas se <u> você chega em um nível que você consegue realmente deixar aquilo ali o mais claro possível,</u> então você já está realmente atingindo, eu considero desta forma atingindo o seu objetivo”.</p>
TIL V	<p>“<u>Tipo assim é... como passar? Como interpretar? É... a posição do surdo na interpretação. Tipo assim, chamam para interpretar num lugar, qual a sua postura? O que você deve passar? O que você não deve passar?</u> As pessoas não passam tudo o que está sendo dito. Aí então ser fiel na sua interpretação”.</p> <p>“<u>O principal conhecimento é da LIBRAS, da língua de sinais.</u> Também ter uma noção de como você, para atuar como intérprete, precisa passar a matéria para o menino, para o aluno. Porque muitos sabem LIBRAS, mas não sabem passar para o aluno a matéria. <u> Muitos sabem os sinais (casa,...) estas coisas todas, mas não sabem ensinar.</u> Como você ter o contato com os surdos. Às vezes, você sabe tanto de LIBRAS, mas não sabe ensinar ao aluno”.</p> <p>“<u>Eu acho interessante a gente estudar para você ter conhecimento com quem você está lidando. Conhecer mais o surdo, a pessoa que você está ali interpretando, a cultura surda.</u> (...). <u> Na questão de oralizar [interpretar de LIBRAS para português oral], também né?</u>”.</p>
TIL VI	“ <u>No meu ponto de vista o ideal seria para o intérprete hoje consiga fazer um a interpretação simultânea,</u> (...). Acho que isso trás <u>a realização profissional do intérprete, ele ter esse domínio da língua</u> ”.
TIL VII	<p>“<u>Eu acho que você precisa saber gesticular,</u> porque se você não souber vai ficar confuso. (...) <u> Assim, gesticular, você se expressar bem, porque se você não souber se expressar bem os surdos não irão lhe entender.</u> Além disso, você precisa ter a capacidade de entender o que o surdo está dizendo, porque tem surdo que tem certa medida de dificuldade, tem surdo que faz sinais rápidos, tem surdo que faz sinais lentos, então precisa tentar se adaptar a cada um. E, se ele não souber muitos sinais, você precisa tentar entender os poucos que ele faz ou alguma mímica, no caso de alguns que não sabe Língua de Sinais que acabam fazendo mais mímica do que Sinais. Acho que é mais isso”.</p> <p>“O conhecimento pleno da Língua de Sinais”.</p>

<b>FD: QUEM SOU EU? TRAÇOS DA MINHA IDENTIDADE PROFISSIONAL</b>	
<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED)</b>
<b>TIL Ia</b>	<p>“Eu acho que conhecer o universo do surdo, compreender a história dele, o que levou ele ali, e saber, o intérprete ter sua ética, ter o seu profissionalismo, porque tem intérprete que se envolve demais, tem coisa que não é da função do intérprete. E eles acabam não entendendo, tem que ser passado isto para o surdo, às vezes eles pensam que o intérprete é o professor, mas sempre, sempre, o que acontece, principalmente na prática ele passa a ser o professor, é o que acontece, então a gente sabe a história deles, mas eu penso também que tem que saber a nossa história”.</p> <p>“Um dia, uma colega minha disse que eles pensam que somos os empregados deles [risos]. Eu respondi que precisa ter paciência, é mesmo assim”.</p> <p>“É bem, talvez eu vou voltar o que eu já disse antes, é mãe, é como professor com seus alunos, o intérprete é com eles. Você é professor, você é psicólogo, você é mãe, você é pai, você é conselheiro, você é acompanhante de ir ao médico [risos]”.</p> <p>“<u>O professor vê a gente como... com responsabilidades de um intérprete</u>”.</p>
<b>TIL Ib</b>	<p>“(…) eu sou pedagoga e eu teria que intervir, como é que eu faço para ensinar coisas abstratas para ela?”</p> <p>“Em relação a prática do intérprete, como trabalhar com o surdo que não conhece a língua dele? É uma questão que eu gostaria muito de saber. Como eu vou fazer? Eu me sinto perdida, meu Deus! Não está surtindo nenhum efeito o que eu estou fazendo. Porque eu fico naquela, ela não entende, ninguém ensina, eu não sei como ensinar, estas questões abstratas eu não sei como fazer. As palavras que eu sinalizo parecem soltas ao vento, porque ela não entende”.</p> <p>“Às vezes eu insiro em algumas coisas, ela está apta para estas coisas, mas no outro dia ela esquece tudo. Então eu me vejo muito limitada, em relação a minha atuação, por todas as questões que eles têm e por querer ir muito além e não conseguir. Não saber como intervir”.</p>
<b>TIL II</b>	<p>“É muito importante, eu estou ali, como grandes companheiras, intérprete e professora”.</p> <p>“Não só intérprete e aluna, mas amigas. Ela conta o que foi, o que aconteceu no fim de semana, faz parte é família, então é incrível. A escola é como se fosse uma ponte, é uma ponte”.</p> <p>“Como uma ponte, para entender. A professora também está aprendendo os sinais, então desde o início até agora ela aprendeu muito. Tanto a aluna, como a professora, porque as duas estão aprendendo”.</p>
<b>TIL III</b>	<p>“Eu me percebo com alguém que está sempre procurando respostas para as situações novas que estão acontecendo, porque as respostas não veem prontas, por mais que a gente pesquise em vários lugares, a experiência é quem faz a gente se tornar um bom profissional. Por mais que a gente leia, só na prática que a gente vai saber como deve atuar. Eu me percebo como uma pesquisadora”.</p> <p>“A gente está ali para colaborar com esse processo de inclusão do aluno surdo. Mas é como eu disse: é todo..., não é somente a gente que vai fazer tudo. Tem que ter a participação da docente da sala, da direção, da coordenação e do instrutor de LIBRAS também, da família. Por mais que a gente esteja ali e a família não esteja disposta a colaborar, não vai valer nada o trabalho”.</p> <p>“A minha função no momento, eu procuro contribuir o máximo possível no processo de formação da minha aluna. Mas não é algo fácil, porque envolve todo o contexto escolar, família, tudo. Eu procuro sempre o melhor. Eu procuro sempre intervir no contexto de aprendizagem mesmo dela, para com que ela cresça. O que a gente mais quer enquanto intérprete, quando a gente está com o aluno e a gente procura que o aluno cresça, que ele vá para o ensino médio. Para que ele não encontre dificuldades e sofra tanto lá fora. Essa é a nossa preocupação”.</p>
<b>TIL IV</b>	<p>“O intérprete de LIBRAS, eu vou até colocar assim, eu digo que estou realmente em formação. Eu acho que a gente nunca está acabado. Estou pronta hoje, posso dizer? Não. Eu ainda vou te dizer isto: eu ainda não me sinto pronta não, eu não estou. Eu sei que tenho um longo caminho pela frente, porque todos os</p>

	<p>dias eu me deparo com uma situação nova. Eu me deparo com uma situação que eu tenho que interpretar aquilo ali para aquele surdo e deixar o mais claro possível, porque ele tem o direito de entender aquilo ali, o que está acontecendo e eu percebo minha limitação ali. Então eu sei, e tenho plena consciência, eu sou um intérprete em formação. Às vezes as pessoas perguntam: Você é intérprete? Eu paro para responder, eu diria que ainda não. Eu acho que para dizer: eu sou intérprete, eu precisaria de muito mais do que eu tenho”.</p> <p>“Eu passei a minha vida toda em um escritório de contabilidade, numa realidade totalmente diferente. Quando eu abri minha mente para este mundo e eu abracei, eu não vou abraçar para deixar pela metade”.</p> <p>“Eu me concebo [risos]. Olha..., eu vou usar um termo assim..., sabe aquela questão que você diz assim, eu me encontrei. Eu me percebi e eu me realizo, enquanto pessoa. Eu poderia dizer assim, que LIBRAS, esse trabalho que eu realizo hoje foi das melhores coisas que aconteceu em minha vida”.</p> <p>“Eu não me vejo fazendo outra coisa”.</p>
<b>TIL V</b>	<p>“Igual a todo mundo, estou fazendo o meu trabalho, meu papel, igual a todos. Todo mundo é colaborador, tanto a professora, como eu que estou na sala de aula é importante para ele”.</p>
<b>TIL VI</b>	<p>“Eu vejo que, eu tenho que melhorar ainda. Visto que eu comecei agora, este é o meu primeiro ano como intérprete. Comecei em março e foi o meu primeiro contato com surdo. Então eu vejo que tenho uma longa jornada para me aprimorar como intérprete”.</p> <p>“Tudo tem a ver com a vocação. Eu vejo que a minha vocação, não está muito ligada a educação, então eu pretendo trabalhar em outra área, não na educação, para sempre até me aposentar. Mas eu pretendo ficar um bom tempo. Mas no futuro eu pretendo migrar para... (...) Eu gosto muito de áreas administrativas. Eu pretendo migrar no futuro”.</p>
<b>TIL VII</b>	<p>“Como todo mundo eu preciso melhorar em alguma coisa, então não vou falar que sei tudo da Língua de Sinais, mas eu gostaria de fazer um curso mais amplo para eu aprender alguns sinais que eu não sei direito. Então, quando eu não sei realmente o sinal, eu soletro a palavra ou então faço um exemplo mais ou menos para o surdo entender. Por isso, eu faria um curso se pudesse para me ajudar a expandir a língua”.</p> <p>“(…) para quem quer ser intérprete de LIBRAS seria bom ter contato com os surdos, fazer um curso básico e tentar se familiarizar com essas coisas para poder começar”.</p>

<b>FD: Conflitos de identidade entre o professor e o tradutor e intérprete de LIBRAS.</b>	
<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED)</b>
<b>TIL Ia</b>	<p>“Eles dão satisfação primeiramente a mim, em vez do professor”.</p> <p>“Não só ele, só ele sozinho é uma carga muito grande no intérprete. Tem que ter outras coisas, como eu falei tanto, tem que ter o professor. O professor tem que ter metodologias, ter didática para passar para o aluno. (...). Ficava tudo tão fácil, se fosse junto com o professor, com todo o corpo docente da escola”.</p> <p>“Da mesma forma que ele sinaliza ele [o aluno] escreve em português. Escreve lá, quando o professor vai avaliar, eu vi que estava de acordo com a explicação que ela passou, que eu entendi e passei para eles, então eu vi que estava certo, sinal por sinal, vamos dizer assim. Se fosse eu, eu colocava certo, mas às vezes o professor diz: eu não sei como avaliar, então você dá uma miniaula para ela, o português é diferente, (...)”.</p> <p>“Sim, mas a avaliação volta para o professor. É ele quem vai dizer se o aluno está aprendendo ou não.</p>



	Apesar de você está vibrando por cada desenvolvimento dele, por cada entendimento, mas no final é ele que vai dizer se o aluno aprendeu ou não, a nota quem vai dá são eles [os professores]”.
<b>TIL Ib</b>	<p>“Eu não sei como intervi nisto, essas são as dificuldades, é uma equipe trabalhando com ela, geralmente um joga para o outro, é atribuição sua. Tem uma sala de recurso aqui, mas que não trabalha as especificidades dela, pelo menos como surda. Eu não vejo nessa questão de alfabetizá-la alguém se empenhar nisto”.</p> <p>“(…) a preparação do professor, no momento que o intérprete entra na sala. O professor acha que o intérprete é o professor do aluno surdo. Então as atribuições são dadas para o intérprete e ele é o responsável pelo aluno, mas não é assim. Uma visão, uma formação em relação ao professor, qual a atuação dele? Como ele vai atuar, com aquele aluno? Quais são as especificidades? Que atividades precisão ser adaptadas?”</p> <p>“Eu acho meio confusas as..., a professora é uma pessoa maravilhosa. Ela sabe as minhas atribuições, mas eu percebo que ela se sente angustiada, feito eu, em relação a aluna. A professora quando começou, ela achava que eu iria ensinar e ela viu que não, não era essa a minha atribuição, mas mesmo assim, ainda que não seja, eu queria intervi nisto”.</p> <p>“É uma relação de confiança, a professora sabe o que eu estou escrevendo ali é realmente o que a aluna está me dizendo. A professora não sabe a língua, fica tudo para eu mediar, tanto de português para LIBRAS, como de LIBRAS para o português”.</p>
<b>TIL II</b>	“Esta foi difícil, a principio a gente não se dava muito bem não, acho que eu já estava acostumada com a outra professora. Então, a medida que a gente foi conversando, meu trabalho está bom? Eu perguntei. A professora sempre me fala, precisa melhorar nisto, então está certo. Sempre eu estou perguntando, para a gente não entrar em atrito, que não é bom”.
<b>TIL III</b>	<p>“Dentro da sala de aula, a gente acaba fazendo a função às vezes do professor, por quê? Muitas coisas ela não compreende, então a gente tem que parar um pouco”.</p> <p>“Na escola é um pouco complicado, porque quando a gente chega à escola para atuar como intérprete, o professor acha que a nossa função é outra. Mas a gente com jeito vai tentando esclarecer qual é a nossa função. Muitas vezes a gente chega a ser um pouco, aparenta ser um pouco egoísta, mas não é. É uma questão de que eles entendam realmente o que a gente está fazendo ali. Por exemplo, antes eles tinham o costume de que se faltasse um professor na sala, queriam que nós substituíssemos este professor. Só que a secretaria entreviu, viu que não era nosso papel e hoje a gente atua somente como intérprete em sala”.</p> <p>“É como eu lhe disse: no início, a professora achava que eu era a responsável pela aluna, a aprendizagem dela era totalmente da minha responsabilidade. Hoje ela me vê como uma pessoa que está ali para intermediar”.</p> <p>“Entende, porque eu bato muito na tecla, às vezes ela..., recentemente aconteceu dela achar que a aluna surda..., olha a aluna fulana. Fulana é doente, mas ela consegue aprender, a doença dela não é contagiosa. Não é doença, a gente sabe que não é doença. Mas ela está ali falando, explicando e acaba tendo essas falhas assim. Mas ela percebe e sabe qual é a minha função. No início não, a aluna era minha, ela nem corrigia a tarefa. Ela pedia que os alunos levassem a tarefa para o birô para ela corrigir, quando a minha aluna, no caso a surda ia levar, ela dizia não, quem vai corrigir é a sua professora ali. Eu falava não, a senhora é a professora dela, quem vai corrigir é a senhora. Então ela não entendia isto no começo. Eu tinha que ficar insistindo”.</p> <p>“Havia um conflito. Tanto é que a aluna surda mesma bateu o pé e disse: minha professora é você [referindo-se a professora da sala]”.</p>
<b>TIL IV</b>	<p>“Por mais que eu sinalizo, eu fico perto, estou ali vendo se ele entendeu, eu repasso o para casa, quando ele chega ao outro dia eu quero vê este para casa. A professora pede para vê, mas eu também quero vê o para casa [risos], então termino assumindo as duas funções”.</p> <p>“Porque o aluno não é meu, é do regente, não é do intérprete. Tem regente que quer sabe o que está acontecendo, eu quero saber o que está se passando, porque o aluno é meu, diga-me como eu falo isto? Como eu faço assim? Eu quero explicar isso para ele assim. Já tem outros que não, acham é bom que apareça o intérprete porque já se livra daquela questão e dá continuidade com os outros e quem responde pelo surdo, vai ser o intérprete. Acontece das mães chegarem, e a professora diz assim: Fulana a mãe de fulano quer falar com você. Mas que na realidade..., eu não ligo, eu posso ir acompanhando, lógico que</p>

	<p>eu acompanho, se ela colocar alguma coisa, dizer, também levá-lo porque ele tem que está junto, interpretar para ele o que está acontecendo, a mãe dele veio saber, estas questões. Mas geralmente, os professores acham que o aluno surdo é seu, é do intérprete”.</p> <p>“(…) é importantíssimo o envolvimento das pessoas da escola, porque o surdo não é do intérprete. O surdo é da escola, e não é só do professor, é do diretor, é do coordenador, e do serviço gerais, é da cozinheira, é de todos. Então eu acho que só o intérprete não. Ele não vai conseguir fazer tudo, ele precisa realmente desse apoio, e precisa também desse lado didático-pedagógico para trabalhar”.</p> <p>“Na realidade a gente tem que entender estas questões assim também. Porque não fica claro para o professor. O professor geralmente, ele, você chega lá, por isso que muitas escolas estão confundindo, pega o intérprete, de repente ele está olhando o recreio, o intérprete está substituindo o professor que faltou. O intérprete se o aluno faltou, olha tá, eu deixo claro lá na minha escola. O aluno faltou, eu estou à disposição da escola. (...) Meu aluno está na sala de aula, não me chame porque vai levar um não. Eu já digo isso nas reuniões. Se me chamar na hora que eu estou ali com aquele aluno, vai levar um não. Ela já sabe e nem vem atrás. Mas faltando, eu estou à disposição da escola. Então depende do intérprete, eu já coloquei isto, eu já me sentei com a professora da sala, nós já entramos neste consenso. Eu deixo claro, a regente é a professora tal, eu estou aqui trabalhando com o aluno surdo. Atendendo a necessidade do aluno, nada me impede de ajudar outro coleguinha. Enquanto não, de forma nenhuma. Nós temos uma boa relação. Desde que você deixe claro”.</p>
<b>TIL V</b>	<p>“Ela de certa forma é grata, porque é uma ajuda na sala de aula para ela. Quando eu cheguei ela falou que ficava meio perdida, porque tinha os meninos, ainda tinha que dar conta do surdo. Aí ela disse que ficaria sem saber como agir, o que fazer? E quando o interprete entra na sala de aula que tem mais noção de LIBRAS, sabe como passar para o aluno, então já é uma preocupação a menos. E ela é colaboradora, a professora”.</p>
<b>TIL VI</b>	<p>“Acontece muito isso, jogam o aluno surdo para o apoio, só que é uma dificuldade de muitas escolas, mas especificamente na que eu atuo existe uma conscientização lá na escola. É mais assim, que vez por outra, de alguém chegar, o coordenador, quais as atividades que você está fazendo com ele? Eu tenho que falar, que eu tenho que adaptar o que ele está aprendendo na turma, porque se não, não teria lógica pela perspectiva da inclusão”.</p>

**FD: Conflito de identidade entre instituição e o tradutor e intérprete de LIBRAS.**

<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Excerto de Depoimentos (ED)</b>
<b>TIL III</b>	<p>“Então eu acho que tem que ser um conjunto, tem que ter o apoio da escola. Porque a escola joga para a gente. Tem uma aluna surda na escola e a responsabilidade é tua e ponto. Mas não tem uma intervenção da escola em perguntar: Como está aquela aluna surda? Quais são as dificuldades? Estas coisas assim, para a gente sentir mais apoiada”.</p>
<b>TIL IV</b>	<p>“[Estágio] É terrível! Eu vou te dizer por quê. Você pega profissionais, formados, especializados para colocar como estagiários. E o salário é inferior ao salário mínimo. É difícil. Eles nem fazem um contrato, porque o contrato permitiria um salário melhor e algumas questões como férias, como décimo terceiro. Eles preferem manter esta questão do estágio, e você precisa está estudando”.</p> <p>“Precisou além da minha atuação, de outras coisas a mais. Até mesmo do envolvimento das pessoas da escola, é importantíssimo o envolvimento das pessoas da escola, porque o surdo não é do intérprete”.</p>
<b>TIL V</b>	<p>“Eu não concordo, o ideal seria, ou contratar, fazer um contrato, ou colocar como um trabalhador mesmo, assinar a carteira, estas coisas, ter um vínculo mais fixo”.</p>
<b>TIL VI</b>	<p>“É mais assim, que vez por outra, de alguém chegar, o coordenador, quais as atividades que você está fazendo com ele? Eu tenho que falar, que eu tenho que adaptar o que ele está aprendendo na turma, porque se não, não teria lógica pela perspectiva da inclusão”.</p>
<b>TIL VII</b>	<p>“Em relação a prefeitura, o que seria muito bom, é que eles tivessem um cuidado a mais fornecendo cursos, porque as vezes quando se tem cursos e a informação chega a nós, já tem passado o prazo ou</p>

	então, só é curso básico, curso básico no geral eu não tenho interesse, teria se fosse um curso intermediário e tem tantos professores que tem interesse, mas eu não tenho tempo de está ensinando, mas se tivesse um curso mais amplo e pessoas para irem até as escolas ensinar seria bem melhor”.
--	--



## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 16– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IA

**Observação:** 07/11/2013

Este sujeito da pesquisa trabalha na escola I, no horário da tarde, em uma turma de 3º ano do ensino fundamental.

Os alunos quando chegam à escola vão direto para sala de aula.

A porta da sala de aula é de mais larga que o tradicional (80 ou 90 cm), possibilitando a entrada de uma cadeira de rodas. A sala possui uma boa iluminação, com forro de PVC branco e um aparelho de datashowafixado no forro.

As paredes são recobertas com cerâmica branca até 1,50 m aproximadamente e acima pintura na cor branca. Ao passar pela porta, na mesma parede em ela está fixada, na parede do lado direito possui um quadro branco em que estão expostos alguns cartazes (quadro de silabas e algumas atividades dos alunos) e acima do quadro um alfabeto maiúsculo e minúsculo, e um alfabeto manual. Na parede em frente à porta, duas janelas basculantes de aproximadamente 1 por 2 metros. Na parede do lado esquerdo da porta, final da sala, também possui cartazes afixados (aniversariantes por mês, combinados – forma de dizer contrato pedagógico, isto é, regras de convivências e atividades dos alunos). Os alunos ficam sentados de costa para esta última parede descrita. E a parede oposta a esta última é a frente da sala, contendo uma lousa digital, em que o projetor preso no teto está direcionado. Neste quadro possui duas caixas de som embutidas na moldura, o mesmo é curvo, a parte central mais profunda e as laterais inclinadas para fora.

Os alunos estão organizados em filas voltadas para o quadro digital. No lado direito do quadro digital encontra-se um armário na cor azul claro e acima deste armário, várias caixas contendo material dourado.

A TIL atende dois alunos: uma com 30 anos, com múltiplas deficiências, sendo uma delas surdez e outro aluno surdo, que possui deficiência intelectual, dificuldade de locomoção, arrasta uma perna. De acordo com a TIL, este último aluno apresenta traços de autismo, contudo não tem este diagnóstico fechado.

Na sala, além da professora e da TIL, tem uma professora de apoio para acompanhar uma aluna com PC, paralisia cerebral, de 9 anos, que não fala, parece entender, as reações dela são um sorriso exagerado, ou tristeza, expresso através das lágrimas correndo pela face. Ao observar a ambienteligeramente parece que são salas de aula independentes usando o mesmo espaço.

A TIL interage com a aluna com sinais específicos, cores, substantivos concretos. Frases simples. O aluno faz atividades autônomas. A TIL propõe, mas ele que decide se realiza ou não as atividades. Hoje, ele está desenhando o rótulo de um biscoito que ele trouxe de casa.

Na sala tem uma aluna com dificuldade na fala oral e uma perca auditiva, ela não ouve mais de um metro, ela procura a TIL para sinalizar algumas coisas básicas, contudo a família não quer que a escola trabalhe com ela a língua de sinais. Esta aluna não apresenta ser fluente, nem em português na forma oral, nem em LIBRAS.

A professora aponta que a aluna não acompanha as atividades. Sob a nossa ótica a aluna com déficit auditivo seria alvo da interpretação, contudo a família possui o direito a escolha da opção linguística de sua filha.

Pela caracterização da sala e do trabalho da TIL, resolvemos descartar as demais observações. O contexto descrito e a atuação do TIL com perfil mais forte de apoio, não se alinha ao objeto de estudo deste trabalho específico.

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 17– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IB

#### 1ª Observação: 07/11/2013

Este sujeito trabalha na escola I, no horário da noite, em uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA, na 2ª fase, que corresponde ao 4º e 5º ano do Ensino fundamental. A TIL nesta sala acompanha uma aluna surda. As aulas começam às 19 e terminam às 22 horas. Usa-se a mesma sala da TIL Ia, a descrição da sala está no Apêndice 15.

Hoje a professora avisou aos alunos sobre uma palestra com os Alcoólicos Anônimos – AA, no pátio da escola e a TIL realizou a interpretação para a aluna.

No pátio da escola, a TIL sentou-se na frente da aluna. A TIL apresenta dificuldade na interpretação para LIBRAS, alguns dos fatores percebidos é a velocidade do palestrante, sua fala é feita através da leitura, muito rápida. Também alguns termos específicos desconhecidos pela TIL.

A TIL usa uma interpretação mais literal, contudo algumas expressões ficam agramaticais na LIBRAS. A TIL usa da interpretação simultânea como estratégia para interpretação.

A TIL senta-se a cerca de 50 cm de distância da aluna surda e eu sentei ao lado da aluna. Olhar a TIL causa certo desconforto visual, pela proximidade.

A TIL está sentada do lado oposto do palestrante. O palestrante está em pé do lado oposto do espaço e a TIL do lado contrário. A aluna surda não tem uma visão clara dos movimentos/expressões do palestrante de forma simultânea com intérprete. Se a TIL estivesse em pé ao lado do palestrante, seria uma postura mais adequada, pois daria uma visão mais ampla para a usuária do serviço.

A escola no turno da noite só tem uma sala com aluno surdo, isto dificulta o trabalho, pois se tivesse mais de uma sala, haveria a possibilidade de revezamento dos TILs, necessário em uma interpretação de qualquer língua, em eventos, palestra no horário escolar (dependendo da quantidade de minutos, principalmente em uma interpretação simultânea). Também ajudaria a desenvolver a LIBRAS pelos intérpretes e pela comunidade surda da escola. Habilidade em uma língua se conquista nos contatos, na interação, não no isolamento.

A TIL necessita sair do ambiente, e não há outro profissional para substituir. A aluna no intervalo de saída da TIL ficou sem acesso as informações.

#### 2ª Observação: 08/11/2013

A professora começa a aula com uma oração e a TIL faz a interpretação simultânea para a LIBRAS.

Na sala tem outro aluno que está sendo acompanhado por outro profissional. Este aluno tem dificuldade de aprendizagem, e não havia percebido na primeira observação. A professora é que apontou nesta aula. Por ser uma turma de adulto, pareceu ser uma dupla de colegas sentados juntos, já que é o costume da sala.

A professora propôs uma atividade do livro para os alunos. A primeira questão era sobre palavras embaralhadas para organizar em ordem alfabética e completar com uma palavra final. A segunda era para dividir

as sílabas da palavra “natureza”. A professora explicou o que queria e a intérprete, disse o mesmo para a aluna em LIBRAS. A aluna não tem uma boa fluência em LIBRAS, não compreende claramente a TIL. A TIL informou que a aluna apresenta um comprometimento cognitivo e o seu interesse é fazer cópia do quadro. As atividades propostas não tiveram sentido para a aluna surda, sua alfabetização não pode ser baseada no aspecto fonético da língua portuguesa. Na questão da divisão silábica a intérprete orientou a aluna separar de duas em duas letras, para a questão específica deu certo, contudo não é uma regra do português e nem foi uma informação oferecida pela professora.

**3ª Observação:** 12/11/2013

A professora começou a aula com uma oração no momento a TIL não estava na sala. Logo em seguida a professora introduz a discussão sobre a aula anterior e a TIL realiza a interpretação simultânea, durante a fala da professora aparecem termos específicos que a TIL desconhece e a TIL usa da datilologia, soletração do termo com o alfabeto manual.

A TIL sinaliza a discussão e a professora conduz o tema partindo da palavra “guerra” que está em destaque no livro didático usado, e surgem as perguntas: Porque existe guerra? Quem provoca? A TIL faz a interpretação, contudo a aluna surda muitas vezes repete, como um espelho, os sinais que a TIL faz, ou não responde, parece não compreender o que está acontecendo.

A aluna surda tem muita dificuldade na sua língua materna, a LIBRAS, muitas vezes utiliza de gestos (movimentos aleatórios, não padronizados) e mímicas. A comunicação da aluna está ligada ao concreto, principalmente através da apontação (indicação com o dedo de um objeto presente).

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 18– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS II

#### 1ª Observação: 19/11/2013

Esta é uma turma do 5º ano do ensino fundamental e funciona no horário da manhã, iniciando às aulas às 7h30min. Quando os alunos chegam à escola vão direto para a sala de aula.

Ao passar pela porta da sala em que o sujeito da pesquisa está locado, observam-se as paredes pintadas na cor azul do piso até cerca de 1,20m, uma faixa laranjada de aproximadamente 15cm e o restante da parede de branco. O teto é de laje, também na cor branca.

Na parede em que a porta está afixada, do lado esquerdo, está localizado um quadro digital, com caixas de som embutidas na moldura do próprio quadro, uma de cada lado. Do lado direito do quadro encontra-se o birô da professora, com uma cadeira.

Na parede lateral da sala, ao lado direito da porta, tem um quadro branco, que é usado como mural informativo. Neste mural encontram-se: algumas notícias, recortes de jornale um alfabeto manual com uma figura. Para cada letra, um desenho que começa com a letra indicada (em impressa e cursiva), cada uma no tamanho de uma folha de papel ofício.

A professora inicia a aula com um debate sobre valores (preconceito, respeito,...), e a TIL senta-se na primeira cadeira da primeira fila, partindo da porta. Sentada de costa para a porta e de frente para a aluna que está sentada na segunda cadeira da mesma fila, uma de frente a outra. A TIL realiza a interpretação sentada, de forma simultânea e a professora interage com a aluna surda com alguns sinais.

O tema da aula de hoje é “Dia da consciência negra”. A professora chama alguns alunos para apresentar uma pesquisa prévia sobre o tema da aula. A TIL ,durante a apresentação dos alunos, faz uma interpretação com uma linguagem simplificada (retirando informações, resumindo o que está sendo dito). A TIL poderia ter ficado em pé ao lado dos alunos no momento das apresentações, para que a aluna tivesse um visão mais ampla, vendo concomitantemente tanto a apresentação dos colegas, quanto a interpretação da TIL.

No fundo da sala, no lado oposto ao quadro digital, uma janela basculante coberta por uma cortina. Demais paredes com cartazes, calendário, dois armários. No teto um aparelho data show fixado, e voltado para o quadro digital.

A TIL usa a estrutura sintática da língua portuguesa para interpretar para LIBRAS, por esta questão, algumas informações ficam confusas. Os elementos que fazem a coerência na língua portuguesa e na LIBRAS são distintos, faz-se necessário conhecer as especificidades de cada língua, não apenas o seu vocabulário.

No caso de alguns termos desconhecidos por parte da TIL durante a interpretação poderiam ser utilizado o uso de paráfrase ou do empréstimo linguístico, soletrando o termo da língua portuguesa com o alfabeto manual, isto aconteceu na aula de geografia.

A professora pede para a aluna surda, através da mediação da informação pela TIL, localizar no mapa o estado de Pernambuco. A aluna aponta no mapa, e a professora pergunta, onde fica a capital? A TIL sinaliza onde fica Recife? A professora pergunta sobre a capital de Pernambuco, sem identificar, deixando a informação implícita, a TIL explicita a informação, talvez a TIL não conheça o léxico capital em LIBRAS, se fosse o caso

poderia perguntar: Qual a principal cidade de Pernambuco, ou a cidade o palácio do governo, ou... (existem inúmeras formas de organizar esta sentença, sem informar o que não foi dito). Contudo, a TIL usa de uma estratégia para realizar a interpretação.

A professora faz algumas perguntas sobre as regiões brasileiras, capitais de estados, em que região do Brasil se localiza alguns estados; a TIL transforma as perguntas em afirmações.

A professora pergunta quais os países da América do Sul que não faz fronteira com o Brasil, a TIL pergunta em LIBRAS e responde em seguida em LIBRAS, contudo sinaliza Chile, não diz Equador, poderia ter feito a datilologia do nome do país, a TIL fica procurando no mapa para mostrar para a aluna surda.

### **2ª Observação: 03/12/2013**

Houve um problema de saúde com a professora regente da sala. Foi solicitado a autorização (através do termo de consentimento) para a nova professora e foi consentido e a mesma colocou-se a disposição.

A aula do dia inicia-se com a professora fazendo a verificação da presença dos alunos, a chamada. A TIL conferiu com a aluna surda atividade para casa. E foi dizendo em LIBRAS para a aluna surda algumas palavras no alfabeto manual.

A TIL leva o caderno da aluna surda para a professora observar.

A professora copia uma atividade de matemática no quadro sobre frações, contudo a aluna surda continua em outra atividade dirigida pela TIL– resolução de algumas contas de multiplicação.

As 8h50min, os alunos da sala são convidados a assistir uma apresentação dos trabalhos da turma do quarto ano, que colocaram mesas no pátio e expõem/explicam suas produções. Os alunos do quinto ano, em que a TIL trabalha, vão passando pelos trabalhos e a TIL fica ao lado da aluna surda ou atrás dela, dificultando que a aluna tenha acesso às maquetes e as falas. Como olhar para frente para as figuras e a interpretação das explicações ao mesmo tempo, olhar para a TIL que está atrás dela. Talvez se a TIL estivesse do outro lado, ao lado dos alunos que estão apresentando, a aluna surda teria uma visão mais clara. A localização da TIL não favorece a compreensão efetiva das apresentações pela aluna surda.

Na sala de aula, além da aluna surda, tem a presença de outro aluno com deficiência, usuário de cadeira de rodas e com paralisia cerebral. Este aluno é colocado fora da sala com a ajuda da TIL, nestes momentos a aluna surda fica sem acesso as informações emitidas pela professora. A professora não espera a volta da TIL para continuar as explicações.

### **3ª Observação: 04/12/2013**

A professora inicia a aula com a reza “Ave Maria”, a TIL não estava na sala para interpretar este momento, ela precisou sair da sala para pegar material para a professora.

A professora pede ajuda da aluna surda para distribuir os livros de matemática. A professora diz o nome oralmente, a TIL diz o sinal do aluno (sinal de uma pessoa é uma identificação, para não ter que soletrar o nome da pessoa, seria como o nome da pessoa em língua de sinais) e a aluna entrega o livro.

A aula inicia-se com professora lendo a página 92 do livro de matemática, envolvendo multiplicação. Enquanto a TIL trabalha fração com a aluna surda.

A turma é liberada às 10h, para os professores organizarem a documentação de fim de ano letivo.

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 19– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS III

#### 1ª Observação: 05/11/2013

Ao chegar à escola às 12h50min, no turno da tarde, turno este em que o sujeito da pesquisa está locado e trabalha em uma sala de aula com uma aluna surda. No portão encontram-se dois porteiros que solicitaram minha identificação, expliquei-lhes o motivo da visita e que já tinha a autorização da diretora e o encaminhamento da secretaria de educação.

Às treze horas o portão principal de acesso à escola é aberto e os alunos se organizam em filas, cada sala duas filas, uma para meninos e outra para meninas, faz orações e as turmas são encaminhadas para as salas.

A sala em que a TIL trabalha é uma sala do 2º ano do ensino fundamental, localizada no andar inferior da escola, o terreno da escola é enladeirado e o lado esquerdo da porta da sala fica o portão de acesso secundário, na rua lateral da escola. A escola está situada em uma esquina.

O teto da sala é o piso do andar superior e está pintado de branco e no centro da sala possui uma coluna (pilar), do piso ao teto.

As cadeiras dos alunos são organizadas enfileiradas, perfazendo cinco filas, a terceira fila é dividida pelo pilar.

A aluna surda senta-se na quinta cadeira (última), da quarta fila, partindo da porta e a intérprete senta-se de costa para o quadro, sua cadeira fica encostada na coluna e em frente da aluna. Do lugar que a aluna está sentada, pode-se ver tanto do quadro, quanto da TIL. A TIL justifica que a aluna surda fica no final da sala, pois ela tem quinze anos e está fora de faixa, acima da média de idade dos demais alunos, que é de oito anos, sendo mais alta que os outros.

A professora pergunta aos alunos o tema gerador da quinzena, que é “Valores da sociedade: Todas as grandes coisas são simples e muitas podem ser expressas numa só palavra” e a TIL posiciona-se em pé na frente da sala e interpreta a fala da professora. A professora relembra a rotina: oração (religiosa), música da cantata de natal e uma música de relaxamento. Canta-se uma música de proteção e faz-se a oração e os alunos em pé repetem. A TIL faz a interpretação simultânea.

Uma música de roda é tocada em um aparelho de CD player e a TIL no centro da roda interpretando, os alunos rodando, cantando e acompanhando a melodia e a TIL rodando acompanha a aluna surda sempre de frente a ela. Ainda em círculo é cantada a oração de São Francisco, a professora estimula todos a cantarem em LIBRAS, imitando a TIL.

As paredes da sala são de duas cores, até aproximadamente 1,20m do chão, azul claro em tinta a óleo, uma faixa de 10 cm na cor laranja, também em tinta a óleo e acima desta faixa a parede é branca.

Na frente da sala um quadro branco e acima dele um alfabeto de emborrachado em duas filas, a primeira das letras “a” até “m” e a segunda de “n” até “z”. Cada letra é apresentada nas formas maiúscula e minúscula, tanto de forma, quanto manuscrito.

Fixado no lado direito do quadro, um cartaz com o tema gerador. Nas paredes tanto do lado direito, como do lado esquerdo, vários cartazes (calendário, lista dos aniversariantes por mês, sinais de pontuação,



figuras planas, lista dos alunos). Ao fundo da sala um prateleira com livros didáticos, uma estante e um filtro de barro. Por orientação da professora alguns alunos usam seu próprio copo, a escola disponibiliza quatro copos para aqueles que não tiverem.

Nas costas do pilar, acima da cabeça da TIL, está afixado o alfabeto manual e de impressa, em uma folha de papel ofício.

A TIL orienta a aluna fazer uma atividade de português, sobre a mudança de significado em algumas palavras com o uso do r e do RR (caro, carro, aranha, arranha,...).

A professora introduz o tema carta, sua estrutura e a TIL sentada no seu lugar, começa a interpretar a fala da professora, mas a aluna começa a dialogar sobre o tema com a TIL. A TIL “ouve” a aluna, que trata de sua experiência.

A TIL enquanto observada realiza a interpretação e posterior esclarecimento, explicação para a aluna, estabelecendo um dialogo continuo. A TIL informou que a aluna além da surdez é hiperativa e utiliza remédio controlado.

A TIL e a professora parecem não estarem em acordo com as atribuições da TIL. A professora questiona a TIL sobre algumas atitudes da aluna, o porquê da aluna não acompanhar a leitura no livro? A TIL justifica que ou a aluna olha para a TIL, ou olha para o livro.

As respostas para as perguntas que a professora faz sempre são respondidas para a TIL, a aluna não apresentou interação com a professora.

A relação entre a TIL e a aluna é muito amistosa. A TIL sempre conduz a aluna a realizar as atividades propostas pela professora.

No momento da atividade para casa, enquanto a aluna copiava, a professora explicava, os demais alunos acompanhavam auditivamente, simultaneamente a cópia, a TIL resolveu fazer uma interpretação consecutiva, logo após a aluna concluir a cópia, a TIL interpretou a fala da professora. A professora não percebeu o processo, parece ignorar a presença da aluna surda na sala, ou deixar sob a responsabilidade da TIL.

## **2ª Observação: 12/11/2013**

A aluna não veio para a escola hoje, o horário da observação foi usado para fazer a descrição da escola.

A escola dispõe de um espaço físico com: uma diretoria, uma sala de professores, nove salas de aula, seis sanitários, uma cozinha, uma dispensa, um almoxarifado, um auditório, um pátio sem cobertura, uma quadra esportiva em anexo e uma sala de leitura. Quanto à equipe técnico-administrativo-pedagógica é composta de: uma gestora, um chefe de secretaria, um auxiliar de secretaria, um coordenador pedagógico, um coordenador de um programa específico, dois agentes de disciplina, três merendeiras e seis serviços gerais. As informações deste item foram coletadas no projeto político pedagógico da escola, disponibilizado pela secretaria da escola.

A escola está localizada em uma esquina. A frente da escola fica abaixo do nível da rua, ficando recuada cerca de dois metros. O acesso principal é um portão de ferro e alguns degraus. Passando pelo portão principal, temos acesso a uma sala, em que no horário da chegada os alunos fazem filas e orações, recebem alguns avisos e são encaminhados para suas salas. Nesta sala tem duas portas a esquerda, uma porta a direita e uma porta a frente para entrada nas demais repartições da escola através de um corredor.

Nas portas a esquerda, a primeira dá acesso a uma sala de leitura, sala esta que possui estantes de ferro com livros e duas mesas hexagonais com cadeiras e a segunda porta fica a secretaria da escola, quando a porta da direita é o acesso a uma sala de aula.

A escola tem dois pavimentos, a entrada principal é o acesso do pavimento superior. Seguindo o corredor a esquerda é o acesso do banheiro dos professores, com ventilação através de tijolos vazados, cobogós. Uma cozinha com um grande basculante. O acesso aos banheiros dos alunos tem um degrau com cerca de 10 cm e um corredor de cerca de 80 cm.

A escola possui um auditório suficiente para receber todos os alunos do turno, com um palco que está sendo usado como um depósito de cadeiras.

No final do corredor, do lado esquerdo, um portão de ferro que dá acesso a uma escadaria que leva as salas do andar do piso inferior da escola. A sala em que a TIL está locada fica no piso inferior, próxima ao portão secundário da escola e o acesso a quadra.

Pelo lado de fora da escola, na calçada possui um portão independente que dá acesso a quadra, por onde a comunidade tem acesso e usa-a nos fins de semana.

### **3ª Observação: 26/11/2013**

A professora começa a aula com a leitura do livro “Bruna e a galinha de D’angola” de Gersilga de Almeida. Logo em seguida a professora fala do termo “terra natal”, a TIL fez uma explicação sobre o termo, se fosse uma paráfrase, a TIL deveria ter soletrado o termo, e feito uma breve explicação, talvez isto seria o indicado. A TIL pegou o tema proposto e construiu o seu próprio discurso.

A professora distribuiu alguns textos (algumas imagens, fotografias, propagandas, anúncios, cardápio de restaurante, tirinhas), para cada aluno teria que ir a frente e apresentar seu texto. Quando a TIL começou interpretar a fala dos alunos, a aluna surda não consegue prestar atenção, a aluna surda é hiperativa, fica estabelecendo uma conversa, dando exemplos. A TIL falou que a aluna surda fica sentada, mas antes nem isso conseguia. A TIL justifica que a interpretação é feita como um dialogo pela necessidade da aluna surda, talvez se a TIL ficasse longe da aluna, em pé na frente da sala, a aluna compreendesse melhor a função da TIL.

A aluna surda foi na frente da sala para apresentar o seu texto também (um cardápio), a TIL fez a interpretação para o português oral, se levantou e ficou perto da aluna.

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 20– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS IV

#### 1ª Observação: 30/09/2013

Ao chegar à escola para realizar a primeira observação às 7h30min, encontra-se o portão fechado, algumas crianças acompanhadas por adultos/mulheres.

A rua em frente à escola não possui pavimentação, sendo o seu acesso à via principal através de uma rua um pouco mais estreita que as demais.

A escola é separada da rua por um muro, com uma pintura desgastada, suja. Possuindo um letreiro quase ilegível com a identificação da prefeitura. O acesso à escola é único, um portão de metal com cerca de dois metros e meio de largura, sendo dividido em duas partes a inferior que é de material de porta de rolo e a superior com barras cilíndricas de ferro. Por este portão, é possível o acesso de carro e dos pedestres (funcionários, professores, alunos,...), este portão está localizado no lado direito do terreno da escola, sob a perspectiva de que olha para ele.

A fachada do prédio é recuada, cerca de quatro metros, possuindo dois pavimentos (térreo e primeiro andar). Na fachada possui quatro degraus para acesso principal ao prédio (piso da escola é mais alto que o nível da rua), o segundo acesso pode ser feita pela lateral direita do prédio, em frente ao portão de entrada. Na fachada encontra-se a identificação da escola pintada em tinta a óleo e uma placa de outra instituição que também compartilha o uso do prédio.

Ao passar pela porta principal, após os degraus da entrada, encontra-se um rol com uma porta do lado esquerdo, que dá acesso à cozinha, com móveis antigos, vários baldes, estrutura que não suporta de forma ideal o preparo dos alimentos. Do lado direito fica a secretaria e a direção, contudo sua porta fica voltada para o pátio, locada depois do rol, supracitado, um ambiente pequeno com a superlotação de armários, dificultando a locomoção interna pela incompatibilidade do mobiliário com o espaço.

A recepção dos alunos é feita no pátio, em que funciona uma sala de aula de um projeto específico. No lado esquerdo, do pátio, junto à parede da cozinha está localizado o acesso à sala de leitura (termo utilizado pelos professores para nomear o local). Na sala de leitura, localizada no primeiro andar, espaço visualizado na fachada, fica em cima da secretária, cozinha e rol de entrada. O acesso é estreito, com uma sequência de degraus. A sala é de difícil acesso para os alunos, principalmente pela idade dos mesmos. Percebe-se um acervo infanto-juvenil pobre (poucos livros) e desgastado (folhas rasgadas, sujas), apesar das dificuldades, o mesmo é bem utilizado pelos alunos e pela comunidade. A comunidade usa o espaço como biblioteca comunitária, com empréstimo de livros (outros gêneros textuais também são percebidos).

O pátio também funciona com sala de professores, e possui uma mesa em que é servido o lanche dos professores. Na parede do lado esquerdo tem um acesso em que do lado esquerdo fica uma dispensa com material de limpeza (a porta estava aberta) e do lado direito um banheiro para uso de funcionários e professores, com uma estrutura precária: um vaso, paredes sujas, sem ventilação, uma pequena pia, uma aparência que não demonstra cuidados.

No final do pátio, do lado direito observa-se uma porta de metal que dá acesso a duas salas de aula, através de uma passagem coberta. Ainda no pátio, no lado esquerdo desta porta está o quadro de alvenaria pintado de verde em que a professora dirige sua aula.

Seguindo a passagem, a primeira sala é a sala em está localizada o aluno surdo e o sujeito da pesquisa, o TIL IV – tradutor e intérprete de LIBRAS IV. E no final da passagem está localizado dois banheiros, para os alunos. O acesso aos banheiros de uso pelos alunos é descoberto. Os banheiros não têm ventilação, para entrar encontra-se um degrau com cerca de quinze centímetros, ambos com a mesma estrutura, vaso e pia. Não é disponibilizado sabão, nem toalha para enxugar as mãos.

Do lado oposto as duas salas, que estão na passagem coberta, estão mais duas salas, sem acesso coberto, sendo uma delas sem janela.

O recreio funciona em horários distintos, três salas dos alunos menores das 10 às 10h20min e as duas salas restantes, das 10h20min às 10h40min. A fim de minimizar acidentes entre as diferentes faixas etárias.

Ao abrir o portão principal, os alunos vão para o pátio e se organizam sala por sala, em duas filas, uma de meninos e outra de meninas. São rezadas as orações do “Pai nosso”, “Ave Maria” e “Santo Anjo” dirigida por duas professoras, sendo uma delas o nosso sujeito da pesquisa, e as crianças são enviadas para suas salas perfiladas.

A intérprete acompanha os alunos para a sala e os recebe. O aluno surdo que ela presta atendimento ainda não chegou, nem a professora. A intérprete estabelece uma conversa inicial com os alunos, perguntando sobre o dia anterior e estimulando aos alunos se organizarem. A professora chega e assume a regência da sala.

A intérprete senta-se e aguarda a chegada do aluno surdo.

Um fato interessante, uma das alunas da sala se direcionou para a TIL e pedi em LIBRAS, para ir ao banheiro. Ela permite.

A sala de aula possui uma porta de madeira pintada de azul marinho, com a mesma cor a parte inferior das paredes da sala na altura aproximada de um metro e sessenta centímetros do chão, sendo esta pintura desgastada. Na porta algumas marcas de fita adesiva e nas paredes, aparecendo pontos verde-claro, aparentando ser a cor anterior. Acima da faixa destacada a parede está pintada de branco.

Na parede em que a porta está localizada possui duas fileiras de cobogóis (tipo de tijolo vazado, para construção de paredes, possibilitando a passagem de ventilação e iluminação), estes estão voltados para a passarela coberta de acesso a sala.

Ao entrar na sala, na parede do lado direito, possui um quadro branco, e a cima deste, em duas filas, o alfabeto manual, de impressa e cursivo, maiúsculo e minúsculo, com uma figura ao centro de cada quadrado, em que as letras estão representando a primeira letra da figura. No lado direito do alfabeto do alfabeto encontra-se um ventilador, fixado na parede.

As cadeiras dos alunos estão organizadas em filas, parece que os alunos já possuem os seus lugares pré-estabelecidos. Estas filas estão voltadas para o quadro. Estou sentado na 1ª fila, 5ª cadeira, lugar indicado pela TIL, ela fica na mesma fila com o aluno, junto a parede da porta.

Na frente da sala (lugar do quadro) à minha esquerda, possui um birô com uma cadeira em que a professora organiza seu material.

A parede em frente à porta, a esquerda do observador, possui uma janela basculante, coberto com uma cortina improvisada. Na parede do fundo da sala possui um quadro verde de alvenaria e no lado direito no encontro das duas paredes, dois armários, abaixo do quadro uma prateleira contendo livros didáticos.

O telhado é de telha de fibrocimento com ondulação de telha canal, aparecendo alguns buracos, que durante chuvas deve apresentar goteiras.

A iluminação é suficiente, apesar de uma das lâmpadas está queimada.

Ainda na frente da sala, próximo a porta encontra-se uma pequena mesa com um filtro de barro, com três copos de plástico de uso coletivo pelos alunos.

O piso da sala é de granito.

Atrás da porta está fixado um cartaz, com as famílias silábicas, em que as colunas são as vogais e as linhas são as consoantes e as famílias silábicas estão expostas.

Os alunos estão sentados em cadeiras com assento e encosto de plástico na cor azul marinho, fixados a estas tem uma mesa através de um braço de metal.

Antes de servir o lanche para os alunos, uma das funcionárias da escola passa com um balde com água e os alunos lavam as mãos (molham as mãos) enfileirados e seguem para o pátio, pegam o seu prato e voltam para a sala de aula, isto antes do recreio.

A equipe gestora da escola é composta pela diretora, uma coordenadora pedagógica e secretária. Também a escola possui um auxiliar de secretaria por turno, perfazendo três. Cada turno possui um auxiliar de disciplina e dois serviços gerais. No total funcionam 10 salas na escola, quatro no turno da tarde, quatro pela manhã e duas à noite.

A escola oferece educação infantil e do 1º ao 5º ano do ensino fundamental nos horários da manhã e tarde, já a noite é oferecido a EJA – Educação de Jovens e Adultos, sendo 1ª e 2ª fases, que correspondem aos cinco primeiros anos do ensino fundamental, cada fase dura um ano.

Prioritariamente a TIL atua como “apoio pedagógico” para o aluno surdo e dependendo da compreensão da TIL pode apoiar os outros alunos e em caso de saída da sala da professora, a TIL auxilia no controle da sala, disciplina e condução das atividades.

Neste primeiro dia de observação, o aluno surdo não foi e foi feito a descrição da escola.

## **2ª Observação: 01/11/2013**

A TIL– tradutora/intérprete de LIBRAS - senta-se na primeira cadeira da 1ª fila e o aluno surdo na 2ª cadeira, a TIL de costa para a parede e o aluno na fila voltado para ela e para o quadro, podendo observar tanto a TIL quanto a professora. A TIL tem uma visão geral da sala.

A aula começa com a professora pedindo as atividades para casa, o aluno surdo não fez, a TIL orienta o aluno quanto à realização da atividade.

A TIL aparenta realizar um trabalho de parceria com a professora. A professora chama o aluno surdo para o quadro e aproxima-se dele e sinaliza [EU LHE AJUDO], o aluno não quis. A TIL e a professora me explicam que o aluno é tímido, neste instante o mesmo chora. Contudo, em poucos instantes volta a realizar as atividades.

A professora realiza uma brincadeira de lateralidade com os alunos, em que eles devem ficar parados (em forma de estátua), novamente o aluno surdo não quer participar.

Em seguida a segue-se para o momento da leitura de deleite, a TIL fica em pé na frente do aluno e vai fazer a interpretação para LIBRAS, de acordo com a leitura e as intervenções (falas, explicações e perguntas) da professora. Em alguns momentos, a TIL utiliza-se de uma paráfrase, explicando os termos que o aluno transpareceu não conhecer.

Hoje na sala registra-se também a presença do instrutor de LIBRAS. A TIL explica-me que a proposta seria que o instrutor atendesse em contraturno, contudo a família não disponibiliza de tempo para trazê-lo.

Após o intervalo a TIL, o aluno surdo e o instrutor se dirigem para a sala de leitura. A TIL conduz a atividade utilizando um alfabeto móvel de madeira. A TIL utiliza um caderno próprio para uso neste momento para que o aluno desenvolva algumas atividades específicas.

Encera a aula com o instrutor assumindo o trabalho e a TIL ficando na observação do trabalho do instrutor.

O horário do turno da manhã é das 7h30min às 11h50min, com exceção da sexta-feira, isto é hoje. Em que as aulas terminam às 11h e o instrutor de LIBRAS realiza o ensino de LIBRAS para os professores até o término do horário de expediente, às 11h50min.

No momento do ensino de LIBRAS para as professoras a TIL realiza a interpretação de alguns termos, quando necessário para o português, mediando a comunicação entre os professores e o instrutor, ou interpreta a do português para a LIBRAS, quando as professoras querem fazer alguma pergunta para o instrutor de LIBRAS, que é uma pessoa surda.

### **3ª Observação: 04/11/2013**

A observação iniciou-se às 7h20min da manhã, os alunos e alguns adultos aguardando no portão. Na cozinha em uma conversa informal, a cozinheira fale sobre a escola está cadastrada em um banco de alimentos de uma empresa da cidade, a empresa envia alimentos para complementar os enviados pela prefeitura. A prefeitura via secretaria de educação compra os alimentos, inclusive a agricultores locais possibilitando um cardápio mais regional, com raízes e frutas da região. A cozinheira informa que são três cozinheiras na escola, uma por horário (manhã, tarde e noite).

O cardápio é disponibilizado pela secretaria de educação e confeccionado por uma nutricionista, sendo adaptado/complementado com alguns alimentos do banco de alimentos.

As 7h30min os alunos adentram à escola e em fila fazem orações e são enviados para suas respectivas salas de aula, fila após fila. O aluno surdo sai da fila e cumprimenta o pesquisador.

Ao entrar na sala, percebem-se alguns problemas com a limpeza da sala, no dia anterior, um domingo, a comunidade usou a sala deixando-a suja: o quadro sujo de lama, um dos armários aberto e alguns materiais espalhados. A professora explica que o armário dela sempre fica fechado com um cadeado, para evitar imprevistos deste tipo, até porque já havia sido mexido em outro momento.

O uso da infraestrutura da escola pela comunidade é comum, principalmente nos fins de semana. (Reuniões da comunidade, terços e estudo de catecismo, velório). Informações prestadas pela professora.

O acesso a sala estava sujo, com água de chuva e lama. A escola não possui drenagem das águas pluviais.

A professora propõe uma atividade de descobrir palavras em português, contudo em vez de usar mímica, usam-se os léxicos da LIBRAS. A TIL sinaliza e os alunos dizem as palavras correspondentes. E o aluno surdo soletra a palavra usando a datilologia (uso do alfabeto manual), e os demais alunos fazem a soletração oral e com as mãos.

A professora realiza em seguida a leitura de deleite do livro “Sete camundongos” de Ed Young. A TIL usa a interpretação simultânea, de forma mais literal, com algumas paráfrases. A TIL apresenta dificuldades em alguns sinais (léxicos da LIBRAS) específicos, o sinal de domingo com direcionalidade invertida, em vez de fazer de fora para dentro, fez de o sinal de dentro para fora, em relação ao centro do rosto.

Quando a professora lê a moral da história a TIL, teve dificuldade de organizar a sentença em LIBRAS, ou seja, quebrar a metáfora e refazê-la em LIBRAS.

A professora usa a caixa de jogos do CEEL/UFPE(Centro de Estudos em Educação e Linguagem, da Universidade Federal de Pernambuco), divide a sala em quatro grupos e distribui o jogo “Quem escreve sou eu”. A TIL fica no grupo em que o aluno surdo está. A professora lê as regras e a TIL escuta e posteriormente explica para o aluno surdo. Isto é, faz a uma interpretação consecutiva.

O jogo proposto pela professora contém pares de cartelas iguais, com oito figuras, numeradas de 1 a 8. Um aluno fica com as cartelas com as palavras e outro com as cartelas com as figuras. O aluno com nome dita as palavras para o colega, que está com a cartela sem nome para escrever a palavra correspondente em seu caderno e posterior correção.

A TIL realiza o apoio de sala, orienta os alunos a fazerem as atividades, copiam do quadro, faz ponta de lápis,...

A professora copia no quadro a atividade para casa, enquanto isso, a TIL sentada em frente do aluno surdo orienta-o na cópia da atividade para o caderno.

A TIL comenta que a situação econômica da família do aluno surdo é difícil, e que já comprou caderno para o aluno, pois a família não disponibilizou, nem a escola tinha para a doação. Hoje a escola tem material, sempre que é diagnosticada a necessidade, a professora distribui materiais básicos (cadernos, lápis, borracha) para os alunos.

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 21 – OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS V

#### 1ª Observação: 06/11/2013

O turno de trabalho do sujeito da pesquisa na escola V é pela manhã, em uma turma de 3º ano. Ao chegar à escola às 7h30min fui recepcionado por uma servidora que pediu documentos de identificação e explicou que normalmente as visitas entram pelo portão principal a partir das oito horas, e é disponibilizado um crachá. Contudo, a servidora lembra-se da minha presença na escola para acordar as datas das observações e a solicitação de acesso à escola.

Os alunos quando entram na escola tem acesso direto às salas. A professora inicia a aula com uma oração e a TIL sentada ao lado do aluno, virada para ele, faz a interpretação para LIBRAS. Os alunos de maneira geral repetem a oração com a professora, entretanto o aluno surdo não repete.

A sala não possui porta, nem janela, nem ventilação. O ar da sala é abafado e com um cheiro de mofo. O acesso à sala é por um corredor, e no final dele, uma abertura na parede no formato de uma porta. A sala é com dimensões aproximadas de 4 (quatro) metros de largura por 10 (dez) de comprimento.

Ao entrar na sala, no lado esquerdo, frente da sala, fica um quadro branco, e em cima dele, um alfabeto com letras maiúsculas e minúsculas, tanto de imprensa, quanto cursiva. Abaixo do alfabeto o nome do projeto que a secretaria de educação adota. No lado direito do quadro uma porta dentro da sala, que dá acesso a um depósito de material (informação dada pela TIL). No lado direito da entrada da sala um suporte (pequena mesa) com um filtro de barro e três copos, um birô e uma cadeira para a professora e o acesso ao fundo da sala.

Os alunos estão dispostos em duas fileiras, encostada nas paredes da sala e um corredor central que dá acesso ao fundo da sala, dividindo a sala em dois grupos. Cada fila possui duas cadeiras juntas.

O aluno surdo senta-se no final da primeira fila, na última cadeira e a TIL na cadeira ao lado e eu fiquei uma cadeira atrás do aluno surdo. Na parede do meu lado esquerdo, no fundo da sala, um armário, e em frente dele uma prateleira com alguns livros, na parede do lado oposto.

As paredes da sala estão pintadas de duas cores, do chão até 1,20m de azul claro, em tinta a óleo, uma faixa de aproximadamente 10 cm na cor laranja, e branco na parte superior. A pintura bem envelhecida e com a aparência de mofo. O teto da sala é forrado de PVC, na cor branca e a iluminação é boa.

Nas paredes muitos cartazes, inclusive um com o alfabeto manual, com configurações de mãos que não são representam o alfabeto manual usado no Brasil.

A professora realiza a leitura de deleite “Sete camundongos cegos” de Ed Young. A TIL sentada ao lado do aluno surdo sinaliza a leitura e as perguntas que a professora faz durante a leitura. A posição em que a TIL está não favorece, pois o aluno não consegue olhar simultaneamente para a professora e as imagens que ela mostra e para a interpretação feita pela TIL. A posição da TIL restringe o ângulo de visão do aluno.

Em determinados momentos da leitura, a intérprete não consegue acompanhar, por causa da velocidade da leitura por parte da professora e a TIL como estratégia suprimiu algumas informações. O novo texto em LIBRAS fica com brechas, lacunas dificultando a compreensão. No momento em que a professora lê a moral



da história, a TIL apresenta dificuldade na quebra da metáfora, e a construção do novo texto, neste instante a TIL sorriu e olhou para mim.

A professora explica o uso de letras maiúsculas e minúsculas em algumas palavras do texto, a TIL tem dificuldade na interpretação e suprimiu algumas falas.

A professora fala de valores, discriminação e a TIL trás para sua interpretação exemplos extras, que não estão na fala da professora, acredito que para ser mais clara. Estes exemplos até certo ponto priva o aluno a dedução dos elementos implícitos na fala da professora.

A TILcola a atividade em dois cadernos: de uma aluna que tem dificuldade de aprendizagem (ainda que sem laudo) e de outro aluno que faz acompanhamento dois dias na semana, no horário escolar, em um centro de apoio – informações dada pela TIL.

A professora coloca um vídeo com uma música e apaga a luz (tendo na sala um aluno surdo e o seu acesso a informações é principalmente visual), sendo este vídeo sem legenda, e sem a presença de um TIL no vídeo. Caso a TIL quisesse realizar a interpretação visualmente seria muito difícil do aluno acompanhar. A TIL não interfere na ação da professora, nem explica a situação para a professora. O vídeo desta forma não é significativo para o aluno surdo.

Vários alunos da sala vão para o final da sala e imitam os passos e mímicas da pessoa que aparece na tela. O aluno surdo não tem acesso à letra das músicas que são projetadas.

A professora coloca no quadro a atividade sobre valores humanos. O aluno surdo copia do quadro e a TIL apoia o aluno surdo na realização das atividades. Questionando sobre as perguntas, provocando reflexão e caso o aluno não saiba escrever as palavras específicas, a TIL soletra (com o alfabeto manual) a palavra desejada pelo aluno.

Após o intervalo a professora trabalha a reflexão fonológica na escrita das palavras e a TIL com o aluno surdo trabalham uma atividade de matemática.

A TIL apoia de maneira geral a sala, aponta lápis, olha as atividades dos alunos.

Hoje foi aplicado um simulado para a “provinha Brasil”, exame institucional. A TIL faz a leitura em LIBRAS das questões para o aluno surdo.

## **2ª Observação: 29/11/2013**

A professora regente não vem para a sala nas sextas-feiras, ela estuda neste dia, a secretaria de educação envia todas as sexta uma substituta.

Na proposta de trabalho do dia, a nova professora distribuiu livros com os alunos. A TIL vai ajudando o aluno surdo a ler, palavra por palavra, pergunta ao aluno que palavra é esta, em pé ao lado do aluno.

A professora pede para um dos alunos da sala lê para os demais, todavia a TIL continua na leitura com o aluno surdo.

A professora coloca no quadro uma atividade, propondo que os alunos criem um história e elaborem cinco perguntas sobre o texto. Para isto distribui um desenho de um carro para ser colado no caderno. O aluno apenas cola a gravura e copia as orientações do quadro. Após isto segue a aula de educação física o aluno fica de longe olhando as atividades desenvolvidas.

**3ª Observação:** 02/12/2013

A professora inicia a aula com uma oração e a TIL fica em pé ao lado do aluno surdo e realiza a interpretação.

A professora canta com os alunos uma música, a TIL interpreta e também realiza uma conversa com o aluno sobre a mesma temática.

A leitura de deleite do dia é o livro “Para que serve o livro?”, a professora lê e a TIL faz a interpretação e muitas vezes descreve as imagens, o aluno na cadeira sentado de lado olhando para a TIL não tem acesso visual as ilustrações do livro, a professora está na frente da sala e mostra as figuras para os demais alunos. Será que seria necessário descrever as imagens? O aluno não pode observa-las diretamente?

A professora pede para os alunos se organizarem em círculo e distribui um livro para cada aluno. A TIL fica em pé perto do aluno surdo.

Depois do intervalo a professora coloca a letra da música “O pato” de Toquinho, e algumas perguntas de interpretação de texto. O instrutor entra na sala e trabalha com o algoritmo da subtração (a conta propriamente dita) com o aluno surdo.

## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 22– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VI

#### 1ª Observação: 08/11/2013

A sala de aula em que a TIL atende é de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Tomando como referência a porta da sala, a parede do lado direito fica o quadro branco, um birô e uma cadeira, em que a professora se localiza. Os alunos estão organizados em seis filas voltadas para o quadro. O aluno surdo fica sentado na última cadeira da sexta fila, partindo da porta, fila encostada na parede. Na parede em que está à porta possui duas janelas.

Nas paredes estão expostos cartazes. Na parede no final da sala encontra-se uma prateleira com alguns livros, nas paredes laterais junto ao birô um armário e entre as duas janelas outro armário.

O telhado é de telha canal. A sala possui boa iluminação, sem forro. A pintura é de tinta a óleo até cerca de 1,20m, uma faixa de 10 cm na cor laranja e acima desta faixa, a parede é branca.

A professora faz algumas orações, os alunos em geral ficam em pé, a TIL senta-se na última cadeira da 5ª fila, contudo ela não interpreta para o aluno surdo.

A sala canta uma música, a TIL avisa em LIBRAS, mas não interpreta a mesma.

A professora chama os alunos ao birô para pegar o livro que cada um está lendo, o aluno surdo não vai pegar. A TIL pega o livro para o aluno surdo e fica com o livro em sua cadeira, os demais alunos cada um com o seu livro.

O aluno pede para beber água para a TIL, em vez de pedir a professora.

A professora pede para a TIL ensaiar a música “A Casa” de Vinicius de Moraes, com os alunos da sala, que é ensinada literalmente palavra por palavra, na estrutura sintática da língua portuguesa, enquanto isto a professora sai da sala. Alguns sinais a TIL utiliza uma mímica (telhado, parede) ou confusos, com erro no movimento, direção do sinal, ou configuração de mãos (parâmetros da formação do sinal). O vocabulário de LIBRAS utilizado pela TIL, observado na interpretação da música parece ser pobre, restrito.

A TIL, enquanto a professora está fora da sala, chama o auxiliar de disciplina para ajuda-la na disciplina, sendo que este, o auxiliar de disciplina, senta-se na 3ª cadeira da 1ª fila.

A TIL orienta os alunos a fazerem a leitura do livro que foi distribuído, todavia os alunos ficam dispersos, andam pela sala, conversam entre si, e conversam com o auxiliar de disciplina e brincam. A TIL escuta a leitura de um aluno, enquanto os demais ficam sem atividade. De forma súbita uma cadeira é virada e o auxiliar de disciplina manda os alunos sentarem e ameaça um castigo, ficarem sem recreio com ele durante a semana.

A professora volta para a sala e começa a tomar a leitura individual dos alunos e a TIL continua a ouvir a leitura, aluno por aluno.

A professora pede a um dos alunos para distribuir uma atividade contendo o texto “O relógio” de Vinicius de Moraes, a TIL fica com a atividade do aluno surdo. A professora ler o texto e a TIL faz a interpretação com dificuldade, acredito porque o texto apresenta expressões idiomáticas próprias do português, que não tem na LIBRAS, por exemplo no primeiro verso “Passa, tempo, tic-tac”.

A localização da TIL não favorece a visão do aluno do texto escrito no quadro, enquanto é feita a leitura por parte da professora e dos colegas, a TIL sentada ao lado dele. O aluno precisa olhar de lado, não olha simultaneamente o texto associando os sinais com as palavras do quadro, não realiza leitura. O aluno é apático, não participa da dinâmica da sala, não tem acesso nem aos materiais diretamente.

A professora desenha no quadro um relógio e ensina leitura das horas, a TIL atende o celular e sai da sala, o aluno fica sem compreender, a professora não interage com o aluno surdo, nem coloca as horas proposta no quadro, vai informando como seria tal hora oralmente, só fala.

## 2ª Observação: 25/11/2013

Ao chegar à escola a TIL informou que a gestora da escola delegou para ela a responsabilidade de organizar um coral em LIBRAS. Hoje a TIL está passando nas salas coletando os nomes dos alunos que irão integrar o coral e posterior ensaio. Enquanto isto o aluno surdo está na sala sem interpretação.

A música trabalhada é “Paz pela paz” de Nando Cordel segue a letra da música e a interpretação usando glosas.

### **Paz Pela Paz Nando Cordel**

A paz do mundo  
|PAZ| |MUNDO|  
Começa em mim  
|COMEÇAR| |MIM|  
Se eu tenho amor,  
|TER| |AMOR|  
Com certeza sou feliz  
|FELIZ|  
Se eu faço o bem ao meu irmão,  
|FAZER| |BEM| |MEU| |IRMÃO|  
Tenho a grandeza dentro do meu coração  
|TER| |GRANDE| |DENTRO| |MEU| |CORAÇÃO|  
Chegou a hora da gente construir a paz  
Ninguém suporta mais o desamor  
|ESTAR-CHEIO| |AMOR-desmanchando|

Paz pela paz - pela criança  
|PAZ| |CRIANÇAS|  
Paz pela paz - pela floresta  
|PAZ| |FLORESTA|  
Paz pela paz - pela coragem de mudar.  
|PAZ| |CORAGEM| |MUDAR|  
Paz pela paz - pela justiça  
|PAZ| |JUSTIÇA|  
Paz pela paz - a liberdade  
|PAZ| |ESPERAR|  
Paz pela paz - pela beleza de te amar.  
|PAZ| |BELEZA| |VOCÊ| |AMAR|

(repetir a 1ª estrofe)

Paz pela paz - pro mundo novo  
|PAZ| |MUNDO| |NOVO|  
Paz pela paz - a esperança

|PAZ| |ESPERAR|  
Paz pela paz - pela coragem de mudar.  
|PAZ| |CORAQGEM| |MUDAR|  
Paz pela paz - pela justiça  
|PAZ| |JUSTIÇA|  
Paz pela paz - a liberdade  
|PAZ| |LIVRE|  
Paz pela paz - pela beleza de te amar.  
|PAZ| |BELEZA| |VOCÊ| |AMAR|

Após o ensaio às 9h40min, a TIL volta para a sala e ajuda a professora a ouvir a leitura individual dos alunos. Primeiramente do aluno surdo, mostrando as imagens de um livro, sem destacar o texto escrito, em seguida a professora vai indicando os alunos para a TIL ouvir a leitura individual.

Os alunos são convidados para realizar a leitura na frente da sala, da sua produção textual. Enquanto isto, a TIL apoia alguns alunos que não conseguiram produzir o texto. A atividade de produção de texto apresenta uma cena desenhada, um espaço para colocar um título, nomear os personagens, um menino, uma menina e um cachorro. E a frase a seguir: “Eles caminhavam felizes com seus balões, quando...”, em seguida nove linhas para cada aluno concluir sua história.

A TIL é convidada pela professora para ensaiar a música “A casa” de Vinicius de Moraes com os alunos da sala. A professora sai da sala e a TIL não tem domínio da sala, nem tão pouco consegue fazer o ensaio.

A professora volta para a sala, controla os alunos e a TIL ensaia a música proposta em LIBRAS.

### **3ª Observação: 27/11/2013**

Os alunos chegam à escola, alguns acompanhados por um adulto, se organizam em fila e são liberados para a sala de aula, turma após turma.

Na sala de aula a professora pede aos alunos para se levantarem para fazer uma oração, enquanto isto a TIL não chegou à sala. O aluno surdo não participa, todos em pé e o aluno não levanta e a professora não pede para o mesmo se levantar. A professora ignora o aluno surdo está sentado.

A TIL estava conversando com a mãe do aluno surdo, explicando sobre o comportamento, aprendizagem, relacionamento com os colegas. A mãe procurou a TIL, não a professora para obter informações do seu filho e a TIL não direcionou a mãe para falar com a professora. Hoje na sala, além de mim, da TIL e da professora, registra-se a presença do instrutor de LIBRAS, que também não foi convidado para conversar com a mãe. O instrutor de LIBRAS é responsável prioritariamente em apoiar o desenvolvimento da LIBRAS do aluno surdo, ensinar LIBRAS para a sala em que o aluno surdo está incluído e a comunidade escolar de maneira geral. O ideal é que o atendimento como instrutor ao aluno surdo fosse feito em contraturno.

A professora coloca no quadro a atividade para a sala e a TIL copia para o aluno surdo. Todos os demais alunos copiam do quadro. O aluno não quer copiar, está com aparência de indisposição, de acordo com a TIL está ele com preguiça. Qual a atitude em contexto deste? Precisa-se pensar sobre isto!

O aluno surdo abaixa a cabeça na banca, perde-se a comunicação, pois a comunicação com ele é principalmente visual, a professora ignora, o instrutor também ignora.

Após o recreio a TIL ensaia a música “A casa” com os alunos da sala. Em seguida a TIL dirige-se para a turma do quarto ano, para ensaiar as músicas “Paz Pela Paz” de Nando Cordel e a “A casa”, para uma feira de literatura da escola.



## MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Geyson Lima de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Rodrigues Sanches

### APÊNDICE 23– OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS VII

#### 1ª Observação: 19/11/2013

A sala de aula em que a TIL VII está locada é do nono ano (último) do Ensino Fundamental. A partir do sexto ano, cada disciplina há um professor, e a dinâmica da sala é diferente das demais observadas. Por dia está previsto cinco aulas, normalmente acontece duas da mesma disciplina. Na sala em que a TIL trabalha estão matriculadas duas alunas surdas, que são irmãs. A escola está localizada no meio rural do município.

A pintura da sala é padrão do município, a base da parede de tinta a óleo na cor azul, uma faixa de cerca de 15 cm, na cor laranja, e acima até o teto na cor branca, no telhado, telhas canal sem foro. A turma funciona no horário da tarde.

As duas primeiras aulas do dia são de língua portuguesa, a professora ler o texto “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado e a TIL faz a interpretação do texto. A professora após a leitura entrega uma atividade para os alunos, contendo perguntas para uma interpretação de texto. A TIL marca (sublinha) no texto, a respostas para a aluna copiar. Primeiramente a TIL faz a pergunta em LIBRAS, a aluna responde também em LIBRAS e a TIL aponta para a resposta no texto, para a aluna copiar.

A TIL senta-se na frente da aluna. A cadeira da TIL fica de lado tendo acesso visual ao quadro e a aluna. Nas aulas de português só estava uma das alunas na sala, a outra aluna estava no pátio ensaiando uma dança, em uma atividade extra, para uma apresentação cultural.

Na segunda aula de português com as duas alunas surdas em sala, a TIL explica os conteúdos, pergunta para as alunas surdas e as alunas sinalizam e a TIL registra em português escrito, como uma escriba, as alunas só copiam o que a TIL escreve.

A terceira aula os alunos vão para um campo de futebol ao lado da escola, para a aula de educação física, a TIL não acompanha. Ela explica que os alunos sempre jogam futebol e que o professor de educação física sabe alguma coisa em LIBRAS.

Na quarta e quinta aula os alunos foram liberados para ensaiar, para uma apresentação no dia da consciência negra, movimento muito forte na escola, pois a escola está localizada em uma comunidade quilombola.

#### 2ª Observação: 21/11/2013

A primeira aula deste dia é de matemática. A professora faz uma correção de atividade de um dia anterior, colocando no quadro as questões e explica-as oralmente e copia no quadro. A TIL chama a atenção das alunas e diz para elas olharem para o quadro, e fica sentada na frente da sala do lado direito, com sua cadeira virada de lado.

Uma das alunas da sala pede para o professor explicar novamente uma das questões do quadro, a TIL não interpreta a fala do professor e pergunta para as alunas se elas entenderam e que é fácil, faz-se necessário apenas à memorização da fórmula.

A segunda aula é de educação física, os alunos vão para o espaço ao lado da escola, um campo de futebol da comunidade, acompanhados pelo professor e a TIL fica na escola, como no dia anterior de observação da mesma aula.

Na terceira aula, última antes do intervalo, que é de português, a professora escreve no quadro um exercício de revisão.

Após o intervalo, na quarta aula o professor de matemática volta para sala e continua copiar questões no quadro responde-as, e a TIL observa a aula do professor.

Na última aula, que é de português, a professora faz a correção da atividade da aula anterior, dando ênfase na primeira questão sobre o uso do hífen e a TIL interpreta simultaneamente, não interpretando toda a fala da professora, faz um resumo das regras de uso do hífen explicadas pela professora.

### **3ª Observação: 22/11/2013**

As duas primeiras aulas do dia foram de matemática, o professor está ensinando a construção de hexágono regular usando um compasso. O professor vai mostrando o passo a passo e a TIL sempre apontando para o professor e dizendo para as alunas surdas olharem para o professor. No momento em que o professor vai apontando e explicando seria necessário a TIL está ao lado do professor para que fosse feita a interpretação das instruções para a LIBRAS.

O professor aborda uma das alunas surdas, percebendo sua dificuldade em usar o compasso, vai fazendo a demonstração no caderno da aluna e explicando oralmente. O professor não percebe a especificidade linguística da aluna, nem tão pouco chama a TIL para interpretar as informações que ele quer prestar para a aluna.

O professor explica os termos da circunferência e escreve no quadro ao mesmo tempo, as alunas surdas copiam do quadro e perdem a explicação. Os demais alunos (ouvintes), enquanto copiam ouvem a fala do professor.

O professor após as explicações e anotações no quadro passou uma atividade do livro didático sobre circunferência (comprimento, diâmetro, raio, os termos), uma das alunas surdas teve dúvida e ao invés de chamar o professor para sana-la, chamou a TIL.

A terceira aula é de inglês e a professora explica sobre verbos, a TIL usa a datilologia para soletrar o termo verbo, parece que a TIL desconhece este termo em LIBRAS.

O professor de inglês copiou no quadro um exercício. Uma das alunas termina de copiar, chama a TIL para explicar as questões, e a TIL vai dialogando com a aluna para ela escolher as opções dadas pelo professor.

As questões de inglês, que estão no quadro, tem alternativas em inglês com as respectivas traduções para o português, a TIL ler em LIBRAS, e pergunta: Qual a melhor, talvez a expressão mais apropriada seria “classifique os verbos sublinhados”, e se as questões estão traduzidas para o português, porque a TIL fez a leitura? Será que as alunas não sabem ler? Estando elas no último ano do ensino fundamental.

A TIL apresenta dúvida para explicar para as alunas e vai para o birô para perguntar ao professor sobre as questões e explica para as alunas em seguida. Ela, a TIL se comporta como professora das alunas



surdas. Por que ela não orientar as alunas fazerem as perguntas diretamente ao professor através da sua mediação? O que professor responder, ela interpretar para as aluna e vice-versa.

Hoje na sala registra-se a presença de apenas quatro alunos na sala, dois surdos e dois ouvintes.

Após o intervalo, a quarta aula de história é iniciada com a apresentação de um trabalho pelas alunas surdas em LIBRAS, os outros dois alunos que estavam na sala se recusaram em apresentar, e os demais faltaram. A linguagem (vocabulário) das alunas, quanto da TIL é pobre e resumido. Ao concluir as apresentações, o professor ministra sua aula com o olhar direcionado para os alunos ouvintes. O professor fala rápido, a TIL apresenta dificuldade de acompanhar a velocidade do professor, contudo a TIL não avisa ao professor e ele ignora o trabalho da TIL.

A última aula do dia é de geografia sobre fenômenos sobre a Ásia. O professor discute sobre o Japão, Filipinas, a TIL desconhece os vocabulários da aula (nome dos países, termos da geografia) e não usa da datilologia. As informações que são interpretadas acontecem de forma resumida, simplificada.